

BIBLIOTHECA
DAS
SCIENCIAS SOCIAES

V

BIBLIOTHECA

DAS

SCIENCIAS SOCIAES

I A Civilisação peninsular

I	HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA (2. ^a ed.) 1880.	1 vol.
II-III	HISTORIA DE PORTUGAL (5. ^a ed.) 1882.	2 >
IV	O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS (2. ^a ed.) 1881, ...	1 >
V-VI	PORTUGAL CONTEMPORANEO (2. ^a ed.) 1883.	2 >

II A Pre-historia

VII	ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA (2. ^a ed.) 1881.	1 >
VIII-IX	AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 1881. ...	2 >
X	A LINGUÍSTICA.	
XI	SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 1882.	1 >
XII	QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 1883.	1 >
XIII	O REGIME DAS RIQUEZAS, 1883.	1 >

III A Historia

Taboas de chronologia e geographia historica.
 Historia romana.
 Historia dos tempos modernos.
 As revoluções contemporaneas.

IV A Economia social

Geographia politica e statistica das nações.
 A população e a emigração.
 Theoria das instituições politicas.
 Theoria das instituições economicas.

.....

Da natureza e do lugar das sciencias sociaes (Introd. á *Bibliotheca*).

LISBOA
 LIVRARIA BERTRAND
 VIUVA BERTRAND & C.^a SUCCESSORES CARVALHO & C.^a
 73, Chiado, 75

PORTUGAL
CONTEMPORANEO

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS



(Segunda edição; emendada)

TOMO I

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND
VIUA BERTRAND & C.^ª SUCCESSORES CARVALHO & C.^ª
73, Chiado, 75
1883

EXPLICAÇÕES

(NA SEGUNDA EDIÇÃO)

Eu bem affirmava que este livro não satisfaria a ninguém!. . . Acoimado de miguelismo, condemnado como espirito azedo e pessimista, tive a sorte que esperava, e os motivos d'esta minha expectativa provaram fundados.

Levou-se a mal, como era de suppôr, que eu procurasse deslindar da teia de lendas absurdas ou risiveis o character pessoal de D. Miguel: chamou-se a isso uma apologia. ¹ Nem um facto, nem uma indução legitima, foram, todavia, contestados — o que me leva a não alterar o retrato d'esse principe, sympathico para mim na sua infelicidade. E tenho até a vaidade de acreditar na perspicacia d'este sentimento, parecendo-me que, se de futuro a historia

¹ V. *O Port. contemp. de O. M.*, opusculo do sr. Rodrigues de Freitas; os folhetins de C. S. B. (iniciaes que indicam o nome de uma senhora tão cheia de enthusiasmo como de talento) no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, 21-5 julho de 81; o artigo do sr. Theophilo Braga no *Positivismo*; etc.

voltar a occupar-se de D. Miguel, ha de concordar mais comigo do que com os authores do retrato do *monstro*. Esses authores escreviam com a penna molhada no fel amargo do odio.

Disse-se-me tambem que eu reduzia a muito pouco o alcance ou o valor da Carta de 26; e sem concordar com a critica, achando todavia util desenvolver mais certos pontos, retoquei essa parte da obra. ¹ Mas quando se allega ser erro ó notar eu a exclusão dos morgados do pariato, pois, sendo livre do rei a nomeação dos pares, a Carta ninguém exclue — devo responder que a Carta, com effeito, não os excluia (nem eu jámais o disse), mas excluia-os D. Pedro não os nomeando, e até a propria força das cousas impedindo a entrada de uns milhares de nobres menores na camara-alta. Eram em numero demasiado.

Outros reparos, a que não alludo para não ser extenso, vão ou não vão attendidos no texto, conforme se me affiguraram fundados ou mal cabidos.

Não me surprehenderam as censuras dos nossos jacobinos mais do que as dos liberaes: previa-as igualmente. O meu livro, disseram, é um quadro pittoresco, mas falta-lhe o principio organico, a « linha logica », porque eu a não soube ou não quiz vêr na tradição revolucionaria de 20, esse movimento « em que pela primeira vez se revelou a classe média de advogados, juriconsultos e coroneis ». — « Pintada com côres verdadeiras, prosegue o meu critico, ² esta dissolução do regimen monarchico parlamentar, mas é injusto lançando á conta do organismo da nação o que é produzido pelo corpo estranho da realza e dos politicos vendidos ».

Ora eu, não sendo individualista, nem até poli-

¹ Liv. III, v. 2. — ² O ser. Th. Braga, *Positivismo*.

ticamente « liberal », não podia achar na tradição de 20 a « linha logica »; e pensando que as nações têm sempre aquelle governo que querem ou que merecem, não podia tampouco ter na conta de « corpo estranho » a realza nem os politicos. Ella e elles e o povo e todos pareceram-me antes effeitos do que causas. Se pretendi mostrar por quanto entrava nas miserias da nossa historia contemporanea a fraqueza dos caracteres, a apathia ou a loucura das populações, o desvairamento dos chefes: patenteci, parece-me, quanto esses males sociaes provinham, não só dos legados da historia, como da influencia deprimente e desorganizadora das theorias do naturalismo individualista, herdado da philosophia do seculo XVIII e popularizado pela revolução franceza. Sob o nome indefinivel de liberalismo, essas doutrinas, nos seus aspectos successivos, vieram terminar afinal no materialismo pratico, fazendo dos « melhoramentos materiaes » o pensamento exclusivo do povo, e do governo uma agencia de caminhos de ferro. Como se nós valessemos absolutamente mais por andarmos em doze horas, em vez de trinta ou trinta e seis, a distancia de Lisboa ao Porto!

Mas o que offendeu sobretudo liberaes e jacobinos foi o tom pessimista — ao que dizem — da obra. Eu tinha-a por justiciera apenas, e até ás vezes caridosa. « Fica-se com a cara a uma banda ». Pois fique-se. Concordo que a attitude é desagradavel, mas, na minha missão de critico, não posso alterar a significação dos factos — sem poder tambem acreditar que tamanhos males venham apenas da circumstancia de haver sobre um estrado de alguns degraus um homem de manto e corôa com as mãos atadas pelos politicos de espadim e farda. Elles governarão o rei, mas quem os escolhe a elles é o povo:

se são maus, porque os prefere? Não. A culpa é portanto nossa, de todos nós, que não valemos grande cousa — fique-se embora com a cara a uma banda!

Allegam que o livro é injusto na sua severidade; e entretanto, de todos os articulados d'uma obra a que houve quem chamasse libello, nem um só foi destruido; e são os próprios criticos que me mandam juntar ao rol das delapidações liberaes as pratas de certas egrejas e a custodia de Belém que a rainha tomou para si, bem como o convento e a cerca do Sobralinho de que se apoderou o duque da Terceira.

Acham, tambem, que eu *carrego de mais* o quadro da situação presente, que sou uma creatura pessimista — por genio, segundo uns, por falta de « orientação mental », explicam outros. Jámais eontestei o facto do enriquecimento recente, antes o puz em toda a evidencia: parece-me comtudo que se lhe exagera o alcance. Leis como a da abolição dos vinculos e da desamortisação por força haviam de crear riqueza; obras publicas como as que se tem feito desde 1851 haviam de a mobilisar. Politicamente, porém, esse facto isolado vale pouco. Pensa alguém que Portugal, fosse qual fosse o destino da sua historia contemporanea, teria deixado de progredir em riqueza? Ninguém o pense. Politicamente o que importa, pois, é comparar o progresso realisado com o das outras nações da Europa, e esse trabalho entra decerto no plano da BIBLIOTHECA, mas tem o lugar proprio em outra obra. ¹

Dada esta explicação pelo que diz respeito ao progresso chrematistico, temos de perguntar agora se os criticos pensam que se cifre n'elle a vitalidade de um povo. Eu não penso. Enriquecer é excel-

¹ Geo. polit. e estat. das nações.

lente, mas é apenas um meio: quando se torna um fim, em vez de excelente, é pessimo. Antes pobres com idéas e caracter, do que chatins vulgares e dinheirosos.

Ora eu desafio quem quer que seja a provar-me o nosso progresso intellectual e moral. Eu vejo — não võem todos? — uma decadencia no caracter e uma desnacionalisação na cultura. Dos costumes politicos não fallemos. Litterariamente a lingua perde-se — e mais de um tem allegado como documento os meus proprios livros! Depois da geração dos João Pedro Ribeiro, dos Ferreira Gordo, dos Bonifacio d'Andrade, dos Amaral, dos visconde de Santarem, dos Mousinho, dos Brotero, dos Pinheiro Ferreira, — ainda tivemos um homem, Heerculano: um unico, para succeder á pleiade numerosa dos academicos do primeiro quartel do seculo. E se hoje se levanta sporadicamente alguma excepção, o facto é que se scindiu a tradição intellectual, que se perdeu o habito de pensar, que apenas se escreve, por arte ou por industria, n'uma linguagem mascavada, o que vem cosinhado e requentado de Paris.

Mas quem já ganhou fama de má-lingua tem liberdade para dizer tudo: seja esse o meu merecimento! Merecimento, não — acodem aquelles proprios que reconhecem a verdade das cousas — porque de tal fórma murcham-se as esperanças e entibiam-se as vontades. N'isso não creio eu. Se a verdade é caustica, nenhum medico hesitou ainda em applicar vesicatorios. Hoje, queremos saber, não queremos sonhar. Dizer as cousas como ellas são, póde doer, mas o que arde sára. Oxalá que do ardor viesse uma reacção formal, decisiva, que me refutasse de um modo terminante! Oxalá, digo-o do fundo do meu coração, seja forçado a confessar-me illudido!

Por ora não. Ha muito, porém, quem assegure que desvario e sonho, que tudo marcha rasoavel, regular e optimamente. Se assim é, pois, não ha razão para temer o meu pessimismo — extravagancia innocente e sem alcance. Digam-me que estou doente, quando me sinto robusto e forte, e vêr-me-hão rir. Ria-se Portugal do que eu digo, se é capaz. . .

Alguns me accusaram finalmente por eu não terminar a obra com um formulario para as doenças da patria — crendo-me acaso com ambições a curandeiro. Não: o genero abunda, os recipes fervem.

D'aqui offerecem-te, leitor amigo, acabar com os pares; d'além que se acabe com o rei. Outro acha melhor que se conclua federativa e progressivamente com a nação. Outro entende decisivo que embarquemos para ir colonisar a Africa. Mas os mais numerosos são os que te aconselham a deixares-te ficar quieto na immobildade placida da gente séria e feliz.

Eu não apresentei recipe, pelo motivo simples de que o *Portugal contemporaneo* não é um livro de partido, nem de polemica, nem de revolução: é um livro de historia, conforme eu entendo que a historia se deve escrever — como quem escreve um drama.

Todavia, se me é licito dizer n'este lugar o meu pensamento — ahi vae o que está hoje na consciencia de mais de um portuguez. Diz-se nas conversas, não sei se até se escreve nos jornaes, que um rei medroso e indiscreto é o obstaculo principal ás reformas, o patrocinador decidido do regime de corrupção em que vivemos; e que uma abdicção e uma dictadura são indispensaveis á salvação do paiz.

Faça-se, pois, essa derradeira experiencia. Aconselhe-se ou exija-se essa abdicção, venha essa di-

etadura que, no regime actual, ou terá de encontrar no novo soberano uma adhesão sincera, ou será estéril como foi a de 1868.

Repetta-se o movimento, escolham-se homens sábios e virtuosos, a vêr se se logra melhor fortuna. Em 68 o apoio decidido da parte sincera e san da nação naufragou contra a hostilidade da corôa e contra a incapacidade dos dictadores. B' que estes, educados ainda no radicalismo, pensavam que o seu officio consistia em prégar moral e em decretar reformas radicaes.

As necessidades urgentes de Portugal são maiores e mais complexas. Liberdade ha sufficiente, de mais até: ninguem pensa hoje em dia em atacar esses direitos do individuo que andam erradamente nas constituições quando o seu verdadeiro lugar seria o codigo civil; mas urge reformar n'um sentido pratico os sophismas que, sob o nome de «liberdades», corrompem até á medulla o corpo d'esta sociedade. Urge moralisar a administração e extirpar o parasitismo que nos rec. Urge pôr ponto o ordem no desvairado rumo das finanças, no regime iniquo e absurdo do imposto. Urge suster na queda, ou amparar na nascença, a navegação e as industrias, para os nossos filhos não serem forçados, á mingua de occupações, a pedir por esmola um emprego. Urge povoar um territorio meio deserto e plantar gente nas brenhas que por toda a parte mancham o paiz. Urge acabar com a agiotagem que, alimentando um thesouro mendigo, nos conduz rápido á ruina. Urge n'uma palavra moralisar uma politica desvairada, levantar uma authoridade abatida — e levantal-a não pela força, mas pelo respeito devido ao saber e ao character — restaurar as forças economicas de uma nação adormecida e o vigor moral de um povo atormentado.

Se para isto é necessario que um rei se demitta — demitta-se o rei. E se para o rei abdicar fôr mistér coagil-o, faça-se. Resta saber se o egoismo, a cegueira, o interesse vil, a indolencia, a ignorancia, a veniaga de que os politicos abusam em particular, e o servilismo que em publico distingue a imprensa — resta saber se não poderão mais do que as ambições nobres de uma minoria de gente ingenua e boa...

Mas, dir-se-me-ha que n'estas palavras puz apenas idéas, quando se querem e se podem fórmulas practicas e indicações positivas? Seria exigir demasiado de uma obra da natureza d'esta.

Este livro é um fragmento apenas da BIBLIOTHECA em que me propuz expôr um systema de idéas de sciencia social. Se tu, leitor meu, tiveres paciencia, e eu vida, para chegarmos juntos ao fim da nossa jornada, a seu tempo, instruidos pelo estudo, já conhecedores das leis do nascer, crescer e morrer dos organismos sociaes, poderemos extrahir d'ellas o systema de remedios praticos a ministrar á nossa patria — se ella carecer de remedios, ou se tiver ainda estomago para os receber.

Novembro de 1833.

ADVERTENCIA

(NA PRIMEIRA EDIÇÃO)

Esta obra provocará de certo no espirito dos leitores impressões que o author não tem a vaidade de exigir que sejam vivas, mas que certamente serão imprevistas. Mais de um abrirá o livro confiado ou receioso de encontrar nas suas paginas as opiniões que passam por ser revolucionarias, e muitos acabarão chamando reaccionario — até miguclista! — ao que o escreveu. Os radicaes hão de condemnal-o como heretico, os conservadores repellir-o como importuno, os ultramontanos fulminal-o como perverso. Isolado e só, sem contentar a ninguem, sem se inscrever no rol de nenhum partido, sem se filiar em nenhuma das escholas laureadas ou na estrada de o serem — ficará por isso menos verdadeiro? De certo não. O isolamento é a situação que convém ao escriptor; a independencia o processo necessario da critica. Só assim se trabalha

por amor da historia, obedecendo apenas á razão — como os artistas que apenas obedecem á esthetica. Ora um livro de historia contemporanea, alheio a qualquer das escholas e partidos vivos, é, concedam-me esta vaidade, um caso raro. D'essa raridade provém as impressões singulares do leitor ao percorrer a obra.

O isolamento do escriptor e a impassibilidade da critica são tanto mais indispensaveis, quanto ha que tratar de actos recentes e de pessoas ainda vivas, ou quasi. E' myster desconhecer individualmente a todos e achar-se como perante uma sociedade morta ou estranha, para bem livremente a poder julgar. Se as opiniões partidarias conturbam o espirito critico, as considerações pessoas não lhe fazem menor mal. Para o redactor de *memorias* é indispensavel ter tomado parte nos acontecimentos e ter visto de perto os personagens. Para o polemista é tambem indispensavel obedecer a um systema de doutrinas que o enthusiasme, ou pelo menos o dirija. Mas para o critico taes condições seriam funestas. Mal d'elle se aqui ou além tivesse odios ou amores: carregaria as sentenças, ou supprimiria as accusações para obedecer aos impulsos do sentimento. A' historia que é fria, impassivel e como que morta por ser impessoal, substituiria o escriptor a vida particular do seu espirito; e em vez da pintura realista de uma sociedade, produziria um quadro subjectivo.

Se um tal processo ainda irrita as pessoas educadas á antiga, quando se trata de velhas historias, o que não será tratando-se de historias actuacs? Se ainda por sympathya ou odio se julga de Afonso Henriques ou de D. João IV, o que não será de D. Miguel, de Saldanha, do Immortal-dador, de Rodrigo, etc.? O author sabe pois que será simul-

tancamente condemnado pelos amigos e pelos inimigos de todos: uns acharão crueldade onde outros acharão favor, uns applaudirão uma pagina para clamar contra a seguinte, outros farão ao inverso, e a todos, sem excepção, o livro deixará de satisfazer. Virá isso da mesquinhez dos dotes do author, mas vem tambem da natureza da obra que empreheendeu. Na obscuridade da sua vida, na paz do seu pensamento, nem a sombra de uma paixão, nem os laivos de nenhum odio jámais podiam inspirar a quem é estranho á vida politica. O exame dos nossos tempos apenas lhe provocou expressões d'aquelles sentimentos que são compatíveis com a seriedade da critica: uma ironia sem maldade, uma compaixão sem orgulho, pelas repetidas misérias dos homens: ás vezes, uma sympathia e um respeito singulares por certos individuos excepcionaes. Ironia, compaixão, sympathia, respeito, — moderadas emoções com que é licito acompanhar o estudo sem prejudicar a lucidez da vista, — não impedem, contudo, que acima d'essas impressões fugitivas se colloque o reconhecimento profundo, inabalavel das causas que fazem dos homens os instrumentos do acaso, ou do destino.

Concebido assim, e — melhor ou peor — assim executado, o PORTUGAL CONTEMPORANEO, sem ser miguelista nem liberal, nem cartista nem setembrista, nem regenerador nem historico, nem monarchico nem republicano, de certo não satisfaz á opinião de nenhum grupo, ao systema de nenhuma doutrina; mas por isso mesmo servirá melhor á historia — se o author pôde desempenhar-se da tarefa concebida. Essa tarefa é singularmente dura, sujeita a perigos numerosos. Andam vivos os monumentos da historia actual; e mais de uma vez, de certo, muitos d'elles poderão corrigir as af-

firmações, as opiniões formuladas. Oxalá o façam todos — oxalá possam rasgar uma a uma as paginas tristes que pullulam n'esta obra! Oxalá, com as suas rectificações, forcem o author a moderar a melancolia dominante no seu livro. Será, comtudo, necessario negar com provas e documentos, mostrar e corrigir os erros, pois não basta accusar de pessimista a obra com as vagas afirmações correntes ácerca da grandeza das nossas façanhas e da excellencia e prosperidade do nosso estado actual! A's pessoas simples agrada sempre mais a opinião dos optimistas, embora elles fallem por indolencia ou calculo, — e isto é mais uma razão para que este livro seja acolhido com vituperios e não com elogios. Se nem partidaria ou doutrinalmente pôde satisfazer, menos ainda agradará ao commum dos leitores uma obra que nem Sancho nem Falstaff inspiraram. Porém o escriptor que ambiciona tornar-se digno d'este nome não indaga a direcção das voluveis correntes da opinião para as seguir, pois sabe que, fazendo-o, acabará com ellas. Em vez de lhes obedecer, por via de regra, oppõe-se-lhes — por esta razão simples de que para apoiar é quasi inutil escrever.

Mas, de todos os motivos que tornarão este livro antipathico e hostile á maneira de pensar de quasi toda a gente, não tocámos ainda o mais grave: a negação do liberalismo individualista, como formula definitiva e adequada á constituição das sociedades. Respirando uma atmosphera diversa, independente da influencia de uma doutrina exclusiva, o author pôde estudar despreoccupadamente o velho e o novo regime, por isso que a data de 34 nem significa para elle uma ruina deploravel de instituições eternas, nem o estabelecimento de um systema de ver-

dade definitiva: apenas a passagem das formulas historicas e absolutistas para as formulas revolucionarias e individualistas.

Ora o facto é que, meio seculo depois d'esses acontecimentos, e apesar das successivas provas praticas, ainda não foi possível convencermos do character abstracto, subjectivo, e por isso incompleto das formulas victoriosas em 34. Ainda o maximo numero, conservadores e revolucionarios, piza a tão estafada via da Liberdade, e apesar de todos lhe terem reduzido a poeira o pavimento, ainda se suppoem seguros e firmes. Nem admira: seculos são quasi sempre necessários para varrer as nuvens das illusões. Os conservadores, centralizando todos os dias a machina social, cada vez mais complexa, com os seus exercitos, as suas poderosas marinhas, os caminhos de ferro, as grandes companhias, as dividas colossaes, — obedecem á fatalidade de um movimento necessario; mas nem por isso deixam de se dizer discipulos de um individualismo, de uma descentralisação, que diariamente contradizem nos actos. D'esta inconsciencia nascem as fraquezas e uma deploravel falta de consistencia doutrinaria.

Dão por isso o llanco aos ataques dos revolucionarios que, por não governarem, se não podem contradizer. Governem, porém, um instante, e vêr-se-ha logo uma pavorosa anarchia como em Hespanha, ou em Paris em 71; ou vêr-se-ha, como na França de hoje, uma republica só diversa do imperio — por fóra. Condemnados á desordem ou á conservação, os revolucionarios de hoje expiam as consequencias da falta de um criterio scientifico na organisação das suas idéas. São ainda a cauda arrastada do antigo jacobinismo individualista: ainda vêem na Republica um ideal, e soluções intimas

em questões de pura fôrma, absolutamente exteriores — materia de occasião, conveniencia, oppor-tunidade. A tyrannia das formulas abstractas ainda os subjuga, ainda a idéa da soberania individual os domina, — embora já não seja difficil vêr como n'essas opiniões anachronicas se infiltra o espirito novo. A contradicção levanta-se, por tal fôrma, vio-lenta e grave: mas quem descobre as contradic-ções intimas das idéas, senão o numero minimo dos que pensam?

Esta desordem de idéas simultanea em conser-vadores e revolucionarios é geral a toda a Europa latina. Desde que o direito divino acabou, — e já se pôde considerar isso um facto consummado nos espiritos, embora ainda a necessidade imponha a muitos paizes as instituições monarchicas; desde que, por outro lado e ao inverso, as formulas indi-vidualistas, contrariadas pelo desenvolver fatal das sociedades, não podem fixar-se nas instituições, nem ceder ainda o lugar nas intelligencias a principios scientificos, força é que os conflitos do pensamento e dos actos appareçam constantemente. De um tal estado de falta de coordenação das acções pelas idéas provém o espectáculo de uma sociedade con-fusa onde a mediocridade e a insensatez vão de braço dado caminhando ás cegas n'uma estrada sempre deprimente dos caracteres.

Talvez em parte alguma da Europa estas conse-quencias do individualismo sejam tão visiveis como em Portugal, — e por isso mesmo que entre nós a ex-tenuação das forças vivas da sociedade chegou a pon-to de destruir inteiramente as antigas instituições e idéas. Paiz nenhum da Europa é com effeito, n'este sentido, mais *liberal* — se até o clero entre nós é progressista! Mas tambem por isso, acaso em parte alguma se encontrará tanta pobreza de gente, tanta

escassez de character. As classes conservadoras, scepticas, vivendo n'uma apathia moral entorpecedora da dignidade e até da intelligencia, ficam pardas, banaes e mesquinhas. Os revolucionarios, sem a boa disciplina de inimigos pujantes e sabios, baixam egualmente, apresentando, nas extravagancias dos seus actos, a desorientação dos seus pensamentos, o vazio dos seus cerebros, e uma virulencia que demonstra a ausencia de verdadeira força, quando não demonstra egualmente a inferioridade dos caracteres.

Dito isto, não é verdade que os conservadores apodarão o livro de revolucionario, e os revolucionarios de conservador? Sobrada razão têm ambos para o fazer, pois para o author a verdade encontra-se n'esta formula que é paradoxal ainda: a maxima revolução, na maxima conservação. Consinta o leitor uma breve explicação, para não ficar impressionado por um modo que nos magoaria.

Todo o que meditar sobre a historia da civilização de qualquer povo achará no amago d'essa historia este facto: a crescente approximação das condições dos homens — approximação nos haveres, no saber, na capacidade, nas funções politicas e sociais. A' medida que a civilização cresce, diminuem as differenças entre os membros de uma sociedade: á especialização das funções corresponde uma equivalencia de forças. Estas palavras irrefutaveis bastam para nos mostrar que o criterio da historia é a Egualdade — expressão conereta da civilização.

Variaveis, multiplos, dependentes do tempo, do lugar, do character, são os meios que podem servir na historia para permittir ou favorecer o desenvol-

vimento d'essa lei moral íntima, peculiar á sociedade dos homens. Republicas, monarchias, imperios, tyrannias, demagogias, - todos podem servir e têm servido. Dizia-se que todas as estradas levavam a Roma! Assim todos os caminhos, por tortuosos e mal traçados que sejam, conduzem á igualdade; e desde que haja uma comprehensão verdadeira e íntima d'este facto, supprímir-se-hão muitas formulas e discursos ociosos; vêr-se-ha que a revolução, no que hoje se nos affigura ainda mais terrivel, e para tantos mais insensato, é a expressão de uma lei achada na observação positiva do modo de existir das sociedades.

Mas se tal é o criterio íntimo e a summa lei, é mistér observar tambem que, se nenhuma ambição, nenhuma abstracção são capazes de impedir a marcha progressiva, tampouco nenhuma formulas podem transformar da noite para o dia a face das cousas. A sociedade não é, como um theatro, um mecanismo: é, como o mundo, um organismo. Se á razão humana foi dada a consciencia dos actos proprios, foi-lhe porém negada a força bastanto para alterar as leis naturaes. Póde reconhecer um destino, sem poder eliminar a distancia que a separa d'elle. Assim o caminheiro vê ao longe a porta da cidade para onde vae, sem poder, embora o deseje, supprímir a estrada que d'ella o separa. Gradualmente avança, gradualmente a sociedade se desenvolve, approximando as condições dos homens, distribuindo mais por igual a instrucção e a riqueza, influindo na propria organização dos individuos até ao ponto de fundir muitos dos caracteres phisicos n'uma unidade typica.

Este modo de vêr, idealmente revolucionario, evolutivamente conservador; esta opinião apenas nascente, mas por todos os lados confirmada nas

doutrinas e nos factos; esta formula que dissemos paradoxal, e só o é para quem ainda respira passados ares; esta doutrina, já esboçada por espiritos como Laveleye e Schäffle, Kauffmann, Maine e Bluntschli, e principalmente filiada na philosophia allemã por um lado, e por outro nos progressos maravilhosos das sciencias naturaes em toda a Europa n'estes ultimos trinta annos; este modo de vêr, concluimos, constitue a synthese das sciencias sociaes.

A palavra politica que a exprime é Democracia: egualdade na distribuição do poder constitucional. Mas se o poder politico é a somma ou resultante dos varios poderes sociaes, — riqueza, intelligencia, saber, etc. como será geral o primeiro, enquanto os segundos o não forem? Como terá o povo authoridade, se em si não tiver a riqueza, nem o saber — nenhuma força, além do braço? Por isso as democracias não têm sido mais do que uma serie de revoltas brutacs, em que o philosopho descobre, contudo, a expressão rudimentar de um pensamento nascente. N'este ponto surge a doutrina antiga a dizer-nos que a livre concorrência das forças é a formula do progresso; mas surge tambem logo a sciencia a mostrar-nos que a lucta do forte e do fraco é a necessaria victoria do primeiro. E como na sociedade ha o criterio que sabemos; a consequencia da liberdade seria a negação da egualdade. Inspirar com a sciencia a democracia, varrendo os restos das abstracções subjectivas do espiritalismo antigo, eis ahi, na opinião do author, o destino fecundo proposto aos publicistas.

Cáiam por terra todos os aéreos baldes perdidos: radicaes, jacobinos, federaes, republicanos, individualistas, localistas o *tutti quanti!* Honra a quem melhor souber ensinar a virtude, distribuir a sciencia, a riqueza, entre um povo infeliz, digno

de melhor sorte. Tratae d'elle, e vel-o-heis crescer e medrar—até ao dia em que dispense a tutella historicamente indispensavel de classes privilegiadas, militares ou industriaes, aristocraticas ou burguezas. Então a democracia será uma verdade e não uma ficção; a liberdade um facto, não uma formula; a sociedade uma harmonia, e não um chaos. Mas, ai dos que não tiverem olhos para vêr! porque a marcha dos tempos, o andar das cousas não param; e se em vez de educar, seguirem destruindo; se em vez de proteger, explorarem o povo as classes que agora o dirigem, a democracia nem por isso deixará de vir. Mas virá com um brandão incendiario, um grito de guerra, uma foice, um chuço, um machado, vingar-se de quem não soube cumprir o seu dever. Assim faziam na Edade-media os jacques aos senhores nos seus castellos; e por honra do nosso seculo os novos barões deveriam mostrar pelo menos uma intelligencia mais perspicaz,—se não podem dar provas de uma virtude maior.

Uma observação antes de principiarmos: N'esta obra o author infringiu a regra de não sobrecarregar o texto com a citação das fontes, por dois motivos. Primeiro, porque a nossa historia contemporanea não tem ainda *standard works* cujas conclusões possam servir ao commum dos leitores, sendo forçoso ir buscar aos documentos originaes e ás memorias e pamphletos os elementos da historia. Segundo, porque, tratando-se de cousas e pessoas vivas ou quasi, convinha dar a quem toca a responsabilidade das afirmações.

PORTUGAL

CONTEMPORANEO

LIVRO PRIMEIRO

(1826-28)

A Carta Constitucional

1

As esperanças jacobinas

I.—A MORTE DE D. JOÃO VI

S. M. fôra a Belem comer uma merenda. Era nos primeiros dias de março. Quando voltou a palacio achou-se, á noite, mal—caimbras, symptomas de epilepsia. Vieram medicos: o barão de Alvaizere e o valído cirurgião Aguiar. No dia seguinte (5) o estado do enfermo peiorou, e o rei decidiu-se a despir de si o pesado encargo do governo. A 7, a *Gazeta* publicava o decreto nomeando a regencia, presidida pela infanta D. Isabel Maria cuja bondade merecia as graças particulares do

infeliz pae. «Esta minha imperial e real determinação, affirmava o decreto do dia 6, regulará tambem para o caso em que Deus seja servido chamar-me á sua santa gloria, enquanto o legitimo herdeiro e successor d'esta corôa não dor as suas providencias. . . » Mas quem era esse legitimo herdeiro? D. Pedro, o brasileiro? D. Miguel, no seu desterro de Vienna? Não o dizia o rei moribundo que toda a vida se achara indeciso, e acabava como tinha existido, sem uma affirmação de vontade, entre flatos, na impotencia de uma morte opportuna. ¹

Em Lisboa corriam os boatos mais extravagantes. O velho imperador sem imperio, rei de dois mundos já reduzidos ao que elle chamava o seu *canapé* da Europa, massa humana estendida n'um leito, era como um vallo ou barreira que represava a torrente de ambições e furias soltas ou mal contidas em 20, em 23, em 24. ² O chaos de conflictos dynasticos, religiosos, politicos, que a fonte universal acirrara, ia reaparecer á luz do dia — tão depressa o caixão do imperador-rei terminasse a viagem mortuaria, do paço, ao carneiro de S. Vicente-de-fôra.

Logo que a noticia da doença se propagou, e, mais ainda, quando appareceu o decreto do dia 6, correu uma opinião forte. D. João VI tinha sido envenenado. A peçonha fôra propinada nas laranjas da merenda de Belem; embora o dessem por vivo, era cadaver quando saiu o decreto. Conservavam-no para enganar, para preparar melhor os animos. Mas quem era o author de tamanhos crimes? A rainha, diziam os constitucionaes de então. Os constitucionaes, diziam os absolutistas apostolicos.

¹ V. *Hist. de Portugal*, (3.^a ed.) II, pp. 252-5 — ² *Ibid.* I, VII, 3, 4.

Entretanto a rainha era esbulhada da regencia, e, se tramara o feito, saía-se duas vezes mal, — por isto, e porque á indecisão do decreto responderam o consenso geral e os regentes proclamando rei o brasileiro.

No dia 10 pela tarde morreu o rei, official ou realmente. Houve sentimento e lagrimas, porque na sua molleza insipida era bom; sobretudo porque deixava depois de si um vacuo, uma sombra povoada de medos das inevitaveis catastrophes amontoadas e imminentes. Este susto aggravava a maledicencia geral. Ninguem já punha em duvida a causa da morte do rei. Os boatos eram positivas certezas — de que o parecer dos medicos depois da autopsia conclairia pelo envenenamento. Em tudo se achavam provas. Os absolutistas affirmavam ceradamente que o cosinheiro Cactano fôra convidado pelos constitucionaes, e que por se recusar morrera com o veneno destinado para o rei: com effeito o cosinheiro caiu de repente. Por outro lado attribuiam-se confissões graves ao barão de Alvaiazere que tambem morrera logo; e o cirurgião Aguiar, sobre quem recaíam as accusações de ter propinado o veneno dos pedreiros-livres, o cirurgião válido que fôra brindado com um posto na diplomacia, morria tambem, assassinado segundo uns, suicida na opinião dos mais — devorado pelos remorsos do crime praticado contra o seu bemfeitor! Muita gente dizia ter lido cartas em que de Lisboa se annunciava a doença, a morte certa do rei, bastantes dias antes da merenda de Belem.

Se D. João VI morreu ou não envenenado, nem se sabe, nem importa. O que vale é o facto da opinião geral sobre o caso; e essa opinião acreditava n'um crime. Os vomitos e deliquios do imperador-rei, o cortejo de cadaveres com que o seu corpo era

mettido no tumulto, faziam de um crime o introito da historia dos longos crimes da sua successão. A tragedia portugueza começava, e o travo da peçonha acirrava os animos promptos para um combate inevitavel.

A regencia, e todos, tinham, desde o dia 20, reconhecido D. Pedro IV como rei; mas com a certeza de que esse acto era uma pura formalidade, um incidente sem alcance, um preito, apenas, dado á doutrina da hereditariedade e ao direito da primogenitura. Imperador no Brazil, D. Pedro não podia ser rei em Portugal: havia apenas um anno que se assignára o tratado da separação redigido pelo inglez Stuart, e sabia-se que por cousa alguma a Inglaterra consentiria na reunião dos dois estados. D. Pedro teria de abdicar por força; e em quem, senão no infante D. Miguel? Então, depois do episodio, pensavam Cadaval e os realistas, reunir-se-hiam os Tres-Estados do reino, as côrtes de Lamego, — na verdade das quaes todos, absolutistas e revolucionarios, acreditavam a esse tempo, — e resolver-se-hiam as questões constitucionaes que o tratado de 1825 deixára em aberto. Tudo se faria em boa paz, e os medos geraes provariam infundados.

Ingenua illusão! Para além das questões formaes havia, no fundo, um duello inevitavel. Quem levaria a melhor? o jacobinismo de 20, abafado em 23, mas não extinto? ou os apostolicos da rainha, a quem D. João VI nunca deixara vencer inteiramente? Quem venceria? A religião, ou a maçonaria? O clero, ou os revolucionarios? Deus, ou Satanaz? A questão dynastica e politica era apenas

um aspecto da verdadeira questão — a religiosa. E para esta última nem valiam as combinações dos estadistas, nem os commentarios dos textos apocriphos de Lamego: só o ferro, o fogo, o canhão, o punhal, a miséria, e um cataclysmo final que terminasse pela morte de um dos contendores.

Os jacobinos, ou *vintistas*, valiam muito pouco em 26; a nação em peso era realista, — mas era moderada, estava medrosa, cansada e com fome. Esperava que D. Miguel tivesse aprendido com o mundo, e adheria ao plano simples da abdicção de D. Pedro e do reinado do infante — logo que as côrtes regulassem as questões indecisas. Os jacobinos tambem pediam côrtes, esperando recommear a campanha de 20 abortada, esperando transformar os Tres-Estados em uma constituinte, a exemplo do 89 francez. E, no polo opposto da serie das opiniões partidarias, via-se a figura satanica da rainha, desterrada pelo marido, odiada por uns, adorada por outros, aneiando com a esperanza da volta do seu Miguel, filho querido, discipulo amado, servo submisso. O velhaco do esposo terminára esbulhando-a da regencia, mas não pudera felizmente impedir-a de herdar a sua metade do thesouro do avarento: 50 milhões de cruzados em dinheiro, mais 4 em ouro em pó e barra, e não se sabe quanto em brilhantes do Brazil. (Sousa Monteiro, *Hist. de Portugal*) Com esse dinheiro faria mais do que todos: compraria os desembargadores famintos, assoldalaria a plebe de Lisboa, e o exercito inteiro, com os seus chefes dedicados, os Silveiras, o Magessi, o Telles-Jordão.

2. — D. PEDRO BRAZILEIRO

Lord Stuart, que a Inglaterra puzera por tutor ao lado de D. João VI, tinha regressado ao Rio com os tratados de 1825, definitivamente assignados. O inglez era ao mesmo tempo emissario do seu paiz e agente plenipotenciario do nosso. D. João VI adorava-o, e D. Pedro, no Rio, queria-lhe tanto que o consultava em tudo, e usava com elle as maiores liberdades. A Inglaterra, que por via de Beresford governara Portugal até 1820, teve um fiel procurador dos seus interesses, mantendo-o como accessor dos monarchas portuguezes na Europa e na America.

Estava, pois, Stuart no Rio ao lado de D. Pedro, quando ahi chegou a noticia da morte de D. João VI: era pelos fins de abril. Com a noticia iam informes sobre a situação do reino e as decisões tomadas pelo fallecido: a constituição da regencia, a hesitação dos partidos, os desejos liberaes, as esperanças absolutistas.

D. Pedro contava então trinta annos e nada conhecia Portugal, d'onde saira aos doze, na memoravel noute da fuga de Junot. ¹ Fizera-se no Brazil, ladcado por inglezes, conduzido por liberaes: ² a atmospheria apostolica da Peninsula não chegava além do Atlantico, e é mais do que provavel que considerasse caturrices velhas as preoccupações religiosas dos portuguezes. Caturrices perigosas, de meia duzia de cabelleiras de outro tempo: de certo Portugal desejava a LIBERDADE! E D. Pedro, moço aventureiro filho de reis, admirava os feitos romanticos dos homens novos. Se a imagem de Na-

¹ V. *Historia de Portugal* (3.^a ed.) II, pp. 230-3. — ² V. *O Brazil e as colon. port.* (2.^a ed.) I, III, 1.

poleão, que tanta gente enlouqueceu, não lhe servia talvez de modelo por ser já antiga, a America tinha em Bolivar outro Napoleão; e D. Pedro considerava-se um Bolivar, com a superioridade incontestavel, para elle, de ser do sangue dos reis. O que no hespanhol fôra uma ascensão, era no moço imperador um acto generoso de magnanimidade espontanea que o enchia de orgulho. Um rei que dá a liberdade é incomparavelmente mais do que um general que a conquista. Via-se nobre, via-se heroe. E os que o cercavam, discipulos de Bentham, filhos de paizes sem tradições catholicas nem monarchicas, acreditavam que a summa felicidade dos povos consistia nas formulas d'essas constituições que dia a dia os novos estados da America encommendavam ao publicista inglez. Era uma bella occasião de accentuar a acção reflexa do novo sobre o velho mundo: mandasse-se Bentham de torna-viagem para Lisboa!

A esse tempo andava o Brazil abarbadado com a guerra do sul; e D. Pedro e os seus conselheiros, conscios do grande serviço, da inestimavel dadiva de uma CARTA, não hesitavam um instante em acreditar que Portugal inteiro agradeceria de mãos erguidas, prompto a retribuir esse precioso dom com um auxilio de gente.

Chamou-se o accessor Stuart. «D. Pedro, — escrevia este ao seu patrão Canning, para Londres, (*Relat. between Gr.-Brit. and Port. Papers*, 30 de abril) — D. Pedro fallou-me em conciliar a amizade dos portuguezes dando-lhes uma CARTA; para que, se a guerra do sul se encaminhasse mal, pudesse obter soccorros militares de Portugal, diminuindo o peso que op-

prime o Brazil. » — Stuart não applaudiu a idéa. Conhecia melhor Portugal, e sobretudo repugnava-lhe o plano dos soccorros: em vez de ligar, convinha scindir definitivamente, sem esperança, os dois estados da monarchia portugueza: não prejudicar a obra consummada em 1825. Conhecia Portugal e a vizinha Hespanha, o procurador inglez, e, ás declamações liberaes dos discipulos de Bentham, Stuart respondia que, se a idéa da simples convocação dos Tres-Estados, ou côrtes historicas, já excitava a desconfiança da Hespanha e da França, o que não faria uma CARTA liberal, benthamista? D. Pedro não pensára n'isso, e ficou impressionado. Por dias não se tornou a fallar em CARTA, vingando a opinião de appellar para as antigas instituições portuguezas.

Mas, contra esta resolução, surgiram argumentos sérios. D. Pedro, — toda a sua vida o mostra, — queria ser um Washington, sem, comtudo, deixar de ser um monarcha. A liberdade era um presente, e não o reconhecimento de um direito popular. Dar uma CARTA, satisfazia-o; entregar aos Tres-Estados a decisão das questões pendentes, não só era perder a occasião de um acto que lhe afagava a vaidade, como era correr o risco das côrtes ganharem consciencia do seu direito e desconhecem os direitos da realeza. Apontou a Stuart o exemplo de 89 em França. Decidira não consentir que fosse ninguem, senão elle, a origem da felicidade dos portuguezes. A CARTA estava feita (29 de abril); já nas vespervas confirmára os poderes da Regencia; já amnistiára todos os crimes politicos; e, tres dias depois, D. Pedro que de Portugal nada queria senão um motivo de gloria vaidosa e um exercito, publica a sua abdicção na filha sob condição de juramento da CARTA e casamento

com o tio D. Miguel. Tudo estava combinado, arranjado, satisfactoriamente, a contento das vaidades de uns, das ambições de outros, dos interesses de todos. O inglez trouxera o contracto: agora levava a CARTA. O Brazil retribuia ao papel portuguez com um segundo papel; e o Mercurio Stuart, de viagens em viagens, servia as côrtes brigantinas servindo os mercadores inglezes que as sugavam.

Receiando, porém, as consequencias das decisões tomadas, Stuart ainda exigiu de D. Pedro uma condição: a CARTA não seria outorgada sem que previamente os Tres-Estados, reunidos, a jurassem. Não se reformaria a constituição organica do reino, sem que primeiro houvesse a corteza de que Portugal a approvava. Obtido isto, embarcou com a pasta dos papéis, boceta de Pandora que, ao abrir-se em Portugal, desencadcou a anarchia, — sem que no fundo restasse, como no velho mytho, a esperanza de um futuro.

3. — SALDANHA, O HEROE

Em Lisboa acreditava-se geralmente na proxima chegada de uma pura e simples abdicção de D. Pedro em D. Miguel; e muitos andavam já afadigados a preparar as festas, contando com o breve regresso do infante. Era com effeito a solução mais simples, mais verosimil, — e teria sido talvez o meio de não fazer de D. Miguel um rei de partido, precipitando a nação em um duello de morte. A vaidade de D. Pedro, as opiniões liberaes dos brazileiros, as recordações de 20, as promessas de 28, sobretudo a deploravel fraqueza de D. João VI, não o consentiram.

Stuart chegou a Lisboa a 2 (julho) depois de uma longa viagem que protrahiu as indecisões,

acirrou os animos resolutos de ambos os lados, constituiu os corrilhos politicos. Sabia-se que na mala trazia o destino do paiz; mas um silencio absoluto, um mysterio impenetravel acompanhavam o emissario. No dia 8 foi para as Caldas, onde a pobre infanta regente soffria tanto do rheumatismo, como das insupportaveis cabalas que a Regencia e o ministerio urdiam na confusão ainda indeterminada dos partidos que se formavam. (*Relations, etc. Stuart a Canning*)

Antes de Stuart chegar, já por via de França viera a noticia das medidas tomadas no Rio; mas, ou não se lhes conhecia com exactidão o theor, ou se alterava adrede o que se sabia. O facto é que o proprio ministro Barbacena chegára a informar o general Lobo de que se tratava de uma pura e simples abdicção em D. Miguel, sendo isso participado ao exercito. Era corrente que havia uma abdicção e uma CARTA, mas nem o escoluido para a corôa, nem o texto do novo codigo se conheciam: d'ahi provinham boatos que faziam de D. Pedro um ante-christo demagogico, e da CARTA uma reproducção da impia constituição de 20.

Transpirou por fim a verdade; e os absolutistas, vendo-se cudilhados, declamavam exasperados, ou negavam redondamente, affirmando serem puras invenções dos pedreiros-livres as cousas que se diziam, mantendo a versão da abdicção em D. Miguel. Os dias passavam ennovoados, indecisos e tristes, como na vespera das trovoadas. Com effeito sentiam-se no ar massas de electricidade politica, e de um instante para outro se esperava o fusilar do primeiro relampago.

No conselho que houvera nas Caldas á chegada de Stuart, a maioria votou contra a publicação da CARTA — uma surpresa! Ninguem a queria, nin-

guem a pedira. O embaixador da Hespanha oppunha-se terminantemente. Mas Saldanha, moço idolo das tropas, já laureado nas guerras dos francezes e nas da America; e para quem principia agora uma nova historia; Saldanha que era o general das armas do Porto, onde as sementes jacobinas ou *vinvistas* germinavam; Saldanha, ambicioso e audaz, sabia da verdade dos papeis do Brazil e decidiu-se a intervir com a sua espada, cortando por meio as indecisões das Caldas. Escreve; e como não tem resposta, nem da infanta, nem do ministro Barbacena, envia Pizarro: Se até ao dia 31 a CARTA se não jurar, juro-a eu, faço-a eu jurar pelo exercito! (José Liberato, *Memorias*)

De Lisboa para Chaves, iam uns esquadrões de cavallaria: Saldanha mandou-os reter em Gaya como reforço, e ao Barbacena, ministro da guerra, escreveu que se lhe não cumprissem os desejos (ou ordens) marcharia com as tropas sobre Lisboa. (V. as cc. em Carnota, *Mem.*) D'este modo Saldanha começava a desempenhar o seu papel de Cid moderno, liberal, arbitro armado, poder independente—no fim, condottiere á italiana. As lembranças d'esse primeiro acto ensoberbeciam-no tanto que, ainda em 1860, n'uma carta publica dirigida a D. Pedro V (11 de Janeiro), affirmava: «Sem esta minha resolução a CARTA ficaria lettra morta.»

Ao mesmo tempo que assim intimava as suas ordens ao governo, dirigia-se em tom bem diverso ao ministro inglez A'Court: o observador reconhece, comparando, o grau do nosso abatimento e o papel do inglez entrê nós. Saldanha diz assegurar-lhe que a Russia e a Hespanha intrigam e protestam contra a CARTA, mas que, visto a nossa fiel alliada a approvar (de outro modo Stuart não teria sido o mensageiro), está prompto a levantar-se

á frente das tropas do norte cuja obediencia tem segura. (V. a carta em Carnota, *Mem.*)

Já o Porto andava exaltado, já estalavam os foguetes em girandolas, já havia luminarias e sonetos insípidos, classicos, recheiados de allusões a Bruto e a Catão. O salseiro de declamações, os enthusiasmos ingenuos de 20, vinham outra vez ao lume de agua, e havia uma nova camada de rapazes que adoravam como a um deus o Fernandes-Thomaz, patriarcha da liberdade!

A intimação brutal de Saldanha poz ponto ás hesitações e ás cabalas, aos planos de Stuart e ás teugões dos ministros, dando força á infanta e uma negativa formal ao veto da Hespanha. A 12 sahiu a CARTA na *Gazeta*, marcando-se o dia 31 para o juramento solemne. Não houvera remedio senão obedecer á tropa, mas os ministros esperavam que tudo ficasse no *papel*. Com o Porto não podiam; mas em Lisboa sopeavam os enthusiasmos, não deixando que em S. Carlos se tocasse o hymno — obra de D. Pedro. Tocava-se porém de noute pelas ruas, e o nome de Saldanha andava em todas as boccas, adornado com os epithetos lisongeiros do uso do tempo.

A sua intervenção sabida fôra decisiva, e todo o jacobinismo portuguez o exaltava como chefe, ao mesmo tempo que as tropas o adoravam como heroe, como forte, como joven. Depois de exigir a publicação, exigira o juramento da CARTA, fixado já para o dia 31. D. Pedro dera-a; mas Saldanha era quem a tornava, de uma promessa, em uma realidade. Dissolveu-se a antiga Regencia, ficando a infanta só, regente em nome da rainha D. Ma-

ria II — uma creança que havia de vir casar com o tio, logo que tudo se combinasse. Saiu o antigo, formou-se novo ministerio liberal em que entrava Saldanha, mais que ministro, dictador, general, tudo! Era a mola real, a chave, o fecho da abobada do novo edificio liberal; e em Lisboa, no Porto, em Coimbra, por toda a parte onde formigava um movimento jacobino, Saldanha era acclamado como esperanza da patria e braço armado da Liberdade.

As festas do juramento no fim de junho foram brillantes nas duas cidades: a burguezia letrada e commercial que dispunha de dinheiro era a classe em que o novo regime tinha adeptos. No Porto, onde Saldanha ainda estava, o dia 31 começou por uma salva real de artilheria. Houve o juramento nos paços do Senado, e parada no campo de Santo-Ovidio: d'ahi veio Saldanha á frente da tropa, descendo a rua do Almada toldada de bandeiras, á Sé, ouvir o *Te-Deum*. Das janellas afogavam-no n'um diluvio de flores. Era saudado com os lenços, acclamado em vivas. Nas ruas, os moços abraçavam-se enternecidos, dando-se parabens. Gravito, que dois annos mais tarde acabou na forca, fizera versos, como todos:

Já não pesa em nossos pulsos
Esse vil, ferreo grilhão
Que d'escravos nos fez livres
— Divinal constituição!

Foi dos céus que dimanou
Tão suave inspiração!
Foi um deus que nos mandou
Divinal constituição!

E assim por diante, uma longa toada onde o gosto e o bom-senso se acham sem duvida offen-

didos, mas onde a fé é viva, o enthusiasmo ingenuo e ardente, a illusão candida.

A' noute a cidade appareceu illuminada, e em S. João houve recita de gala. Saldanha, *Campeão da liberdade*, no camarote real, de pé, apresentou ao publico o retrato de D. Pedro, o *dador*. Havia uma *alegria prodigiosa*, diz a *Borboleta*, jornal do tempo. A sala enchia-se com os vivas á Carta, ao *dador*, á rainha, a Saldanha!

A Lusa herdada gloria reverdece,
O lugar de nação Lysia retoma
E ao seu libertador mil hymnos tece!

Na rua das Flores havia serenatas; e em Gaya os dois Passos tinham organizado festas esplendidas. Era um tablado á beira do rio com um obelisco adornado de retratos e allegorias da Constituição. Havia um Templo-da-Memoria allumiado com milhares de candeias, e de uma tribuna as familias liberaes assistiam ás danças das lavradeiras nos seus trajos de gala, carregadas de ouro em corações e cruces de filigrana cobrindo o peito.

Viva, viva pr'a sempre, ó portuenses!
Pedro, Constituição, Patria, Saldanha!

Os Passos, ambos rapazes, ambos ingenuos e bons, entusiastas, eram dois heroes nas festas. O mais moço, Manuel, que na historia veremos erguer-se como um typo de nobreza ingenua e candidadez — uma perola n'um charco — defendera theses em Coimbra, em 23, condemnando a aventura de Villa-Franca, tomando para assumpto o direito natural:

Coacta servitus legibus naturae contraria;

e commentando a theoria dos juristas com o espirito de um stoico :

A morali nunquam sejugenda Politica.

Applaudia calorosamente Saldanha, reservando-se porém a intima liberdade, contra os dictadores e os tyrannos. Sob o nome arcadico de Almeno Damacta corria impresso o soneto que fizera :

Da lisonja o thuribulo odioso
 Não posso manejar, não sei, não quero ;
 Creou-me a liberdade assim austero,
 Qual de Bruto discipulo orgulhoso.

(Da patria rei) o vulto magestoso
 Do grão Thomaz nunca incensei, (severo,)
 Quando foi nume ou rei : hoje o venero
 Que é pó e está na campa ! — Homem famoso !

Assente-se nos tumulos verdade ;
 E sua bocca o chamou da Patria esteio
 Pac, fundador da lusa liberdade.

Saldanha é tal : mas no porvir não leio.
 Julgal-o só pertence á postr'a idade
 E em vida até louvar Catão reccio.

Tinha razão o moço que em detestaveis versos punha os melhores sentimentos, os mais fundados reccios. Pobres heroes, tristes illusões !

Em Lisboa as festas não foram menores, nem menos ruidosas. Na rua dos Fanqueiros, de tres em tres, cada frado de pedra tinha um mastro de louro com balões de côres, accessos á noite. Nos topos da rua havia arcos onde em letras de papel dourado estava escripto — Constituição — com os retratos de D. Pedro e de D. Maria feitos pelo Sendim : D. Pedro de guerreiro antigo, armado, a de-

fender a filha. Na Conceição-nova havia um templo onde tocava a banda do 16. No Rocio, no Poço-novo, em S. Paulo, no Caes-do-Sodré, por toda a parte se viam arcos, obeliscos, templos, e de noute festões de luz e musicas. A festa do Caes-do-Sodré era feita á custa dos frequentadores do café grego, antigo foco de liberalismo commerciante, ¹ pelo Lamas, pelo Cunha-Vianna, pelos Costas, pelo Travessa, pelo Fernandes. Na rua de S. Paulo, no armazem de carnes do Moniz, a futura cohorte constitucional commentava as festas, entre esperanças e receios. Eram o Rodrigo e Silva-Carvalho, Pizarro, Alves-do-Rio e outros. Ainda moço, já Rodrigo sublinhava com ironia as declarações formaes dos miguelistas futuros, como o conde da Ponte que exclamava por toda a parte — « Carta e nada mais, Carta e nada menos! » (*Apont. da vida de um homem obscuro*)

Mas no commun das pessoas succedia então o que sempre succedera e ha de succeder em quanto houver homens: dominar a onda da simplicidade ingenua, das boas esperanças optimistas. Ficava-se commovido, arrazavam-se os olhos de lagrimas bem-fazejas, quando se via a infanta regente, de caminho para a Sé, ao *Te-Deum*, parar em frente de um dos arcos, na rua Augusta: vinham treze meninas de azul e branco com vinte e cinco (os annos da regente) pombas brancas de fitas azues nas azas!

Em 3 de agosto saiu Saldanha do Porto para Lisboa, a tomar conta do seu ministerio. Embarcou feito um heroe, um salvador. Ninguem duvidava

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.ª ed.) II, pp. 267.

de que o seu braço, tão valente na guerra, fosse o mesmo no conselho. E não foi então, não o foi nunca. Breves mezes o demonstraram.

O enthusiasmo do juramento da Carta cobria mal um ardor menos apparatuso mas mais forte, menos brilhante mas mais quente: o despeito dos interesses ameaçados, o escrupulo das consciencias offendidas pelo maçonismo que era uma abominação, pela *liberdade* que era um attentado contra o idealismo monarchico.

A nau constitucional fôra lançada ao mar no meio dos foguetes, das salvas, dos vivas. Mas a tripulação? — Saldanha? fraco piloto, sujeito a ataques de molleza, a vertigens de abandono, sem intelligencia firme, nem rectidão, nem consciencia lucida.

«Em nenhum dos paizes do meio-dia latino: nem em Napoles, nem em Portugal, nem na Italia, nem na Hespanha, diz Gervinus, podia vingar um movimento liberal. Os atrevidos projectos dos emigrados hespanhoes, a empresa de Galotti, a Carta de D. Pedro, tinham preparada uma sorte commum. Quem podia esquecer as misérias e os erros das revoluções anteriores?»

Entretanto, a Europa liberal cravava os olhos n'este canto portuguez do mundo: Não seria a Carta de D. Pedro o ponto de partida para uma resurreição do espirito revolucionario, abafado desde 1815 pela Santa-Alliança, cujo papa de Vienna, Metternich, era então omnipotente?

Como pupillo tinha o austriaco a seu lado o infante, — penhor da ordem apostolica para a Europa da Santa-Alliança, e symbolo de todas as esperanças para o Portugal historico. A regencia de Isabel-Maria era para todos um episodio: o governo de D. Miguel uma certeza. Pela propria Carta cabia

ao infante legalmente a regencia, e essa solução parecia inevitavel a todos.

Saldanha, porém, de Lisboa, á frente da esquerda liberal ou *vintista*, embora fizesse parte do governo, ou antes, fosse como um enxerto liberal n'um gabinete, ou adverso ou molle, carticava-se privadamente com D. Pedro insistindo pela sua vinda á Europa, lisongeando-o — « a sua presença seria como a apparição de um planeta novo ! » Se não viesse, perder-se-hia tudo: o povo, por habito, por educação, pedia um rei; e os adherentes do infante não se cansavam no empenho de demonstrar que elle era o rei legitimo. « Não temo o infante ausente, escrevia, mas tenho tudo a receiar da sua presença, pois muitos dos soldados e officiaes que não hesitariam bater-se com os chefes da rebellião, deixariam de desembainhar as espadas contra o infante. » (V. carta de Carnota, *Mem.*) Se D. Pedro não pudesse vir, que, pelo menos, conservasse a regencia á infanta D. Isabel-Maria até á maioridade de D. Maria II.

Nem D. Pedro, nem os liberaes moderados, nem as potencias, concordavam em semelhante solução. Tudo conspirava em favor de D. Miguel, isto é, da sua nomeação para regente. Pflügel, o legado austriaco, iustava com Saldanha para que desistisse da sua teima: fizesse o sacrificio de dizer á infanta que não podia continuar a governar, que devia chamar D. Miguel — a unica pessoa capaz de harmonisar a desordem portugueza: o infante queria-lhe muito, estivesse certo, e ganharia bastante, elle Saldanha, procedendo assim. — Rebelde ao convite, o general communicou-o a D. Pedro (*Carnota, Mem.*); mas o imperador, em vez de o ouvir, ouvia os diplomatas, unanimes a favor da regencia de D. Miguel que se decretou, conforme veremos a seu tempo.

Saldanha via por terra a sua obra, as suas ambições ! Demittido do ministerio, contando com tropa, pensou ter por si D. Isabel-Maria, e propoz-lhe uma d'essas aventuras que praziam ao seu espirito aventureiro e fidalgo, quasi napoleonico sem ser demagogo, fiel mas incapaz de submissão. Houve em Lisboa as *archotudas* quando Saldanha caiu, e d'esse tumulto plebeu e republicano ganhou o general a fama de demagogo, sem o ser. Do povo queria só as acclamações, dos soldados o amor, dos reis a adulação. Entre o throno, a tropa e a rua, o seu genio reclamava o lugar de arbitro: não o de usurpador, nem o de tribuno ou consul. Os que lhe chamavam D. João VII e os que o accusavam de republicano, enganavam-se ambos. Elle queria um reinado de facto á sombra de um throno antigo, para combinar as suas vaidades ingenuas com os seus sentimentos sympathicos e com as exigencias do seu temperamento irrequieto.

Portanto, foi ter com a infanta e disse-lhe que, se ella o ajudasse com o seu nome e com a sua authoridade, respondia-lhe com o nome e com a vida que havia de conservar a regencia e o governo constitucional até á maioridade da rainha. (Carnota, *Mém.*) A infanta não quiz. Era hysterica e beata, como Portugal inteiro.

Saldanha emigrou para Londres.

Podia socegar? Não podia. Podia enfileirar-se ao lado dos habeis, sob o commando de Palmella, elle que era simples na sua audacia aventureira? Não podia. Em vez de calculos ferviam-lhe chimeras na cabeça; em vez de astucias, heroismos; em vez de perfídias, abnegações.

Peninsulares, militares, com o sangue do Cid re-

temperado pela fama de Napoleão, saldanhas hespanhoes havia então em Londres emigrados como o nosso. Estreitaram-se os laços entre todos, e, ao lado da intriga diplomatica portugueza, Londres viu no anno de 27-8 a chimera do iberismo. «Pensae, Senhor, — appellava Saldanha para o Brazil, — na condição miseravel da infeliz Hespanha! A França está longe de tranquilla e contente. Nem ella, nem a Hespanha têm príncipes guerreiros... Quem pôde dizer que fortuna o céu tem reservada para V. M. na Peninsula, se os seus inimigos forçarem a empregar meios conhecidos, embora violentos?» (Carta de 10 de julho de 27, em Carnota, Mem.)

D. Pedro não queria ouvil-o, mas o general, tambem, não esperava ordens. Servia, mandando; era fiel, impondo-se. Tentou partir com Torrijos para a sua fatal aventura, e escapou de morrer por lhe terem negado o passaporte. No principio de 28 as suas instancias com D. Pedro são mais vivas, as suas palayras mais positivas. Napoleão dissera que o soberano legitimo que despozasse cordcalmente a causa do Povo, daria leis á Europa. Que soberano havia como elle, D. Pedro? Viesse portanto: «É' possível que V. M. em vez de reinar sobre 14 milhões de homens como são os hespanhoes e os portuguezes, e com os quaes até poderá sustentar a sua authoridade na America, prefira governar só 3 milhões de gente de varias côres, gente que traz no peito a mais negra ingratição?» (Carta de 5 de Janeiro, em Carnota, Mem.)

Convenceu-se D. Pedro? Authorisou-o? Não parece. Entretanto, elle segue, não hesita. Vae partir para Lisboa, «tratar da realisação dos bons desejos de todos os portuguezes e hespanhoes... As difficuldades estão removidas; e se arranjo em Lisboa o dinheiro necessario, em dous ou tres mezes haverá

um movimento em todas as provincias de Hespanha para elevar a V. M. ao throno d'esse paiz. »
(Carta de 18 de fevereiro, *ibid.*)

Foi, com effeito, ainda a Lisboa (maio), mas já lá estava D. Miguel no seio da sua gente; já se bordava o manto que lhe haviam de pôr aos hombros. Convidou os inglezes de Clinton para sairem á rua com elle, mas obteve a mesma resposta da infanta no anno anterior. O famoso triumpho de 26 não podia repetir-se. Não o deixaram descambar, e regressou a Inglaterra cabisbaixo. O seu calor, o seu enthusiasmo, o seu heroismo, a sua ambição, estavam assim perante obstaculos passivos. Ninguém dava a mão ao chimerico heroe em cujo cerebro redemoinham proezas e triumphos, em vez de planos e idéas. A sua sinceridade, a sua simplicidade, passavam por perfidias n'um tempo de perfidos, e o seu genio bulhento era um perigo para todos. Pessoa propria de outras edades, via-se sósinho. Os simples temiam n'elle um Napoleão sob o nome de D. João VII, os moderados reccejavam o consul das *archotadas*; uns viam um usurpador possivel, outros um demagogo. De Hespanha, Fernando VII não lhe perdoava as allianças com os revolucionarios nem os planos ibericos; de Vienna, Metternich sabia que elle era o braço armado dos *vinlistas*.

A ninguem convinha; odiavam-no uns, temiam-no outros. Ainda então se não sabia bem que esse vulto era uma sombra, ondeante, acria, sem consistencia nem força verdadeira. Ainda se não sabia que esse heroe simples, homem de outros tempos, podia ser, nos de agora, um instrumento util como soldado, embora ficasse pesado pelos regalos e mimos com que era indispensavel servir-lhe a vaidade e a bolsa aberta para todos.

II

A Santa Alliança

1. — A GUERRA APOSTOLICA

A's festas de Lisboa e do Porto, onde, sob a protecção de um governo sympathico, o espirito liberal ou jacobino dos restos da geração de 20 e dos homens novos formados por essa escola dava largas a um enthusiasmo inconsistente e bastante archaico; ás girandolas e ás salvas, aos vivas e aos abraços das duas cidades, respondia um movimento de protesto energico das provincias, — isto é, das guarnições. Portugal, como povo, não acordára ainda do torpor de largos annos, dorido das desgraças do calamitoso reinado de D. João VI. Os casos de agora, — aclamações constitucionaes, sedições absolutistas, — são apenas os preliminares da longa futura campanha, do duello final entre a nação historica e o espirito novo, *estranqueiro*, — mais uma vez imposto, por uma dictadura, a uma nação aberta ao cosmopolitismo.

Ao mesmo tempo que em Lisboa se jurava a Carta, em Traz-os-Montes e no Minho os soldados acclamavam D. Miguel rei, prendendo infantaria 24 em Bragança os officiaes, o bispo, o governador, por não adherirem ao pronunciamiento. Ao mesmo tempo em Villa-Viçosa cavallaria 2, infantaria 17 em Estremoz, pronunciavam-se absolutistas (Soriano,

Revelações) e passando a fronteira com a guarnição de Almcida, que procedeu da mesma fórma, iam constituir em Hespanha o nucleo de um corpo de invasores, protegido, alimentado, municiado pela nação vizinha, onde o *apostolismo* reinava encostado ás espingardas do exercito francez do duque d'Angouleme. Saldanha, no ministerio da guerra, redigia proclamações emphaticas, chamando á ordem « os soldados que fizeram tremer as legiões de Buona-parte, » (á legitimista) mas o primeiro rebate de julho continuava a soar pelo reino; e de além da raia vinham os convites da legião que alli se organisava.

Villa-nueva-de-la-Serena, na Estremadura hespanhola, era o deposito dos emigrados apostolicos portuguezes sob o commando de Abreu, com Magessi, Lobo, Canavarro, Alpoim. Foi ali que, formada em quadrado, a divisão, depois da missa campal, com os officiaes á frente dos pelotões, tendo, em vez de espadas, crucifixos nas mãos, jurou manter e defender os direitos legitimos de D. Miguel I, rei absoluto. (M. de Rezende, *Escisões. hist.*) A exclusão do *brazileiro*, liberal, pedreiro-livre, estendia-se á sua geração; e no caso de D. Miguel não ter herdeiros, a corôa iria parar ás mãos da princeza da Beira, Maria Thereza, casada em Hespanha, onde residia. Do Escorial, a princeza era o braço direito, lugar-tenente da mãe em Queluz, para proteger a legião que se formava e ia invadir o reino. Em cartas a Mont'alegre dizia para Villanova não ter ambições, não querer nada para si, nem para seu filho,—o infante D. Sebastião. « Meu querido mano Miguel e na sua ausencia a rainha minha mãe, » eis o governo conveniente a Portugal; e o amor que professa ao mano e aos heroicos defensores do throno e do altar levam-na a con-

chuir: Viva el-rey D. Miguel, absoluto! (ap. Aranje, *Chron. de D. Maria II*)

Não era só em Hespanha que o fervor apostolico ardia: na propria Lisboa o dinheiro de D. João VI, nas mãos da viuva, servia para alliciar a Policia — o melhor corpo do exercito, disciplinado pelo conde de Nouvion. A sedição (21-2 agosto) gorou; mas o seu plano era cair sobre a Ajuda, prender a regente e os ministros, acclamar D. Miguel com um governo interino de Carlota Joaquina.

Ao mesmo tempo que tudo se preparava para a ruptura das hostilidades, espalhavam-se boatos destinados a dar segurança ás boas disposições da gente. D. Miguel, em Vienna, diziam uns, repellia a Carta; casara, ou ia casar com uma princeza de Austria, reconhecido rei pelas côrtes de Vienna e S. Petersburgo. Outros faziam-no já em viagem a bordo da *Althea*, de Trieste, com prôa a Barcelona: seria sagrado apostolicamente na Hespanha antes de vir tomar conta do que era seu — Portugal. A rainha, em Lisboa, utilisava do thesouro de D. João VI comprando todos os destacamentos da guarda do paço, a ponto de obrigar o governo a mandar para lá os voluntarios do commercio, liberaes seguros. (Monteiro, *Hist.*)

Chegavam os principios de outubro; pelas provincias representava-se uma cerimonia sem caracter e a que as populações não ligavam a minima importancia — as eleições da camara dos deputados, segundo a Carta constitucional. O povo, ainda apathico, limitava-se a observar a campanha que se preparava entre os seus chefes, maçons e apos-

tolicos, liberaes e absolutistas. Os ultimos, contudo, para impedir a reunião das camaras, resolveram começar as operações. Acudiria o povo a dar a mão aos soldados redemptores?

Antes que as legiões de Hespanha transpозessem a fronteira, convinha que outros pronunciamentos preparassem o terreno em Portugal. Foi o que se fez, no Algarve e em Traz-os-Montes. Em Tavira infantaria 14 sublevou-se, mas Saldanha foi lá e abafou o movimento. Em Traz-os-Montes porém a sedição apresentava maior gravidade. «Os camponezes vão-se reunindo ás tropas,» dizia o corregedor de Villa-Real ao general do Porto, o Stubbs. E com effeito, no breve espaço de um mez (outubro-novembro) todo o além-Tamega era pelos absolutistas. Exercia ali sobre o povo uma influencia magica o nome dos Silveiras, aureolado pelas defezas de Amarante contra os francezes. O marquez de Chaves, chefe da familia, e a marqueza, viva copia da rainha, eram dois typos entre heroicos e burlescos, adequados para impressionar um povo forte, bom, mas cretinizado pela educação historica portugueza. O marquez era como doido. Viram-no uma vez entrar na Regoa, correndo as ruas n'um galope desenfreado, fraternizando com os arrieiros, bebendo com os camponezes nas tabernas, chicoteando os que se demoravam na entrega das rações para a tropa: era um tyranno demagogo, o typo mais bem fadado para impressionar as populações cuja alma heroica e soez, supersticiosa e leal, apparecia individualizada n'um homem violento e bronco, decidido e doido, mystico, vulgar, plebeu apesar do sangue. A marqueza, que em pessoa sublevara caçadores 7 em Villa-Pouca (28 de out.), era por seu lado, como se disse, uma copia da rainha viuva. Acompanhava

as tropas, sobre um macho, com uma banda a tiracolo, grande chapéu de abas atado com um lenço vermelho. Já celebre desde o tempo dos francezes que lhe tinham chamado *panorama da fealdade*, (Kilsey, Portugal) era horrenda, e tomára para si o commando do batalhão ganho por ella á causa.

Muita gente escarnecia da loucura do marido, da extravagancia da mulher; mas as populações viam em ambos os seus chefes naturaes, e nas proprias singularidades d'esses genios se achavam retratadas. Depois, os sublevados fallavam do céu, de Deus, contra Satanaz e os impios. Era uma guerra-santa. «Cessem os horrores da anarchia, esconda-se a tenebrosa perfidia, acabe n'este momento a infame e desoladora maçonaria... O marquez de Chaves não é um anjo, mas um fragil instrumento com que o Altissimo quer derrubar o colosso da impiedade.» A legitimidade de D. Miguel era defendida em proclamações onde o tom mystico de uma allucinação fanaticá predominava. Uma d'essas, dirigida a Braga, tomava o Senhor-do-Monte como juiz da causa. O marquez era «o novo Gedeão d'esse povo que em Onrique Deus escolheu para si.» — Vinha reunir «em torno do altar do nosso Deus e do throno dos nossos Affonsos as 99 partes da nação portugueza escravizada e envilecida por um punhado de rebeldes, ambiciosos, ingratos, fementidos e impios sectarios do mais monstruoso atheismo.» (ap. Araujo, Chron. de D. Maria II)

Quem, senão um doido, podia ser o chefe de um movimento positivamente louco? Portugal é uma Judéa, e os romanos batem ás portas de Jerusalem. Definir assim, de um modo tão claro, o fundo da questão portugueza, appellando para a alma das populações, era acordal-as do seu entor-

pecimento e arrastal-as por fim para o campo da batalha: foi o que se viu em 1826 em Traz-os-Montes, e o que dois annos mais tarde se generalizou a todo o reino.

Em dezembro, sobre o Tamega, em Cavez, encontraram-se os dois exercitos e a batalha ficou indecisa. Angeja, pelo governo, retirava; enquanto Villa-flôr, mandado ao Guadiana, — por onde Magessi entrara, ao mesmo tempo que Chaves e Montalegre tinham entrado por Bragança e Miranda, — repellia para além da fronteira essa divisão dos exercitos da Fé. Outrotanto succedia á que entrara pela Beira; e Villa-flôr, pacificado o sul, vem para o Minho, consegue limpá-lo das tropas apostolicas que se internam na Galliza, depois das acções da Ponte-do-Prado e da Ponte-da-Barca. (27 de fevereiro.)

O governo venceu: por toda a parte repellidos, os apostolicos estavam submittidos? Não. As retiradas para a Hespanha que os acolhia, munician-do-os para voltarem, eram episodios de uma campanha, não eram fim de uma guerra. Por outro lado, a fraqueza liberal era tão grande, que já desde dezembro o ministerio constitucional, com Saldanha, tinham sido forçados a abdicar cedendo o mando a um gabinete onde preponderava o futuro miguelista bispo de Vizeu. Todas as festas de julho ficavam em fumo, e o ruído dos vivas e salvas perdido ao fim de seis mezes, no meio de uma silenciosa duvida... O governo venceu; mas esse governo já era pelos vencidos, não pelos vencedores. A anarchia do reino reproduzia-se na anarchia dos partidos, e uma confusão total de homens, de interesses, preparava a proxima organização dos exercitos que iam achar-se em campo.

E' verdade que as côrtes estavam reunidas; mas eram cousa nenhuma: uma formalidade inútil e incommoda, cuja suppressão se considerava indispensavel e proxima. Entretanto, a situação não estava ainda bastante madura para uma acção decisivamente hostil á nova ordem de cousas. Restava saber que attitude tomaria D. Miguel; restava saber que destinos preparavam as potencias a esta pseudo-potencia do extremo occidente. Entre a Hespanha que diariamente, sem reboço, a invadia por meio das divisões portuguezas, e a Inglaterra, para onde olhavamoos a vêr o que faria de nós, Portugal e o seu governo eram um corpo inerte, sem acção, nem força apparente. Canning, a quem não convinha que entre nós se arraigasse a influencia apostolica franceza dominante em Hespanha, mandou para cá uma divisão de tropas, com o general Clinton, exigindo da Hespanha que internasse e desarmasse as legiões apostolicas portuguezas.

Foi uma surpresa, ou um *coup de theatre*, conformo Palmella escrevia para Lisboa, preparado para surprehender e desnortear a França, a Austria e tambem a Russia — as nações apostolicas. «Meia hora antes (da mensagem de Jorge IV ao parlamento) ninguem sabia do caso, salvo o ministerio e eu.»

Clinton veio, e em março acabou de todo a guerra.

2 — METTERNICH E CANNING

E' indispensavel demorarmo-nos agora a vêr que opiniões reinavam nos gabinetes europeus sobre a crise portugueza. Nós eramos um pupillo da Inglaterra que n'esta epocha, sob o governo de

Canning, se desquitara do concerto da Santa-Alliança, pondo por toda a parte em cheque as temeridades apostolicas. Quando o ministro inglez soube da vinda de Stuart e dos papeis que trazia, apressou-se a escrever-lhe para Lisboa que tudo (abdicção, amnistia, etc.) era, salvo a CARTA, o que a nação portugueza desejava e esperava. (*Relations, etc.*) Elle, Canning, apesar dos riscos, preferiria uma convocação dos Tres-Estados para regular as questões constitucionaes: se a CARTA não fosse bem accete pela nação, vêr-se-hiam conflictos serios. Abstivesse-se, pois, Stuart de intervir com a sua influencia. A Inglaterra queria deixar a Portugal a liberdade de opção. Entregasse os papeis, e marchasse logo, logo, para Londres. A A'Court, residente em Lisboa, dizia Canning a mesma coisa. (*Ibid.*) Abstinha-se de apreciar a CARTA; nada tinha que vêr com o regime interno da nação; mas via dous pontos feridos pelo novo codigo e contra esses era mistér reclamar: a extincção do juiz conservador dos inglezes, e as repressões postas ao culto protestante na capella de Lisboa. — O povo da capital chamava-lhe a *synagoga*.

Tal foi a attitude da Inglaterra: um desgosto pela novidade imprevista, uma frieza, quasi reprovação, para a nova ordem de cousas estabelecida por D. Pedro; mas ao mesmo tempo uma reserva prudente, uma abstenção calculada. Canning, a quem a Santa-Alliança chamava jacobino disfarçado, era o émulo de Metternich na Europa. (*Gevinus, Hist.*) Inglaterra e Austria disputavam entre si a alliança da França que, ora se inclinava para o lado dos apostolicos austro-russo-prusso-hespanhoes, ora para o lado do liberalismo conservador do ministro britannico.

Na Hespanha dominavam os puro-apostolicos. Era um governo de sacristia presidido pelo celebre fr. Cerilo. Fernando VII apenas tinha de rei o nome, porque o effectivo monarcha era D. Carlos, o irmão, indigitado herdeiro da corôa — ou antes, a princeza sua esposa. Fernando VII via-se abandonado por todos os que em 23 o tinham exaltado e *libertado* da tyrannia dos liberaes, na Villafrancada de lá. D. Carlos era o chefe do ultramontanhismo: um D. Miguel. Além do prestigio que lhe dava a decidida politica apostolica, succedia que dispuinha de um grande thesouro accumulado á custa de uma lenta economia, ao proprio tempo que Fernando VII vivia n'uma penuria extrema. (Walton, *Letter*, etc.) Outrotanto succedia em Portugal, entre o governo arruinado e Carlota Joaquina opulenta.

Nem a Hespanha, nem a Austria, reconheceram a regencia da infanta, em nome de D. Maria II. Invocando a propria CARTA que agora lhes servia, allegavam o art. 92 pelo qual a regencia compete ao agnata mais proximo, — e esse era D. Miguel, em cuja cabeça se collocavam todas as esperanças de uma rapida suppressão do regime constitucional. O gabinete de Madrid clamava contra os perigos das novas instituições, e insistia para Vienna em que se soltasse D. Miguel e se mandasse sem demora para Portugal. Metternich, por seu lado, revolvía céu e terra para destruir a constituição portugueza, (Gorvinus) como de discordia que surgira no placido concerto da Santa-Alliança europêa. Temia ainda mais as Cartas outorgadas pelos soberanos, do que as Constituições nascidas revolucionariamente.

D. Pedro resolvera que D. Miguel fosse para o Rio esperar que a rainha sua futura esposa crescesse; mas o austriaco, em vez d'isso, enviou Neu-

mann ao Brazil para exigir de D. Pedro modificações radicacs na CARTA. (*Mormayer, Lebensbilder*) ¹ Ao mesmo tempo insistia com Villele para que reforçasse o exercito francez da Hespanha, afim de a defender da *peste* portugueza. Por outro lado, missionava frades para irem com um pelotão de jesuitas agitar a opinião em Lisboa, concitar os odios, aguçar os escrúpulos devotos.

A França, onde Villele governava, era a chave do enygma diplomatico, — solicitada pela Inglaterra, pela Austria, em sentidos oppostos. A correspondencia de Palmella, de Londres, comprova o desaccordo das tres potencias que tutelavam Portugal — Austria, Inglaterra e França. «De Paris, escreve (15 de julho), expediu-se um correio a Lisboa aconselhando ao governo de Portugal a convocação de uma especie de Junta composta das pessoas mais notaveis, e de se apoiar n'ellas para representar á côrte do Rio de Janeiro e suspender a execução das ordens de S. M. — ao passo que Can-

¹ Pretendia alguns que n'este plano da ida de D. Miguel para o Brazil houve o pensamento de o eliminar, para d'esse modo se preparar a restauração do reino-unido de Portugal e Brazil. Era abono d'essa opinião acha-se na *Hist. chron. de Portugal* (2.^a ed. p. 237) do sr. C. de Mello transcripto o seguinte trecho de uma carta inedita do conde de Villa Real, em que se falla «das instancias que de novo se fizeram a... para que a victima do... caia no laço armado pelo...» E diz-se depois: «Se eu, enquanto estive na casa d'onde não se quer vento nem casamento (Hespanha) pensei que poderia isso fazer-se sem grande inconveniente, uma vez que se dessem sufficientes garantias de que se não abusaria da condescendencia, agora sou de opinião totalmente contraria. As circumstancias são totalmente diversas... Certamente, se n'estas circumstancias se consentisse que mudasse de área o sujeito em questão, se concluiria que o objecto era o de tornar as cousas ao estado em que se achavam antes de 1820 pelo que toca a independencia.»

ning escrevia a A'Court para declarar que na opinião do gabinete britannico devia o governo de Lisboa executar desde logo em toda a sua plenitude as ordens do soberano.— Enquanto ao infante, é certo que não obrará senão segundo o impulso que lhe der o principe de Metternich, e este ha de reflectir um tanto antes de se collocar em opposição aberta ás vistas da Inglaterra.— Eu confesso, conclue o marquez, que antes quizera que se não tivesse promulgado uma constituição completa, mas sómente algumas bases, convocando-se as antigas côrtes.»

Tal era a divergencia das potencias. Entre a Hespanha e a Austria, ambas *apostolicas*, uma porém miguelista, a outra empenhada em defender os direitos da netá do imperador, a Inglaterra procurava trazer a França para o seu lado. Canning foi em pessoa a Paris (setembro) para a conquistar. Villele annuiu; e de accordo, a Inglaterra e a França exigiram da Austria e da Hespanha moderação. Para Madrid, Canning dera ordem ao residente Lamb de se retirar, caso a Hespanha não cessasse de intervir no sentido de destruir a constituição portugueza; e a Hespanha fingia annuir, mentindo. A Austria, vendo a decisão da França, começou tambem a menuir, apparentando adhesão á politica passiva da Inglaterra. (Gervinus) Todos pareciam concordes, e todos atraçoavam o pacto: a Austria e a Hespanha, como se sabe; e a França e a Inglaterra pelos ministros que tinham em Madrid e em Lisboa,— Moustier e A'Court, pessoalmente *apostolicos*, e como taes infieis á politica moderada dos seus gabinetes.

A confusão singular dos partidos portuguezes, a maior confusão da politica europeã, a situação rara de um paiz tutelado pela Europa, com dois mo-

narchas sem posse effectiva, um em Vienna e outro no Rio, com uma regente, excellente senhora, mas mulher e hysterica: tudo concorria para fazer da questião portugueza um imbroglio de tal ordem que por força viria a dominar sobre tudo a unica força decidida, affirmativa — a loucura catholica da população do reino.

A annuencia apparente das potencias á politica ingleza, nos fins de setembro de 1826, levou aos passos decisivos dos primeiros dias de outubro em Vienna, quando D. Miguel jurou a CARTA. Parecia terminada a questião; porque, de um modo ou de outro, D. Pedro modificaria as suas disposições e D. Miguel viria tomar posse da regencia. Todas as potencias estavam de accordo n'este ponto, e com effeito era a unica solução possivel. O governo debil da infanta, debatendo-se contra as influencias de partidos irreconciliaveis, indeciso entre Vienna e o Rio, entre D. Miguel e D. Pedro, punha o reino n'um estado de crise, que era para Canning um perigo real — da influencia apostolica e do alargamento do dominio da França, já completo em Hespanha, passar para além das fronteiras portuguezas. Não era tanto á influencia crescente da França, mas sim ao *intermezzo* liberal, que, por seu lado, a Austria, a Russia e a Hespanha queriam pôr um termo.

Foi então (novembro) que a invasão das divisões emigradas em Hespanha complicou a acção da comedia diplomatica. A viva força nacional rompia os cordéis com que a Europa movia este theatro de tyteres portuguezes. Palmella afflicto em Londres, Palmella que era um Canning em minia-

tura, dirige-se, implorante, á Inglaterra. Os rebeldes já não escondiam os seus planos: acclamavam D. Miguel e o absolutismo; o marquez de Chaves enviara o de Abrantes a Vienna buscar o infante; a Hespanha mentia aos convenios: era uma invasão formal; chegava o momento de invocar os tratados de aliança, o momento de a Inglaterra intervir defendendo as instituições portuguezas.

Nós sabemos que motivos induziam Canning a annuir aos rogos de Palmella. Foram esses que o levaram a resolver a expedição de Clinton. Vieram tropas inglezas: — para defender a CARTA? Não. Para bater a influencia franceza na Peninsula. Foi isto o que se viu bem claramente quando, mais tarde, essas tropas retiraram, no momento em que a constituição foi abolida. O facto é, porém, que, por fas ou por nefas, a CARTA, ameaçada agora pela primeira vez, era defendida pelas bayonetas inglezas que occuparam S. Julião e o Bugio e foram incorporar-se no exercito do governo. Pela primeira vez, dizemos, e no decorrer d'esta historia veremos quantas vezes mais o caso se repetiu. Brasileira de nascença, era este o meio de a nacionalisar — com as fardas vermelhas do inglez herege? Não, de certo; e a indispensavel intervenção ingleza veio concorrer para augmentar o odio que o genio catholico-historico dos portuguezes de lei consagrava ao *dom* do imperador do Brazil.

3. — D. MIGUEL EM VIENNA

Depois da aventura do inverno 26 podia haver ainda a mesma confiança na solução approvada unanimemente em outubro? Não era um facto que D. Miguel regente devia dar a victoria decisiva ao partido apostolico, acclamando-se logo rei? Mas,

falhando esta solução, que outra restava para o iubroglio portuguez? Nenhuma. A chave do enigma estava na pessoa de D. Miguel, no grau de confiança que podia merecer, nas eventualidades prováveis da sua decisão, — no sentido vermelho como o queriam os apostolicos, ou no sentido constitucional, moderado e pardo, que a Inglaterra desejava.

Sobre a cabeça de D. Miguel convergiam pois todas as attenções, todas as esperanças contradictorias, oppostas; d'elle dependia a sorte do reino, — esse destino tão diverso, conforme os pontos-de-vista dos partidos europeus. E', portanto, indispensavel demorarmos-nos a estudar o estado de espirito do infante em Vienna, o seu character, e a historia dos actos que levaram ao juramento de outubro 25, á sua nomeação de regente e por fim á partida para Portugal.

Desde que o Brazil se separara, elegendo imperador o primogenito portuguez, a questão da successão da corôa começara a preoccupar a Europa. A Russia inclinava-se a crer que D. Miguel era o herdeiro natural e n'esse sentido sondou a Austria (Rozeado, *Eclairc.*); mas a côrte de Vienna, cujo direito publico assentava sobre a legitimidade, não consentiu que se bolisse no direito de D. Pedro dispôr de uma corôa que evidentemente não podia querer para si. Além d'isso, D. Maria, já nascida, era nota do imperador Francisco, e os interesses de familia allivavam-se aos principios. Attribute-se a D. João VI o plano do casamento da princeza recém-nascida com o tio D. Miguel, plano que a Austria applaudiu, e que a Russia apoiou: os desejos de todos ficariam satisfeitos. (*Gervinus, Hist.*)

Surgiram depois as revoluções portuguezas, (20, 23, 24) e D. Miguel pronunciou-se chefe de um partido radicalmente adverso ás idéas moderadas reinantes na côrte de D. João VI, e ás idéas liberaes que inspiravam D. Pedro e os brazileiros. Quando, pois, á morte de D. João VI, o imperador adoptou a antiga solução já prejudicada pelos actos da vida anterior de D. Miguel e pelo seu character revelado, houve com razão motivo para pasmar da estupenda idéa do monarcha brazileiro cuja intelligencia se não mostrava lucida. Casar D. Maria com D. Miguel, dando em dote uma CARTA liberal á filha, dando-lhe ao mesmo tempo um esposo que era o idolo da reacção e do absolutismo, o Messias, o archanjo Miguel nascido para esmagar o dragão revolucionario, o instrumento docil nas mãos de Carlota-Joaquina, e o pupillo de Metternich, — era revelar uma ignorancia total da natureza humana e das condições especiaes da sociedade portugueza.

Esse acto estava, porém, consummado irrevogavelmente; e os absolutistas, desilludidos da esperanza da abdicção simples e directa em D. Miguel, já reconheciam que a solução preferida era para elles equivalente. Por seu lado os moderados esperavam que D. Miguel tivesse mudado, tivesse apronhado com os annos e com o exemplo da Europa; e sem morrerem de amores pela CARTA, pouco se lhes dava que o principe a conservasse ou abolisse: este era o espirito de Canning e dos sectarios da politica ingleza. Os liberaes, finalmente, os vintistas, confessos maçons revolucionarios, hesitavam em erer que D. Miguel jurasse a CARTA, — ao passo que os apostolicos positivamente criam que o não faria.

Quando chegou a Vienna a noticia da morte de D. João VI; quando ainda ninguem esperava a surpresa da CARTA que havia de vir do Rio; quando a solução provavel, verosimil, era a abdicção directa em D. Miguel, o infante apressou-se a escrever para Lisboa e para o Rio, affirmando a sua sujeição ao governo da infanta regente e ao direito do irmão imperador e herdeiro. « Bem longe de authorisar directa ou indirectamente quaesquer machinações sediciosas, dizia para Lisboa, declaro, bem pelo contrario, mui positivamente, etc. » terminando por chamar a D. Pedro « legitimo herdeiro e successor, nosso amado irmão e senhor. » (6 de abril) Para o Rio enviava a D. Pedro as suas « inviolaveis e fideis protestações de amor, obediencia e acatamento » a S. M. imperial e real, « em quem unicamente contemplo o legitimo soberano. » (12 de maio. V. Araújo, *Chron.*)

D'estes documentos a que vieram juntar-se os juramentos posteriores, e novas cartas, tiraram muitos a opinião de uma calculada perfidia de D. Miguel, com um pensamento firme de chegar á usurpação da corôa por uma estrada de mentiras e prejuíros. Um tal plano exige porém uma intelligencia que não nos parece ter havido na cabeça de D. Miguel. Inclivamo-nos antes a suppôr que, antes e depois de 1826, o príncipe foi sempre o instrumento inconsciente dos que o guiavam. Sincero sempre, jurando e prejurando, a sua arraigada crença religiosa punha-lhe em paz a consciencia. Bastava a absolvição de um confessor para calar qualquer remorso, para justificar meios mais ou menos dignos, conducentes a fins tão sagrados e eminentes como eram a restauração da supposta ordem divina das cousas em Portugal.

Bronco, violento, brutal, plebeu qual o vimos

em 23,¹ era o genuino typo do filho-segundo de casa fidalga: fadista, marialva, toireiro, supersticioso, beato, nullo como intelligencia, — mas com um tom de nobreza, um velho heroismo ingenito, pervertido pela educação, posto em objectos indignos do sentimento. A historia de D. Miguel rei, sanguinario, cruel, mas não infame; a historia da sua vida no exilio posterior, digna, pura, sem mancha, authorisam-nos, hoje que os odios partidarios se apagaram, a estudar com justa frieza a pessoa do principe.

Era sincero em 26; sincero era tambem ainda Metternich ao minutar as cartas que o infante assignava em abril-maio. Reconhecer a legitimidade de um poder necessariamente ephemero como o de D. Pedro custava-lhe pouco, pois o austriaco não sabia ainda que a CARTA era a condição *sine qua non* da abdicção. D. Miguel ardia por voltar a casa; incitava-o a ambição de reinar? talvez; e de certo o movia a nostalgia. Por dois annos ou mais, andara o vivo rapaz roubado ás suas cavalarias queridas, ás toiradas, aos passeios de Queluz, ás conversas dos picadores, ás saeias, ao céu, ao sol, á luz de Portugal, — elle em cujo sangue parece que a natureza condensara todos os impulsos, todas as qualidades, todos os vicios, todo o encanto, toda a violencia bruta da alma portugueza. Ninguem era mais nosso do que D. Miguel, e por isso foi o ultimo dos que o povo comprehendeu e amou.

Mentir, porque? para que? Se ainda então (abril-maio) a CARTA não surgira como barreira entre o infante e a nação? E' crível que medisse bem as inevitaveis complicações posteriores? como

¹ V. *Historia de Portugal* (3.^a ed.) II, pp. 256-50.

seria forçado a accitar o diploma de legitimo herdeiro que mais tarde lhe offereceram? Não é crível. Metternich em pessoa não o previa. O infante provavelmente pensava que voltaria a Portugal, abraçaria a mãe querida, rodear-se-hia da sua côrte plebêa, e, entre procissões e toiradas, viveria uma existencia alegre, adorado da sua gente, em boa paz com o Deus dos padres, em harmonia com o irmão do Brazil que lhe mandaria a filha quando a idade o consentisse. O austriaco via em tudo uma alta significação e alcance politico. D. Miguel, provavelmente, não attingia considerações d'essa esphera.

Abre-se porém a boceta de Pandora, cujo portador foi Stuart: a CARTA, o liberalismo, a hydra, o medo, o pedreirismo, eram a condição *sine qua non* da abdicção de D. Pedro IV. O rapaz amua colerico: lembra-se de Santarém em 23, lembra-se da *abrilada*; talvez o espectro do marquez de Loulé lhe apparecesse a recordar-lhe essa aventura de *fadista* apostolico. Metternich amuou tambem, despeitado, como quem topa de repente com uma valla atravez da estrada franca. Mestre e discipulo, pensativos, pararam, e começou uma historia nova.

A principio, Metternich, segundo vimos, pensou em cortar o mal pela raiz, dando a mão á Hespanha, convidando a França para supprimir de uma vez o direito de D. Pedro, para supprimir a CARTA n'elle enxertada. Era então que enviava a Lisboa os padres de Liguori; era então que por todos os modos patenteava aos gabinetes europeos os perigos da CARTA, ao mesmo tempo que, sem ferir a

agora incommoda religião da legitimidade, insinuava no espirito do seu pupillo a semente da rebelião. ¹ Um dos padres emissarios levou do Lisboa a Vienna o manifesto de 11 de maio, papel apostolico, defendendo já a legitimidade de D. Miguel; e Ulsemanns, mestre que Metternich dera ao infante, commentava-lh'o favoravelmente. Da bibliotheca imperial vinham para o quarto do infante todos os livros que tratavam das questões de successão da corôa portugueza. D. Miguel convenia-se de que era mais do que um Mestre de Aviz, por não ser bastardo: a sobrinha uma outra Beatrix.

Era uma creança ainda, essa noiva, e o infante sentia, ao que dizem, uma paixão antiga pela princeza Luiza de Baviera, com quem ainda em vida de D. João vi tinha querido casar. Uma forte convicção da sua legitimidade penetrava-o; e d'ahi começava a julgar-se maior, mais importante, vendo-se, além de legitimo, apoiado pela Hespanha, pelo sen Portugal! Acosta, residente hespanhol, era em Vienna o interprete da sua côrte, das infantas portuguezas de Castella e do corpo do nosso exercito ahi internado, de arma ao hombro espectante. Acosta promettia-lhe, garantia-lhe, a corôa de Portugal e a do Brazil, a restauração do antigo reino opulento que a impiedade de 20 destruiu. (Magalhães, *Apont. histor. diplom.*)

Canning, como se sabe, cortou os vãos ás ambições apostolicas, arrastando consigo a França, obrigando a Austria a fingir-se favoravel ao *statu-quo* portuguez. Isto preparou os acontecimentos de

¹ A autobiographia de Metternich, publicada depois da 1.^a edição d'esta obra, e á qual nos referiremos adiante, é um livro onde o author encobriu muitos lados e muitos episodios da sua politica. Estão n'este caso as combinações portuguezas.

outubro. D. Miguel jurou então a CARTA e celebraram-se os sponsaes. (4 e 29) A decisão do governo da infantia, forçado por Saldanha (julho) levava, como vimos, ao juramento da CARTA em Portugal; e isso contrariara não só Metternich, mas também Canning que, não esperando que o reino jurasse, exigiam esse acto prévio para se exigir do infante em Vienna o juramento. Era mais um facto consummado, contra o qual Metternich intrigava (julho-setembro), mas que a Inglaterra, porém, apesar de lamentar, queria manter. Assim, enquanto as potencias, mais ou menos voluntariamente reconheciam a CARTA, Rezende, procurador de D. Pedro, exigia em Vienna que D. Miguel jurasse, agora que a condição prévia estava já satisfeita.

Não havia meio de fugir senão a evasiva de reclamar em nome do art. 92 da CARTA a regencia *de jure* para D. Miguel, inutilizando assim a necessidade do juramento. Rezende, porém, respondia que a abdicção de D. Pedro era condicional e não absoluta; e que, não jurando D. Miguel, D. Maria II não era rainha. (Rezende, *Esboço*.) A attitude da Inglaterra apoiava esta resposta; não havia remedio senão transigir, fingir, esperar; e foi o que Metternich fez, dispondo o juramento da CARTA por D. Miguel e a celebração dos sponsaes do tio e da sobrinha.

Qual era porém a attitude, qual a responsabilidade de D. Miguel n'estes actos? E' dar muito pouco pela habilidade genial do chanceller austriaco, o suppôr que elle revelasse ao infante, rapaz bronco e violento, todo o fundo do seu pensamento, as suas esperanças mais reservadas. De certo o chanceller contava que, apesar do juramento, e por isso mesmo que D. Miguel era *portuguez*, o partido apostolico o havia de escravisar assim que

chegasse ao reino, e não faltariam padres que o absolvessem. Em toda esta questão dos perjúrios, grave para os constitucionaes que já não eram catholicos genuinos, é mistér fazer intervir a doutrina da absolvição dos peccados, se quizermos apreciar com rectidão os caracteres. Allega-se que D. Miguel, jurando, poz em pratica a *reserva-mental*, expediente subtil e casuístico inventado pelos jesuitas; diz-se que protestou, resalvando os direitos eventuaes á corôa e que esse documento foi supprimido ou escondido na chancellaria de Vienna. (V. Saraiva, *Mem. d'une confer.* Londres 1837, cit. por Nello, *Hist. chron.*) «Vi um despacho do príncipe de Metternich, escreve Palmella para Lisboa (15 de dez.), no qual se diz que o infante lhe levava uma carta e papeis que lhe tinham sido enviados com o fim de o convencer dos seus direitos ao throno e da nullidade dos juramentos que fôra forçado a fazer.»

Como quer que seja, o perjúrio é um facto; sem deixar de o ser tambem que a educação catholica, e mais particularmente jesuita, podem conciliar o perjúrio com o character, e até com a virtude. *Sancta, sanctis.* Se D. Miguel fosse um ambicioso sem consciencia, um villão politico, não é verdade que para nada precisava mentir ao juramento de 4 de outubro, proclamando-se absoluto? Pois não teria poder igual, com ou sem a CARTA? Pois o caminho da realza effectiva; pois o effectivo poder, reconhecido por toda a Europa, não era seu? A franqueza, a bravura com que se lançou nos braços da doidece apostolica, provam, não a perversidade, mas sim a nobreza rude, barbara, catholica, meridional, do seu character. A Inglaterra, que de outra fórma o teria defendido, renegou-o por isso. Não precipitemos, porém, a historia.

Metternich batido, afastaram-se do infante as

esperanças vivas do apostolado a que o chamavam d'esse reino glorioso entrevisto nas conversas com Acosta, com o mestre Ulsemanns. As sementes lançadas pelo chanceller no coração do infante tinham germinado; e agora, chanceller, imperador, exigiam d'elle que moderasse as suas ambições, reconhecesse a força das causas, jurasse e esperasse. O rapaz obedeceu, como sempre tinha obedecido: podiam, porém, matar-lhe no peito a esperança? Não podiam; e quando em Portugal rebentou a guerra civil (novembro) elle, impaciente, quiz fugir, correr aonde um dever sagrado o chama. Acosta incita-o, mostra-lhe as cartas das irmans que o reclamam. Os Silveiras estão amados; vem de viagem para Genova Abrantes, para o raptar. E' exigir muito da fraca natureza de um rapaz violento, simples, crente e decidido, o querer que elle hesite. Vienna é uma prisão: exaltado, positivamente declara a Wellesley que partiria para Portugal, fosse como fosse. (Magalhães, *Apont.*) O imperador austriaco é forçado a admoestalo-o; Metternich a prendel-o, impedindo que Abrantes desembarque em Genova. A Austria via-se obrigada a obedecer á politica da Inglaterra. (Gerwinus)

Veiu então a decidida intervenção armada da Inglaterra abafar a revolução apostolica portugueza (janeiro de 27). Era um ducho de fricza conservadora britannica. Não havia mais remedio do que conformar-se com a realidade; todos prégavam juizo, prudencia, e D. Miguel necessariamente aprendia com as licções varias da politica. Esfriou tambem, resignado, e tambem, é provavel, conven-

cido. A realidade do mundo não era compatível com as ambições francas. Caminhar terra-a-terra, prudentemente, era indispensável. Isto lhe dizia Metternich (pensando que nada d'isto viria a succeder), e isto acreditava D. Miguel, convencido, convertido. A entusiastica esperança que o arrebatára era uma loucura; regressava ao seu procedimento correcto, conservador, pratico; aceitava a situação que lhe faziam, disposto a ser um bom rei, defendendo com prudencia o throno e o altar das impiedades maçonicas. Estas successivas phases do estado de espirito do infante explicam, perante os acontecimentos, os seus actos, muito melhor do que a opinião de uma perfidia consummada, constante, incompatível com os acanhados limites da sua intelligencia, com a nobreza da sua vida posterior, e além d'isso pouco frequente na natureza do homem, onde por via de regra o bem e o mal se encontram sempre lado a lado. A historia tem modificado muito a lendaria phisionomia do proprio Nero. Fazer de D. Miguel um *monstro*, só é concedido aos que tiveram muito que soffrer com a crueldade do seu governo: a dôr é má conselheira.

E' n'uma das phases mansas do seu espirito irrequieto que o vemos escrever á infanta regente (19 de outubro) «determinado a manter illezas as leis do reino e as instituições legalmente outorgadas por nosso augusto irmão. . . desejando que erros e culpas passadas sejam entregues a um total esquecimento, e que a concordia e um perfeito espirito de conciliação succeda ás deploraveis agitações. . . » Ainda então a aventura do Marquez de Chaves não tinha vindo acordal-o; e depois d'ella, depois da intervenção ingleza, tornando á quieta esperança de um reinado placido, responde (25 de

fevereiro de 27) congratulando-se com a Camara dos Pares que o felicitava pelo «venturoso enlace.» (V. as cartas em Araujo, *Chron.*) Essas missivas, cujo tom concorda com o das notas officiaes do chanceller austriaco, eram de certo minutadas por elle; e emquanto D. Miguel com sinceridade as assignava, o perspicaz ministro lia na face do infante, onde o abatimento accusava a fraqueza propria dos caracteres violentos e sem intelligencia, quanto os factos haviam de mentir ás promessas; como a Inglaterra havia de ser cudilhada nas suas esperanças; como a violencia do character simples de D. Miguel havia de tornar a fazer d'elle o que fôra em 23 — o instrumento de Carlota-Joaquina, dos Silveiras, dos *apostolicos*, — assim que, ao desembarcar em Portugal, o ar da patria, as solicitações da familia, dos amigos, a seducção de um poder messianico e salvador o arrastassem, seduzindo-o e embriagando-o.

As noticias da guerra civil que em Portugal acclamava D. Miguel tinham chegado ao Rio, d'onde D. Pedro era forçado a governar um reino cuja corôa abdicara sem abdicar. As consequencias da singular situação creada pela dynastia ao paiz começavam a fructificar; e as viagens de principes, pretendentes, herdeiros, regentes, entre Portugal e o Brazil, deviam começar, — mas não começaram com a exigida viagem de D. Miguel para o Rio, nos principios de 27. Os ingenuos conselheiros de D. Pedro, ou elle em pessoa que não era menos ingenuo, esporavam prender assim D. Miguel no Brazil, tirar a cabeça visivel aos partidos anti-liberaes portuguezes. Mas essa cabeça era a exclusiva ga-

rantia que, não só os portuguezes, mas também todas as côrtes da Europa, viam para a solução do nosso problema politico; e a Austria e a Russia, de accordo, recusaram-se a deixar partir o infante que, depois de ter jurado a CARTA, ambas consideravam já regente de facto, considerando também já D. Pedro sem authoridade sobre Portugal. Preenchidas as condições por elle proprio exigidas, a sua abdicção não podia deixar de considerar-se consummada. (Gervinus)

D. Miguel não foi; e a partir d'então começa uma deploravel hesitação, só excedida pela hesitação, pela fraqueza, do governo em Lisboa, oscillando entre a dictadura de Saldanha, fofa ídolo da plebe e da tropa, a molleza senil dos moderados, e as ambições mal soffradas dos futuros ou dos já declaradamente miguelistas.

Os moderados, indifferentes para com a CARTA, discipulos de Canning, idolatrando, implorando a Inglaterra, tinham já Palmella por chefe; e Palmella em Londres, Rezende e Villa-Real em Vienna, viam que a regencia do infante era indispensavel, a sua volta ao reino inevitavel — mas temiam, com motivo, essa solução, e reclamavam garantias. A Austria era o medo, Metternich o susto dos liberaes. «Este gabinete (inglez) não opporá estorvo algum, diz Palmella, á ida immediata do infante para Portugal, antes está disposto a aconselhá-la, contanto que a Austria lhe dê a segurança positiva de que não se procurará destruir arbitrariamente a CARTA.» (C. de 2 de setembro, D. e Corr.) Já a urgencia do caso e a annuencia da Inglaterra tinham levado Palmella a indicar o modo de conciliar o regresso do infante com a conservação do liberalismo. «Para sair d'esta perigosa posição, dizia Palmella (Memor. 19 agosto), ha só dois meios, e já agora

debalde se procurará prescindir de um ou de outro: ou D. Pedro ou D. Miguel hão de ir tomar as rédeas do governo.» A volta de D. Pedro á Europa era impossivel; só restava obter seguranças e garantias de D. Miguel, para evitar o que de outra fórma seria inevitavel: «Elle se apresentará mais cedo ou mais tarde sobre as fronteiras de Portugal, reunirá a si toda a soldadesca e o partido apostolico, entrará em Lisboa sem que o exercito inglez lhe faça opposição, e alli estabelecerá e fará reconhecer a sua authoridade.» Não se vê d'aqui, apesar da *soldadesca*, não se vê que em Portugal era nada o que havia, além do exercito e dos apostolicos? Não se vê que *tudo* seria por D. Miguel? Quer-se prova mais clara da unanimidade da nação, quando a unica esperança estaria no exercito de Clinton? maior prova de frieza liberal da Inglaterra, quando se affirma que esse exercito não impediria o estabelecimento de um governo miguelista?

A Austria, continuava Palmella, aconselha a D. Miguel que não vá ao Brazil, que desobedeça ao irmão, e assuma a regencia: tem direito a ella assim que complete os 25 annos, e o imperador não o reterá mais em Vienna além d'essa epocha. D. Miguel, pois, irá para Portugal. Como? eis ahi o que é mistér resolver para prevenir. E Palmella propunha a solução de nomear D. Miguel regente ou lugar-tenente, não de direito (a CARTA não lh'o dá), mas sim por livre authoridade de D. Pedro e sob garantia das potencias, para defeza da CARTA.

Este plano que Palmella propunha em agosto era a solução que D. Pedro tomára já pelo decreto de 3 de julho, chegado a Londres oito dias depois do *Memorandum* de Palmella, e a Lisboa nos primeiros dias de outubro a bordo do brigue *Camões*.

Que motivos tinham decidido D. Pedro a adoptar essa solução perigosa?

De Lisboa tinham-lhe descripto como desesperado o estado da infanta regente, pondo-a ás portas da morte: que succederia se ella faltasse? (Rezende, *Eclairc.*) Por outro lado, D. Pedro, ao tempo, já nada queria de Portugal e os pedidos (dos liberaes começavam a enfiá-lo, como continuou a succeder até mais tarde, até ao momento em que, forçado a abdicar o Brazil, se achou na posição triste em que veio para a Europa. Por outro lado, finalmente, as potencias e os partidarios da rainha aconselhavam essa solução, não viam outra, nem, com effeito, a havia. Tanta era a força do enthusiasmo *miguelista* em Portugal, que obrigava os proprios inimigos do infante (como Palmella, Rezende, Villa-Real), a considerarem-no a única taboa de salvação.

Rei legitimo na opinião de uns, regente legal na de muitos, lugar-tenente de D. Pedro por nomeação d'este, a volta de D. Miguel a Portugal ia ter lugar sem demora: a força das cousas obrigara á unica solução possível. Ardía então D. Miguel no desejo de voltar, como ambicioso ávido do throno? Parece que não. Palmella escrevia assim de Londres: «Admiro que não parece (o infante) ter muita pressa em ir tomar as redeas do governo, e talvez deixe com algumas saudades o descanso e as diversões de que actualmente goza.» (C. do 14 nov. 27 *inéd.*, em Mello, *Hist. Chron.*) Os diplomatas portuguezes, Palmella, Villa-Real e Rezende, não escondiam porém os seus receios. Exigiam que o infante jurasse outra vez a CARTA e o preito de homenagem a D. Pedro; queriam mais garantias; fixa-

vam o itinerario da viagem, para que o infante não passasse por Hespanha, fornalha apostolica onde podia voltar a incendiar-se-lhe o espirito; punham veto á amnistia dos 5:000 homens da divisão do marquez de Chaves, internados em Hespanha, mas de arma ao hombro, promptos a voltar ao reino exterminar a maçonaria. D. Miguel annue a tudo, manifestando em cartas a D. Pedro, á infanta, ao rei de Inglaterra e ao de Hespanha, o seu sincero empenho de manter o *statu-quo* constitucional. Só em um ponto não cedeu: por fórma alguma viria a Portugal a bordo de um navio estrangeiro; não queria offender assim o patriotismo dos seus, nem ter de córar de uma vergonha: o seu governo seria o governo da nação, e nunca uma lugar-tenencia das potencias. O velho espirito portuguez encarnara com effeito na alma do infante, cuja soberania foi a ultima genuinamente historica.

Metternich, avisando o residente austriaco em Londres da proxima partida de D. Miguel, exprimia-se n'estes termos: «Começou a fallar-me com franqueza e sinceridade da linha de conducta que pensava seguir á sua chegada a Lisboa, e confesso que fiquei surprehendido da rectidão de principios e da sagacidade de vistas que me expoz com calor, precisão e clareza. Não só não duvido de que esteja disposto a manter a CARTA, mas até vejo que reconhece a utilidade e a necessidade de proceder assim.» (*Relations, etc.*)

Necessidade, utilidade, em que sentido? Eis o que o chanceller guardava para si, sem o confessar: no sentido de em breve se reconhecer a urgencia da reacção. A Austria e a Russia queriam abolir docemente a CARTA pelas mãos de D. Miguel; Canning via no principe um meio de a fir-

mar, com dogura tambem, sem revolucionarios que fcrissem o fanatismo portuguez. (Gervinas) Entre estes desejos oppostos, um reservado, patente o outro; entre os desejos das potencias e esse fanatismo portuguez que era, no fim de tudo, a chave do enyigma, estava o infante, de quem por certo o chanceller de Vienna não fazia um confidente; o infante cuja pessoa devemos reconhecer que era e seria um instrumento das influencias dominantes que o cercavam. Em Vienna, Rezende, antes da partida, declara-lhe formalmente que o terá como inimigo se faltar aos compromissos tomados; e D. Miguel, offendido no seu brio e na sua dignidade de principe, morde os beiços, dissimulando mal uma co-lera concentrada. (Rezenda, *Estairc.*) Não seria de certo esta a attitude de quem de caso pensado tivesse planeado a usurpação, em accordos confidenciaes com Metternich.

Este, com effeito, n'uma nota dirigida ao seu imperador, quando a aclamação de D. Miguel era já um facto, expõe claramente o seu pensamento. Sob o ponto de vista da legitimidade, a corôa pertence a D. Maria II e são dignos de condemnação «os esforços e intrigas do partido de D. Miguel e da rainha viuva, sua mãe, para excluir a neta de V. M. da successão do throno de Portugal.» Mas, se as potencias se declarassem franca e abertamente pelos direitos de D. Maria dariam «novo ardor ao partido revolucionario portuguez, pois a rainha é nova de mais para reinar e uma regencia não faria senão complicar a situação difficil de Portugal. São pois necessarias combinações que, nem comprometam os direitos de D. Maria, nem ponham as potencias em contradicção com as suas declarações e procedimento anterior.» Essas combinações consistem, para o chanceller austriaco, em

dividir em dois o throno, metade a D. Miguel com o titulo de rei e os poderes de co-regente, metade a D. Maria cujo reinado effectivo chegaria com a idade nubil. (*Autob. of Pr. Metternich*, ed. ingl. II, 524)

Tal era o pensamento da Austria, nem cartista, nem adepto á theoria pura da lugar-tenencia — expediente de que se lançara mão para conciliar a posição de D. Miguel com os actos antecedentes de D. Pedro.

O proprio Villa Real dizia ter sido sempre de opinião que por fórma alguma o infante devia aceitar a nomeação de lugar-tenente, e que só a urgencia das circumstancias obrigou D. Miguel a tomar o partido que tomou, sem renuncia dos seus direitos: ao contrario, fazendo d'elles reserva expressa. (V. Carta de V. R., em Mello, *hist. chron.*)

Partiu por fim o infante, e em Plymouth esperava-o um navio portuguez. Embarcou. E quem correu para elle a abraçal-o, a acclamal-o? Foi o Rapozo, da Abrilada, o companheiro das aventuras de 24; foram recordações, saudades do sol portuguez ardente de furia, de fanatismo grosseiro; foi todo o pandemonio do Portugal apostolico, antigo, portuguez. A estada em Vienna, os nevoeiros do norte, as fallas desconhecidas, os cortezãos polidos, correctos, sabios de mais, eram tudo como um sonho de que D. Miguel acordava agora, nos braços do seu Rapozo, a bordo de um navio — de um pedaço de patria. Os portuguezes de lá de fóra não eram portuguezes, eram estrangeirados, perdidos: isto sim, o Rapozo! em cuja figura o infante, abraçando-o, via a cohorte dos seus, — os toireiros e os frades ventripotentes, os picadores de Belem, de bota de cano e chicote em punho. Que é do Verissimo? Onde pára o Sedvem? Como está o padre Braga? E punha-se a pensar, a recordar-

se dos annos de atraz, sem comprehender as razões das mudanças das cousas, abalado nas suas decisões, meio convertido á religião portugueza, incommodado por todas as obrigações impias que tomára durante o sonho do seu exilio... Entretanto a fragata velejava na rota de Lisboa.

4. — A VINDA DO MESSIAS

Desde os primeiros dias de outubro que a *Gazeta* publicara o decreto de D. Pedro. Era já fóra de toda a duvida que D. Miguel ia voltar. Fazer o que? Enterrar a CARTA? Os moderados não o criam, confiando nas repetidas confissões terminantes de Vienna. O infante, é verdade, não renegara os feitos de 23-4, mas era de suppôr que lá por fóra aprendesse, que tivesse mudado vendo a Europa. Desconheciam esses quanto é duro e tenaz o temperamento nacional. Muitos principes erraram em moços, accrescentavam outros gravemente, nem D. Pedro é uma excepção á regra; mas os annos educam. E o infante, como em geral succede aos principes, era para uns boçal, nullo, bruto; e para outros dotado de talentos: mostral-os-hia agora! Não se receiava tanto da sinceridade das promessas de D. Miguel, como das intrigas urdidadas pelos sequazes da rainha-mão. (Walton, *Letter*.)

Para esta não havia hesitações nem duvidas. A volta do filho era, afinal, a victoria. Que importavam os juramentos? Sobravam padres para absolver peccados tão santos. Ella e os seus, que eram senão os procuradores do céu? Já não refreavam os impetos da esperança que se tornava uma certeza. D. Carlota dava beija-mão em Queluz; D. Miguel era aclamado nas cavalleriças do paço de Belem. A côrte da infanta, na Ajuda, estava deserta—e muda, como as proclamações insipidas, mortas, que a *Gazeta*

publicava: tudo corria a Queluz, á côrte da vencedora rainha, rica e já victoriosa. Chegava o *homem*, o *menino*, o *avô*: era um Messias salvador! Ninguém duvidava, e a rainha sabia o modo de vencer qualquer escrupulo, de restabelecer o seu antigo imperio no animo do filho querido. A anarchia torpe e beata da velha côrte ia reinar outra vez: D. Carlota não levava a mal que uma das filhas fugisse do paço para ir cair nos braços do mais guapo moço da côrte, o marquez de Loulé, com quem casara. E a anarchia da côrte applaudia a onda já irreprimivel da anarchia das ruas, trahbordando. (Monteiro, *Ibid.*)

Em Braga, em Villa-Viçosa, D. Miguel era acclamado rei absoluto, no meio de vivas, e mourras aos pedreiros-livres e á CARTA. Em Lisboa havia um delirio de esperanças e coleras. Já o Miguelalcaide, á frente do seu bando armado de cacetes, corria as ruas ameaçando e punindo. D. Miguel viria por Hespanha, onde Fernando VII (ou D. Carlos) lhe daria tropas: entraria com ellas, com a divisão do Silveira, pelo Alentejo, n'uma marcha triumphal. Por toda a parte giravam os retratos do infante em papel, em medalhas, em broches e alfinetes, e havia no paço quem o trouxesse em miniatura, já coroado, na pedra de um anel. (D. *Mig.* em *Port. anon.*)

O povo escarneia dos moderados, dos fracos, retratando em cantigas e pasquins a inercia impotente das tropas que deviam salvar a CARTA:

Arceja com estuper
O Zagallo derrotado
Mello batido e cortado
Com licença o Villa-Flôr
.....
Clinton deu marmellada!

O verdadeiro, heroico exercito dos Silveiras, apóstolos do throno e do altar, estava ainda em Hespanha, d'onde enviava proclamações eloquentes a excitar a furia das populações: «A causa do nosso legitimo rei D. Miguel I não succumbe... Soffrei um pouco mais: tambem nós soffremos... Obedecemos á Hespanha, como amigos: o inimigo é esse inglez que nos explora e nos opprime. — A legitimidade, os direitos inauferiveis de D. Miguel: eis a nossa divisa. Quaes são os sacerdotes que hoje choram, entre o vestibulo e o altar, as contaminações de Jerusalem? Ah! elles vivem e folgam com os inimigos do Deus de Israel! Com a imagem do Redemptor na mão esquerda e com a direita empunhando a espada, sêdo o anto-mural da Religião! Cortae a cabeça aos impios Holophernes! Caia por terra o impio e infame mação. — Sacerdotes, a causa é toda vossa... Correi pois ás armas! Deus de Affonso Henriques! vingae no sangue impuro dos malvados as afrontas e violencias!» (ap. Araujo, *Chron.*) E assim por diante, invocando os milagres nacionaes e biblicos, Judith com Esther e a matrona de Aljubarrota; chamando á maçonaria horda de cannibaes e hottentotes; applaudindo as cacetadas, as palmatozadas, os açoites, as chibatadas, que por todo o reino precediam os fusilamentos e as forcas miguelistas; denominando o infante anjo, rei, D. Miguel I! e concluindo por vivas á santa religião, unica e verdadeira!

Sabendo-se que nenhum motivo é capaz de lançar os homens na furia sanguinaria de um modo mais cruel do que o motivo religioso, logo se comprehende a origem do Terror miguelista. O rei era tanto um apóstolo, como Robespierre o fôra, — de uma religião diversa. A differença dos dogmas não faz ao caso: o que importa é a certeza que o ho-

mem suppõe ter da verdade: d'ahi vem uma intolerancia cruel, absoluta, a sanctificação de todos os crimes, o abandono de toda a moral, o delirio de uma loucura illuminada de revelações tintas no sangue quente das victimas.

Tal era a situação a que os episodios anteriormente estudados conduziam afinal a nação. Inuteis os esforços moderados, banidas as esperanças do pensamento novo, desenlaçados por fim os nós da intriga diplomatica, das complicações dynasticas, do imbroglho das pessoas e das ambições mesquinhas, — a questão portugueza desenhava-se de um modo nítido no fim do anno de 27. Era a questão da fome, cujas dores tinham azedado a sociedade; era a questão da fé, cujo ardor incendiava os animos. E como as revoluções nunca rebentam sem o estímulo de uma ferroadada da miseria, veio o Banco, suspendendo os pagamentos (9 de dezembro), pôr fogo ao velho edificio prompto para a queima.

III

O enfermo do occidente

1. — A FOME

E' necessario demorarmos-nos um pouco a travar relações mais intimas com o estado do paiz, — nas vespéras da resolução d'essa crise que, nascida com a invasão franceza e com a separação do Brazil, tomou um caracter politico com o jacobinismo de 20, e attingiu o seu periodo agudo depois da morte de D. João VI. As causas accumuladas appareceram então com franqueza, complicadas com a questão dynastica; e se alguma responsabilidade cabe aos homens insignificantes a quem o governo pertenceu em 26, é necessario reconhecer que a sua hesitação, a sua fraqueza, serviram sem duvida para acirrar os odios, tornando cada vez mais cruel a solução violenta de uma crise que, tímoratos, só pensavam em protrahir.

A situação era, porém, incontestavelmente difficil. Não havia unidade no poder, nem podia haver decisão; porque, acima dos ministros e acima da Regencia, reinava desde a outra banda do Atlantico, do Brazil, D. Pedro. Não melhor das combinações, vinha um decreto imprevisto contradizer, destruir o que se planejara. E' verdade que esses planos valiam pouco, valiam nada. Inspirava-os todos o proposito de conciliar o inconciliavel: um passado

jesuita com um desejado futuro liberal. E conciliar por que meios? Por meios legaes, representativos. Como havia de a nação, deixada a si propria, *representar* cousa diversa d'aquillo que era? Tal foi a chimera das CARTAS que por toda a parte caíram, como devia cair a portugueza, — até que uma revolução e uma dictadura viessem impôr as reformas constitucionaes.

O traço fundamental da sociedade portugueza em 1826 é a sua extrema penuria; e para sair d'essa miseria, os jacobinos de 20 tinham appellado para a liberdade, — contra a nação em peso que, esperando tudo da religião e da monarchia, applaudiu a reacção vencedora em 1823-4. Revestir essa reacção de um character demagogico-apostolico, respondendo á impiedade com o fanatismo, eis o plano que a bonhomia mansa de D. João VI pôde impedir; eis o que, depois da sua morte, Canning desejava evitar, e com elle os homens prudentes, os habeis, e uma parte da burguezia portugueza. Veiu então a CARTA acordar os *principios* esquecidos e oppol-os outra vez aos ardentes principios do sentimento historico, contra o qual não havia força capaz de medir-se.

Juncto-se a isto a provada incapacidade dos homens moderados, a fraqueza do governo de uma mulher, regente que desejava ser (e foi) constitucionalmente imparcial e fiel mandatária do irmão ausente, e ver-se-ha que tudo concorria para tornar inevitavel a victoria decisiva do espirito nacional, personalizado no bello infante idolatrado, guiado pela megera da mãe, com a sua côrte de energúmenos. Grutesca, immunda, beata, plebêa, fradesca, brutal, era a sociedade a que D. Pedro dava uma CARTA, — afim de ella, representada nas suas Côrtes, se negar a si propria, dizer que que-

ria o que não queria, que sentia o que não sentia, que amava o que odiava, — a liberdade maçônica ! Com razão Canning observara que tudo o que o mercurio Stuart trazia do Brazil era excellente, — salvo a CARTA.

Já tentámos retratar a capital do reino quando, afogadas as Côrtes em 23, ficaram nus á vista os genuinos elementos sociais. ¹ Esta Napoles da Hespauha não mudara, não podia ter mudado, em tres ou quatro annos. As suas ruas eram focos de immundicie, decomposta, ou ambulante e viva. Os bandos de frades com o habito gorduroso, de cães roendo os ossos e o lixo amontoado junto ás casas, os corpos de animaes mortos apodrecendo ao sol, os rebanhos de mendigos chagados esmolando, tornavam Lisboa eminentemente propria para «licções poripateticas sobre anatomia morbida.» (Klasey, *Portug.*) De noite corriam em direcção das praias as figuras esguias das pretas com o alto caneco de barro á cabeça, a vasar no rio as sentinas das casas; e o transeante, tropeçando nos monturos, com o olhar fito na luz morticia do lampeão distante, recebia os duches das janellas: Agua vae ! De dia, a essas janellas, adornadas de craveiros e mangericos, viam-se as mulheres mal vestidas catando-se ou namorando: psiu ! psiu ! chamando o aguadeiro, ou a saloia de botas e carapuça, sobre o burro, vendendo as hortaliças. Os gaiatos assobiavam a *Cruel-saudade*, modinha celebre do Vidigal, tocada nos sinos das incontaveis egrejas, nas vespersas de festa; as meninas vinham pôr ao ar o macaco, o papagaio inevitavel de to-

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) II, pp. 258 e segg.

das as casas, com a gracinha habitual: Papagaio real, quem passa? E o passaro respondia as obscenidades ou porcarias deliciosas que faziam vir as lagrimas aos olhos com riso. Os pretos e pretas pullulavam, com a cana e o pincel, na sua praça da rua do Amparo, ou vendendo tremoço, fava-rica com azeite de Santarem. Passavam, correndo, aos grupos, á missa, as mulheres como monos, no seu capote negro escondendo todas as fôrmas, com o lenço de cassa branca espetado como o bico de um passaro virado para as costas; e parando diante dos numerosos santos, de azulejos pintados, collados nas paredes das casas, com uma candeia suspensa, persignavam-se, murmurando resas com devoção. O frade surgia por toda a parte: das vielas mal afamadas, das tabernas frequentadas pelos gallegos sentados nos seus barrís sarapintados de verde e vermelho: saía o frade com a cabeça rapada e nua, nos seus trajos pardos, por baixo da capa em alguns, como nos trinos, o habito e escapulario branco com a cruz azul e encarnada. Era meio-dia: tocavam os sinos das egrejas as *Ave-marias* e todos se descobriam, interrompiam-se as conversas, e resava-se. Quando na rua passava o Viatico, os homens paravam, ajoelhavam, batiam nos peitos; as seges estacavam no seu rodar salitante e rapido; descia o bolicero, de jaleca e botas altas com esporas colossaes de latão, e de joelhos, por entre a gente, passavam os *irmãos* nas suas opas vermelhas, segurando o pallio doirado, sob o qual ia o padro, gravemente, com o vaso das particulas, andando ao toque da campainha funebre, ao som da melopêa do *Bemlito*.

Um curioso traço da Lisboa de então eram as suas ruinas: o rasto do grande terramoto. Ruinas de edificios caidos, ruinas de obras por acabar:

assim era o reino inteiro, assim o governo, assim as instituições. Um terramoto universal assolara tudo; e Portugal era um montão de destroços, onde parasitas immundos, como as heras teimosas nos muros derrocados, vegetavam com uma tenacidade calada, invencível. A Patriarchal jazia por terra em ruínas, e por meio d'ellas levantavam-se os alicerces esboroados do Erario novo, e entre os montões de pedra abandonada matabam-se os porcos para a cidade. S. Francisco ficara por terminar, e sobre as lajes dispersas e já comidas pelo tempo, nos comoros de entulho onde vigava a relva, pastavam cabras no meio do lixo immundo que abi vinha de toda a parte vasar-se, no meio das immundicies de toda a especie, — porque as *obras* eram a sentina dos transeuntes do bairro. Ao lado do monturo ficava a capella, com um monturo de pobres piolhosos sentados a esmo-lar nos degraus, com outro monturo de frades, contratando, á porta, as missas, os enterros, com o monturo final de mortos sob o pavimento da egreja, por cujas fendas saíam exhalações putridas. (Kinsey, *Port.*) Pelos caes, no rio onde os enxames de catraios vermelhos com grandes olhos de peixe aos lados da prôa vogavam a remos, a agitação era grande, altos os gritos chamando os curiosos a Be-lem, á barra. Esperava-se de um momento para outro a chegada do genuino rei de toda esta sociedade burlesca, agora delirante e desesperada com fome.

As hesitações, as duvidas, os receios iam acabar; com o príncipe desejado tornaria a bem-aventurança fradesca e farta das procissões, das cavalgatas, das festas-d'Egreja, e das toiradas.

Fóra os innovadores e estrangeirados! os impios e os maçons que são atheus! os liberaes, phrasistas ôccos a quem foi licito, infelizmente, perverter os espiritos simples com theorias, além de más, tolas. D'ahi viera a perda do Brazil, a miseria universal: «Nem ha a quem se peça um real que estão todos, como lá dizem, ás Portas da Misericordia pedindo para as almas.» (José Daniel, *Ronda do patriot.*) E de quem é a culpa? Da novidade, do liberalismo, essa peste de fóra, estrangeira!

Vejo a razão dos homens confundida
Só fallas empoladas apparecem

.....
Portugal! Portugal! bem não te auguro.
Portugal, ao relógio te comparo
Que de tempos a tempo desconcerta.

(*Ibid.*)

O *Patriotismo*, correndo as ruas e as casas, achava a desordem, a peste por toda a parte; e um vago sentimento do caracter organico da crise transparece:

A epocha é de enygmas que atormentam!

O mais immediato de todos esses enygmas, era o Thesouro, — coruucopia abundante d'onde vivia o Portugal que não vivia das csmolas da corôa e dos conventos. O Thesouro estava inteiramente vazio. Em março (27) tentara-se um emprestimo de 4:000 contos, e nem a quarta parte entrara. Nas tristes, somnolentas camaras, no principio de 28, o ministro deu conta do estado das cousas. Devia-se, além de 20:402 contos com juro e que custavam ao anno 1:851, quasi outro tanto (18:698 c.) de atrazados por pagar: um terço (6:000) era o papel-moeda;

outro (6:490) tudo o que se apurara dever-se em dezembro de 26; o terceiro finalmente (6:208) eram letras e contas vencidas, eram as pensões de cinco annos, os juros de padrões em quatro annos, os ordenados, soldos, pretos, mais ou menos atrasados, de 27.—As contas d'este anno de miseria mostravam um alcance (4:844 contos) de quasi metade da despeza total (9:979 c.): o rendimento do thesouro fôra de 5:135 contos apenas. Já para o anno de 28 a perspectiva não era melhor: orçava-se uma differença egual á do anno anterior. ¹

Podia haver argumento mais eloquente contra a efficacia das cousas novas, embora moderadas? De que valiam, a CARTA e as camaras, e as formulas, e as *fallas empoladas*, se, em verdadeiro resultado, ninguem cobrava um real, e a ruina era já um facto, não uma previsão? E' facto que os jacobinos, os *vinistas*, diziam onde estava a solução: acabar com os frades e tomar posse do que elles tinham. Mas essa solução, por ser revolucionaria e impia, nem convinha aos moderados, nem a Canning que puzera em Portugal os soldados in-

¹ V. o *Relatório e contas* apresentado pelo ministro, M. A. do Carvalho, na sessão de 1828. O orçamento para este anno é:

RECEITA		DESPEZA	
Impostos directos.....	1:939	Lista civil e camaras.....	629
Alfandegas.....	5:060	Mba. do Reino.....	557
Bens nacionaes o diversos.....	157	» da Justiça.....	248
Pela junta dos juros.....	1:061	» » Fazenda.....	2:488
Impostos directos.....	539	» » Guerra.....	5:710
» indirectos... 414		» » Marinha.....	1:848
Bens nacionaes.....	108	» » Estrangeiros.....	496
Recetta das colonias.....	2:600	Junta dos juros.....	943
» de diversas repartições.....	1:925	Colonias.....	1:534
Deficit.....	4:920	Diversas.....	1:409
contos....	15:392	contos....	15:802

glezes, não só para impedir que a Hespanha apostolice nos invadissem, como também para impedir que fossemos outra vez cair na *anarchia das revoluções*.

2. — OS PARTIDOS

Corria-se, realmente, esse risco, pois apesar das declarações em contrario, todos viam na CARTA uma resurreição disfarçada de 20; e todos viam no irrequicto Saldanha um ambicioso em volta do qual se agrupavam os vencidos de 23, e toda a coorte de novos apóstolos das opiniões jacobinas. O governo da infanta debatera-se contra esta tendência, e só pudera repellir Saldanha e o seu partido entregando-se nas mãos do bispo de Vizeu e do partido diametralmente opposto, que esperava um pretexto apenas para acabar de uma vez com a singular extravagancia da CARTA.

A má vontade era geral. Na proclamação com que a Regencia annunciava o *dom* de D. Pedro, (sp. Araujo, Chron.) manifestava-se uma fricza singular, e só se tinha em vista fazer sentir que entre a CARTA e a CONSTITUIÇÃO de 20 havia um abysmo, — toda a differença que vae da revolução á legalidade, da soberania nacional aos direitos magestáticos. Era inutil, porém: ninguem se illudia; o texto da CARTA não permittia duvidas: era a revolução de cima para baixo! Não tendo sido possível evitala, tratava-se, portanto, de a tornar anodina e nulla. Nas eleições empregavam-se todos os meios para afastar os *unitistas*; ao mesmo tempo que se convidava o antigo próconsul Beresford para tornar a Portugal, a oppôr no exercito a sua preponderancia á crescente influencia de Saldanha. O ministro Trigo, author dos regulamentos parlamentares e elei-

toraes, tinha a peito embaraçar tudo e impunha aos deputados um rotulo monarchico: o laço azul-encarnado. A imprensa vergava sob o peso da censura. E, por outro lado, as resistencias abertas, decididas, não encontravam castigo. O marquez de Lavradio não quiz jurar a CARTA, mas nem por isso deixou de continuar a ser o que era: titular, veador do paço, e alferes. Montalegre, um dos generaes da divisão apostolica internada em Hespanha, continuava a receber as rendas da sua communenda. Borges-Carneiro, deputado, dizia na camara, durante o mez de fevereiro de 27 quando a guerra-civil ardia, que era uma inaudita ignominia o que passava, e indecorosa a connivencia, a moderação de que se usava com os rebeldes. — Que outra coisa podia ser, quando, na recomposição do gabinete (dezembro, 26) pela saída de Saldanha, todos os elementos reaccionarios, com o bispo de Vizeu á frente, entravam no ministerio? «E' preciso amalgamar de novo a familia portugueza,» dizia na camara o conde da Taipa; e em vez d'isso a seisão inevitavel accentuava-se cada vez mais, pela força das cousas, pela deploravel fraqueza dos homens. Em abril, os emigrados de Hespanha rejeitavam a amnistia que o governo, em cujo seio havia os dois partidos, lhe enviara.

Foi n'esse mez que se deu nova mudança em sentido liberal. Saldanha voltou ao governo. Porque? Nem vale a pena saber: porque o poder andava aos tombos, á mercê das intrigas e dos conflictos do acaso. Saldanha entrou n'um dia (28) e no seguinte pronunciou-se a guarnição de Elvas. Assim como havia dois partidos, jacobino e aposto-

lico, assim havia dois exercitos, o de Saldanha e o dos Silveiras. Saldanha entrou em abril, o bispo de Vizeu tornou a entrar em junho (8). A anarchia do gabinete representava bem, *constitucionalmente*, a anarchia das classes directoras, dos homens *graves e respeitaveis*. Era um cháos de intrigas, e a pobre infanta chorava os males da sua vida. A excellente senhora pedia a todos moderação e paz, e da sua parte fazia o que era possível fazer - em dezembro mandara as suas jóias ao banco, para vêr se evitava a suspensão dos pagamentos. Collocada entre os dois irmãos, mais ou menos já declarados chefes dos dois partidos inconciliaveis, a infanta, bondosa e recta, buscava debalde a paz no caminho de uma legalidade impraticavel. A CARTA era apenas o pretexto para os trinados com que as cauto-ras em S. Carlos executavam o hymno (outro *dom* de D. Pedro e sua composição) perante a platêa, onde melancolica e triste a sociedade portugueza sentia os espinhos dos odios e divisões cruas que já roíam as familias. (Kinsley, *Port.*) Contra Saldanha no ministerio, intrigava Palmella em Londres, effizamente servido pelo residente de Lisboa, A'Court, *tory* conhecido. A rivalidade dos dois futuros duques, a antipathia, os odios, a intriga que acompanharam a historia da dictadura liberal, subordinando-a aos caprichos da vaidade dos que ambos queriam dirigir o movimento, começam agora. *Clinton dera marmellada*, dizia o povo nos seus pasquins: isto é, a politica ingleza, sem se decidir pela CARTA com medo da revolução, nem pela RÉ com medo do fanatismo, era mais um nó inutil na confusão portugueza; e A'Court, herege para os apostolicos, *inglez* para os patriotas, era o *cozeiro* da CARTA para os liberaes. Renegado por todos, as suas tropas de nada serviam.

E sem a intervenção da gente de fóra era provavelmente impossivel manter a ordem. Formigavara como enxames as revoltas; desertavam para Hespanha regimentos em massa; havia uma insubordinação geral no exercito e guerrilhas por todos os campos. Motins successivos acclamavam D. Miguel. As populações agitavam-se prenunciando a explosão proxima. Todos os dias o governo repetia as ordens contra os tumultos — prova de que ninguem se importava com ellas. No seio da anarchia e da fraqueza do governo, nasciam as instituições espontaneas, e uma policia demagogica devassando por toda a parte, punindo os suspeitos de maçonismo. Em Lisboa não saía á rua uma banda tocando o hymno constitucional que não fosse apupada, apedrejada, obrigada a calar. Havia uma espionagem universal insinuando-se no seio de todas as familias: abriam-se as cartas, apprehendiam-se as malas do correio; e depois iam os esbirros, de vara ou palmatoria, pelas casas, castigar ao vivo os remissos, ou culpados. E com isto o governo — oh santa simplicidade! — ordenava aos bispos que ordenassem aos padres que explicassem dos pulpitos a constituição e suas bellezas! (ap. Araujo, *Chron.*) Os inglezes (Kinsey, *Port.*) explicavam Portugal pela Turquia, achando uma singular, *striking*, semelhança: « pouco ou nada se pôde esperar de qualquer tentativa para introduzir a civilisação entre os turcos. »

Com effeito, a educação de tres seculos tiuha feito de Portugal um povo fanatico, violento, apathico, intrigante, vil e fraco, á maneira dos povos do Oriente. A comparação, talvez humoristica, e rari-gorosamente verdadeira. A uma demagogia illuminada, ou apostolica, de um catholicismo semelhante ás loucuras religiosas orientaes; a classes-directo-

ras compostas de aventureiros sem nobreza, de parasitas beatos e idiotas; a uma burguezia nulla, a uma aristocracia senil, a um clero tornado em casta proprietaria, e a uma plebe miseravel, cretinizada, fanatica, mendiga, — junte-se a violencia tenaz e a furia surda do temperamento portuguez, tão semelhante ao turco, e deve reconhecer-se que a comparação é lucida.

Por um cutro dos successivos *tombos* do governo, Saldanha, renegado pelos moderados e odiado pelos absolutistas, foi expulso do governo em julho (23). Apenas restava á sua irrequieta ambição de soldado aventureiro appellar para o campo. Só lhe restava oppôr, á demagogia da fé, a demagogia da impiedade; erguer, perante a revolução reaccionaria, a revolução jacobina; dar a mão aos *puro-vintistas*, á soberania nacional e á Republica. Fez-o, ou quasi, com a sua temeridade constante; e negou-o com a sua tambem constante fraqueza. Povo, balfo, sem consistencia nem idéas, era já e foi sempre uma creatura singular que só a educação, a estirpe, explicam. Fidalgo e catholico, mas filho-segundo e pobre, prendia-se ao Portugal historico, passando comtudo da vida antiga, para uma existencia nova e diversa aprendida no campo. As marchas e batalhas saciaram-lhe o ardor, que de outra fórma se vasaria nas touradas e cavallarias tradicionaes dos filho-segundos que preferiam o *seculo* ao claustro. Pobre e perdulario, a anarchia que alimenta os audazes convinha-lhe; e nas guerras por essa Europa, pela America distante, aprendera o vocabulario das idéas novas, — mas só o vocabulario. No sangue era um abso-

lutista de raça, com o génio de um antigo barão da Idade-media. Vaidoso, turbulento, cioso de mandar, sem plano, sem politica, era no seculo XIX um bailio de opera, constellado de commendas, emplumado, cheio de galões doirados. Tinha com isto uma bravura incontestavel e os dotes de um *condottiere*, qualidades apreciaveis, adoraveis, para o peuninsular descendente de bandidos. Tinha a mais uma presença nobre, *sympathica*, um encanto seductor no aspecto, e era naturalmente lhano, franco, dadio. Com todos estes dotes, se tivesse uma ponta de génio, teria sido um Napoleão portuguez, um general-rei. Mas por dentro era estopa que ardia ao sopro da ambição banal, para cair logo, apagada, na pasta de uma molleza vulgar. Sentia as necessidades de um dinheiro que as plebes não têm, mas de que os reis dispõem; sentia um certo nojo pelos rotos das ruas que o aclamavam; e no momento em que só faltava chegar ao altar e apoderar-se do óleo sagrado da victoria, acordava um velho escrúpulo catholico: presentia um sacrilegio para além das palavras sonoras, e fugia, renegava, escondia-se, atraçoava.

Retocando agora o seu retrato, não carecemos repetir como emigrou para Londres — sonhar com o iberismo.

Nas *Archotadas* de julho (24-7) com que Lisboa respondeu á expulsão de Saldanha do governo viu-se a fraqueza do heroe; e no decurso da nossa historia veremos succeder sempre o mesmo, á maneira que tivermos de ir acompanhando os momentos da vida d'esse homem sem duvida eminente na historia do liberalismo portuguez. O Porto respondeu a Lis-

boa (28-30). Eram bandos perdidos da plebe das cidades acclamando a Republica! o nosso primeiro consul electivo! (*Arquivo, Chron.*) Esse primeiro consul escondeu-se, fugiu, e lavou as mãos como Pilatos. D'esta inconsistencia de proceder, vinha-lhe o ser afinal renegado por todos. Villa-flôr, fiel á moderação, general de Palmella que era a cabeça e o chefe, caiu com as tropas sobre a turba, gritando: Soldados! carreguem esta canalha! — E carregaram e acutilaram os acclamadores do Napoleão de barro. (*Sines, Bogr. de Harroto Fein*)

As *Archotadas* vieram dividir a pequena familia liberal em duas fracções que já de longe se divisavam: palmellistas e saldanhistas, ou liberaes moderados e monarchicos, e democratas mais ou menos radicacs. Saldanha saíra do ministerio porque a infantia, entregue aos primeiros, fugira para as Caldas, a fim de não assignar a nomeação dos militares seus com que Saldanha queria fazer o seu exercito. E d'esta seisão formal dos liberaes tiravam os absolutistas, com razão, argumentos, e, com astucia, armas em favor proprio. Durante os tumultos, mais de um clerigo, de habito arregaçado, bengala em punho, perorava, excitando a plebe, fomentando a desordem com que se havia de condemnar o *systema*. (*Apont. da vida, etc.*)

E as camaras? E a *representação nacional*, — que se queria que *representasse* contra si propria, e destruísse a nação d'onde saía? As camaras eram o que podiam ser: coisa nenhuma — um emplasto constitucional. A sessão de 27 (janeiro-março) nada fizera; a de 28 abria-se em janeiro á espera de D. Miguel, já regente, já em Inglaterra e de viagem para casa. Borges-Carneiro previa o futuro contando com as perseguições e com a queda imminente da CARTA, — *pis-aller* que o velho jacobino

de 20 acceitara, — e dizia-o abertamente na tribuna. Já nos processos das *Archotudas* se vira o prologo das devassas futuras; já o porta-voz José Agostinho annunciava o juizo-final proximo, denunciando as victimas antes que os juizes o fizessem, antes que as testemunhas as crimassem. A morte da CARTA navegava com effeito de Plymouth para Lisboa nos abraços que, a bordo, o Raposo e D. Miguel trocavam, lembrando os casos antigos, as aventuras da *Abrilada*, horrorisados com a audacia presente dos pedreiros-livres liberaes! As lições repetidas preparavam o animo do principe; mas os de Hespanha, depois de terem os seus protestos de Vienna, hesitavam, chegando a duvidar, e, nas proclamações que mandavam para Lisboa, punham agora: « Viva D. Miguel ! . . se o merecer. »

Havia de merecel-o; as duvidas não tinham fundamento. Se ainda houvesse alguns escrupulos, a mãe saberia vencel-os. Condemnada estava a CARTA, e sobre tudo por inopia; mas como as guerras religiosas têm invariavelmente no fundo um systema de causas sociacs, é mistér que as estudemos antes de assistir á supressão do *dom* do brasileiro.

3. — AS CLASSES

Tristo é dizel-o, mas o facto é um symptoma grave e caracteristico. Salvo o esboço apaixonado e rapido de Hereulano (*Mousinho da Silveira*), não ha em portuguez uma pagina digna de credito para estudar este lado da nossa historia contemporanea. E' ao lord Porchester e ao seu Ensaio, lucido, imparcial (*Last days of the portuguese constil.*) que devemos um quadro da situação das classes, da complicação dos interesses, do systema de elementos sociacs que condemnavam á morte a CARTA de D. Pedro.

As duas classes em que a aristocracia portugueza estava constituída de facto — a grande e a pequena nobreza — encaravam com olhos bem diversos a innovação. Em ambas, em todos, primava o receio de verem repetir-se os casos de 1821, e o paiz lançado aos azares de uma revolução; porque, apesar das insistencias com que o governo negava a identidade dos dois codigos, havia lucidez sufficiente para vêr que a CARTA vinha inspirada pelos mesmos princípios liberaes de 1820, e só differia da CONSTITUIÇÃO na origem d'onde nascêra. Mas D. Pedro, redigindo a CARTA, considerava a aristocracia um *poder* do Estado, e a existencia de uma camara de pares tornava politicamente diversa a nova structura das instituições representativas da nação. Os grandes do reino eram assim privilegiados com direitos especiaes; mas a Grandeza, na sua maxima parte, além de ser movida por motivos religiosos, perdera havia muito a intelligencia politica: era um bando de cõrtezaõs que vivia á mercê das *graças da corõa*. Ausentes das suas grandes propriedades ruracs que definhavam exploradas por rendeiros e feitores, os nobres vergavam sob o peso de encargos hypothecarios, e a usura acabava de extinguir o resto de hombridade que poderia restar-lhes no meio de uma cõrte servil. Por isto a influencia real dos nobres sobre as populações era mais apparente do que real; provinha mais do prestigio ligado aos grandes nomes historicos, do que de uma intervenção protectora ou directora que exercessem sobre os campos. Não eram pois o elemento social mais poderoso; e se em geral o receio de verem diminuida a sua influencia na cõrte, o receio ainda maior de virem a perder o usufructo das suas commendas e outras fontes de rendimento provenientes de direitos senhoriaes historicos, os levava a incli-

nar para a reacção, — é facto que entre elles se contavam alguns a quem a instituição do pariato parecia uma garantia sufficiente, e que por isso não desadoravam a CARTA. A opposição, porém, dos inimigos d'ella n'esta classe não era o seu maior perigo, porque a força d'essa alta aristocracia era mais apparente do que real.

Ao lado da *grandeza* nacional havia a pequena nobreza. Além dos duques, marquezes, condes, incluídos com raras excepções na camara dos pares, ficavam os viscondes, os barões, os morgados, a quem a CARTA apenas dava o direito de elegiveis para a camara dos deputados. Todas as causas de dissidencia se repetiam para com elles, sem haver em seu favor a mitigação do novo direito legislativo patricio. E eram elles, ao contrario dos grandes do reino, uma das molas reacs da vida social portugueza. Viviam nos campos, lavravam as propriedades, estavam em contacto intimo com as populações, cuja vida e sentimentos partilhavam, dirigindo-as. A sua hostilidade á CARTA era fundada e gravissima. Além de ameaçados de perderem parte da sua riqueza, como os grandes; além de feridos na sua consciencia religiosa e monarchica, a nova ordem de cousas feria-lhes o orgulho e atacava-lhes a influencia. Por um lado, estabelecia contra elles e a favor da alta nobreza uma linha divisoria que os humilhava; por outro lado, collocava-os na dura necessidade de concorrer com a burguezia letrada, com os proprietarios plebeus, em egualdade de circumstancias, na disputa dos votos populares, — se quizessem manter no novo regime a influencia de que gozavam no antigo. De-

sertaram pois em massa, protestando contra a CARTA; e este facto por si só bastava para a condemnar á morte. O parlamento composto, n'uma camara, de cortezãos, na outra, de homens em quem não residia a influencia real sobre as populações, estava condemnado á inercia e á impotencia em que de facto vivia.

Muitas d'estas causas de ruina eram de certo inevitaveis e inherentes á propria natureza do regime novo; mas a causa mais geral que levava a grande e a pequena nobreza a hostilisa-lo não fôra attendida, nem resolvida pela CARTA — e podia tel-o sido. Essa causa era a questão dos bens da corôa, commendas e direitos senhoriaes, que Mousinho veio a abolir, e sobre a qual a CARTA nem uma palavra proferia. Abolir a natureza *feodal* dos bens da corôa; tornar propriedades communs os beneficios usufruidos vitaliciamente pela nobreza, e revogaveis por direito; garantir assim juridicamente a permanencia da detenção d'esses bens que formavam o melhor de muitas riquezas fidalgas, teria sido ligar á CARTA, por um vinculo de interesse positivo, a aristocracia inteira que desde logo veria no novo codigo o titulo legitimo de uma propriedade, até então usufructo apenas e mercê revogavel. Esta garantia permittiria aos nobres o conformarem-se com a abolição de muitos servicos feudaes, abolição urgente e que tornaria popular a CARTA, permittindo tambem effectuar uma distribuição mais equitativa dos bens-da-corôa. Havia tres casas nobres, uma das quaes fruia o rendimento de 33, outra de 31, outra de 25 commendas. — Em vez d'isto, a mudez da CARTA ácerca d'esta questão, vital para uma classe inteira, fazia com que toda a nobreza receiasse com fundamento uma espoliação decretada pelos deputados não-nobres; fazia com que os

nobres não-pares renegassem o novo regime, e os pares conservassem uma frieza e um desdém permanentes para com a segunda camara. D'ahi nascia em grande parte a esterilidade das côrtes, — porque das muitas leis votadas pelos deputados, raras obtiveram a sanção dos pares.

Em tal estado, os elementos da crise avultavam todos os dias; e cada vez mais se tornava inevitável a solução violenta que a exaltação religiosa reclamava, e que a ausencia de tino dos politicos não sabia acalmar actuando sobre os elementos economicos. O rebentar da crise veio achar as câmaras reunidas, (sessão de janeiro-março de 28) mas sem um corpo de leis constitucionaes. As authoridades civis não podiam ser punidas pelas infracções dos fóros individuaes, por não haver castigo para taes delictos. A propria lei eleitoral andava incompleta, indeterminada, e por isso impunemente ferida. A CARTA era, de facto, menos um codigo de governo, do que uma exposição de certas instituições pelas quaes a nação havia de vir a ser regida. Era uma exposição de principios, um cathecismo, o esqueleto de um corpo a que faltava a musculatura. Era o esboço de um desenho (Forchester) ou um mappa-mudo onde havia a pôr os nomes das cidades e rios. A incapacidade estadista de D. Pedro e dos seus conselheiros brazileiros, as preocupações theoricas, doutrinarias, abstractas, dos discipulos do frio e secco Bentham, a hostilidade declarada dos interesses feridos, e sobretudo o escrupulo religioso do espirito catholico portuguez, concorreriam efficazmente para condemnar o *dom* de D. Pedro.

O órgão da funcção predominante, a voz d'essa hostilidade intima dos espiritos, era naturalmente o clero.

A revolução de 20, que tinha declarado a guerra religiosa, descarregara golpes violentos sobre esse inimigo abertamente denunciado. Reduzil-o pela fome tinha sido o plano seguido pelos jacobinos. E' verdade que, depois da reacção de 23, os impostos espoliadores tinham sido abolidos, e restaurados os direitos senhoriaes extintetos pelas côrtes; mas a esses impostos tinham succedido contribuições onerosas, e os direitos feodaes rendiam apenas metade, porque o povo costumara-se a deixar de os pagar. Não era porém já a consideravel reduccão das rendas o que o clero regular temia: era uma expropriação total — pensamento das côrtes de 20, mal encoberto sob a fórma de impostos. Os frades tinham pago durante a invasão franceza, sem se queixarem, impostos mais pesados do que nunca; mas, desde 20, as imposições tinham um caracter de guerra declarada, contra a qual, naturalmente, se defendiam. Em 1821 não eram só expropriados: eram atacados na origem dos seus direitos como proprietarios, eram vilipendiados como instituição, diffamados como caracteres. Vergavam sob o peso de um imposto progressivo que attingia dez por cento nas rendas de até mil cruzados, trinta nas de até tres mil, cincoenta nas de cinco mil, — e metade, por fim, nas de dez mil e superiores. Juntando a isto os confiscos e outras medidas, avaliava-se em metade do total o valor da propriedade conventual effectivamente expropriado em 1821 (Porchester); e na mente das côrtes havia o proposito decidido da expropriação completa.

Melhorada a sorte dos frades pela reacção de 23, restaurada a sua influencia, rehabilitados os seus

direitos e defendida a sua reputação por um poder favoravel, os frades temiam agora na CARTA e no seu espirito a restauração da crise de 1821. E temiam com fundamento: nem era mistér grande saber, nem perspicacia, para reconhecer que o novo regime lhes era constitucionalmente hostil. A CARTA não se limitava a excluí-los da camara: negava-lhes o direito de voto, a elles, a corporação mais numerosa, mais influente de todo o reino; e apesar d'isso ainda se affirmava o proposito de *representar* genuinamente a nação, e proceder conservadora e não revolucionariamente; ainda se teimava em dizer que CARTA e CONSTITUIÇÃO eram cousas diversas, quando o espirito gerador era o mesmo em ambas, e só differentes as origens e certas formas constitucionaes. As declarações encobriam mal a verdade; a CARTA era uma bandeira de guerra, um programma revolucionario, que na sua miopia os fracos estadistas pretendiam e esperavam que os lesados applaudissem, defendessem, accitassem sem resistencia. Ao facto de uma guerra não declarada, respondeu o clero com uma formal declaração hostil.

Supprimir abertamente as ordens religiosas, nem 1820 o pudera fazer, — quanto mais o regime tímido da CARTA, conciliador nos desejos, legal, conservador! Seria mistér que todas as indecisões de agora se resumissem n'um duello decidido e mortal, para que a extincção dos conventos se tornasse possível. Agora ainda o não era, — nem conveniente para a economia da nação, encaradas as suas questões de um modo frio, critico, politico e não theorico, ou apaixonado. A suppressão dos conventos ricos, dizia Porchester, seria gravemente prejudicial aos interesses do paiz nas suas condições actuaes; esses conventos possuem capital, cultivam e fomen-

tam propriedades que são admiravelmente bem regidas e se destacam nos campos, como oasis no meio da desolação geral. Os frades constituem uma rica burguezia rural e dão trabalho ás populações de lavradores. Portugal, conclue o lord, careceria adquirir habitos bem diversos dos que tem, antes que a politica podesse aconselhar a suppressão dos conventos proprietarios e agricultores. — Outrotanto não succedia, porém, com as ordens mendicantes que deveriam ser extinctas, salvando os direitos actuaes: são um enxame de parasitas sem rendimento, e vivem de uma multidão de doações ou esmolas, obtidas, na maior parte, das classes trabalhadoras sobre cuja produção lançam um pesado imposto.

Essas ordens mendicantes, porém, essa plebe da fradaria, eram o nucleo consistente e o exercito da religião. Eram ellas quem vivia em contacto intimo com o povo, fraternizando com elle em toda a parte, inspirando, traduzindo, o seu fanatismo catholico, a sua religião barbara, a sua superstição grosseira, os seus gostos depravados. Inuteis, sob um ponto de vista economico, eram mais do que uteis, eram indispensaveis á vida moral do povo; e assim, ao passo que seria facil ao politico, mas prejudicial para economia nacional, a suppressão das ordens proprietarias, a das ordens mendicantes, urgente para a economia, era impraticavel. Não havia na sociedade força a que o estadista pudesse apoiar-se, para varrer do corpo social imundo esse enxame de parasitas.

O clero secular não era tão unanime, como o regular, na sua hostilidade a uma CARTA que lhe não apparecia declaradamente adversa, nem lhe cerrava as portas da representação nacional. Emquanto, porém, os altos dignatarios da Igreja partilhavam em

geral os sentimentos hostis das classes directoras, a arraya-miuda de abbades, parochos, reitores e curas, servos-da-gleba ecclesiastica, esperava em grande parte melhorar de sorte com o novo regimé. Tanto isto assim era, que em 28, nas prisões de Lamego, diz-se ter chegado a haver trezentos sacerdotes. Com effeito, a opulencia dos principes da Egreja provinha da nudez miseravel em que viviam os pastores d'almas, *apresentados* pelos primeiros e reduzidos ao salario minimo indispensavel para não morrer á fome. Eram os servos dos conventos e dos prelados, os quaes embolsavam o producto de dizimos creados para subsidiar o culto, e já desde muito applicados para engordar os *senhores* da Egreja. (*Recentano, Mousinho*)

Viram, porém, esses servos ecclesiasticos que as vagas esperanças postas na CARTA, apesar de ella ser muda a seu respeito, se dissipavam; que as camaras nada faziam, e tudo continuava como de antes. Por outro lado, comprehendiam que a imprensa livre, os debates, a publicidade do novo regimé, trariam consigo uma diminuição da influencia exclusiva até então exereida pelo confessorario e pelo pulpito sobre o espirito das populações. Viam que essa nova influencia as guiaria n'uma direcção diametralmente opposta á antiga, e que isso, esfriando o ardor crente, diminuiria o rendimento das missas, empobrecendo-os ainda mais. Viam, por fim, (porque, ao lado ou acima dos motivos egoistas, as classes movem-se por motivos ideaes,) que a CARTA era uma revolução, e a revolução uma impiedade; sentiam crescer o ardor do povo assoprado pelo impulso dos frades; como que tinham remorsos da sua tibicza; e este conjuncto de causas lançou-os de braços abertos no partido da reacção.

Por tal fórma se tornou unanime a hostilidade do clero á CARTA.

Quasi unanime era tambem a da magistratura, no seio da qual a reacção mignelista encontrou os seus mais decididos parciaes. A divisão de poderes, principio fundamental da CARTA, cerceava-lhe a influencia e os redditos; além de que, geralmente velhos, os altos magistrados não tinham já força nem vontade para ir aprender uma jurisprudencia nova.

Além d'isso ainda, um cancro antigo roía a magistratura portugueza: era a corrupção universal, exercida por *peitas* mais ou menos rebuçadas. Os juizes-de-fóra, primeiro degrau da hierarchia judiciaria, moviam-se por *presentes* e empenhos, chegando a receber dinheiro em especie (Porechester); e á medida que se subia na escala da graduação, assim se tornava mais subtil a veniaga, sem na essencia mudar o character das cousas. As *salvas-de-prota* entravam na classe dos emolumentos recebidos sem rubor — tanto era o habito entranhado d'essa velha simonia. Vinha de longe a penuria dos desembargadores, a quem a basofia nacional obrigava a uma vida apparatusa, de *representação*. E perante a ruina actual do Thesouro, não tinha, não podia ter este mal o unico remedio efficaz: elevar os salarios dos magistrados.

Ao lado do desembargador é necessario collocar o capitão-mór, entre os que mais decididamente punham a peito destruir o esboço do novo regimo, e restaurar o antigo na sua pureza. A organisação militar portugueza era quasi identica á actual allemán. Todos os homens, entre os 16 e 60 annos, não

alistados no exercito ou nas milicias, constituiam a *ordenança*: o que os allemaens dizem *landsturm*. A totalidade da população rural formava assim parte d'essa terceira-linha, viveiro onde se recrutavam o exercito e as milicias. Em principio, o recrutamento devia ser feito á sorte, mas o governo podia dar ao capitão-mór, chefe local da *ordenança*, o direito de escolher os soldados. Esta faculdade, geralmente concedida, tornava os capitães-móres verdadeiros caciques. A profissão dava tamanho poder, tanta utilidade que, apesar de gratuita, era ardentemente requestada. A' influencia do capitão-mór só a do padre levava vantagem. Os ricos obtinham isempção do serviço á custa de *presentes*; o exercito era recrutado entre os proletarios. A honra das mulheres pagava frequentemente a redempção dos filhos, dos noivos ou dos maridos; e o capitão-mór, com o recrutamento na mão, com outros poderes que a confusão deploravel das instituições lhe confiava, via-se um pequeno rei em cada terra. E' da natureza humana o abusar da authoridade absoluta; e assim, por um capitão-mór protector e pae, havia um cento de tyrannetes: o mesmo succedeu sempre com os monarchas.

O povo portuguez odiava o serviço militar, já por mal pago, já pela falta de pensões e soccorros, já porque a força das cousas, fazendo sempre do reino o theatro das guerras em que o nosso soldado entrava, não lhe proporcionava as occasiões de encelleirar saqueando terras estranhas. D'este concurso de circumstancias se vê qual seria o poder do capitão-mór, e a razão pela qual essa força energica actuava em sentido contrario á CARTA é obvia. Não o é menos, nem era menor do que a dos capitães-móres a aversão que por ella tinham os burguezes ricos, aristocracia mercantil creada á

sombra dos contractos e monopolios com que enriqueciam, engordando os desembargadores e ministros. O tabaco, o sabão, os vinhos-do-Douro, eram pedras angulares do edificio absolutista, que em Coimbra, na Universidade, tinha os doutores da lei.

Por sobre tudo isto lembremo-nos das recentes recordações da anarchia de 1820; lembremo-nos das duras consequencias, universalmente sentidas, da separação do Brazil; ¹ notemos que a revolução jacobina era para o commum responsavel d'essa separação, e que para todos a CARTA trazia uma dupla nodoa de origem - no principio impio e jacobino que a inspirava, e na mão perversa que a escrevera: na mão de D. Pedro que o povo representava traidor ao pae e á nação, ladrão da corôa brasileira.

Era possivel reunir um conjuncto maior de circumstancias adversas ao novo regime? Não era. E a favor d'elle quem se via? Ninguém: assim é mister confessal-o, porque não valem por uma nação uma duzia de próceres despeitados e outra duzia de demagogos estoicos, talvez outra duzia de boas pessoas ingenuas. Só a força ulterior das cousas, o crescer da decomposição interna, os movimentos politicos da Europa e uma serie de acasos imprevisitos puderam tornar esse grupo n'uma opposição que, apesar de dilacerada por divergencias intimas, melhor ou peor se uniu no campo de batalha e conseguiu vencer.

¹ V. *O Brazil e as colonias portuguezas* (2.^a ed.) III, 1.

IV

Fuit homo missus a Deo!

1. — O REI CHEGOU!

Podemos agora, já sufficientemente instruidos sobre o estado dos animos e dos differentes elementos sociaes, assistir ao desembarque do principe que viajava de Plymouth demandando o Tejo. Portugal inteiro esperava d'elle a redempção; uns acreditando na sensatéz das suas confissões e promessas de Vienna, outros confiando em que os quatro annos escassos do exilio não teriam sido capazes de perverter a pureza apostolica do que fôra o braço armado dos defensores do throno e do altar em 23 e em 24. Era para todos um Messias — um milagre de Deus o salvara em Londres de um desabamento do tunnel do Tamisa, quando o fôra visitar! Vinha sagrado e unguido.

Os liberaes contavam que procederia com a mãe, como D. João vi fizera, prendendo-a, punindo-a e aos Silveiras e a todos os rebeldes; mas n'estes era viva a fé em que o infante não juraria mais a CARTA, e annullaria os sponsaes de Vienna, declarando-se então coacto, e acclamando-se, agora livre, rei absoluto. Tão segura tinham esta opinião, que a rainha mudava-se de Queluz para a Ajuda, installando-se no seio da côrte onde readquiriria o seu lugar.

Foi em 22 de fevereiro (1828) que D. Miguel desembarcou. O rio era um lençol de barcos e bandeiras, uma floresta de mastros, com velas brancas como bandos de gaivotas voando nas vésperas do temporal. Havia um entusiasmo decidido, uma aclamação espontânea, um furor desenfreado. Repetiam-se os vivas ao rei absoluto, aos Silveiras, á rainha — sem reboço, na cara dos moderados liberaes, corridos da sua fraqueza, conscios da triste figura que faziam.

Esperava-se que o infante desembarcasse no Terreiro-do-Paço, e o senado da Camara tinha preparado grinaldas e bandeiras; mas o povo todo já corria a Belem, porque se soubera que D. Miguel desembarcaria ali subindo pela calçada direito ao paço, a Ajuda. A *Perola* que o trouxera deitara ferro em frente de Belem, e estavam já a bordo a rainha e as infantas e os ministros, e Clinton o general das tropas inglezas aquarteladas em S. Julião e no Bugio. O desembarque, o trajecto até ao paço foi um triumpho: um trovão de vivas, um desespero de gritos, um dilúvio de flores, bandeiras, colchas, foguetes em girandolas! Gritavam as boccas abertas entre as faces arroxeadas pelo calor, pela fadiga; e as mulas do coche real trotavam nédias subindo a calçada, entre as alas dos archeiros vestidos de vermelho com alabardas. Não era um entusiasmo candido, abraços ingenuos, sorrisos e faces satisfeitas, como quando a burguezia acclamara a constituição dois annos antes em Lisboa e no Porto: era um entusiasmo ardente, insultante, ameaçador. Não havia pombas brancas e laços azues: havia a côr vermelha da força e do sangue, havia uma plebe rugindo uma victoria, o principio de uma desforra. Era o clamor de uma guerra, não a fallaz embriaguez de uma illusão.

As mulas, trotando, subiram e D. Miguel entrou no paço. . .

Succedia então ao infante o que a tantos succedera antes, o que ha de vir a succeder a tantos, sempre, enquanto houver homens. Disseram-lhe: E's o messias, o salvador, o redemptor, MIGUEL, és o archanjo cuja lança esmaga a hydra! Assim, guardadas as proporções, Alexandre começou a desconfiar e acabou por crêr na sua divindade, desde que em Persepolis lh'o disseram. Disseram-lh'o tambem, a D. Miguel, e elle envolvido na nuvem incbriaute do triumpho, restaurado á sua terra, ás suas antigas affeições, violento e simples, servo-ingenuo das impressões, incapaz de as dirigir por um raciocinio frio; elle, o infante, aclamado e unigido por um clamor de vozes, allucinado, como a fera cega pela capa vermelha do toureiro, estacou, tremeu, e converteu-se — decidido a investir com furia, baixando a cabeça, cerrando os olhos, rugindo uma ameaça longa. . .

Vieram logo os pares cumprimental-o, fallando-lhe com as vozes mansas, *moderadas*, da CARTA e do governo, das garantias e dos interesses, na linguagem nova creada pelo dicionario constitucional; e o infante, mudo, de pé, ouvia-os, brincando com os sinetes do relógio que lhe absorviam toda a attenção. Em que pensava? O marquez de Valença dizia depois que, provavelmente, nos meios de os mandar á fava (*Apont. da vida, etc.*); mas é mais provavel que o infante recordasse então as lições recebidas em Vienna do mestre Ulsemans, sobre a legitimidade dos seus direitos e os inaufervéis dos monarchas. Era rei.

A' noute, enquanto mãe e filho no paço apagam saudades e trocavam esperanças, varrendo os escrúpulos, a cidade curuscaute de luzes abandonava-se a um delirio de alegria plebêa. Chegara o tyranno: os demagogos exultavam, as beatas davam graças a N. S., os frades oravam, e a canalha pelas ruas tripudiava solta. Havia *chas* em casa dos desembargadores, lustres accesos em todas as egrejas; mas os quartéis, senão hostis, indifferentes, não se moviam. Havia, porém, nas ruas, a tropa livre, voluntaria, dos bandos armados de cacete: era o do Telles, alferes das milicias, o do Grondona, bilheteiro de S. Carlos, o do Senhor-dos-Paços-d'Argel, e o do José Verissimo, e muitos, muitos mais. (*Spont. etc.*) Cacete em punho, cabeça erguida, os bandos seguiam cantando o *Rei chegou*. -- *Ca-ira* do miguelismo, com variantes livres, pulhas obscenas, -- em que D. Pedro era vilipendiado e D. Maria apodada com epithetos infanantes:

D. Miguel chegando á barra
Deu um grito e um ai,
Perguntando a sua mãe
Pelo seu angusto pae.

Os malhados já estão presos
Com sentinella á vista
A dizerem uns para os outros:
Oh! quem fêra realista!

Quando o rei chegou á barra,
A' barra de Lisboa,
Logo os malhados disseram:
Esta obra não vae boa!

O rei chegou, o rei chegou!
E em Belém desembarcou;
Na barraca não entrou
E o papel não assignou!

Outro acudia :

C'o papel o e... limpon !

Vinham então gritos : « Viva D. Miguel I, rei absoluto ! Viva ! — Morra o *senhor* D. Pedro mais a p... que o pariu ! Morra ! » E assim, venerando e condemnaudo D. Pedro, e chamando meretriz á mãe de D. Miguel, a plebe seguia em ondas, ameaçadora, contente, capaz de todas as loucuras, por estar tomada de uma quente embriaguez collectiva.

Venha cá *senhor* malhado
Metta a mão n'esta gaveta :
Diga — viva D. Miguel !
Senão quebro-lhe a corneta.

O Rei chegou, o rei chegou !
E em Belem desembarcou...

Os *malhados* escondiam-se, fugiam, assustados, murmurando entre os dentes um fim de copla :

E aos coices começou,
Porque palha não achou !

— Veiu *tenente*, fazemol-o *capitão*... Viva D. Miguel I, absoluto ! Viva !

Encontrei hontem o Saldanha
Pela calçada d'Ajuda
Com cangalhas no costado :
— Merca alface repolluda !

O rei chegou, o rei chegou !

E assim por diante, arrastando pela lama das ruas, atraz dos seus cacetes, com a sua voz rouca

e avinhada, todos os cúmplices e réus da impiedade constitucional.

Do Brazil viera a CARTA; do Brazil veio também essa marselheza miguclista, ao som da qual a despedaçaram. Era uma cantiga dos negros, triste melopêa entoada nos caes pelos infelizes que esperavam melhor sorte com a vinda de D. João VI:

Rei chegou . . . rei chegou . . .
Lá no caes desembarcou :
Já a surra se acabou . . .

Em Portugal a *surra* ia principiar agora.

2. — COMO A CONSTITUIÇÃO MORREU

Apesar das afirmações dos energúmenos, D. Miguel não via ainda bem propicia a hora de dar o passo decisivo. A tropa não se movia, e Lamb, que a Inglaterra mandara a acompanhá-lo, não o deixava, espiando-o, precipitar a acção já agora de certo planeada, da restauração do absolutismo. Chegara havia quatro dias, e era indispensavel jurar a CARTA. Porque não? Os fins justificam os meios; e o genio simples do infante não era capaz de resistir ás explicações subtis e theologicas, ainda quando pessoalmente não fosse levado por um movimento espontaneo a caminhar no sentido em que todos o impelliam. No dia 26 jurou a CARTA perante as camaras reunidas em sessão. A infanta entregou-lhe a regencia com um discurso; elle recebeu-a com outro. Dizia-se que do primeiro, redigido por Candido José Xavier, Villa Real riscara estas phrases: « conduzido (D. Miguel) por uma nobre e leal obediên-

cia aos decretos d'elrey, » — e « profunda sabedoria do senhor D. Pedro IV nosso irmão e rei. » Era evidente para todos que se representava uma comedia, a que entretanto D. Miguel se não prestava de boni-grado. (Porchester) Apresentou-se carregado, e o seu rosto formoso não tinha a expressão habitual jocunda. (V. o retrato de Queluz) Necessariamente lhe acudiam remorsos, escrupulos, apesar das resalvas da mãe e dos padres. Ou, se foi verdade o que se disse, ao seu character nobre repugnavam os sordidos expedientes a que tinha sido necessario recorrer. Com effeito, corriam versões unanimes no sentido de negar ou de tirar o valor ao juramento — prova de quanto o acto era já uma formula van para a opinião de todos. Uns affirmavam que o duque de Cadaval encobrira o infante á vista da camara, e que elle não jurara, fingira apenas (Porchester); outros diziam que, em vez dos Evangelhos, estava sobre a meza o *Poema dos Burros* de José Agostinho, ricamente encadernado *ad hoc*. (Silva Mata, *Mem. histor.*) Os miguelistas riam abertamente da *peça* pregada aos malhados; e o barbeiro do infante, seu confidente, mais tarde feito conde de Queluz, ao ensaboar-lhe na manha seguinte a cara, ter-lhe-hia dito respeitosaente: « Ninguem melhor que V. M. sabe fingir. » (Ibid.)

Todos já o tratavam como rei, e elle deixava.

Ainda que o não deixasse, porém, já não poderia fazer parar a onda que o arrastava acclamando-o; e esses gritos soavam-lhe aos ouvidos como o clamor unanime da nação. Eram-no? Eram. Toda a nação, mais ou menos ardentemente, desejava vêr

terminado o *internezzo* da CARTA, e no throno, em vez de um papel, um homem; mas era só uma parte minima a que via ligado a este facto a necessidade de um governo terrivel, apostolico, á maneira do que prégavam e pediam os energumenos do sequito da rainha. Nas revoluções, porém, dominam sempre as minorias extremas; a fatalidade arrasta e, com a dureza das condições, cresce o furor dos que se defendem. Esta circumstancia, as influencias palacianas dirigidas pela rainha, a disposição dos espiritos e a falta de intelligencia pessoal em D. Miguel: eis o conjuncto de causas que deram ao seu governo o caracter de um *Terror*, como o de Robespierre.

Agora, no principio, já resolvido a tomar para si a corda e a abolir a CARTA, D. Miguel não podia prescindir das aclamações d'essa plebe desvairada, principal instrumento de que dispunha no meio de uma Lisboa onde a guarnição era quasi hostil, onde sobretudo o inglez com as suas tropas se receiava que impedisse a consummação do plano. Por isso os energumenos andavam bem-olhados, bem pagos; e quando mais tarde se quizesse dar de mão a esse instrumento já prejudicial, ver-se-hia o impossível, e o governo seria forçado a seguir, em vez de dominar, a violencia ardente do furor popular. Já no anno anterior, Saldanha, escrevendo a D. Pedro para o dissuadir de nomear regente o irmão, dizia ao monarcha do Rio: « Ainda quando S. A. o infante D. Miguel viesse com a firme resolução de aguentar as instituições que V. M. na sua sabedoria nos deu, a duração d'ellas seria de poucos dias: ninguém acreditaria em tal proposito. » (C. de 15 de junho de 27, em Carnota, *Mess.*) Tendo em si personalisado um partido, D. Miguel, ainda quando o quizesse, não podia ser outro senão aquelle que o partido fizera.

Todos os dias, desde a Ajuda até Xabregas, desde as portas do paço até aos confins da cidade, os bandos caceteiros corriam ameaçando; e pelas ruas ouviam-se os gritos: Fecha! fecha! Cerrava-se tudo; e nem as tropas intervinham, nem a authoridade prendia. «Deixem desabafar o povo!» Impunemente se acclamava D. Miguel rei; e tanta era a decisão do governo que já não deu publicidade ao decreto em que D. Pedro declarava definitiva a sua abdicção, nomeando o irmão regente em nome da sobrinha e noiva. (3 de março) Na Ajuda, ás portas do palacio, o general Caula e os condes de Villa Real e da Cunha, com o principe de Schwarzenberg, foram apedrejados por serem liberaes. Logo á chegada do infante tinham começado as emigrações: Villa-Flôr, Lumiares, Stubbs, fugidos, — Saldanha, escondido, para fugir. O ministerio nomeado em 26 de fevereiro não deixava duvidas sobre o character dos planos: era Cadaval, rapaz de 24 annos, Nunalvares do novo Mestre de Aviz; era o decrepito conde de Bastos, idiota erudito manchado com a denuncia da sedição de Gomes Freire (1817) e conhecido pelo seu odio aos liberaes; era o Rio de Mendonça na justiça; o conde da Louzan; e o de Villa Real que em 23 andara na divisão do marquez de Chaves, mas já suspeito agora, e que em breve abandonaria a causa. Feito o ministerio, restava organizar o pessoal, substituindo por toda a parte os liberaes e os tibios por homens de feição. Na intendencia de policia da capital, Barata, que «tinha cabellos no coração,» tomou o lugar do grave, tenue, Saint-Pierre portuguez, Bastos, author da insipida *Virgem da Polonia* e das *Meditações*. Nos commandos militares punha-se gente de confiança, enquanto não chegavam os *puros*, emigrados ainda em Hespanha. Engrossavam-se os cor-

pos de policia de Lisboa e Porto, que eram tropas de confiança; e preparado assim o terreno, o governo enviou ordens secretas para que as populações aclamassem D. Miguel: não houvesse receios, as providencias estavam tomadas.

O primeiro acto formal foi a dissolução das camaras (14 de março) por modo que importava a abolição da CARTA. Ao mesmo tempo que se dava por findo o mandato, nomeava-se uma Junta para a redacção da nova lei eleitoral, encarregando-se do trabalho os declarados inimigos do novo regime, — o bispo de Vizeu, Santarem, Saruiva, Barata, etc. As pobres camaras morreram sem um grito: os pa-res quasi applaudiam, os deputados sumiam-se, ou submettiam-se. (Monteiro, *Hist.*) Já então os planos absolutistas tinham tomado consistencia e corria como certo um programma. D. Miguel não hesitava mais. No dia do *Tedeum* de Santo-Antonio-da-Sé, durante o caminho, a propria guarda de cavallaria da policia que o escoltava acompanhou o povo nos vivas absolutistas: e o principe sorria agradecido. Mas fóra da policia, não havia confiança nos demais corpos da guarnição que se não moviam. O exercito apostolico estava em Hespanha, e pensava-se em levar D. Miguel a Villa-Viçosa, sobre a fronteira, onde viria acclamal-o a divisão de Magessi, com a qual regressaria já rei a Lisboa. Lamb, sabendo do plano, prohibiu. (Monteiro, *Hist.*)

Lamb viera de Inglaterra com D. Miguel e trazia no bolso 50:000 libras, — a quarta parte do emprestimo Rotschild, contrahido por auxilio do gabinete inglez, para a installação do governo, — com

ordem de Dudley (successor de Canning) para as não dar se D. Miguel abandonasse o caminho da prudencia, entregando-se aos apostolicos. Era isso o que Lamb via succeder; e por isso recusava o dinheiro que nunca entregou, voltando mais tarde com elle para Inglaterra. « A' chegada de D. Miguel, escrevia para Londres, (Lamb a Dudley; 22, março. *Relations, etc.*) todos os partidos estavam dispostos a recebê-lo de braços abertos; e alguns dias depois, ainda todos se achavam contentes com a recepção do principe. Tudo era então facil, mas agora já se não pôde voltar a traz. O mais irreparavel mal da subsequente conducta de D. Miguel foi a destruição total da confiança n'elle depositada. Acordam as lembranças de outro tempo (1823-4), e diz-se que se não devia esperar outro resultado. Por outro lado, nenhum partido importante, *of any consequence*, dá valor algum á CARTA. Os que temem D. Miguel preferem D. Pedro, e parte do exercito é d'este parecer. A população pede sobretudo tranquillidade e tem medo de toda e qualquer revolução: por isso andam muitos sobresaltados com o procedimento de D. Miguel. » Por seu lado Palarella escrevia de Londres, ao mesmo tempo, para o ministerio em Lisboa: « Chegou o conde da Taipa: vê-se que principiaram as perseguições e as emigrações. As apolices baixaram aqui 9 a 10 por cento; as tendencias do governo de Lisboa são desagradaveis a Wellington, pois não é por este caminho que a questão portugueza poderá resolver-se. »

Mas o povo que, em vez de implorar a protecção ingleza pedida pelos moderados, considerava um insulto a permanencia das jaquetas vermelhas de

Clinton herege em Lisboa, bateu palmas de alegria quando viu cerradas as camaras. Varreram-se todos os medos dos morgados e dos frades, dos contratadores, dos desembargadores, dos capitães-móres: a CARTA estava de facto abolida, e D. Miguel ia ser aclamado em Traz-os-Montes. A agitação, a perturbação, lavravam por todo o reino; e os periodicos e os pulpitos já troavam com francas apoteoses do messias, com fulminantes condemnações do ante-christo brasileiro e seus sequazes, os pedreiros-livres. (Lamb a Dudley, *Relations*, etc.) Corriam proclamações incendiarias pedindo a continuação, a conclusão da empreza: « Morram todos os inglezes que roubam Portugal! Morra o embaixador (Lamb) protector dos pedreiros-livres! Viva D. Miguel I! Viva o Silveira que hade vir cortar as orelhas aos maçons e ao exercito inglez, se elle não fugir antes! Viva a imperatriz D. Carlota Joaquina! » Havia illuminações e musicas, e n'um convento de bentos armaram os frades um arco illuminado por tres noites, ao fim das quaes se fez um auto-da-fé em que os constitucionaes appareceram em effigie, e um Judas — a CARTA — foi levado ao campo de S. Anna e enterrado vivo. Em Setubal viu-se um milagre: eram dois anjos entre as nuvens, sustentando a corôa imperial com a legenda: Viva D. Miguel I rei de Portugal! (Montevro, *etc.*)

O grande obstaculo á consummação do acto eram, ou suppunha-se serem, as tropas de Clinton, a quem os miguelistas accusavam de herege e defensor dos pedreiros-livres; e a quem estes accusavam de inercia e cumplicidade com o governo, cujos actos a sua presença authorisava. Saldanha, escondido, appellou para o general inglez: a CARTA que elle viera sustentar, devia ser por elle restaurada; cooperasse, e elle Saldanha arrastaria consigo os regi-

mentos fieis á constituição. (Monteiro, *Hist.*) Clinton recusou, e a CARTA foi uma vez menos imposta pelo estrangeiro. Recusando, porém, que fazia cá? e que estava? Com effeito a cousa alguma; e foi isso o que a Inglaterra reconheceu, dando-lhe ordens para retirar. Em 2 de abril a divisão ingleza embarcou.

E' verdade que gorava o empréstimo Rotschild, e que as 50:000 libras de Lamb tornavam para Inglaterra; mas, ao menos, a affronta da occupação estrangeira terminára; e agora, sós e livres em casa, ficavamos entregues a nós mesmos para fazermos o que quizessemos. Evidente, confessado estava o que se queria. Urgia o tempo, e para preparar os animos corriam oudas de pamphletos politicos, juridicos, negando os direitos de D. Pedro e contestando, assim, pela base, a legalidade do novo regime. Em 21 (abril) a *Trombeta final* (os jornaes usavam de nomes apocalyplicos) publicava um artigo: *A legitimidade de D. Miguel*, e no mesmo dia saia o primeiro dos folhetos que atacavam todos os actos desde 26: *Dom Miguel e os seus direitos*. Tornava-se indispensavel dar á revolução um character de legitimidade, e a opinião favoravel a D. Miguel era geralmente sincera e ainda hoje defendivel para os juristas. Nós que o não somos, abster-nos-hemos de entrar n'essa obscura selva de debates judicarios: a legitimidade de D. Miguel está para nós na unanimidade com que era aclamado. E' a legitimidade do Mestre d'Aviz.

3. — SIC ITUR AD ASTRA!

Tudo estava preparado. Contava-se com o dia 25, o dos annos de Carlota Joaquina, para effectuar a aclamação decisiva em Lisboa por toda a guarni-

ção. « Ha dias (Lamb a Dudley, *Relations*) os officiaes do 8 de caçadores quizeram induzir os soldados a tomar parte n'uma illuminação e festa em que o infante seria acclamado, mas não o conseguiram. Antehontem (24) o 16 saiu do quartel á passagem de D. Miguel e acclamou o rei. A' noute as ruas estavam desertas, os camarotes do theatro cheios, mas a platêa vasia: por duas vezes houve acclamações unanimes a D. Miguel rei e aos Silveiras, á voz de um official fardado.» Como se vê, a guarnição hesitava, não estava decidida; parte do exercito era constitucional e o melhor da coorte apostolica ainda não voltara de Hespanha. As tropas não podiam de certo impedir, mas tambem não se podia contar com ellas só, para o acto projectado. Appelou-se pois para o Senado e para o povo, com o apoio do corpo de policia, que junto a outros regimentos fez a acclamação no Terreiro-do-Paço. D'ahi foi uma turba em gritos buscar ao Passeio, onde morava o presidente do Senado, Manoel Cypriano, que desceu. (*Apont. da vida, etc.*) Das janellas do palacio, no Terreiro-do-Paço, os vencedores desfaldaram o estandarte gritando á antiga — Real! real! por D. Miguel I, rei de Portugal! — E o calor inconsciente da tradição, o vago sentimento da historia exaltava os animos da multidão que respondia com vivas estrepitosos. (*D. Miguel em Port.*)

Pela cidade havia porém medo dos caecteiros furibundós a quem o João Paulo Cordeiro, contratador do tabaco, distribuia cobres, fadigoso, incansavel, dizendo a todos: « Deixae desabafar o povo! » (*Apont. etc.*) As lojas fechavam, os timoratos recolhiam-se; e o tropel, de caecte em punho, com as folhas em branco, em busca de assignaturas para o auto lavrado pelo Senado, seguia aproveitando tado, cantando:

Fôra malhado!
 Cluicha judeu!
 Acabou-se a guerra:
 D. Miguel é rei!

Tudo assignava, tudo assignou. O enthusiasmo e o medo, a estupidez e a innocencia, a venalidade e o odio, acclamavam D. Miguel. Assignavam homens e mulheres, frades e gallegos, mendigos e prostitutas; assignavam as mães pelos filhos que traziam ao collo (Monteiro, *loc.*), e que os envergamentos baptisavam com os laços realistas que lhes pregavam no peito. Era a nova geração, nascida n'um ar puro: a antiga estava manchada de maçonismo! As salas do Senado, patentes, invadidas pela turba, retumbavam com os vivas, e as folhas juntavam-se ás folhas, coalhadas de milhares de assignaturas. Que melhor prenda de annos se podia dar á imperatriz viuva pela festa dos seus annos? De todo o reino vieram dons eguaes: por toda a parte o dia 26 foi o da acclamação anarchica de D. Miguel.

Era de certo um grande passo andado, mas o dia 3 de maio foi talvez mais grave ainda. A nobreza respondeu ao povo. Os pares, nomeados por D. Pedro, reuniram-se em casa do duque de Lafões assignando um pedido para que D. Miguel convocasse as côrtes historicas dos tres Estados do reino, para decidirem a questão da legitimidade. Quando se punha em duvida o direito de D. Pedro, como podia considerar-se a CARTA, dada por elle, constituição portugueza? Ora por toda a parte surgiam essas duvidas, ou antes o melhor, as affirmações positivas da illegalidade da succes-

são de D. Pedro. Fôra um erro juridico, urgente a reparar. Assim o dizia abertamente a propria *Gazeta*.

E que faziam os liberaes, perante esta revolução que, já vencedora, ia sagrar-se com os fóros da legalidade, appellando para as instituições historicas? Os pobres liberaes, corridos, agarravam-se ás saias da infanta D. Isabel Maria (Araujo, *Chron.*), pedindo uma sedição militar que a restaurasse á regencia. Os pobres liberaes, poucos e fracos, sem écco nas populações, sem influencia nas classes poderosas, eram um grupo impotente com os olhos voltados para o Brazil onde estava D. Pedro, já talvez aborrecido d'elles e de tudo, já talvez arrependido da serie de erros e imprudencias commettidas. Por tudo isto, as potencias, sem reconhecerem a legitimidade do throno miguelista, para se não contradizerem, reconheciam, porém, a razão de ser da usurpação. (Maçalhães, *Apont. hist. dipl.*) A propria infanta, implorada, se recusara a adherir ás esperanças liberaes, publicando a sua declaração de iniguelismo (20 de abril), espontanea segundo uns, extorquida segundo outros.

No mesmo dia em que a nobreza o pediu, n'esse mesmo dia se decretou a convocação dos Tres-Estados do reino. Dissolveram-se depois os batalhões nacionaes e do commercio, em Lisboa, creando-se o voluntariado realista. A usurpação era um triumpho: não havia resistencias, porque o sangrento episodio dos estudantes de Coimbra que tinham assassinado os lentes (18 de março), não procedera de causas politicas: fôra uma vingança de rapazes bravios sobre lentes pouco misericordiosos.

Agora, porém, o caso mudava com a sedição de Aveiro e do Porto (16 de maio), com a de Coimbra (22), com a do Algarve (25), com a de Almeida (28). Não era o povo que se levantava pela CARTA: eram os antigos regimentos, das divisões com que Villa-Flôr e Saldanha tinham batido os apostolicos em 26-7. De todos esses pronunciamentos militares só o do Porto logrou vingar, e no lugar proprio estudaremos a historia da Junta. Agora basta lembrar o susto que estas sedições sporadicas fizeram nascer em todos. Começou a sentir-se, já depois da victoria, que a usurpação não havia de caminhar sem uma dura guerra; e isto deu importancia decisiva nos conselhos ás opiniões exaltadas. Os pronunciamentos foram como banderilhas de fogo, cravadas no cachaço do toiro. Rugiu, investindo, colérico e sanhudo.

A miseria era tão grande que se invocavam os empréstimos como actos de dedicação patriótica. Do empréstimo do maio de 27 só a quarta parte ou 1:000 contos se tinham preenchido; agora (6 de maio), para obter alguma cousa, recebia-se metade das subscrições em títulos atrasados e da outra metade só um terço á vista, o resto a prazos em letras. Um mez depois, não se tendo obtido nada, annunciava-se outro empréstimo sobre os rendimentos da Alfandega e da Casa-da-India. Também fallhou. Recorreu-se então (22 de junho) ao systema dos *donativos*, em dinheiro, em gencros de toda a especie. O Estado pedia esmola, como convinha a uma tyrannia plebéa; e a prova d'isto é que essa tyrannia se aguentou, arruinado tudo, sem receitas ordinarias n'um reino em guerra, sem que de fóra lhe dessem dinheiro como deram aos liberaes; a prova é que todos acudiram a depositar a sua esmola no mealheiro do thesouro. Alfandega, erario,

tudo estava secco, e os papeis publicos começaram logo (maio) a não ter valor. O papel-moeda tinha um desconto de 15 a 25 por cento. *Divida* ninguem a queria, e o rebate dos soldos do monte-pio e dos reformados ia de 12 a 60 por cento (*Mata, Memor. hist.*)

Em quanto o exercito diante do inimigo combatia em Coimbra, reuniam-se em Lisboa, na Ajuda, os Tres-Estados do reino (23 de junho), e consolidava-se o throno erguido, chamando para em volta d'elle os seus strenuos defensores — essa legião apostolica sempre fiel. Com ella, com os voluntarios, o exercito readquiria o character de solidez indispensavel; e o rei acclamado pela nação cada dia se tornava mais o chefe de um povo armado para uma guerra de extermínio. Na sessão solemne de 23, na Ajuda, José Accursio, envergamento sabio já conhecido da Abrilada, commentava assim, no meio dos eccos dos vivas estropeando fóra, o movimento de furia que avassallava os animos: « De todas as partes se ouve um clamor geral contra os rebeldes (do Porto): formam-se batalhões de voluntarios, pedem-se armas, e os povos se levantam em massa e fazem uma monteria geral, não só contra os rebeldes armados, mas contra todos aquelles que suspeitam de adherentes aos principios da seita. » José Accursio, procurador de Lisboa, fallava em resposta ao bispo de Vizeu que fizera a proposta da acclamação de D. Miguel. O desembargador terminava pomposamente: « A mão do Omnipotente conduziu V. A. Real desde as margens do Danubio ás do Tejo para salvar o seu povo que suspirava pelo Libertador, como outr'ora o de Israel no captiveiro de Babilonia! » E seguia lembrando como, cinco annos havia, o infante esmagara a hydra em Santarem; mas o Monstro ficara com vida; e as cavernas do Porto vomitavam as lavas do philosophismo mo-

derno. . . Terminou assim — *Generose princeps, sic itur ad astra!* (ap. Araujo, *Chron.*)

« Concluída esta leitura, diz a *Gazeta*, com geral applauso, desceu S. M. do throno e tocando os mnestreis as charamelas, voltou ao seu quarto e deu beija-mão. » Depois os Tres-Estados reuniram separadamente, o do clero em S. Antonio-da-Sé, o da nobreza em S. Roque, o do povo em S. Francisco, — para fingir que discutiam a proposta do bispo de Vizeu. Já no fim do mez D. Miguel assumia o titulo de rei; e a 7 de julho jurava perante os Tres-Estados reunidos, dissolvendo-se as côrtes a 15. A 11 fôra a aclamação official com as festas do costume; e José Agostinho, o poeta laureado do partido, compunha a *Viagem estatica*

No uncio do clarão vejo no throno
Cercado de esplendor Miguel Primeiro!

A infeliz gente do Porto já estava expulsa para além da fronteira, e a paz restaurada em todo o reino.

Os embaixadores estrangeiros, com excepção do Nuncio, do da Hespanha, e dos Estados-Unidos que fazia o contrario do que a Inglaterra fizesse, abateram as armas das legações e pediram os seus passaportes. Era uma declaração de guerra? Não; era uma fórmula diplomatica. As potencias não podiam reconhecer D. Miguel; mas applaudiam, approvavam, a eliminação da CARTA. Houvesse juízo, prudencia, e a Inglaterra viria a adherir officialmente, e apoz ella todos. Metternich, de Vienna, ordenava a Bombelles que adherisse em tudo ao inglez e o seguisse: «Se Lamb sair de Lisboa saia tambem.»

(*Autobiogr. cit.*) A Inglaterra conquistara, como vimos, o lugar de arbitro na questão portugueza; e essa arbitragem tinha como plano apoiar o governo miguelista, impondo-lhe porém o respeito ás formulas legitimistas. Para facilitar as cousas, Wellington mandou ao Rio insistir com D. Pedro que mantivesse a combinação do casamento, mas o pae não quiz. (Magalhães, *Apont.*)

Vencedor no reino, apoiado pela Europa, aclamado pelo povo, D. Miguel era pela legitimidade do facto, e talvez do direito, rei. Pareciam terminadas as questões — e era agora que ellas iam começar. A emigração de quasi tres mil homens punha fóra do reino uma semente de guerra que fructificaria. A harmonia apparente era o symptoma de uma crise proxima, em que as duas fracções portuguezas, uma doida de febre, a outra podre de intriga ou allucinada por illusões, haviam de achur-se frente a frente, sem força para vencerem, entregues ás soluções do acaso e ás ordens da politica da Europa. Enquanto a victoria era em Portugal assignalada por um terror purista semelhante ao que descarnara a Peninsula no tempo dos judeus,¹ o Portugal emigrado, roído de invejas, dilacerado de odios, punha a nít perante o mundo a miseria extrema a que os infortunios da historia nos tinham conduzido. Eram vão os protestos lavrados contra a legitimidade de D. Miguel. Que importava que na eleição dos procuradores ás côrtes tivesse havido irregularidade e violencias, mentiras, buflas? O exemplo das côrtes constitucionaes posteriores tira toda a authoridade á accusação, hoje; e então, tirava todo o peso ás dissertações a maneira ignobil por que a gente liberal se comportara

¹ V. *Hist. da civil. Iber.* (2.^a ed.) t. IV, 6.



no Porto, enquanto em Lisboa se acclamava o *usurpador*. O facto é que o historiador encontra nas assignaturas do auto da acclamação todos os nomes portuguezes; e que na emigração vê apenas uma duzia de nomes, se tanto, seguidos por tres milhares de soldados anonymos. O caracter nacionalmente legitimo da *usurpação* é incontestavel; o caracter juridico é discutivel; quanto a crimes, o terror anarchico de 34-8 pagou com uma dezena de assassinos liberaes cada assassinato miguelista; e quanto ad deploravel desbragamento das invectivas, a essa litteratura tão violenta quanto indecente, corria em resposta a José Agostinho e á sua eschola, a *Biographia do chamado infante D. Miguel* (Lisboa, junho), onde o usurpador era pintado como filho adulterino bebado em permanencia, vomitando pelo paço, atirando ao alvo de pretos no Brazil, analfabeto, assassino, — e da rainha-mãe dizia-se ahi, não sem razão, ser uma Messalina mais infame ainda, e mais impudica do que a romana.

LIVRO SEGUNDO

(1828-32)

O reinado de D. Miguel

I

A sedição do norte

1.—A JUNTA DO PORTO

O regimento 6 que acabava de chegar ao Porto deu certas esperanças aos liberaes do norte. Com effeito, no dia 16 (maio) essa tropa proclamou no quartel de Santo-Ovidio D. Pedro IV, D. Maria II, e a CARTA, — trindade soberana ainda mais difficil de conceber do que a outra. O coronel, afflicto, pedia que não proseguissem em tal imprudencia! — Como os soldados, porém, não quizessem ouvir o, sumiu-se, mettu-se em casa. Mas a mulher, que era mais homem do que elle, envergonhou-o, obrigando-o a sair, a pronunciar-se. O pobre coronel foi. Da guarnição do Porto só parte adheria, e o povo mantinha-se indifferente. (Monteiro, *Historia*) Formára-se um conselho militar, logo que as tropas do governo tinham evacuado a cidade já em poder dos sublevados. Que queriam estes? Bem pouco. *Libertar* D. Miguel que diziam coacto, demittir o governo, restaurar a CARTA.

Mas a ficção de libertar os reis, triste euphemismo de que tanto haviam soffrido Fernando VII e D. João VI, successivamente *libertados* pelos partidos oppostos, era já sedição, anachronica — e ninguém acreditava que D. Miguel estivesse coacto. Ao grito do Porto respondiam Aveiro, Almeida, e no dia 22, Coimbra onde os estudantes moços, entre elles José Estevam, com a cabeça cheia de Roma e da revolução franceza, juraram de espadas nuas, sobre um in-8.º de Pradt, morrer ou vencer. (Soriano, *Revst.*) A adhesão de fóra reagiu sobre o Porto; os liberaes juntaram-se á tropa, desfaldaram a bandeira francamente anti-miguelista, e constituiram uma JUNTA. Chegava de Coimbra o batalhão academico, e no meio de esperanças suaves reapareciam os sentimentos stoicamente ingenuos repassados de um naturalismo bucolico. Os theatros davam a *Filha da natureza*, precedida a peça pelo elogio historico — *A virtude e a fidelidade*. (M. de Carvalho, *Hist. contemp.*) O liberalismo minhoto allia-va bem ao temperamento lyrico da raça as formulas da escola d'onde saíra a festa do Ente-supremo, executada em França. Era uma republica á feição de Saint-Pierre e Rousseau, commentados por Bentham; e Passos Manuel foi o homem em quem essa phisionomia da revolução portugueza encarnou.

Passos era ainda pouco ou nada. Poetava mal, mas de braço dado ao irmão apresentava-se em toda a parte com a sua bella face allumiada de esperanças candidas. Os dois temperamentos portuguezes que o Mondego divide em familias, do norte e do sul, appareciam mais uma vez, depois de muitas, armados e hostis, — agora que a invasão de novas idéas religiosas e politicas atacava a antiga unidade nacional. Absolutismo, liberalismo, via-se

bem serena a expressão do genio das populações, embora no proprio Minho fosse vivissimo o amor ao velho Deus, o odio á maçonaria: assim tambem succedia, para além das fronteiras, no norte carlista, mas *fuerrista*, liberal por ídolo politica. Considere-se agora quanto o transmontano differe do minhoto, como parece um ramo da familia meridional portugueza,¹ e achar-se-ha e motivo do seu decidido absolutismo. Frente a frente, armados para uma guerra que ia durar seis annos, o minhoto liberal contra o estremenho e o alentejano absolutistas, — qual venceria? Quem sempre venceu em Portugal; quem dá unidade e cohesão á nossa familia nacional, composta de retalhos das raças historicas da Hespanha. Venceu o tenaz e astuto beirão, do sangue dos lusitanos, já desde Viriato e Sertorio mestres em manhas e ardis de guerra; venceu essa indole que foi a da dictadura de D. Pedro e teve ainal como typo o beirão Rodrigo (de Condeixa), cuja rivalidade com outro beirão, Costa Cabral (de Fornos-de-Algodres), substituiu o duello precedente de Palmella contra Saldanha.

Venceu por annos o classico bandidismo lusitano que fez dos Brandões heroes, e de cada guerreiro um rei a quem obedeciam os homens de Lisboa.

Tudo isto vem, porém, distante ainda, e são longinquas, vagas, estas intuições que a concordancia singular dos actos historicos e do genio das populações leva a notar. Com effeito, o ingenuo espi-

¹ V. *Historie de Portugal* (3.^a ed.) 1, pp. 32-46.

rito revolucionario do Minho, o ardente absolutismo do sul, ficaram ambos vencidos mais tarde. Agora, contudo, ainda no ardor da lucta, não surgia o terceiro elemento, e a affirmação do Porto era uma resurreição pura do espirito solto em 26, ao acclamar da CARTA.

Assim como, porém, as esperanças eram illusorias, apesar de sympathicamente ingenuas, assim tambem eram poucos e fracos os que as partilhavam. A' JUNTA não faltava dinheiro, mas faltava um chefe. Sem se declarar republicana, era evidente que carecia de um norte, de um programma: monarchia de quem? de D. Pedro que abdicara e estava no Brazil? de D. Maria II, creança e tambem ausente? Regencia de quem? da infanta não podia ser, pois que ella adherira á usurpação, por força ou por vontade. Fôra esta propria ausencia de outra solução possivel que tornara D. Miguel indispensavel. Seria Regencia a propria JUNTA? Oh riso! Era um aggregado de bons-homens capazes de formarem o senado de uma cidade, incapazes de governarem um reino em crise. O presidente era o caduco general de Braga, Hypolito, bom velho pacifico, inimigo de revoluções, que alli se achava sem saber porque. Ferreri, vice-presidente, não tinha character, só presumpção, só vaidade e egoismo. Gama-Lobo era uma pessoa hypocondriaca, misanthropo e pessimista, que se mettia nas cousas por espirito de opposição azeda, a tudo, a todos. Havia mais cinco desembargadores (Sampaio, Castello- Branco, Sarmiento, Lopes, Magalhães,) que não mentiam á tradição, com os seus vicios de letrados abelhudos, pretenciosos, inchados de phrases e seccos de formulas, argutos que consumiam o tempo a discutir o modo proprio de se tratarem, de se corresponderem. Havia mais

dois negociantes (Kopke, Vanzeller,) de extracção estrangeira, homens nulos, medos em pé, tremendo de tudo como varas verdes: creaturas que só serviam para pôr do lado da JUNTA a bolsa dos commerciantes. A tudo isto juntava-se um exercito com um general mumia — Refoios. (Maia, Mem.)

Entretanto, porém, a sedição lavrava; e no meiado de junho os voluntarios da JUNTA mantinham sob o seu governo todo o norte litoral do Mondego até ao Douro e a maxima parte do Minho, com Penafiel na fronteira de Traz-os-Montes, Vizeu, Lamego, Foz-Côa, Gouvêa, Pundão e Alameda, nas encostas da serra da Estrella, e Thomar já na Estremadura. Tinham adherido cinco regimentos de cavallaria, oito de infantaria, outros tantos de caçadores e um de artilheria: metade do exercito portuguez. Por D. Miguel ficara a outra metade. (Araujo, Chron.) Os receios d'este ácerca da fidelidade das tropas provavam fundados. (Eschwege, D. Miguel, usurpator des port. thron.) A JUNTA exultava com phrases enpoladas, lembrando Martinu de Freitas que levara as chaves do castello ao tumulo de D. Sancho. Depois de ter accusado a reacção, «a velocidade dos relampagos, dizia, não iguala a rapidez dos passos retrogrados, que dosde o seu primeiro desenvolvimento presagiam o funesto acontecimento que despertou a lcaldade portugueza.» (Manifesto) Pelo estylo se conhecem os homens.

Em Lisboa houve terror e furia ao saber-se dos casos do Porto. No paço encheram-se as malas para fugir para Hespanha, e os navios de guerra estavam de peças corridas, os artilheiros de morrões accesos, promptos a bombardear a *baixa*. Foi

necessario que, em conselho, os ministros infundissem coragem n'essa gente violenta e fraca. *(Mata, Mem.)* Pelas ruas os caceteiros rugiam, espancando. O medo creava inimigos em toda a parte e sentia-se uma necessidade de extermínio. As cadeias encheram-se; e como não cabia lá mais gente, atulharam-se de presos, no rio, os pontões *S. Sebastião e 13 de maio.* *(Monteiro, Hist.)*

O panico foi, todavia, breve. A esquadra safu a bloquear o Douro. Povoas partiu na vanguarda (26 de maio) do exercito do norte, que D. Miguel em pessoa iria commandar. Carlota Joaquina, conta-se, dissera ao general, á despedida: «Corte-me, corte-me cabeças! A revolução franceza cortou quarenta mil e nem por isso a população diminuiu.» Ao panico succedera um furor e um enthusiasmo decidido. Contaram-se as forças: havia a esquadra, havia metade do exercito, havia a divisão apostolica que se mandou vir de Hespanha mais tarde (23 de junho); havia sobretudo o amor das populações e a força de um governo ainda ródendo de esperanças, ainda não polluido de crimes, ainda no impeto dos primeiros actos. Mobilisaram-se as milicias, alistaram-se os voluntarios e crearam-se os urbanos, — batalhões da gente que não podia ir á guerra santa e ficaria defendendo a cidade. O dinheiro que faltava ao Thesouro para armar e fardar as novas tropas deram-no ellas, deram-no os ricos, as corporações: Cadaval e os fidalgos, a Intendencia, o Contracto, e o Senado de Lisboa. Em poucos dias tinham-se alistado e equipado 10:000 homens. *(Monteiro, Hist.)*

Nos principios de junho (2) estavam Refoios em Condeixa, Povoas em Leiria. Refoios, já de si cacchetico, era general em nome apenas, porque a JUNTA, inspirada pelo balofo Ferreri, imitava a Con-

venção, pondo delegados seus no exercito, para dirigirem, espiarem, os actos do general. Esses delegados redigiam proclamações que Refoios, com a vella mão trennula, assignava. E essas proclamações, em vez de acirrareni o ardor dos soldados, abatiam-no, porque o exercito, em vez de marchar, ficava parado á espera dos *bons* generaes que vinham de Londres a caminho do Porto, e á espera de que a metade miguelista das tropas portuguezas se entregasse. (Mata, *Mern.*) Esperança van! illusão singular, na insistencia com que durou até 1833.

Povoas avançava com prudencia, e na sua retaguarda ia-se constituindo o grosso do exercito. A 24 (junho) as vanguardas inimigas chocaram-se na Cruz-de-Morouços, junto a Condeixa. Foi um reconhecimento e ambos os contendores reclamam para si a victoria. O facto é que a delegação da JUNTA fugiu ás carreiras e só parou, esbaforida, em Grijó; o facto é que o seu exercito retirou em boa ordem a defender-se atraz do Vouga. Povoas continuou a avançar a 28, dando-se uma batalha cujo exito é tambem disputado. A JUNTA continúa a dizer que vence, mas o seu exercito continuou a retirar. Fortificou-se então em Oliveira de Aze-meis, e Povoas foi-lhe nas pegadas. Com a retirada breve, desde o Mondego até ao Douro, toda a Beira litoral voltou a reconhecer, sem ruido, o governo de Lisboa. Almeida rendia-se; e do fogode-palha liberal restava apenas o Porto, onde a JUNTA redigia papeis — com o exercito, a cuja frente Refoios, cachetico, dormitava.

N'isto entrara (26) no Douro o *Belfast* com o partido: Saldanha, Palmella, Terceira, (que ainda não tinha este nome) Sá, Stubbs, Xavier, Azaredo, Rendufe, S. Paio, Taipa, Calhariz, Pizarro, Ficalho, Saavedra, Barreto-Fcio e os mais, ao todo

vinte e nove personagens — tal era o numero dos dessidentes expatriados.

2. — PALMELLA

Estavam em Londres por parte do Brazil Rezende e Itabayana, por parte de Portugal Palmella, quando no reino D. Miguel tomou para si a corôa. Todos tres protestaram diplomaticamente perante as potencias contra o modo por que o infante mentia aos compromissos e juramentos de Vienna. Os brasileiros sabiam, porém, quanto o diplomata portuguez tinha a pessoa de D. Pedro em pouco, e em muito, em tudo, o estabelecimento de um regime moderado, sob a protecção da Inglaterra. «Agora (março de 28) o que importa vêr, escrevia elle para Lisboa a um amigo, é como o homem que está do outro lado do Atlantico engulirá a pílula que lhe quorem fazer tragar e que as suas loucuras em parte prepararam.» (V. a carta em *Alto, Hist. chron.*) Hâbil, perspicaz e sceptico, Palmella não sentia a dedicação leal dos outros pelo imperador brasileiro, e punha as cousas acima das pessoas. Conscio da incontestavel superioridade da sua intelligencia subtil e fina, apesar de fraca por não ter fé; da sua superioridade a toda a gente portugueza que o rodciava, Palmella com razão não queria deixar a ninguem a direcção da campanha encetada em Londres; d'essa campanha que, no seu entender, havia de ser vencida pela diplomacia, não pelas armas, nem pelas revoluções populares que odiava. Fumador eterno e indolente, eram antipathicas ao seu espirito aristocratico as revoltas militares ou plebéas. A sua formula politica resumia-se no fim de 1827 nas seguintes palavras: «Casar o principe que por todos os motivos

está destinado a governar-nos, com a CARTA da qual me contento que conservemos sómente o uso de convocar annualmente duas camaras e de lhes apresentar as contas publicas.» (14 de nov. Corr.) Estrangeiro pela estirpe e mais ainda pela educação, não era capaz de sentir o calor da furia portugueza: para as suas opiniões correctas, eram tanto loucuras as dos apostolicos, como as dos jacobinos. Homem frio e fino, tão illustrado como sceptico, desprezava profundamente a nação que servia: «Olhe que em Portugal não ha nem sombra de patriotismo, nada que se assimelhe a sentimento nacional. O que ha é muita intriga, e uma completa indiferença sobre os meios de satisfazer a ambição mais sordida e baixa. Hypocrisia (pois nem verdadeiro fanatismo existe entre nós) e crassa ignorancia nos governados. Falta-me o animo para fallar dos governantes. Olhe que tudo isto que eu lhe digo é pura verdade, sem exaggeração.» (Carta ined. 25 abril 1828, em Mello, *Hist. chron.*)

Elle não era viutista jacobino, nem miguelista apostolico; não era propriamente portuguez, mas sim um *inglez* da escola Canning, liberal-parlamentar, moderado, temperado, equilibrista. Homensinho de figura insignificante, pallido, nariz adunco, feições italianas, não tinha distincção, nem authoridade, nem encanto no aspecto. Mas o seu olhar vivissimo e um sorriso de ironia singular traduziam a perspicacia da sua intelligencia. (*Liebnowsky, Record.*) Fallava, nos seus discursos, abundante e rapidamente com excessiva energia e gestos pronunciados de mais. Era por temperamento, e foi por politica, o polo opposto do theatral Saldanha, de quem o homemsinho riria, considerando a facilidade com que o virava, fazendo-o instrumento manso da sua vontade.

Saldanha, por seu lado, detestava-o e desprezava-o, com um instincto seguro. Quando ainda a usurpação se não consunnuara, mas quando já a acção inteira da intriga politica girava em torno do infante, Saldanha exprunha d'este modo as suas opiniões a D. Pedro: « O Marquez (de Palmella) e a maioria dos da sua classe têm vivido na persuasão de que o infante subirá ao throno de Portugal, e isto fez-se-lhes certeza desde que se convenceram da impossibilidade de V. M. vir a Portugal. Pondo, pois, de parte a fidelidade, a honra e o bem estar da nação, e considerando só os seus interesses pessoais, têm procurado apenas captar a affeição do infante. » (Carta de 5 de jan. de 28, em *Cartas, Mem.*) Assim se julgavam uns aos outros, os chefes da empreza commum.

Entre os dois dictadores do liberalismo havia uma egual opposição na figura, no temperamento, nas opiniões. As de Saldanha eram indefinidas: brilhantes rotulos que exprimiam jacobinamente um character formado com elementos antigos. As de Palmella eram certas, precisas, praticas, bem estudadas, nada chimericas. Por estes motivos, na historia posterior, Saldanha venceu Palmella no mundo—mas para mandar com as doutrinas palmellistas, liberaes, representativas.

Essa nova idéa de um systema de ponderação de instituições enraizadas na tradição; essa idéa que era a generalisação da historia de Inglaterra a toda a Europa; esse programma que dava uma nova fórma ao liberalismo, condemnando os jacobinos e o seu racionalismo classico, Rospierre e o seu terror, a *Convenção* e a sua dictadura, Rousseau e os direitos do homem abstracto; essa nova theoria obtinha a noção de uma liberdade individual positiva da philosophia pratica da

Inglaterra, a do equilibrio das instituições das doutrinas de Montesquieu, e a da tradição historica do romantismo que então lavrava por toda a Europa.

Um tal corpo de idéas, um tal plano de instituições, nem saía da historia patria, nem era adequado ao nosso temperamento que comprehendia D. Miguel, podia comprehender Saldanha, mas não entendia Palmella. Era um estrangeirismo: mas isso não percebia o diplomata pela propria razão de ser *estrangeiro*. Nasceu em Turim em maio de 1781: tinha agora quarenta e sete annos, e a intelligencia formada, incapaz de mudanças. Fôra educado no seio da sociedade opulenta e culta da Europa diplomatica. Convivera e aprendera com Schlegel, com Sismondi, com Barante, com Constant, no retiro de Coppet, onde Stael-Corinna dizem que via n'elle o seu romantico Oswald: ahi representara a *Zaira* de Voltaire, a *Phedra* de Racine. Mago viera para o reino e fôra querido de D. João VI, a quem dirigira na moderação, sendo-lhe braço direito em 23 quando foi myster abolir a constituição de 20, sem cair nas mãos dos ultras acantonados com D. Miguel em Santarem. (Lopes de Mentonça, *Not. hist.*)

Tal educação, taes precedentes, reunidos ás necessidades requintadas, dissipadoras, principescas, do seu genio, tornavam-no ainda mais o opposto de Saldanha — portuguez de sangue, educado no campo, sobrio como um soldado, dissipador tambem mas por ignorancia do preço do dinheiro, por dardivo e perdulario, não por sybarita, como Palmella.

Este primeiro episodio do duello portuguez ia pôr em presença os dois rivaes.

3 — A BELFASTADA

Conheciam-se todos tres, Palmella, Saldanha e o futuro Terceira, (agora ainda Villa-flôr,) da côrte de D. João VI, a quem tinham feito a Villafrancada; reunidos se achavam em Londres no exilio, e vinham juntos a bordo do *Belfrust*, para o Porto, com propósitos diversos e singulares. Terceira que vein a ser o braço direito, sempre leal, sincero, bravo e simples, do constitucionalismo, era ainda um personagem secundario.

Rezende e Itabayana tinham em suas mãos, em Londres, o dinheiro que o Brazil devia a Portugal pelo tratado de 1825; e como é natural, negaram-se a entregal-o ao governo de D. Miguel. Ao saberem da sedição do Porto, viram opportuno o momento de disporem d'esses fundos em prol da causa do imperador seu amo. Foram-se ter com Saldanha offercendo-lhe dinheiro, convidando-o a ir collocar-se á testa do exército fiel; mas sob condição de guardar reserva, e nada confiar a Palmella de quem os dois brasileiros não estavam seguros. Saldanha concordou em tudo, incluindo o segredo, e foi d'alli direito denunciar a combinação ao émulo. Porque? para que? Eis o que se não sabe. Provavelmente por uma das muitas e inconsequentes fraquezas da sua debil perspicacia. Pensaria Saldanha arrancar o marquez ás influencias de Beresford e de Wellington?

Palmella, por isso mesmo que o movimento do Porto lhe não sorria, não podia recusar-se. Não podia recusar-se, a não querer passar por traidor; e como habil, viu propicio o momento de intervir, para abafar o movimento importuno, reduzindo a nada o rival que vinha, assim, entregar-se-lhe nas mãos. Se da parte de Saldanha houvera calculo,

Palmella devia rir consigo, ironicamente, da ingenuidade do simples: com teu amo não jogues as peras... Candido José Xavier, sosia do diplomata, affirmava que «Saldanha á frente da canalha era mais perigoso do que D. Miguel á frente dos Silveiras»; (J. Liberato, *Annuaire*) e mais tarde, depois de conseguido o desejado fim de abafar a revolta, o *Emigrado portuguez* em Plymouth, (14 dez. de 28) orgão de Palmella, escrevia: «Os povos devem obedecer ao direito publico consagrado em Troppau e Laybach. O throno é quem manda... A JUNTA acabou como devia acabar.» Assim o diziam Wellington e Beresford, de quem Palmella era o fiel servidor; e todos esperavam ainda que D. Miguel se convertesse á razão, que o casamento de D. Maria II se effectuasse, e que o problema portuguez se resolvesse — com ou sem CARTA, era indifferente...

Naturalmente, pois, os inglezes aconselharam Palmella a que fosse, — para impedir que Saldanha tomasse a direcção da empresa, para impôr um desenlace rapido a esse incidente intempestivo. Tocou-se a capitulo e reuniu-se a *mestrança* liberal, quasi toda por Palmella: Xavier, Taipa, Villa-flôr, etc. Debatteu-se muito, e os brazileiros desesperavam com a demora. Estava decidida a partida; mas era necessario dinheiro, e bastante, porque o diplomata não sabia fazer as cousas de outro modo. Os brazileiros deram dez mil libras: tanto custou essa viagem do *Belfast*? Não; custou muito mais. Custou uma nodoa irreparavel, uma vergonha miseravel! Com o dinheiro fretou-se o vapor, compraram-se viveres e carruagens para os fidalgos senhores que recebiam ás duzentas e trezentas libras para ajuda de custo, salvo o nobre Stubbs que nada quiz para si. (Mata, *Memor.*) Entre Palmella e Saldanha

representava-se a fabula da serpente e do rato: o primeiro tinha nas fallas mansas e no sorriso torcido por querer ser meigo e franco, a attracção que se attribue ao olhar do reptil: «E' popular, dizia, lisongeando a vaidade ao companheiro, não se afaste de mim, não me contrarie. Estamos de accordo e conseguiremos o que desejamos todos. Mas não queira preponderar, que as potencias, sabem-no, ou suppoem-no republicano, e isso prejudica-nos. . . etc.» (Resp. de Sald. ao *Memo. da Junta*, em Londres) Saldanha attrahido, seduzido, entregou-se, assignando um papel em que se obrigava a reconhecer a authority da JUNTA, no Porto, e os generaes que ella nomeasse. (*Soriano, Revst.*)

Embarcaram, largaram, e o vapor começou a rodar para o Douro. Palmella, fumando, debruçado sobre o mar na borda do navio, enovelava os seus planos, á medida que se enovelava a agua batida pelas rodas do *Belfast*, onde bons casimieiros preparavam guisados para os exigentes patriotas. (*Alaia, Mem.*)

Em que momento chegaram ao Porto já nós sabemos. Refoios, com um grande medo da cavallaria miguelista, (*Soriano, Mem.*) retirava para Azemeis. Os fidalgos desembarcaram; e a JUNTA, o Porto, cheios de esperanças, aclamaram-nos e entregaram-se-lhes. Houve repiques, bandeiras, foguetes e colchas nas janellas, segundo o estylo. Palmella fumando pensava, lembrando se das exigencias de Wellington, de Beresford. Metteu na JUNTA Xavier e todas as suas creaturas, para a garrotar quando quizesse; e para que Saldanha o não fosse, fez-se a si general em chefe do exercito. Commandava no campo e no conselho; mas como o neces-

sario era fazer nada, deixava-se ficar no Porto a comer jantares (Maia, *Memoria*), e deixava a JUNTA perder o tempo a discutir o modo de organizar o ministerio na capital. (*Resp. de Saldanha*) Mandou Taipa a Azmeis saber como estavam as cousas, e o esbaforido, espirituoso conde voltou a dizer que tudo perdido! mostrando um terror verdadeiro ou simulado.

Palmella tirou então o charuto e deu o caso por acabado: nada havia a fazer senão entregar-se o exercito; e elles, a JUNTA, os fidalgos, voltarem socegradamente para Inglaterra no *Belfast*, que estava á espera, de caldeiras accesas. Ninguem protestou no conselho contra a comedia indigna, contra o miseravel abandono de doze mil soldados *compromettidos*, para os quaes nem se discutia uma capitulação, deixando-os abandonados á mercê do inimigo. Os generaes e fidalgos faziam o contrario de Cesar: chegar, vêr e fugir.

Saldanha embarcou tambem e tambem fugiu; tambem a JUNTA que se dissolvia. (3 julho) Palmella, calado mas satisfeito, fumava. Saldanha estava irremediavelmente perdido e condemnado, qualquer que seja, das duas versões, a preferida. A JUNTA, ou melhor, Palmella, no *Memorandum* que mais tarde dirigiu de Londres a D. Pedro, afirma que, ao dissolver-se, entregara a Saldanha o mando supremo. Se isto é verdade, o diplomata matava de um golpe dois coelhos — a revolução, e o rival que deixava nas mãos de D. Miguel, isto é, da força. Saldanha, na sua resposta a esse *Memorandum*, (Paris, 13 nov. 29) nega; dizendo que tal não houve, que só depois em Londres se forjou essa decisão para o perder, accusando-o de abandonar o exercito á sua miseranda sorte; que se obrigara a obedecer; que fôra ao campo, e em conselho apre-

sentara ao exercito a decisão da JUNTA — entregarem-se; que o exercito não annuira, e por isso elle, general, retirara, embarcara; que temendo uma sedição contra a JUNTA e contra Palmella que seria fusilado, veio a bordo onde já estavam todos; que Palmella o não deixou voltar a terra, e o vapor partiu, e Saldanha tambem partiu. . . Se a verdade é esta, Palmella, menos crú, obtinha o mesmo resultado, porque o rival ficava para sempre com a mancha de uma fraqueza bem parecida com uma truição.

Como quer que seja, Palmella só tinha razões para estar satisfeito: conseguira o que desejava; e o *Belfast*, na madrugada de 4, rodava, com oito dias de demora no Douro, na sua viagem para Londres. Fervia a agua nas caldeiras do vapor, os acepipes na cosinha, e o vinho do Porto nos estomagos dos marinheiros que, bebidos, (Maia, *u-m*.) levavam o navio aos tombos, á imagem da *causa* tambem aos tombos, guiada pelos seus pilotos. Assim o *Belfast* foi dar consigo n'uns recifes do Finisterra e abriu agua; e tambem ao arribar á Corunha, d'onde o governador o mandou sair logo, Palmella viu que o seu barco fazia agua. O exercito não se rendera; e com as miserias do seu exodo redimia a ignominia dos chefes que o tinham abandonado. Entrara já na Galliza; e esses milhares de emigrados, essas tropas que, nos planos do diplomata, deviam ter-se rendido a D. Miguel, iam ser um elemento importuno e imprevisto nos seus calculos. Estava contrariado: a sua face ironica exprimia o despeito. (*J. Liberato, Annos.*)

Largaram da Corunha com agua-aberta, o *Belfast* e o marquez, e seguiram rodando, coxeando, arrastando-se com a aza ferida, por esses mares fóra. A guarnição do vapor, bebida, rebentou-lhe

depois uma caldeira — do mesmo modo que a *causa* reventara, declaradamente, o apostema dos odios entre Palmella e Saldanha, da divisão dos dois partidos irreconciliaveis que viriam a encher a historia liberal de vergonhas, patentemente expostas perante a Europa.

Redando, coxeando, chegou por fim o *Belfast* a *Plymouth* depois de quatorze dias de atribulada viagem. Palmella via agora que apenas conseguira metade dos seus desejos. Desacreditara Saldanha, mas não conseguira afogar a sedição. Terminara, sim, a guerra; mas que havia de fazer de tres mil emigrados? Opportunamente se verá o que fez. Por agora basta dizer que tambem Wellington não devia ficar contente com o resultado da missão. Palmella que, servindo-o, pensava servir a liberdade moderada, começou por seu lado a perceber que os *torys* apoiavam, alliados à Santa-Alliança, D. Miguel apostolico; e que a Inglaterra do heroe de Waterloo já não era a Inglaterra de Canning. Triste sorte a dos intrigantes!

O episodio da JUNTA acabara. «O direito, qual á condescendente e jesuitica legitimidade bastava, era já por D. Miguel, — ó ridicula subversão dos principios! Faltava o facto da absoluta e não disputada posse: deu-lhe a Junta do Porto e os seus generaes. Como? Fugindo. — Depois de vencidos? Não; depois de victoriosos.» (Garrett, *Port. na balança da Europa.*)

4. — A RETIRADA PARA A GALIZIA

Acabara o episodio da JUNTA, mas não as suas consequencias. Uma, a das forcas, virá mais tarde; a outra, a do exodo do exercito, tem aqui o seu lugar natural.

Logo na manhã do dia 3 soube o Porto do embarque dos personagens: cada qual tratou de se salvar do Povoas e dos miguelistas que vinham proximos. O exercito descia então, calada e tristemente, de Grijó e da Bandeira, para o norte do Douro, concentrando-se no campo de Santo-Ovidio. Abandonado á sua miseranda sorte, apenas o grave, o bom do brigadeiro Pizarro restava para o commandar, com o nobre Sá, (depois da Bandeira) em quem vivia o brio portuguez — e por isso recusara o seu lugar no *Belfast*, preferindo a sorte ignorada dos companheiros de armas. Havia em Santo-Ovidio de 5 a 6:000 homens de tropa e quasi outro tanto de gente que fugia da cidade: paes que abandonavam os filhos, filhos os paes caducos, maridos as mulheres debulhadas em lagrimas. (Soriano, *Recol. Maia, Mem.*) Partiram, sem ordem, nem fórma, como uma tribo emigrante. Era um amontoado de gente a pé, a cavallo, fardada, paisana, armada, inerme; iam as estradas cheias de bagagens e os soldados com molhos de trigo ceifado (era julho) ás costas, para dormirem quando fosse possivel. (Soriano, *Recol.*) Ouviam os signaes e toques do Povoas que entrava no Porto, e provavelmente não se deteria em uma cidade abandonada, avançaria a atacal-os. Para onde iam? Para a Galliza, mas como Colombo foi para oeste, sem rota, nem governo, ao acaso. Tinham Braga e o Minho miguelista e as guerrilhas, pela frente.

Povoas entrou no Porto, sem executar as ordens de Carlota Joaquina. Ninguem matou. O honrado e bom general detestava a guerra civil, e não queria abrir entre os partidos uma valla de cadaveres e sangue. A sua moderação honra a sua humanidade. Por isso não perseguiu os fugitivos; deixando-se ficar a assistir á aclamação de D. Miguel.

Arrastando-se, os emigrantes chegaram a Santo Thyrso, sobre o Ave. Pararam; contaram-se as tropas: 6:000 homens, 400 cavallos e 20 peças de artilheria. (sociaes, *coisa*) Já alguns tinham desertado. Era de noite, no dia 3. Sá da Bandeira ordenou o acampamento, organisou a retirada, guardando para si a retaguarda, mais perigosa, dando a frente ao brigadeiro Pizarro. Essa noite foi terrivel. Em Guimarães havia uma divisão miguelista, guerrilhas em Braga, e Poveas estava no Porto: iam ser infallivelmente mettidos entre os tres fogos, obrigados a render-se. E' demais não havia confiança na firmeza das tropas, e era difficil invocar exemplos quando o dos chefes fôra a fuga. De madrugada já se sabia d'ella: — o Saldanha! todos! até o Schwalbach! e o Silva-Pereira!. . Corja! — Sá da-Bandeira chorava de tristeza e raiva. Caçadores e parte de infantaria 21 voltaram se, desertando. Se se demorassem, fugia tudo. Era urgente marchar para salvar a honra, ao menos. Arrastando-se, partiram, de aza-ferida — como o *Belfast*, lá ao longe, no mar. . .

Seguiam direcção á ponte do Prado, junto a Braga, a galgar o Cavado. Sá-da-Bandeira, a cavallo, na retaguarda, escutava: avançaria o Poveas? Mas nada se ouvia: e todo o seu desespero era impedir, raivoso, as deserções. Havia um calor suffocante. Os soldados ficavam para traz, aos grupos, em dezenas, a rapinar pelos campos e villares dispersos, n'essa região de Minho onde não ha palmo de terra sem casas. Subiam, desciam a Falperra, de ladroagem celebre, agora coroada de guerrilhas que zumbiam e atiravam de longe, impunemente. O 21 desertor andava com ellas.

Assim chegaram a Braga, onde o coronel Ray-mundo preparara a resistencia. (Mata, Mem.) Tiveram duas horas de fogo, entrando na cidade. Os frades tinham atirado dos conventos, fazendo das janelas setteiras, em paga do que a cidade foi saqueada e houve mortandades pelas ruas. (Mata, Mem.) A passagem do Cavado estava conquistada; d'alli, internando-se pelo Gerez onde nascem os rios do norte, não havia mais obstaculos até á fronteira. Mas era necessario partir, seguir, sem perder tempo. Pois não viria o Povoas, a marchas forçadas, do Porto?

Os soldados, porém, recusavam-se; não queriam proseguir, preferiam entregar-se a D. Miguel, deixavam fóra as armas e as mochilas, desesperados, sem enthusiasmo nem já esperanza por uma aventura de perdição. Sá-da-Bandeira era o depositario da honra nacional; e a sua nobreza, a sua coragem intemerata, a sua aberta decisão, conseguiram congregar a tropa: «Preferem uma vergonha? vão, desertem, corram de joelhos pedir perdão ao usurpador!» — Ao que os soldados, com o instincto colectivo da verdade, objectavam que fugiam sem combater. E Sá, a cavallo, um Bayardo! com os olhos arrasados de agua, respondia-lhes: «Tambem eu tenho vergonha d'isso, rapazes!» (Sorianu, Cerco.)

Largaram no dia 5, seguindo o curso do rio Homem, a internar-se nas montanhas do Gerez. Veredas invias, só trilhadas pelo pastor com as suas cabras, não davam passagem á artilheria. A triste firmeza de Sá-da-Bandeira na retaguarda conseguira dominar por um momento o desespero das tropas, mas já não podia agora contel-as. Fraque-

javam, diziam mal ao seu destino; e dois regimentos, menos soffredores, pararam, acclamando D. Miguel. Se Povoas apparecesse, é evidente que a legião debandaria; e a humanidade do general foi então causa de bem graves males deshumanos. Dois regimentos acclamaram D. Miguel e houve por isso fogo: um verdadeiro combate. Pizarro e o estado-maior na vanguarda, ouvindo os tiros, julgando-se ceihidos pelo inimigo, largaram fagindo ao galope desfilado dos seus cavallos, saltando barreiras e precipícios, colleando despenhaqueiros, em demanda da fronteira — a salvação. (Sorianoo, *Coco*)

Pararam em Lobios, já na Galliza, onde foi reunir-se-lhes o roto farrapo do exercito da JUNTA. Era no dia 6; o *Belfast* rodava á tóa e a mariuhagem beboda atirava com elle para as pedras do Finisterra. Tudo fazia agua na barca da Constituição. . .

Lobios, onde acamparam, é um deserto, laideado por aldeias de gallegos famintos, quasi-selvagens: uma gente avára, immundá, miseravel. Havia n'essas altas chapaldas das serras um frio vivo, apesar de ser verão, e um temporal de chuva desfeito. As faces escorriam lagrimas, os andrajos esfarrapados escorriam agua, dos salseiros que penetravam até aos ossos. Além do frio, além da chuva, mordía a fome: a brôa de milho valia a tres tostões o arratel. (Sorianoo, *Coco*) E a bordo do *Belfast* havia os vinhos preciosos e os acepipes dos cosinheiros delicados, ajustados por Palmella em Londres: de um lado estalava o champagne, do outro os soluços dos infelizes abandonados. . . Os soldados vinham lavados em lagrimas dizer adeus aos seus chefes: não podiam aturar mais, voltavam a Portugal, conformados com a sua sorte. Ai! Os offi-

ciaes tambem desertavam; e um regimento, pelos não ter, elegeu para o commando o soldado mais velho. Um dos commissarios, mandado a comprar mantimentos, fugiu com o dinheiro: sete contos. (Soriano, *Revel.*) E muitos queriam que o general dividisse por todos a caixa militar, que tinha cento e trinta contos. Pizarro, conhecendo-os, não annuiu por saber que, dividido o dinheiro, com as algibeiras cheias, debandariam todos para casa. (Mata, *Mém.*)

Os aldeões gallegos depennavam-nos; e commandando as milicias de cretinos, appareceu um quixote castelhano, ou gallego com rompantes de andaluz, a fustigar os infelizes com chicotadas de insultos, com instancias insolentes para voltarem para traz, entregar-se á religião e a D. Miguel. De 6:000 que eram ao partir do Porto, um terço ficara pelo caminho; e dos 4:000 que passaram a fronteira, conseguiram as miserias do acampamento de Lobios fazer regressar ao reino 1:600, emigrando por fim dois milhares e meio. (Soriano, *Cerco*)

Apeados, desarmados, vexados, rotos, imundos, famintos, os restos do exercito da JUNTA foram em conductas ou pelotões enviados para o Ferrol e para a Corunha. Ahí Palmella soube de tudo, socegado no *Belfast*, e atirou o charuto, contrariado, ao mar...

O honrado Pizarro, com o dinheiro que tinha, era a ultima providencia dos infelizes que a Hespanha repellia de si; e de toda a Europa, elles apenas viam na Inglaterra, onde Palmella estava com os milhões da divida brazileira, um asylo possivel para a sua lastimosa sorte. Pretaram-se barcos, e foram na sua imundicie miseravel, em turmas, acamados como sardinha em pilha, no fundo

de porões infectos, desembarcar em Plymouth. A' distincção aristocratica do marquez fazia nojo um tão miseravel espectaculo: deu-lhes esmola sem lhes apertar a mão; e enquanto vivia *bem* em Londres, amontoou-os no barracão celebre de Plymouth. Lá iremos, mais logo, acompanhá-los.

Agora, terminado o episodio da JUNTA, é dever nosso perguntar, com a mão na consciencia: era ou não era, D. Miguel, acclamado na Ajuda, rei *legítimo* de Portugal?

II

O Terror

1. — O REI ESFÉRMO

A sedição do Norte não fôra vencida, mas desmanchára-se em pó e lágrimas, n'uma impotencia vergonhosa e triste — que valia ainda mais para a afirmação victoriosa do governo da capital. D. Miguel era sem contestação rei, de facto reconhecido pela Europa, accete pelo reino inteiro, adorado como um ídolo em Lisboa. O seu genio podia expandir-se á larga; e n'este canto da Europa, em 1828, via-se um exemplar de governos archaicos: um tyraeno querido acclamado por uma demagogia fanatica de religião, de realoza. D. Miguel e o seu franco plebeismo eram a genuina expressão do Portugal velho que, de crises em crises successivas, attingia agora a ultima. O rei passava a cavallo, a galope, com a vara entalada na sella, moço e radiante, e a gente das ruas parava a adoral-o com um ar de jubilo ingenuo nos rostos; os mendigos de uma cidade mendicante avançavam ajoelhando e o principe abria a bolsa, dava-lhes dinheiro; as mulheres resavam, pedindo a Deus a conservação de um rei tão bello, tão bom, tão amigo do povo! Corriam pequenos cathexismos, orações em que Portugal, repetindo Jerusalem, era o motivo de psalmos e antifonas ardentes,

invocando-se a Virgem-Purissima-Nossa-Senhora, para que protegesse o augusto e amado rei, defendendo-o de todos os seus inimigos, livrando o reino do pestilente e infernal contagio da seita maçonica... etc. (*Cantico e louvores singulares, etc.*) Sempre que apparecia em publico, D. Miguel era victoriado, levado em triumpho, entre bençãos e acclamações delirantes: de uma vez, passando na Carreira-dos-Cavillos, caminho de Queluz, achou-se rodeado, sem poder avançar. Eram officiaes do exercito, eram voluntarios realistas, eram paisanos — homens, mulheres, gente de todas as cidades e classes, que puxando a carruagem o levou em triumpho, entre vivas espontaneos e ardentes, até Val-do-Pereiro. (*D. Miguel em Port.*) Ninguem dirigia, ninguem ordenava essas festas sem programma, que brotavam como expressão viva do enthusiasmo popular. Respirava-se o ardor de uma cruzada: D. Miguel era um Pedro-eremita! Creava-se uma cavallacia nova e sagrada, para oppôr á seita maçonica: era a ordem de S. Miguel-da-Ala de que o rei tinha o grão-mestrado, para defender a Santa religião catholica, apostolica, romana, e restaurar a legitimidade portugueza. Em vez do triangulo symbolico . . . tinha por symbolo as cinco chagas em cruz ∴ como na bandeira nacional. (*M. Carvalho, Hist. contemp.*) Se D. Miguel apparecia de noute nos theatros, elle era o spectaculo, não a scena; e os dias festivos do reinado viam surgir torrentes de versos inspirados pelo apostolismo, mas não melhores do que os versos naturalistas, liberaes. Os poetas laureados eram o Curvo-Semedo, o Granate, Barradas, Costa e Silva, José Daniel o Bocage da plebe, Bacellar, Pedro Lopes que assignava: official da secretaria dos estrangeiros. (*V. as folhas soltas, poesias de amor, etc., avulso.*) N'essas composições gongoricas, entumesci-

das e depravadas no gosto, D. Miguel era alcunhado de glorioso, invicto, excelso, adoravel, anjo, heroe, etc.

Pois el rei Dom Miguel, primeiro em tudo,
E' um nome do céu que veio á terra!

... Dom Miguel por lei da divindade,
O heroe libertador da Europa inteira!

A intelligencia portugueza não dava para mais: de um lado psalmos apocalyplicos, litteratura fradesca, recheiada de allusões biblicas e textos dos SS.-Padres, do outro um clacissimo archaico, feito de allusões greco-romanas e allegorias pseudo-antigas. Antes o *Rei-chegou!* na redondilha popular, antes o desbragado estylo de José-Agostinho, de S. Boaventura, onde o critico sente o palpitar vivo da alma collectiva e a explosão da brutalidade cega do genio portuguez, sempre plebeu na furia.

No dia 9 de novembro (28) D. Miguel guiava a sua carruagem, galopando de Queluz para Caxias. Vinham com elle as irmans. De repente, uma sub-roda da estrada avariada faz saltar o carro que vacilla e tomba. As infantas, despedidas para o lado, caíram, contusas. D. Miguel, enclaiado nas redeas, ficou entre as rodas; e as mulas assustadas fugiram, e as rodas passaram por cima do idolo e partiram-lhe uma perna pela coxa. Foi levado em braços, gemendo: a sua vida estava em perigo.

Nada ha mais fragil do que os idolos. A idolatria é em si uma doença. Qualquer accidente a revela, e foi isto o que succedeu com a enfermidade do rei.

Os que o adoravam illudiam-se, porque adoravam, não a pessoa, mas os sentimentos de um calor morbido, que as necessidades do espirito humano obrigavam a personalisar em um homem. O enthusiasmo miguelista era a expressão de uma febre, e a sua força apparente semelhante á dos epilepticos, desenvolvendo n'um momento energias inerivcis, para cairem logo no abatimento apathico.

Mas a idolatria miguelista era apenas o primeiro estado da epilepsia portugueza — e logo se viu isso, quando o rei caiu enfermo: aggravou-se a enfermidade social.

O furor começou contra as mulas que foram justificadas, e contra os liberaes a quem, pretendem, se ficasse dando o nome de *malthulos*, da côr d'essas bestas immoladas. (Monteiro, *Hist.*) As arruaças plebêas exacerbaram-se: *desabufava o povo* com os cacetes, vendo em tudo indícios de liberalismo. O desgraçado a quem algum se lembrava de pôr subtilmente nas costas um M, a giz, voltava a casa espancado, senão morto. Ter uma flôr na casaca, o anel em certo dedo, dois botões do collete desabotoados, eram indício de malhadice, causa certa de espancamento. Ninguem se atrevia a vestir uma casaca azul, e eram denunciados os mercadores que usavam nos seus livros papel d'essa côr. As capas á hespanhola estavam condemnadas. (*Apont. da reb. etc.*) Muita pobre gente inoffensiva, perseguida, fugia para bordo dos navios inglezes, emigrando — com gaudio dos que ficavam para lhe sequestrar os bens. Outros divertiam-se com o touro popular, entreteendo se em denuncias burlescas: papeis incendiários! — era uma fabrica de mechas. (*Ibid.*)

D. Miguel gemia no leito, e já cá por fóra o davam por morto. O problema da successão excitava todas as loucuras. Não havia herdeiro. Indicavam-se

Carlota-Joaquina, Isabel-Maria, ou o infante D. Sebastião, hespanhol. Os exaltados chegavam a considerar providencial o accidente, por acharem D. Miguel tibio, bom de mais, para com a «coija» de pedreiros-livres que o rodeava. A furia crescia; nem o restabelecimento do rei que deu beija-mão, vinte dias depois da queda, baixou a temperatura apostolica.

A onda galopava, e a fatalidade das revoluções via-se n'esta revolução reaccionaria. Os seus homens vergavam, quebravam-se, cedendo o passo aos que fallavam mais alto ao medo geral com palavras de colera furibunda. Só o terror sem piedade, a expurgação completa, salvariam a patria ameaçada. Por quem? pelos de fóra? pelos adversarios emigrados? Não: pouco ou nada eram ainda para temer. O grande susto era o espectáculo da miseria universal, e a invasão constante, invencivel, das idéas novas, estrangeiras e impias, que tanto mais se infiltravam, quanto mais cruel e incommodo era o furor que as perseguia. Apesar dos sequestros e confiscos dos bens dos emigrados, apesar da caixa aberta para os *dons voluntarios*, frequente euphemismo com que se denominavam positivas extorsões; apesar dos mealheiros collocados nas egrejas pedindo esmola para as urgencias do Estado, (Sorian, *Revol.*) o Thesouro não se enchia, o banco deixava de pagar as suas notas, e era necessario emittir dous mil contos de papel-moeda (setembro de 29) quando os vencimentos dos empregados por pagar se rebatiam pela quinta ou sexta parte. (Monteiro, *Hist.*)

Mais grave que a fome era, porém, a invasão subtil, omnimoda das idéas e costumes estrangeiros

que lavravam apesar do Terror; e os energumenos não viam contra os males outro remedio, senão o recrudescimento das perseguições expurgadoras. «A rapariga da mais fina raça de *besta* (malhada) não queria o frade para mestre de piano — diz fr. Fortunato, mais tarde, em 1831, na sua furiosa *Hypocritica*, — e a mãe promettia mandar-lhe ensinar o hymno (de D. Pedro) e um bom sortimento de lundans philarmonicos e constitucionaes. O rapaz não queria ir para a escola dos Neris, que o moem com doutrinas e ladainhas: quer ir para a escola de Jeremias Bentham. O pae concorda, e deseja que elle seja um bom *preopinante*. O fedelho repelle a cartilha do padre Ignacio e o avô promette-lhe a cartilha do padre Volney.» Isto vinha assim desde 20; e ia-se á Assembléa-portugueza, dos negociantes liberaes de Lisboa, em vez de se ir á Igreja, «preferindo-se isso a ouvir um frade tonto ralhar contra os peccados».

Este exame da origem dos males actuaes leva o frade a exclamar: «Ah! Lisboa, Lisboa! quando me lembra o crescido numero de mações e impios que profanam o teu vasto recinto, occorre-me logo a fabula de Augias...» (*Mustigoforo*) Era o que D. Miguel não fazia, ou não fazia assaz, na opinião dos energumenos: as estrebarias continuavam sujas. E diziam-lh'o frente a frente, com a maxima liberdade. Em um sermão prégado por fr. João, — o outro Boaventura, que depois se passou para D. Pedro, — na presença do rei, o orador exclamava: «Senhor! em nome d'aquelle Deus alli presente. em nome da religião, peço a V. M. que dê cabo d'essa vil canalha liberal, porque são impios e pedreiros. E saiba V. M. que ha tres meios de dar cabo d'elles: enforcal-os, deixal-os morrer á fome nas prisões, e dar-lhes veneno — veneno, senhor!»

Houve um murmúrio de horror, na côrte, na egreja; mas o frade, sem medo, continuou: « Eu vejo pedreiros-livres em toda a parte. V. M. está cercado d'elles e lhe estão fallando!» (*Oração de acção de graças, etc.*) Com effeito o valido Pires fallava então baixo com D. Miguel. Tremeu; ia morrendo de susto.

A força das cousas condemnava a moderação, dando o poder aos exaltados. A historia de D. Miguel repotia a da republica franceza — ao avesso. A amnistia era a condição exigida pela França e pela Inglaterra ao reconhecimento do rei. Wellington debatia-se, querendo o impossivel: o antigo casamento, mas sem CARTA. Strangford estava ao lado de D. Pedro, no Rio, instando em vão com elle para que cedesse; e D. Maria II era tratada como rainha em Inglaterra, ao mesmo tempo que a expedição de Saldanha á Terceira recebia em cheio os tiros de Walpole (janeiro de 229). Impedir a victoria do liberalismo, mantendo a combinação dynastica e exigindo moderação do governo portuguez, era o que as potencias queriam. Se D. Miguel e D. Pedro tivessem ou podessem ter annuido, não haveria guerra, nem CARTA.

Mas D. Pedro, e mais ainda os seus, já conheciam bem a fatalidade que arrastava D. Miguel, e como, instrumento nas mãos da mãe, bandeira e não chefe de um partido, era forçado a progredir, sob pena de ser deposto. O mesmo acontecia aos estadistas que não seguiam, ou não obedeciam ao furor apostolico dos demagogos. E o frio inglez, sem capacidade para comprehender o character e a violencia da epilepsia portugueza, pretendendo o impossivel, tornava nulla a sua influencia, deixava Portugal entregue a um destino que vinha marcado desde o principio do seculo: o ataque de furia do antigo genio nacional agonisante. Era a expressão

ultima da força de uma nação enlouquecida por uma educação de tres seculos, contra a natureza.

O conde de Bastos, furibundo e idiota como os seus sequazes, mas órgão legítimo, *puro*, do partido, subiu ao poder, como enfermeiro, — não do rei cuja perna se collara, mas do reino que se fracturava por toda a parte nos impetos e saltos de um possesso, adorando n'um idolo, sem vontade nem força de homem, o seu proprio desvario. «Expulsar a pedreira de todos os empregos» eis o programma de governo proposto por Fr. Fortunato, (*Mastigifero*, 1829) a uma nação de empregados publicos. Mas esse remedio era apenas provisório, outro o decisivo: «Os pedreiros aspiram, mais que tudo, a honras e dinheiro, e quebrada esta mola dizem facilmente um adeus eterno á maçonaria.» Talvez este remedio dispensasse a continuada applicação do ultimo e verdadeiro que era

A FORÇA!

2. — AS FORÇAS

Entre arrobos de um sentimentalismo bucolico e humanitario e accessos de uma furia africana tem vivido a sociedade portugueza. Com o ardor apostolico viu-se reaparecer a segunda, na primeira metade d'este seculo, — depois da crueldade contra os judeus, depois da historia mais recente do Marquez de Pombal. Dizem os que têm entrado em batalhas que o sangue embriaga; e sabem os que têm estudado revoluções que os patibulos acirram. O terror e a crueldade fazem perder o amor da

vida: em França, durante Robespierre, morria-se quasi alegre, indifferentemente, na guilhotina.

Cá, não se chegou a tanto, — até porque as execuções foram pouco numerosas: todos os justicados de 28 a 34 não excederam 115, entrando n'essa conta assassinos e desertores arcabuzados. ¹ Mais crueis, mais barbaras, mais incommodas eram as perseguições incessantes, a falta absoluta de garantias, o regime das prisões, atulhadas de infelizes:

¹ Estatística das execuções realistas, (ap. Seco, *Memoirs.*)

- 1828-20 junho. 9 estudantes de Coimbra, em Lisboa; enforcados pelo assassinato dos lentos.
- 1829- 6 março. 5 militares, em Lisboa, id. pela conspiração Moreira. (Mais 6 réus degradados.)
- 7 maio. 19 réus da sedição do Porto, id. no Porto. (Mais 4 réus degradados.)
- 9 outubro. 2 réus da mesma sedição, idem.
- 21 novembro. 1 soldado, desertor e homicida, enforcado.
- 1830- 4 março. 1 soldado, desertor e homicida, enforcado.
- 6 " 6 réus do roubo e desauto da igreja da Graça, no Funchal, id.
- 4 maio. 1 réu de roubo e homicídio, id. no Porto.
- 9 julho. 1 mais dos estudantes de Coimbra, enforcado em Lisboa. (Desaparecem os dois restantes, de 12.)
- 13 novembro. 1 homicida, enforcado.
- 1831-14 março. 7 réus da rebelião de 7 de fevereiro, garrotados em Lisboa.
- 10 setembro. 18 soldados do 4 (sedição de 21 de agosto) fuzilados em Lisboa.
- 24 " 21 id. id.
- 22 novembro. 1 padre enforcado no Porto.
- 1832 20 agosto. 2 réus de alliciação de soldados para o Porto, garrotados em Lisboa.
- 23 agosto a 25 out. 17 soldados fuzilados em Vizeu, por deserção para o Porto.
- 1833-21 março. 6 soldados fuzilados em Vizeu, por deserção para o Porto.
- 22 maio. 1 réu de alliciação de soldados para o Porto, garrotado.
- 17 junho. 1 idem idem arcabuzado.
- 16 julho. 1 idem idem garrotado.
- 22 " 1 idem idem idem.

Das cadeias e da emigração erguia-se um clamor de desespero, um desejo de liberdade, que não curavam já de saber que doutrinas políticas melhor serviriam á patria, mas sómente de viver em paz no seio d'ella. Uma grande crueldade em perseguir, e uma hesitação, um medo, um receio em matar, — embora isto pareça paradoxal, não o é, — eis ahí, d'entre as consequencias da simultanea violencia e fraqueza miguelistas, uma das que mais concorreu para a perdição do absolutismo.

Depois do caso dos lentes (18 de março de 28) introdução sangrenta de uma tragedia, veio a se-
dição do norte (16 maio) authorisar os que já re-
clamavam o Terror. Esse caso dos lentes, porém,
horrendo symptoma da barbarie dos costumes por-
tuguezes, só por nimia parcialidade pôde conside-
rar-se um crime politico. Tinham em Coimbra os
estudantes uma sociedade secreta d'entre a qual
foram eleitos os doze que deviam consummar a
vingança barbara de castigos ou tyranias escho-
lares. Vinham, de Coimbra a Lisboa, tres lentes,
com o deão e um conego do cabido, dar os para-
bens a D. Miguel pelo seu regresso. Era de ma-
nhã, das 7 para as 8 horas, no sitio do Cartaxinho
junto a Condeixa: os doze, mascarados com len-
gos, a pé, armados de trabucos, ordenaram alto á
comitiva que apecou. Separaram-nos, trucidando-os
a tiro e a pupbaladas. Do alto de um cômodo pro-
ximo, uma mulher, presenciando a façanha, come-
çou a correr gritando por soccorro. Como era ter-
ça-feira havia povo pelos caminhos, para o mercado
de Condeixa. Acudiu gente, cercaram os assassi-
nos, prenderam nove, fugindo tres. Regulavam

todos entre 19 e 24 annos. Dos fugitivos, dois escaparam, vindo um a morrer phthisico em 44, depois de ter combatido no exercito liberal, e outro a arrastar uma vida miseravel pelo Algarve. O terceiro, refugiado em Hespanha, foi depois colhido e justigado. (M. Carvalho, *Hist. contemp.*)

Os nove presos no acto, em flagrante, pelo povo, foram levados á Figueira e d'ahi a Lisboa. Tres mezes depois do crime morriam enforcados no Cacs-do-Tojo; sendo as mãos e a cabeça de tres d'elles cortadas e pregadas nos angulos da forca, até consumpção natural — conforme dizia a sentença. (Socco, *Memor.*)

Este primeiro episodio da tragedia é symptomatico. Se o crime não podia dizer-se politico, é fóra de duvida que, mais ou menos definitivamente, a politica entrára no assassinato e accentuava a crueldade da sentença. O odio theologico affirmava-se pela primeira vez no governo; e por parte dos criminosos, o seu acto preparava as desforras de bandidismo feroz, os morticínios dos presos liberaes de Villa-Viçosa e de Estremoz, e o vasto systema de exterminio impunemente praticado contra os vencidos pelas guerrilhas de facinoras que depois de terminada a guerra assolaram por seis ou oito annos o reino inteiro. Essa ferocidade anarchica, o assassinato impune, a vingança e o roubo, como na Italia meridional ou na Grecia, eram a consequencia final do movimento de decomposição lenta a que a sociedade portugueza obedecia desde largos annos.

Por outro lado, a cór do sangue e os stertores da forca exacerbaram a fúria apostolica, dispondo-a a responder com a alva e a corda aos temerarios ataques dos seus incorregiveis inimigos.

A' moderação de Povoas no Porto respondeu o governo creando os tribunaes especiaes por todo o reino, — inquisição politica para descobrir e julgar os crimes de apostasia ou de tibieza na religião ardente do absolutismo apostolico. Para o Norte foi uma Alçada bem escolhida, de magistrados que não mentiriam, como o general mentira, aos desejos sanguinarios da rainha e dos seus sequazes.

Enquanto no Porto a Alçada dispunha as cousas para a tragedia de 7 de maio (1829), em Lisboa o episodio de uma sedição abortada veio acirrar ainda mais a exaltação dos energumencos. Palmella, de volta a Londres com os tres mil emigrados ás costas, vendo-se burlado pelos amigos torys a quem tão bem servira no Porto, dispendo do dinheiro do Brazil e corrigido pela proclamação francamente revolucionaria de D. Pedro (25 de julho de 28) — reconheceu a impossibilidade de fazer cousa alguma com D. Miguel, a quem os torys decididamente protegiam. O proprio que suffocara a JUNTA, era quem seis mezes depois appellava para uma sedição em Lisboa. D. Miguel jazia então doente no leito, e os absolutistas andavam desorientados na imminencia de uma crise. O momento era azado, mas tudo o mais adverso. A conjuração foi uma farça triste e ridicula, apenas tomada a serio pelos ferozes juizes que enforcaram alguns desgraçados.

Em Lisboa, que era o foco do miguclismo, não havia já um soldado de que se pudesse esperar. O exercito fôra expurgado: tinham regressado os apostolicos de Hespanha, tinham emigrado os regimentos liberaes, e além da Linha, havia a coorte fiel e decidida dos Voluntarios, já organisados em todo o reino. Palmella gastou vinte e cin-

co mil libras com intrigantes e com a brigada de Marinha, (Maia, Mem.) o corpo mais plebeu, menos militar de Lisboa, formado com o refugo do recrutamento do exército, e enjos soldados, vestidos á franceza, — calça branca, talabarte com espada, casaca azul aberta com bandus vermelhas e grande barretina com um penacho vermelho colossal (Sketches of port. life, anon. V. as gravuras) — eram os queridos das tabernas, nas vielas da reputação má, arruaceiros e bebedos. Tal era a tropa com que Palmella se dispunha a sublevar Lisboa. Como chefes, que foram sugando o diplomata enquanto a comédia durou, havia um rapazote estrangeiro sem mérito nem credito, havia fidalgas, havia a bordo de uma fragata franceza no Tejo o antigo Ferreira-Borges, perdido e desacreditado para todos os partidos. (Maia, Mem.) Fôra o procurador da companhia dos vinhos nas côrtes de 20; e depois, retirado em Londres, redigira o *Popular* e o *Correio interceptado*, onde á morte de D. João VI defendera a legitimidade de D. Miguel, desdizendo-se mais tarde em Paris nas *Dois palavras* a favor de D. Maria II. Ferreira-Borges planeava repetir no dia 9 de janeiro um 1.º de Dezembro, e o caso era tão serio que ninguem o ignorava em Lisboa, todos riam, e os garotos da capital commentavam. (Maia, Mem.)

Não riram porém os juizes scrozos que, para se viugarem em alguem, escolheram entre os réus uma creança de 19 annos. (Chaby, V. Excerptos histor. notas) Os intrigantes, vendo o ar tragico da farça, escaparam com o dinheiro sacado a Palmella, (Maia, Mem.) com medo de João Paulo Cordeiro que positivamente promettia «fazer em azeite os malbados todos e allumiar-se com elle». (Apont. da vida, etc.) Foi a 6 de março que os cinco infelizes condemnados á

forca (Moreira, Braga, Perestrello, Chaby, Scarnichia) padeceram no caes-do-Sodré. Houve festa esse dia nas casas d'onde se via a funeção: visitas, doces, copinhos de licôr; e as damas que adoravam a rainha, vestidas de azul e vermelho, debruçavam-se das janellas, do oculo, como n'um theatre, para vêr a morte dos desgraçados balouçando-se na forca. (*Apont., etc.*) Com os réus de morte vieram mais seis, degredados por toda a vida para Africa, e condemnados a assistir à execução: um era o filho do brigadeiro Moreira, da Marinha, que observou a cabeça do pae espetada no patibulo. Além dos enforcados, além dos degredados, houve outros mortos: a viuva do brigadeiro, de afflicção, e o pae da infeliz creança executada que se suicidou. . .

Palmella reconheceu então que o unico destino da gente que o incommodava em Inglaterra era expedil-a para o Brazil — se D. Pedro e os brasileiros os quizessem lá.



A forca pede forcas, — traducção revolucionaria do fatigado adagio latino. Dois mezes depois da tragedia de Lisboa veio a do Porto, remate das obras meritorias da Alçada, ¹ no dia 7 de maio.

A terrivel sentença condemnava dez dos réus a morrerem no patibulo, devendo (com mais razão) partilhar d' mesma sorte os contumazes, fugidos para Londres no *Belfast*. Era um longo rol de mortes, commentadas com requintes funebres. As cabeças

¹ D'esse tribunal resultou o pronunciamento de 8247 pessoas, das quaes 12 foram enforcadas (6 de maio e 6 de outubro), 48 morreram nas cadeias, 241 foram degredadas, 32 estavam ainda na cadeia em 9 de julho de 32 á chegada do exército de D. Pedro. (*V. Sisco, Mem.*)

dos justicados seriam decepadas, e distribuidas pelo Norte, onde a sedição lavrara, como resposta ao insulto: duas á Praça-nova, nos patibulos, tres a Aveiro, duas á Feira, mais uma á Foz, outra á praça da Cordoaria, no Porto, e a ultima a Coimbra, onde ficou espetada em um pinheiro na praça de Sainsão. (M. Carvalho, *Hist. contemp.*) As cabeças dos contumazes deveriam ser pregadas em postes ao longo da praia, entre Leça e a Foz, viradas para o mar — quando as colhessem ás mãos. Carlota-Joaquina começava a regosijar-se. Os frades e a plebe tinham trucidado em Villa-Vieosa uma leva de 70 presos que ia de Lisboa para Elvas: (Monteiro, *Hist.*) era um processo ainda mais summario do que o dos tribunaes mixtos!

Com os condemnados á forza havia no Oratorio outros, com a pena já commutada em degredo como Pestana, ou em prisão perpetua como Bandedeira, — o Bocage minhoto em quem brotava a *vís* poetica popular. Por um requinte de crueldade deixavam-nos agonisar no Oratorio, para só depois lhes dizerem que, forros da morte, deviam assistir de alva e corda á morte dos companheiros. . . Elles no Oratorio resavam, eboravam; e o minhoto *liberal*, com a velha religião abalada, ouvia cantar dentro de si o antigo genio *celtico*, vago, de uma natureza mystica

Quando sobre a negra escada
Vires meu corpo tremer,
Dá desconto á natureza
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Na manhã do dia 7, pelas dez horas, saíram processionalmente da Relação para a Praça-nova onde havia duas forcas armadas: eram demasiado para uma só. Tropas abriam o prestito; depois a imman-

dade da Misericórdia com o seu painel erguido; em seguida padres e frades, psalmeando latim funebre n'um canto-chão rouco; logo a tumba, pintada de negro com os emblemas mortuários herdados do paganismo: a lampulhota, a foice, a caveira; depois um alto crucifixo erguido, com a figura voltada para os réus que vinham ladeados de frades, arrastando-se vivos ou agonisantes, nas suas alvas longas, de capuz caído sobre as costas, com a corda que os afogaria passada á cintura, ligada n'um molho sobre as espaldas, e um pequeno crucifixo nas mãos atadas...

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Tropas encerravam o cortejo, e depois d'ellas o povo cantando em côro — Miserere! Miserere!

No dia 7 a plebe cantava tambem, em salvas estrepitosas — Viva D. Miguel ! e das janellas dos Congregados e dos Loyos respondiam, acenando lenços, os frades e toda a gente que as atulhava, decorada para assistir á funcção. (Monteiro, *Hist.*) Mas pelas ruas as lojas tinham-se fechado, as calçadas viam-se desertas, e a solidão, o silencio da cidade diziam tambem — Miserere! Miserere!

Na Praça-nova havia duas forcas. Esses patibulos eram uma construcção simples: dois madeiros a prumo, enterrados solidamente no chão, e uma trave horizontal ligando-os nos topos. Da trave ao chão, uma escada larga, onde combessem os dois carrascos, o paciente, e o frade. Em roda dos patibulos estavam os condemnados, nas suas alvas, com a cabeça e os pés nus, e dois ou tres frades confessando-os, absolvendo-os em nome do céu proximo, dependente de um nó corrido na garganta. E os frades sabiam, viam, claramente, sem a mi-

nima duvida, o que estava para além d'esse nó: glorias ineffaveis, eternas! — mas desmaiariam, como abatidos, quasi mortos, desmaiavam os condemnados...

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

se os condemnassem, a elles, á eterna gloria...

De um lado ficavam os meirinhos e escrivães, de capas e batinas negras, calção, meia e sapato ahvelado, «para pôr sua fé no feito» como diz a Ordenação, de outro os clérigos, em côro, n'um tom de rufar de trovões distantes psalmeavam: *De profundis clamavi ad te... De profundis...* Os carrascos, nos degraus das escadas, esperavam; e em quadrado as tropas, enfileiradas, do arma ao hombro, formavam um cordão unido, monstro dentado de bayonetas, de cujas escamas de aço o sol, indifferente á loucura humana, tirava faiscas. Dizia-se um nome, e o carrasco apoderava-se de um homem, seguido por um frade resando-lhe ao ouvido...

Este corpo que abraçaste
Que já foi o teu prazer,
Vae tornar-se em pó, em terra,
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Subiam as escadas; a meia altura, o carrasco tapava a cabeça ao desgraçado vestindo-lhe o capuz branco, pendente nas costas, atava-lhe os dois pés... Rapido! breve! passava-lhe o nó na garganta, enrolada a corda na trave da forca, e sobre o vulto branco, sem fórma viva, nem vida talvez, erguia a perna, montava nas saliencias já molles dos hombros, com o pé afastava-se da escada... A figura singular do homunculo a cavallo

n'um fardo branco, baloiçava-se no ar, sem um ruído, placidamente. Não era mistér que os tambores rufassem, porque os clérigos rufavam o seu canto-chão — *De profundis clamavi ad te, Domine*. . . e a plebe na rua e as senhoras nas janelas soltavam acclamações: Viva D. Miguel 1! Viva a Santa Religião!

Enforcar um homem gastava meia hora, e como eram dez, em duas forças, o serviço acabou pela uma.

Quando os juizes mandavam que os corpos fossem queimados, ao lado das forças havia a fogueira. Era uma pilha de tojo e barris de alcatrão, e sobre ella uma plataforma de taboas, onde os carrascos iam depôr os vultos brancos enforcados. Lançava-se fogo, e a labareda subia; de começo nada incitava a curiosidade, mas assim que a chamma rebentava os laços dos pés e dos pulsos, começava-se a vêr erguerem-se as pernas, os braços — dir-se-hia para o céu, pedindo perdão, ou vingança! A plataforma lambida de chammas era uma ceara de membros humanos que a labareda movia, como a aragem faz pelos campos aos rebentos das arvores ainda tenros. Pareciam vivos, os mortos. . . E depois de tudo consumido, e apagada a fogueira, o carrasco ia cumprir a fórmula jurídica, tomando um puñado de cinzas, dispersando-o ao vento, ou lançando-o no mar. (*Sketches, &c.*)

No Porto não houve queima. A sentença, mandando apodrecer os cadáveres nas suas covas, dava-lhes um destino semelhante ao dos vivos que os personagens mandavam apodrecer sobre as palhas immundas e piolhosas do barracão de Plymouth. Era o que restava da JUNTA; era o rasto d'essa viagem do *Belfast*, singular, aventureosa. . .

A força trabalhava na Praça-nova. Descera o

primeiro, subira o segundo, o terceiro, do mesmo modo até dez . . .

Adieu, Mercia, eu vou morrer!

É o poeta que, na sua alva branca, descalço, com a corda á cinta e o crucifixo nas mãos, assistia ás mortes successivas, tinha diante de si um montão de vultos brancos, fardos rolados no chão. Se

... vires meu corpo tremer
dá desconto á natureza!

O carrasco sacara do bolso a navalha e curvado ia tirando de cada fardo uma cabeça congestionada e ainda quente. Estavam em linha, nas suas varias phisionomias, esperando o destino marcado na sentença; e os troncos decepados eram mettidos em caixões, empilhados na tumba negra com emblemas pagãos. A' uma hora acabara tudo; e sobre a trave, em cada uma das forcas, via-se uma cabeça cortada — para exemplo. Outra estava n'um mastro na Cordoaria, outra na Poz. As restantes tinham sido distribuidas, como já se disse.

Faltavam as dos personagens para bordarem a praia até Leça.

Mais tarde, em 9 de outubro, ainda o Porto viu a execução de mais dois dos réus da JUNTA. A cabeça de um d'elles foi mandada erguer n'um poste diante das janellas da mãe desolada. (Secco, Mem.) Eram canibaes? Não eram. Eram somente apostolos: apostolos como o tinham sido, mas de uma religião diversa, Robespierre e Fouquier-Tinville. Os absolutistas que não ardiam n'esse fogo revolu-

cionario, lamentavam, choravam, protestavam contra a sorte do reino entregue ás mãos de um bando de desvairados. E apesar de vencidos, tanto fizeram, que alcançaram moderar a furia, sem conseguir amansar os loucos. A força descansou, até que a guerra veio tornar a acclamal-a. Mas o Terror, ou por cobarde ou reprimido, não podendo cavalgar sobre os hombros dos condemnados, tornara-se em um systema perido e ignobil de perseguições que enchiam as cadeias e engrossavam a expatriação. Perdido o sizo, essa gente, applaudindo os que fugiam deixando os bens para confiscos e sequestros, deixando *pura e limpa* a atmosphera apostolica: essa gente não via que a população do exilio e das cadeias era a nova nação inimiga, irreconciliavel, que todos os dias crescia ¹ ganhando força, e a segurança de uma victoria final inevitavel. Se a crueldade horrorisa, a vil pequenez com que os presos eram martyrisados repugna. Amontoando-os nas masmorras, e picando-os a toda a hora com insultos, maus-tratos e tentações, os tyrannos esperavam dobrar, *educar* esses animos rebeldes, essas almas pervertidas pelo magonismo. Quem ensinara tão diverso methodo? O educador moderno, o jesuita, com o *Directorio* de Almagiva nas mãos. ² D. Miguel, ou quem em seu nome governava, chamára-o para missionar e converter os perdidos. Fr. Fortunato puzera a sua penna ao serviço d'elles (*O Defensor dos Jesuitas*). Tinham chegado a Lisboa,

¹ O *Covier* calculava assim em Julho de 31:

Nas prisões do reino.....	23:270	personas
Deportados em Africa.....	1:100	„
Enforcados.....	27	„
Contumazes.....	3:790	„
Exilados.....	13:700	„

² *História de Portugal* (3.^o ed.) II, pp. 53 e segg.

(13 de agosto, 29) e depois do cerbero da Torre, o Telles-Jordão, preparar com inauditas violencias e torpezas o animo dos prisioneiros, foram vel-os, convidando-os, piedosa, cuidadosamente, a renegar, arrependidos, os seus erros. (1832, Lopes, *Ekkt. do captive.*)

3. — AS CADEIAS

O Limoeiro era em Lisboa a sala d'espera de S. Julião, cujas casa-matas e segredos regorgitavam de habitantes. Durante o Terror miguelista via-se o que se vira na França e por toda a parte, em condições identicas. A natureza humana é sempre uma. A denuncia torna-se um officio e uma necessidade: vive-se d'ella, para satisfazer odios, para eliminar inimigos, rivaes, credores encommo-dos; e pratica-se para afastar suspeitas de traição, de tibieza. Uma vez organizada e admittida, uma sociedade divide-se em denunciantes e denuncia-dos: vale mais ser dos primeiros, e só é permit-tido ser uma cousa ou outra. Os magistrados, ainda quando queiram ser justos, não podem: se repellem os denunciantes, são logo denunciados por tibios, ou por traidores. Pactuar com o dolo, com a injustiça, é uma necessidade para os fracos — e d'esses é a maioria dos homens. O Terror cria, pois, uma atmosphera morbida que todos respiram, circulo vicioso de que apenas saem os que tem força bastante para preferirem a morte, ou fortuna para alcançarem um exilio salvador.

A' sombra do Terror, bafejados pelo ar viciado, prosperam e engordam sempre muitos, com o trabalho simples de affectar uma furia superior á do visinho. Esse pequeno esforço dá mais do que a segurança: dá a impunidade para o roubar. Ao lado dos energumenos, apparecem os que fingem

sel-o, e constitue-se uma dictadura clamorosa de doidos e patifes. A historia de D. Miguel mostra que o primeiro elemento predominou no governo e no povo—o que é uma honra para o caracter portuguez. Os que têm estudado a revolução franceza acham lá predominante o segundo.

Mas seria impossivel que, no meio de um tão grande desvairamento, não houvesse quem lucrasse com elle; e esse lado torpe do Terror viu-se nas cadeias que eram o tumor purulento de governo. No Limoeiro, os carcereiros espremião o preso, vendendo-lhe caro as graças da prisão. Para augmentar o valor do serviço, aggravavam a misera condição dos infelizes, lançando as mulheres arrebatadas ás familias para o seio das enxovias atulhadas de meretrizes e ladras: um monturo de impudicicia torpe, obscena. Os homens eram amontoados, empurrados a pau para a sociedade dos assassinos, n'essas salas imundas, habitação de infernaes miserias. Davam-lhes sovas de cacete miguelista, e por dia um quarto de pão e caldo, onde fluctuava, raro, alguma herva. Socios na cadeia, o assassino, o ladrão, o pedreiro-livre, soffriam a fome em commun. Viam-se de rastos, esfarrapados e nús, com a cinta apenas coberta por um farrapo sujo, com a pelle aspera, escamosa, da imundicie, da fome e da lepra, com a face esqualida, os cabellos pegados de suor e terra habitados de bichos; viam-se roendo ossos como cães, ou devorando as cascas podres das fructas. De noute dormiam em pilhas.

A cadeia era um mercado: vendiam-se, trocavam-se lá dentro os roubos feitos na cidade, e os carcereiros, os escrivãos, os juizes e até desembargadores, aproveitavam d'esse modo de comprar *barato* numerosas prendas para as familias. O cons-

titucional que nada roubara, nada tinha para vender: merecia, por isso e por outros motivos, maior rigor do que os ladrões. Mas, se não tinha que vender, por via de regra tinha que *dar*. Pertencia quasi exclusivamente à classe media, e ainda que não fosse rico, por força deixara em casa alguma prata, um relógio, os brincos das filhas, — sobretudo a amizade dos parentes que vinham a socorrer-o! Por isso eram duros para com elle. Esse processo fazia logo apparecer dinheiro, com que se comprava a brandura dos carcereiros. Elles dispunham dos *quartos*, que alugavam por bom preço, conforme as posses do preso. E o negocio de sugar o malhado era uma obra meritoria para a *causa*, e para o bolso proprio. Toda a gente do Limociro engordava e applaudia o systema: fizeram-se fortunas de 80 e 100 mil cruzados. (Lopes, *hist. do captio.*)

Mas o Limociro era para os presos políticos uma estação provisoria. O seu armazem estava na barra do Tejo, em S. Julião, confiado á guarda de um cerbero fiel, honrado e bruto, entusiastamente cruel. O Telles-Jordão era o typo do demagogo fardado. Ardiam-lhe no peito todas as coleras pibêas contra os malhados. Era alto, corpulento, empertigado, como quem aprendera a disciplina de Beresford. Sentara praça de soldado, fizera a guerra da Peninsula, chegando a brigadeiro por distincção e bravura. Amancebára-se com a lavadeira de um tambor, a Mariana da Faia, e apesar de elevado ao generalato e á confiança do rei, ficara o mesmo — soldadão analphabeto, mais bruto do que perverso. Era mau como um cão-de-fila. Corria os presos a ponta-pés, desprezando-os sin-

ceramente, sem o esconder, confessando-o em invectivas chulas e obscenas. Tinha uma grande opinião de si proprio e da sua missão. Costumava dizer que nem todos os liberaes do mundo faziam tanto como um dedo seu, e via os destinos da Europa dependentes d'aquelle antro povoado de infelizes, confiados á sua guarda. Toda a basofia portugueza antiga, toda a brutalidade soez, toda a ignorancia bronca dos costumes nacionaes, parecia terem vindo rennir-se, para fazerem d'elle o custodio de uma nação debatendo-se em violentas agonias de morte. Despachou assim um requerimento que pedia humanidade: « N'este reino e nos mais civilizados não se poem em pratica as Leis da Natureza, mas sim d'El-Rey N. S. » Escrevia d'este modo: infolnação, mixilanca, seuxão (se nsam), cCorrer, e sobretudo, sempre, *indefrido*, a todos os pedidos dos encarcerados. (Lopes, *ibid.* é a fonte de todo este trabalho.)

Empertigado e cruel, era tão beato como ignorante. Obrigava os presos a resar o Terço ás noites, em voz alta, nas casa-matas e segredos; e então ouvia-se zumbir das alveolas d'esse favo de miseraveis um susurro de vozes, confundindo-se com o marulhar das ondas que batiam as muralhas da Torre. Mas a sua devoção era tão fiel que, se suspeitasse que Deus fosse pelos malhados, renegaria Deus e o céu, para se entregar ao diabo. Havia na Torre uma capella da Conceição, com azulejos azues e brancos e imagens da Virgem vestidas das mesmas côres: mandou vestil-as de côres fieis, arrancando os azulejos; mandou pintar tudo a vermello côr do sangue, e azul-ferrete, quasi negro como o Terror. Queria um céu bem miguelista; mas o seu ardor fiel nem a D. Miguel perdoava, quando o via tibio, inclinado á moderação:

« Se mudar, faremos outro ! » Em 28, de Hespanha, elle proprio e Silveira e Magessi diziam, nos seus papéis apostolicos, — Viva D. Miguel rei, se o merecer ! E observando os presos do alto da sua gola militar, com o pescoco hirto, erguido, quando ás noites visitava as casa-matas e segredos, dizia-lhes com segurança desdenhosa : « Malhados e patifes é o que vocês todos.são ! »

N'essas visitas ia o cerbero acompanhado pelo seu estado-maior, canzoada mçada com os dentes agudos apontados, ladrando em falsete, vis, reversos, abjectos. Era o Maia capitão da tropa ; eram o Caleça, o Timoteo, o Reis, o Barata-Peão cantor da Patriarchal, réus de morte ou roubo, depravados sevandijas que compravam a impunidade entrando nas prisões, espiando os infelizes. Era por fim o Cacada, compadre do brigadeiro, e que engordava fornecendo as comidas aos presos. Não esqueça porém um - o menino, filho do soldado e da lavadeira do tambor, e no qual toda a immundicie das roupas do regimento ficara no sangue. Era um lebreusinho de raça atravessada, pouco pello e erigido, ladrar mendo e breve, rir irio e escarnicador. Divertia-se com os presos que o pae lhe concedia para brinquedo. Usava um cacetete pequenino, e dava bofetadas com a mãosinha na cara de muitos velhos. Gabyava-se de lhe doer o braço das cacetadas que distribuia, divertindo-se. Era cheia de gracinhas, a creança ! Tinha só quatorze annos, mas cantava a primor o *Pai-chegou*, com estribilhos seus : mala-malhados ! Era lugar-tenente do pae que o mandava fazer-lhe as vezes, inspecionar as prisões, onde agonisavam e morriam Borges-Carneiro e Breyner, o marquez de Niza, e o moderado Subserra, tão querido de D. João vi.

O Maia, capitão, cheio de graça nacional, como os soldados que o imitavam, tinha invenções picarescas. Por cousa nenhuma trocaria esse posto da Torre, de uma alegria inaudita! Pedia-lhe um preso agna, e elle rindo respondia: «beba m... sô malhado!» O *menino*, não podendo conter-se, desmanchava-se em riso. Quando chegavam as tigellas de comida, da estalagem do Cacaça, o Maia, emperdigado, remexia-as com a ponta da bengala, fazia de tudo uma sallada immunda, partia os ovos, baldeava o vinho com o azeite, estendia as cousas sobre o estercor das lages «para temperar a comida dos malhados». O Cacaça levava a moeda por cabeça e por semana. Elle e o *menino* divertiam-se muito com uma *troça*. Era chamar fóra alguns presos, dizer-lhes que iam á forca, e depois de um pedaço os verem desmaiados, desancal-os a cacete, mettel-os a ponta-pés, de rastos sobre a lama dos corredores, para dentro dos carcereiros. O *menino* gostava sobretudo de lhes arrancar as barbas, obrigando-os a dar vivas a D. Miguel. Com o cacete vinham murros, bofetadas, entremeiados de -- patife! bregueiro! Arre! seu filho da p... lá para dentro! — Borges-Carneiro era *Bodes-Carneiro*.

Barbeavam se os presos por um luxo de accão, e essa operação divertia muito o Maia e o *menino*. O barbeiro de navalha em punho esperava, e o capitão com a bengala riscava na cara do preso por onde havia de rapar: «corta o pescoço a esse pedreiro!» O *menino*: «leva-lhe um pedaço de nariz que o tem grande!» O Maia: «Corta-lhe o beijo para o comermos com feijão. — Vá fóra o pescoço para tirar trabalho ao carrasco...»

Os soldados, brutamento, riam, com as boccas escancaradas e sons gutturaes; o *menino* quebrava-

se, com as mãos na cintura, e gostava muito de ir urinar nas panellas de comida dos presos. . .

Quem meditou um pouco sobre o character da educação historica portugueza, reconhece logo que a nação devia acabar assim, que estes homens são verdadeiros typos, e que esta historia abjecta e a historia loucamente apostolica são o summario inevitavel, a necessaria conclusão de uma obra secular. Sabia, approvava o governo tudo isto? Não, de certo; e tanto que Telles-Jordão e o Maia foram substituidos por creaturas humanas. Porém, nas revoluções, raros homens têm vontade: o mais d'elles são instrumentos passivos de uma fatalidade que sobe como as inundações. *Crescit eundo*. Isso acontecia em Lisboa, á maneira que os perigos cresciam e que apparecera com a revolução de 30 uma hostilidade declarada da Europa. Irreconciliavel como todas as revoluções sinceras, a apostolica portugueza, em vez de amansar, enfurecia com os ataques, com o atrevimento dos malhados que se organisavam armados pela França e pela Inglaterra para vir tomar o javardo no seu fojo occidental.

Telles-Jordão voltou á Torre, voltou o Maia, voltou o *menino*. Os miseraveis encarcerados levavam uma existencia de dores cruciantes e o infortunio desenvolvia n'elles as faculdades infantís, instinctivas, selvagens, proprias das cadeias. Brincavam, bordavam, divertiam se com entretenimentos chinezes, nas casa-matas onde viviam á luz do dia. Mas nos lobregos segredos, respirando um ar quente, humido e putrido, esmagando com os pés nus um lodo infecto sarjado de fios de agua do mar que se infiltrava pelos muros, com a roupa

bolorenta molhada e podre, com a atmosphera negra povoada dos miasmas dos barris só vasados uma vez por dia, espessa do fumo da candieira mortiza: nos segredos, os encarcerados tinham inventado um telegrapho de toques subtis nos muros e uma linguagem nova, em que as palavras eram notas de assobio. Correspondiam-se tambem em cifra, trocando papeis á custa de propinas dadas aos carcereiros: D. Maria II era a Tia Mariana, D. Pedro o Jacintho, a Inglaterra Alberto, etc.

D'esta forma sabiam mais ou menos o que ia por fóra. Carlota-Joaquina morrera (jan. de 30); Carlos X caíra em França (fevereiro); a Europa virava; D. Pedro viera com a rainha; os Açores estavam ganhos; preparava-se uma expedição para libertar o reino, etc. — factos cuja influencia estudaremos opportunamente.

O conflicto com a França, a entrada do Roussin, a captura da esquadra miguelista (11 de julho de 31) encheram os presos de esperanças, e os carcereiros de medo, de furias. Havia na tropa que os guardava serios desejos de uma revolta, para authorisar a conclusão da tragedia com uma chacina. Repetiam-se episodios sangrentos, como o que succedeu com o Torga. Fóra varado, e, com o lombo em farrapos, mettido na sua masmorra. As feridas torciam-no com sêde e por um dia inteiro pediu agua sem lh'a darem. Quando na manhã seguinte foram vê-lo e abriram, acharam-no hydrophobo, n'uma raiva. Atirou se á porta e despedaçou-a, investindo armado com uma acha contra os carcereiros que fugiam. Rugia vivas a D. Pedro, a D. Maria II.

Acudiram todos e o Telles-Jordão em pessoa. O Torga do vão da porta defendia o seu baluarte, — a abobada. Já soldados tinham ido por fóra

e pela estreita claraboia do tecto faziam fogo. Uma bala varou-lhe uma perna e um dos officiaes atreveu-se a investir com elle. O ferido abate-o com uma arroxada, tirando das mãos do aggressor a espingarda que levava. Pelos pés, de fóra, agachando-se, os soldados puxaram de rastos o official caído. Ninguem ousava investir com o doido. O sangue escorria-lhe pela perna e pelas costas, a baba pelos cantos da bocca, as lagrimas de raiva pelos olhos. Telles-Jordão, não vendo outro meio de o amansar, mandou vir o pae, que tambem estava preso e deitou-lh'o. O Terga parou, apiedado: — «Ah! meu pae, deixe-me morrer, matando esta canalha!» Telles-Jordão assecurava que nenhum mal se lhe faria, e elle, observando o pae, domado, entregou-se. Então os soldados, e o Maia, e o menino, e todos, caíram sobre pae e filho, deixando-os ambos deitados n'uma poça do proprio sangue, a gemer na escuridão da abobada.

Dos lados, de toda a parte saiam gemidos, ais, nivos, exclamações de lastima e dôr; e o bater dos cacetes, o gargalhar dos guardas misturavam-se n'um côro semelhante ao das ondas, quando raivosas estalavam espadanando contra as muralhas da Torre. De manhã, um dia, ao abrirem a casa-mata n.º 10, onde estava o Caldeira, acharam-no enforcado. Na vespera levava uma sova e bofetadas do menino. Gemou, ferido, afflicto, até que perdendo a esperanza, rasgou em tiras o lençol, prendeu-o ao gancho do tecto, poz-se em pé sobre o barril da immundicie, laçou-se, deixou-se cair e morreu: ia alta a noite... Tinha a cara rôxa da congestão, e o menino, vendo-o, deu um pulo, batendo as mãos: «Cá está morto!» accrescentando com ironia que morrera de morte propria e

honrosa, enforcando-se por suas mãos, o pedaço de maroto! — Os vizinhos batiam em vão no muro a chamal-o para lhe dar notícias: D. Pedro desembarcára no Porto! mas o infeliz ia já caminho da praia, onde o enterraram como cão que era.

D. Pedro desembarcára, estava no Porto; e Telles-Jordão, passeando nos terraços, olhando para o mar, pensativo, tinha confidencias: «Ora ahí está: bem dizia eu que aquella cidade devia ser arrazada. Lá os têm! Deixaram-nos metter o e... dentro: agora aturem-nos... Se não foi traição, parece-o.» E recollia-se cabisbaixo, recordando os nomes dos *traidores* que cercavam D. Miguel e o perderiam. Bem o dissera... elle bem o dissera...

Irritados com a alegria dos presos, os carcereiros negavam a verdade da noticia; e o padre Albuquerque, ex-bernardo, expulso do convento, acompanhava os chaveiros, bradando aos postigos dos carcereiros: «Pedreiros-livros, filhos da p... , cornos do diabo! já se acabou tudo: agora pagarão caro o que têm feito. Lá se foi a sua Maria do zabumba e o imperador dos macacos!... Morram, seus malhados!»

Mas na prisão do revelim, o Barja-Amora, doido, estava do meio dos duzentos companheiros de enxovia, amarrado no catre, gritando desabridamente: «Povos levantai-vos! A causa é vossa! Venha a marcha da Republica... réo, catapléo... réo, catapléo...»

Assim rufavam os tambores, do Mindello para o Porto, n'uma marcha a que nós assistimos. Telles-Jordão deixou a Torre pelo exército; e os presos viram melhores dias até chegar o ultimo— quando o duque da Terceira entrou em Lisboa. Tudo isso vêm longe ainda. Ha muito que contar.

Deixámos os emigrados em Plymouth, e a historia do reino passa-se dentro d'elle e fóra: não ha só os portuguezes de cá, pois é místér não esquecer esses milhares de homens expatriados que estão aprendendo cousas e idéas, com que virão, quando voltarem, crear uma patria nova. Ao som do tambor os veremos desembarcar, e entrar no Porto, e combater essa guerra curiosa por tantos titulos. Agora cumpre-nos ouvir o rufar do tambor de Palmella, Candido José Xavier, sobre as costas dos *canalhas de Plymouth*. . . réo, catapléo. . . para o Brazil!

III

Portugal novo

1. — OS EMIGRADOS

Quando, no principio de 1828, D. Pedro julgou terminada a questão portugueza pela nomeação de D. Miguel seu lugar-tenente, mandou, sob a guarda de Barbacena, a filha para a Europa, — a esperar idade em Vienna, para vir a Lisboa casar-se com o tio. O navio que os conduzia tocou em Gibraltar (2 de setembro) e ali se soube dos casos occorridos mezes antes: como D. Miguel se acclamara rei, como o Porto se levantara e fôra vencido. O tutor da rainha, ao facto das intrigas dos gabinetes da Europa, tomou sobre si o mudar o destino da viagem; e em vez de se dirigir á Italia, caminho de Vienna, foi a Inglaterra, pensando com razão que só ali talvez encontraria um asylo seguro para a sua regia pupilla. A rainha, emigrada pois tambem, e fugitiva, chegou a Plymouth (21 de setembro) quasi ao mesmo tempo que os farrapos do exercito da JUNTA. A nação nova, com o seu novo soberano, estavam reunidos em Inglaterra, onde a côrte recebia como rainha D. Maria II e as suas tropas como bandidos.

Breves palavras explicam esta attitude singular. Já Canning (como vimos) era adversario ao estabelecimento da CARTA e a qualquer combinação que podesse confundir as duas casas reinantes de Portugal e do Brazil, deixando uma porta aberta para qualquer futura reunião dos dois Estados. Manter a separação do Portugal americano e do europeu era um pensamento fixo da politica ingleza, commum a wighs e torys — por exprimir uma conveniencia mercantil que da mesma fórma pugnava pela independencia das colonias separadas da Hespanha. Além d'este motivo, causa de uma frieza constitucional da Inglaterra para com as intervenções de D. Pedro na questão portugueza, Palmers-ton, remoçador do velho partido whig, denunciava no Parlamento um outro. Conscia da superioridade que lhe davam as instituições parlamentares, a Inglaterra tory não queria que ellas se arraigassem nos paizes continentaes. (Grevinus, *Hist.*) O futuro arbitro dos destinos da Inglaterra, e do mundo quasi, accusava os conservadores de sacrificarem a Europa ao egoismo patriótico.

Que o motivo fosse um só, que fossem ambos, o facto é que a politica de Canning, liberal, e dos torys que lhe succederam no mando, era a mesma na essencia, variando apenas na fórma. O jacobino mascarado, como lhe chamava Metternich, considerava uma vergonha a usurpação tramada pela Austria (Stapleton, *Canning and his times*), e nós vimos como se esforçou contrariando-a; mas a força das nossas cousas nacionaes pudera mais do que as combinações diplomaticas, segundo o previra o chanceller de Vienna.

Dudley, successor de Canning, não pensára de certo authorisar a usurpação quando recebeu D. Miguel em Inglaterra e lhe deu um empréstimo: e

tanto assim é, que Lamb foi o portador do dinheiro, para o entregar sob condição; tanto assim é que o não entregou, por vêr que a condição *moderada* se não cumpria.

Esta attitude da Inglaterra, favoravel a D. Miguel, mas exigente, mudou com a entrada de Aberdeen (maio de 28), cuja opinião era a da Russia: que a nomeação de D. Miguel regente importava a abdicção formal de D. Pedro e a separação definitiva do Brazil. Mudou, porque Wellington-Aberdeen folgavam, como a Austria, com a supressão da CARTA, e tinham por oraculo para as questões portuguezas Beresford, o antigo pro-consul que não perdoava ao liberalismo tel-o expulsado de cá em 1820.

Tal era a situação da Inglaterra, quando ali foram aportar, pedindo soccorro contra o *usurpador* e o *monstro*, a rainha e os restos do seu exercito, procedentes de pontos diversos. Repellidos pela nação, appellavam para o estrangeiro, invocando os direitos da legitimidade; mas Wellington-Aberdeen, reconhecendo os factos consummados em Lisboa, por fôrma alguma admittiam a hypothese de condemnar D. Miguel, subscrevendo ás reclamações dos brazileiros cujo direito de intervenção nos negocios portuguezes não reconheciam, e com fundamento. Singular, com effeito, era a situação! Havia uma rainha com tutores brazileiros; havia os restos de um exercito — dois milhares de homens desbaratados e rotos, mais pela incapacidade e pelas vergonhas, do que pelas batalhas e pelos trabalhos. Havia do outro lado a nação inteira acclamando um rei que tinha sob seu dominio effectivo todo o reino. Esse rei procedera revolucionariamente, mas em nome da legitimidade e do direito-divino; e a rainha emigrada e os seus partidarios

invocavam os direitos legitimos, mas trazendo como bandeira a revolução liberal. Esta complicação de cousas amargurava os diplomatas que, nada querendo á CARTA e muito ao direito divino, não sabiam para onde voltar-se.

Havia uma solução unica, mas essa era toda favoravel a D. Miguel: a solução do casamento com D. Maria II, sem a CARTA. Os inglezes, de accordo com a Austria, mandaram então Strangford ao Brazil exigir isto de D. Pedro; e a Barbacena que invocava os tratados de alliança anglo-lusitanos em longas notas recheiadas de historia, Aberdeen respondia que a unica solução era o casamento, aconselhando-o a que decidisse D. Pedro a annuir. Essa triste correspondencia em que o inglez debate com o enviado brasileiro a sorte de Portugal, demonstra bem a ausencia de raizes nacionaes do partido que implorava o auxilio. A's insistencias de Barbacena, Aberdeen respondia (13 janeiro de 29, ap. Araújo, *Chron.*) estranhando o pedido de soccorros, no momento em que a Inglaterra, a Austria e as mais potencias negociavam para obter uma reconciliação dos dois irmãos. Os tratados allegados nada significavam, dizia o inglez com razão: era uma questão de successão litigiosa e não uma invasão estrangeira. « Seria impossivel, acrescentava, suppôr que uma nação independente tivesse a intenção de entregar a direcção e syndicancia dos seus negocios internos ás mãos de outra potencia »; e dando esta bofetada sem mão, o inglez sabia, contudo, muito bem que Portugal não era, havia muito, uma nação de facto independente. Beresford governara-a, e apenas um anno, se tanto, havia que a divisão de Clinton regressara a Inglaterra. — Por isso o governo inglez, concluia Aberdeen com um argumento *ad hominem*, não interviara quando

D. Pedro usurpou o Brazil! A Constituição portugueza fôra jurada, — dizia ainda, — celebrados os sponsaes, tudo consummado, a partir da abdicção. E porque motivo, pois, com que direito, continuava S. M. I. (D. Pedro) a intervir nos negocios portuguezes? Creara pares; promovera officiaes no exercito, e na marinha; influira na nomeação dos ministros e em todos os arranjos internos da nação portugueza, para a qual já era ninguem. E a nação achara-se enganada nas suas esperanças e nos *desejos de uma final separação do Brazil*, vendo detida a sua joven rainha no Rio-de-Janeiro.

Mas essa rainha aqui está. . . retorquiu Barbaccena apresentando-a — defendei-a pois! E Wellington curvava-se todo perante a magestade, mas não podia intervir em litigios dynasticos de uma nação *li-ve*; apenas via uma solução no casamento, entregando a creança a D. Miguel, e a CARTA ao diabo.

Por fim Barbaccena, dizendo mal dos seus peccados, convencido da inutilidade dos seus esforços, decidiu-se a regressar ao Brazil com a rainha; e partiu (31 de agosto de 29), levando consigo a noticia de uma derrota formal em Inglaterra — e de uma brilhante victoria nas aguas da Terceira, contra a esquadra do governo de Lisboa.

Conhecida a sorte da rainha emigrada, resta-nos saber a do seu exercito, nucleo de um partido, embrião de uma nação futura que venceria a antiga, — n'este momento aclamada e de facto reconhecida por toda a Europa. Os mezes (outubro de 28 a agosto de 29) da estada da rainha em Inglaterra foram cheios de peripecias na historia dos seus partidarios. O encanto da menina e moça infeliz soberana, a seducção involuntaria que as ban-

deiras, e as pessoas que adquirem esse character, inspiram, faziam crer aos emigrados em uma sincera adoração por D. Maria II: os tempos vindouros haviam de demonstrar quanto isto era illusorio. Mas agora, na tristeza de um desterro commum, a imaginação exaltava-se, e a pobre D. Maria II ouvia as tiradas sonoras do *Catão* de Garrett, representado em sua honra, com allusões antigas, de um republicanismo classico, *vintista*. Se os papeis estivessem invertidos, D. Maria II seria para os apostolicos uma Judith, cuja mão havia de decepar a cabeça do Holophernes D. Pedro, etc. Para os liberacs, a encantadora figura da rainha era não sei que heroe das velhas republicas de Roma ou da Grecia. De um lado copiava-se a Biblia, do outro as phrases rotundas de Tacito. Os emigrados deram á rainha, além do *Catão*, um sceptro de ouro e um exemplar da CARTA encadernado a primôr. (Soriano, *Revel.*) Innocentes, sympathicas distrações, no meio da existencia triste do exilio, da nostalgia, da miseria, da batalha vergonhosa de injurias e doestos com que a familia liberal respondia á união espontanea ou forçada, mas positiva, da familia miguelista!

Ao chegarem da Galliza a Inglaterra os emigrados, a população de Plymouth viu-os desembarcar e estranhou. A gravidade ingleza parava diante d'esse bando de gente immunda, esfarrapada, faminta. Apenas o *quaker* compassivo lhes dispensou alguma caridade (Soriano, *Revel.*) Palmella, de Londres, onde descansava da fadigosa viagem de *Belfast*, viu a necessidade de cuidar d'essa pobre tropa, mas como lhe faltava o instincto revolucionario, por essencia popular, commetteu desde logo o erro de manter no exilio uma hierarchia. Os emigrados foram divididos em seis classes, por cate-

gorias e patentes. Palmella creou junto de si uma côrte; e ao mesmo tempo que, já desilludido da Inglaterra, já decidido a entregar-se francamente ao partido liberal, punha ao serviço da causa perdida e sem futuro o melhor da sua intelligencia superior, ao mesmo tempo que ia ser o seu primeiro e mais habil piloto, creava com o feitiço aristocratico, secco, nada expansivo nem sympathico do seu genio, uma frieza singular da parte dos soldados contra o chefe e seus ajudantes. A lembrança dos erros ou crimes anteriores, em vez de apagar-se, augmentou com a secura, a injustiça, a parcialidade, na distribuição dos favores e de um dinheiro (os subsidios do Brazil) que era da nação, e não de Palmella e seus validos. — Porque o gastavam á barbalonga? Candido José Xavier, creatura do marquez, arvorado em chefe do deposito de Plymouth, insultava com o seu desdém pretencioso os que viam n'elle o traidor do *Belfast*, o que já tinha traído a patria em 1809 vindo com o francez invadila, o que em 27 fôra ministro da infanta e adverso aos liberaes. A administração que tinha do cofre do deposito não ficou limpa de suspeita. (Soriano, *Revel.*)

Limpa de injustiça nunca ficará a maneira por que o dinheiro foi distribuido. Enquanto o subsidio chegava para uns viverem á larga, em *lodgings* e hotéis ricos, «gastando rasgadamente com madamas de espavento» (Soriano, *Revel.*), os da sexta classe levavam uma existencia miseravel, amontoados em pontões no porto e no *barracão* historico, cujas *Notes* são o inverso das de Miloto. Essa pequenina rhapsodia impressa revela o estado singular de anarchia moral dos espiritos, sem respeito, nem confiança nos seus chefes. Ahí se accusa o luxo ostentoso da côrte de Palmella em Londres, ahí Aguiar é um impostor sanhudo, Renduf-

fe um ladrão afamado. Os dias do exílio, em vez de unificarem n'um ardor common, n'um amor de irmãos, os futuros dictadores da patria portugueza, aggravaram ainda mais as scisões anteriores, alimentando as divergencias partidarias com fundos odios pessoais. Havia muitos, dos do barracão de Plymouth, que preferiam a Galliza com todos os seus males, e chegavam a querer mais á *tyrannia do Miguel* do que á dos partidarios de Palmella. (Sociario, *Revel.*) Com effeito, a existencia d'esses infelizes era dura, e muito mais difficil de soffrer quando a comparavam com a sorte ditosa dos socios da emigração. Recebiam quatorze shillings (3\$150 rs.) por mez, para comerem, vestirem e satisfizerem as necessidades do temperamento amavel, terno e serio do portuguez. Os alcores, perdidos pelas inglezas loiras, gastavam tudo, — não era muito! — com ellas (*ibid.*), e a triste figura que faziam mais lhes azedava ainda a crueldade da sorte. O barracão era um telheiro espaçoso, mal vedado, de chão terreo, em lama coberta de palha pôdre. A imundície e os parasitas eram tantos que um academico fez do fato, com uma fogueira, um morticínio, e rapou-se á navalha, como quem araza um bosque para desaninhar os bichos. Vivia assim nú em pello, rapado, impossibilitado de sair. Os inglezes, crendo-o doido, pretendiam levá-lo ao manicómio. Havia positiva fome, e dentro do barracão disputava-se o pão dos que morriam. (Sociario, *Revel.*) Por sobre tudo isto havia a tristeza do céu inglez, a nostalgia... Quando embarcaram para a primeira aventura, preparada por Palmella, iam cantando

Carvão, cerveja, batatas...
 Adeus, ó faces côr de gesso!

O primeiro plano de Palmella, depois do completo abortamento da sedição de Lisboa, fôra embarcar para o Brazil os dois mil e tantos restos do exercito, inoportunamente chegados a Plymouth. O marquez não via que outro destino se lhes pudesse dar, por não vêr futuro algum á *causa*. Acreditava que D. Pedro pensava da mesma fórma, adiando para mais tarde a solução da questão portugueza. (Gervinus, *Hist.*) Decidira pois remetter para o Brazil os soldados do Porto, e esta decisão era, obviamente, apoiada pela Inglaterra que lhe offerceia a escolta de um comboyo. (Revolutions, etc.) Rodrigo e José da Silva Carvalho foram enviados a Plymouth convencer os emigrados da necessidade de partir. A pobre gente rebellou-se. (José Liberato, *Memor.*) Tinham pouco ou nenhum amor a D. Pedro que mutilara a patria e mandara varar, no Rio, os soldados portuguezes: agora queria-os lá para servirem de janizaros contra os brasileiros. Nunca! — A resistencia irritava os negociadores que affirmavam á boeca-cheia serem os emigrados um tropeço ás combinações; e que nada se poderia fazer, enquanto em Plymouth estivesse reunida tanta *canalha*. (Ibid.) A Saldanha e Pizarro, que estavam em França, fôo enviado José Balbino (barão de Tilheiras) com palavras mansas para os seduzir. A resposta foi a mesma. (Ibid.) A authoridade de Palmella era nenhuma, e só a comunidade da emigração mantinha a união apparente dos partidarios, pela circumstancia de ser o marquez a pessoa a quem os brasileiros davam o dinheiro e que, melhor ou peor, o distribuia pelos exilados.

Entretanto, D. Pedro no Brazil não annuia ás proposta de Strangford, e affirmava-se decidido a defender com as armas a legitimidade da filha esbulhada do throno. Recommendava, pois, para a

Europa a resistencia. (Gervinus, *Hist.*) E como havia na Terceira, sobre uma rocha d'essa illã do archipelago, um unico ponto do reino que não adherira a D. Miguel, o brasileiro Itabayana, residente em Londres, mandou para lá gente e armas (8 de setembro de 28) mentindo a Wellington a quem dissera levarem o destino do Brazil. (*Ibid.*) Esta decisão do imperador e a recusa dos emigrados a irem para o Brazil, induziu depois Barbacena (com a rainha em Inglaterra) a pedir a Wellington o embarque dos portuguezes de Plymouth para a Terceira. Por seu lado a Hespanha exigia a dissolução d'esse deposito de tropas, invocando agora a doutrina invocada em 27 pela Inglaterra, quando fizera dissolver os depositos apostolicos. (*Ibid.*) Singular situação do reino liberal, sobre quem todos mandavam, de quem todos disputavam, — a Hespanha, o Brazil, a Inglaterra!

Esta, sob o governo de Wellington, era, pela força das cousas e pela sua tradicional tutela em Portugal, o arbitro na intriga urdida. A Barbacena o ministro inglez respondia que a Inglaterra não podia ser asylo onde se organisassem expedições contra paizes amigos, e que os emigrados eram particulares, não soldados. (*Relations, etc.*) E a Palmella (20 de novembro) ordenava a dissolução do deposito de Plymouth, indicando a serie de pontos onde os emigrados deviam ser internados em grupos pouco numerosas. Contra os protestos do portuguez, aproveitava habilmente da confusão das cousas, allegando (8 de dezembro) que a Inglaterra estava em paz com o mundo inteiro, que em Portugal havia um governo de facto, que o imperador do Brazil não declarara a guerra a Portugal. Dizia mais que, embora não estivesse contente com D. Miguel, não pensava declarar-lhe guerra; e que não

lha declarando tampouco o Brazil, elle Wellington não sabia em que qualidade Palmella fallava, por não poder vêr n'elle mais do que um particular que por sua conta e risco pretendia manter organizada uma ameaça contra Portugal ou suas colonias. A Inglaterra não podia consentir-o: o deposito havia de ser dissolvido. (*Relations, etc.*)

Então Palmella soccorre-se á mentira anterior de Itabayana, e diz ao inglez que as tropas do deposito irão para o Brazil; recusando, porém, como é obvio, o comboyo de que anteriormente se fallara para defeza de um ataque eventual da esquadra miguelista. Wellington observa que fôra enganado uma vez, e não o será segunda: não consentirá um desembarque na Terceira; recorda a analogia dos casos de 27 na Hespanha, attestando a constancia e a firmeza da politica britannica. (*Relations etc. corr. de dezembro de 28.*)

Palmella provavelmente não acreditou que o inglez fosse ás do cabo, impedindo o desembarque á viva força; e a expedição, equipada e prompta, partiu sob o commando de Saldanha. Mas de conserva partiu Walpole com uma divisão naval. E quando Saldanha tentou desembarcar, os navios inglezes fizeram fogo, obrigando-o a mudar de rumo (11 janeiro de 29.) Nas agnas da Terceira ficou até março o cruzeiro inglez, para impedir os desembarques de emigrados. Um anno antes a Inglaterra de Canning obrigava a Austria a subordinar-se á sua politica: agora a Inglaterra de Wellington ia a reboque do imperio apostolico. O canhão de Walpole nos Açores repercutiu no parlamento britannico, e o ministerio ficou abalado com os seus tiros. Já vagamente se sentia que não podia durar muito a liga reaccionaria austro-franco-ingleza: a revolução do anno seguinte preparava-se.

Saldanha, em vez de regressar com a sua gente a Inglaterra, foi demandar Brest e internou-se em França, indo alliar-se aos homens que, sob o commando de Lafayette, batiam em brecha o throno de Carlos X. Porém, apesar do cruzeiro inglez e muito mais depois d'elle levantado (6 de março), successivos grupos de emigrados foram indo engrossar a guarnição da Terceira. E perante este foco de resistencia, nucleo de uma aggressão futura, que fazia D. Miguel? Nada — durante o inverno inteiro de 28-29, quando seria facil apagar esse ponto negro. Parece que a esquadra tinha medo de se aventurar de inverno aos mares dos Açores. Foi já em julho, tentou um desembarque (11 de agosto); mas já era tarde: veio batida.

2. — A TERCEIRA

A nossa historia vae agora da viagem aos Açores contar o que se passou n'esse ponto afastado, unico, onde uns soldados esquecidos não quizeram submeter-se ao governo de D. Miguel, que por lhes não dar importancia, lhes não fez como á Madeira. Ahi Valdez, futuro Bomfim, foi honrado com uma expedição, a ilha com uma Alçada, e breve as cousas entraram na ordem (6-22 agosto de 28). T'ambua attenção não mereceu a Terceira: ninguem olhou por ella. Por quatro mezes (maio-agosto de 28) a pequena guarnição, encerrada no seu balmarte, sem noticias do resto do mundo, esperou a chegada do inimigo, de arma ao hombro contra as populações ilhoas, cujo espirito era absolutista. (Soriano, *Revel.*)

Davam-se, entretanto, os acontecimentos que o leitor conhece: dava-se o episodio da Junta do Porto, a Belfastada; e emigrados em Inglaterra es-

tavam a triste rainha e os miseros restos do seu exercito, sem um palmo de terra portugueza onde cravar a sua bandeira e formar os seus batalhões. Faltava mais do que um povo, chegava a faltar o proprio lugar de combate, de acampamento. Tinha constado o que succedia na Terceira, e os brazileiros mandaram lá a sua fragata *Isabel* com officiaes emigrados e munições (8 de setembro de 28), a vêr se se conseguia ercar um nucleo de resistencia, unica, fugitiva, de uma causa abandonada por todos. Acreditando-se que a pendencia havia de resolver-se diplomaticamente, ninguem ligava mais importancia do que a de servir de argumento para o debate das condições do accordo, ao facto de haver um ponto, ao menos, onde D. Maria II fosse reconhecida como rainha.

Desembarcaram os officiaes em Angra e constituiu-se o primeiro embryão d'esse exercito que, atravez das mais singulares peripecias n'uma guerra de seis annos, derrubou o edificio miguellista, conquistando o campo onde assentaram arayaes a gente e as cousas novas. Desembarcaram; e o seu primeiro passo foi bater as guerrilhas, em que a população miguellista se levantára. A acção do Pico-do-Celleiro (4 de outubro de 28) tornou a legião liberal mais ou menos senhora de toda a ilha. Creou-se uma Junta provisoria de governo.

Durante o inverno de 28-9 deu-se, como o leitor sabe, o episodio da viagem de Saldanha frustrada pelo bloqueio inglez. Mas apesar d'elle, durante o primeiro trimestre de 29, a diligencia de Palmella conseguiu mandar, pouco a pouco, em repetidas doses, soldados e munições que desembarcaram. Assim se ia vasando o deposito de Plymouth: em abril só contava 450 homens que afinal passaram para Ostende e Bruges, na Belgica. Os de Sald-

nha, — a quem Palmella ordenara seguisse para o Brazil, caso não pudesse tomar terra na Terceira, — teado voltado para a Europa contra as ordens do marquez, estavam em França, na condição de rebeldes, sem o subsidio concedido aos mais. Para o Rio tinham ido muitos, no *Cecrops*, no *Industrioso*, no *Philinto*; e o resto, com obra de cincoenta peças e quatro mil espingardas (*Soriaco, Recet.*) para a Terceira, — onde chegava em junho (22) Villa-flôr nomeado por Palmella capitão-general dos dominios da rainha.

Mas esses pobres dominios eram cousa nenhuma: uma ilha que só á força de armas obedecia! Esses dominios eram um punhado de soldados; e a revolução, por não ter povo que a abraçasse, ia ser uma aventura, uma campanha, tristemente commentada pelas scisões e odios dos condottieri aggregados. Pobres dominios os da rainha que, sózinha em Londres, apenas possuia, aléni da Terceira, uns centos de emigrados em França, na Belgica, em Inglaterra, — mais afastados entre si do que todos de D. Miguel. . .

A chegada de Villa-flôr deu animo; mas um mez depois d'elle chegou a esquadra miguelista, bloqueando a ilha (29 de julho). Já não vinha a tempo. Esse inverno de 28-9 fôra consumido na defesa, a que Villa-flôr agora puuha o remate porque todos contavam como infallivel o assalto. O espectáculo da ilha n'esse período é nobre e digno. A braços com uma penuria extrema, em um paiz limitado que não podia alimental-os, recebiam munições de Inglaterra, mas Palmella não lhes mandava um ceitil. Para o marquez, a Terceira valia apenas como argumento da campanha diplomatica; e o grupo de soldados, de arma ao hombro n'esse acampamento dos Açores, era uma peça, uma torre, na meza do

xadrez europeu-americano, onde o *usurpador* viria a levar um cheque-mate. A braços com a penúria, a braços com a hostilidade das populações ilhoas, os soldados, ignorando e desdenhando as combinações da política, preparavam-se para os combates; e Villa-flôr, um soldado, stoico e bravo, simples, sem basofias, apparecia como o homem conveniente para desempenhar essa parte das operações.

Emquanto, porém, esquecida e só, a Junta provisoria da ilha com Cabreira á frente fôra um acampamento apenas onde a politica dos partidos ainda não tinha accesso, vira-se a unidade militar mantida por uma disciplina feroz. Era um bivac de soldados, isolado, armado, no seio de um paiz inimigo. Recrutava-se, mas com prudencia, aos grupos de 40 ou 50 homens, tirados da milicia, dentro dos limites de assimilação do pequeno exercito. Havia um conselho de justiça militar inexoravel. Castigavam-se á chibata os populares miguelistas e perseguiam-se a tiro as guerrilhas que, apesar da victoria do Pico-do-Celheiro, se tinham reorganizado. Algum dinheiro se sacou em letras sobre Palmella, mas pouco; lançou-se mão do que havia disponível na ilha. (Soriano, *Revol.*) Foi então que se fundiram os sinos das egrejas, moldando-se em areia (por não haver cunhos nem machinas) esses patacos a que se ficou chamando *malucos*, por o povo da ilha dar tal nome aos que acreditavam na moeda. (Hodges, *Expedition, etc.*)

Mas á medida que o exercito crescia, como esse exercito era o orgão, não o instrumento, do partido armado, como a revolução era uma sedição de tropas, sem povo e contra o povo: á medida que o exercito crescia, surgiam as consequencias naturaes. Cada caserna era um club, cada batalhão um partido. Rebellavam-se regimentos (Voluntarios,

caçadores 5.) e havia esperas, tentativas de assassinato contra membros do governo. (Soriano, *Revol.*) Foi n'este momento que Villa-flôr chegou, capitão-general por Palmella; e o prestigio do seu nome, os recursos que trazia, o respeito e confiança que inspirava, socegaram os descontentes, obliterando as esperanças dos que sonhavam com Saldanha, bandido em França por D. Miguel e por Palmella, e que de um dia para outro havia de apparecer. Agora, o inverno passara, a esquadra miguelista infalivelmente ia chegar, e perante o perigo commum esqueceram um momento os odios.

A defeza da ilha, preparada pela Junta, rematada por Villa-flôr, salvou a pobre gente, de outro modo destinada á fôrca. Era essa tragica figura de traves, com a escada e os dois carrascos, a apparição que se desenliava vagamente no espirito dos soldados, ao verem as vergas e mastros da esquadra miguelista, com tropas de desembarque a bordo. Alongava-se o mar coalhado de velas, e cascos alterosos picados de canhões. Vinha a nau e duas corvetas, com cinco charruas, dez brigues e escunas, mais seis canhoneiras — ao todo vinte e quatro navios, jogando trezentas e quarenta peças, com 3:500 homens de desembarque, afóra as garnições. Eram 11 de agosto, com tempo nublado e aguaceiros. Na ilha, Villa flôr tinha 2:800 homens bem distribuidos e defendidos pelas fortificações. A esquadra começou o bombardejo, tentou o desembarque, mas n'um lugar fechado — como um beco sem saída. Diz-se que varou a Praia com cinco mil tiros, mas tanta polvora consumida deu pouco em resultado. Essa grande empresa, que levou mezes

a preparar, acabou em fumo, — deixando 400 soldados prisioneiros.

Quaesquer que fossem as causas de um tão ridiculo successo, o facto é que as consequencias d'elle eram graves, importantissimas, para a *causa*. Com poucas baixas, ganhava ella o poder annunciar aos quatro ventos da fama uma grande victoria contra a esquadra inteira do *usurpador*. Por pequeno preço, via afastado o perigo de um ataque serio que destroçaria tudo, — porque a nobre esquadra, com as suas velas desfraldadas, depois de dar as saas salvas, atroando o ar com bulha e cegando a terra com fumo, virou gravemente de bordo, foi-se embora. Porque? Vão lá sabel-o!

D. Maria II, que no fim do mez se ia tambem embora para o Brazil, deixando Wellington atroado com as cinco mil bombas do protesto de Barbacena (29 de agosto), levava consigo a noticia da victoria. Fumo de ambos os lados; fumo, a esquadra de D. Miguel; fumo, as reclamações de D. Maria: onde está a força? E' o que não ha; e toda a historia posterior servirá a demonstral-o. Não a ha no bando de tresvariados que imperam em Lisboa; não a ha no grupo de exilados que imploram a Inglaterra; não a ha no reino epileptico, nem na emigração roída de odios e baixas invejas. E' força a rivalidade miseravel do almirante e do general, a bordo da frota miguelista? E' força o acto de Villa-flôr propondo ao chefe de esquadra Rosa vender-lhe a nau e a honra por quarenta contos? E' tudo fumo...

Só uma serie de acasos, e o concurso de causas geraes virão a decidir por fim a contenda, que já se encaminha para a sua ultima phase — uma guerra civil forçada a ser uma revolução social.

O caso de Villa-da-Praia, dando importancia á Terceira, mudou até certo ponto a face das cousas. A capital do liberalismo passava de Londres para Angra, onde Palmella ia assentar os penates da Regencia, aggregando a si Villa-flôr e Guerreiro (15 de março de 30). Mas nem por isso um tal acto significava maior prosperidade: ao contrario. O inverno de 29-30, com os seus tristes episodios, apagava as esperanças creadas pela victoria. No reino miguelista não bolia uma folha.

Em Londres e em Paris, Wellington e Polignac de accordo não deixavam esperar soccorros de fóra (Gervinus, *Hist.*) O Brazil, onde a popularidade de D. Pedro baixára, desquitava-se da *causa*, demittindo Itabayana, e, supprimindo o pagamento das prestações, cortava os viveres que desde 28 vinham alimentando a sedição dos emigrados. Todo o estado-maior do liberalismo *fiel* estava agora com Palmella na Terceira; e por isso mesmo a ilha, antigo baluarte de soldados, via-se o baluarte das intrigas. Pullulava o parasitismo petulante e todos queriam empregos: Lelio, blasonando de fidalgarrão, gritava esbaforido por um lugar e um ordenado. (*Soriano, Revel.*) Conspirava-se abertamente, em nome de Saldanha, contra Palmella que devia ser assassinado e Guerreiro expulso. (*Ibid.*) Porque? Por ladrões, por traidores, por sanguessugas. O marquez era accusado de infiel no manejo dos dinheiros: não pagara aos emigrados de França, aos da Belgica ficava devendo nove mezes, e o dinheiro sumia-se sem se saber em que, deixando-se protestar as letras que Villa-flôr sacara da Terceira. (*Ibid.*) Por outro lado, era escandaloso o modo por que a regencia procedia. Enquanto a emigração esmolava, Palmella guardava para si, como presidente, o ordenado de 9:600,000 rs. e dava a

cada membro 7:200\$000. (José Liberato, *Mem.*) Mas, por cima de tudo isto, o mais grave era a traição encoberta com que o marquez procedia. Não abandonava o antigo plano de composição, e pouco ou nada lhe importava a *liberdade*, a CARTA. Escandalisava-se o maior numero com o modo perfido com que fôra redigida a proclamação de 20 de março, onde em vez de CARTA, se tinha escripto *instituições patrias*, expressão vaga que authorisaria tudo. (*Id.* Soriano, *Recol.* etc.)

D. Pedro, por seu lado, já mal seguro no Brazil, era pouco para attender ao imperio, quanto mais a Portugal. Resistira ás instancias de Strangford; mas quando Barbacena voltou da Europa com a rainha, e quando viu Polignac e Wellington de braço dado defenderem terminantemente D. Miguel e exigirem o casamento — o imperador conformou-se. Os contemporaneos consideravam a causa *perdida* e nas suas queixas envolviam D. Pedro. Enfadava-o a questão portugueza, á qual não achava saída. Mandava de lá respostas desabridas — e nenhum soccorro! Nada queria saber de Portugal; estava cansado de gastar dinheiro. Os emigrados que tinham preferido ir para o Brazil, queixavam-se amargamente do modo porque tinham sido recebidos. (Soriano, *Recol.*) O imperio, hostile aos portuguezes, já claramente se emancipava do imperador cujas aventuras e escandalos acirravam a resistencia contra o seu governo pessoal e despotico. ¹ D. Pedro reconheceu a Regencia; mas não para continuar uma guerra sem futuro, porque mandava ao mesmo tempo á Europa o marquez de Santo-Amaro, encarregado de ultimar as negociações do casamento de D. Maria II, pondo de ac-

¹ V. O Brazil e as colonias port. (2.^a ed.) pp. 111-13.

cordo Polignac-Wellington, o governo de Lisboa, e essa Regencia da Terceira — que todavia protestou contra a decisão imperial. (Soriano, *Revol.*)

Como se poderia confiar? Saldanha era temido, Villa-flôr não inspirava confiança. Abreu Lima que ficara em Londres escrevia a Palmella, «se não conviria mandar-lhe um official d'estado-maior como ajudante de Villa-flôr; se a presença de Saldanha não iria levantar discordias». A Inglaterra via-se na impossibilidade de fazer cousa alguma por elles. Lord Aberdeen dissera-lhe que não podia esperar mais; que D. Pedro, cujo dever era restaurar o throno de sua filha, nada fazia, declarando officialmente não ter tenção de fazer cousa alguma; que se limitava a reclamar a execução do casamento, fazendo exigencias ridiculas: que as potencias lhe garantissem a boa conducta de D. Miguel para com a esposa! Elle, Abreu Lima, achava o imperador tão versatil nas idéas e tão inconstante nos actos, que entendia serem indignas de séria consideração as suas ordens. (G. da Carneira, *Corr. off.* nov. 4)

A tal ponto as cousas tinham chegado! Na Terceira esperava-se melancolicamente o fim, em Londres passavam-se colicas por causa dos crédores. As antigas letras sacadas por Villa-flôr sobre Palmella — letras protestadas, pois os subsidios brazileiros tinham-se esgotado — essas letras andavam transformadas nos famosos *bonds de D. Thomas*, com os juroes por pagar. Uma tentativa de emprestimo, ou antes subscripção entre os *liberaes* do reino, falhára, e muitos dos que depois se apresentaram a pedir indemnisação de servigos, fecharam a bolsa aos rogos da pobre gente desamparada. De uma lista de 43 *liberaes* solicitados, 34 negaram-se a responder ou a contribuir: entre elles Go-

mes de Castro, futuro conde liberal. José Fernandes Thomaz «deu muitos conselhos»; outro diz «não tomar parte em materias politicas»; outro offerece mil libras «como anonymo». Em somma não se apuraram nove contos—tal era a importancia do partido constitucional no reino!

Fóra d'elle, o nervo e accordo do partido vê-se no proceder de D. Pedro, no modo como os palmellistas fallavam das suas decisões, e como Saldanha e os emigrados em França e na Belgica se declaravam rebeldes ao governo legitimo da rebellião. A desordem, a scisão, a penuria, a anarchia, o odio, attingiam na familia liberal o acume—quando, por fortuna, a revolução de Paris em julho (30) veio transtornar a face das consas europeas. Luis Philippe e Casimiro Perier substituem Carlos X e Polignac; morre Jorge IV, e Palmerston, o defensor dos liberaes no parlamento inglez, vac substituir Wellington. A revolução de Paris é uma esperanza—que provou ser um acaso decisivo para o partido. D. Miguel teve desde logo a hostilidade declarada da Europa occidental, em vez da protecção decidida anterior. Mas nem por isso acabava o silencio do Brazil, o aborrecimento de D. Pedro, a penuria da Terceira, finalmente a desidencia dos de Saldanha que agora, depois de julho, menos ainda queriam sujeitar-se á eventualidade de uma composição tímida, reconhecendo a authoridade da Regencia. Recusando-se a jurar-lhe fidelidade, os saldanhistas, lembrando-se do *Belfast*, tratavam de se organizar independentemente. Queriam ir a Portugal, sem fazer escala pelos Açores; e temiam as machinações e accordos que D. Pedro claramente planeava e a que Palmella poderia adherir—se é que não adheria já. D. Miguel é incompativel, diziam, e não devemos deixar-nos

perder, agora que tudo ha a esperar; não devemos deixar-nos *salvar* pelos moderados, que só querem salvar-se a si, *arranjando* as cousas. (Sortauo, *Recet.*) Agora, com effeito, seria possível impôr a D. Miguel a combinação dynastica anteriormente proposta e terminar a questão sem guerra — se não fosse o protesto dos portuguezes de França, se não fosse a exaltação rabida do miguelismo, se não fosse, por fim, um acontecimento fortuito que veio dar um novo aspecto á questão.

N'estas hesitações tristes passou a segunda metade do anno de 30. O novo partido creou uma bandeira sua (outubro), bi-partida, azul e branca; mas a bandeira era uma fugitiva esperança no meio da sorte dolorosa e triste que o perseguia. Do Brazil não vinha um real, nem um só grito de adhesão de parte alguma do reino. No archipelago nenhuma outra ilha fizera causa commum com a Terceira, baluarte isolado onde solitaria e confrangida tremulava a bandeira bicolor. Em dezembro o cofre publico tinha cincoenta mil réis escassos; e em Londres protestavam-se as letras da Regencia: não havia agiota que desse um real! (Sortauo, *Recet.*) Palmella, taciturno, fumava com desespero, sem vêr bem o resultado provavel das cousas. Mais uns mezes de inacção, e estaria terminado, ardidado até ao fim, desmanchado em fumo, o charuto das suas combinações: que seria do resto, abandonado, cuspidado, cortado pelos dentes, nas horas da inquietação irritante?

E' este o momento de transcrevermos a sentença de Garrett, emigrado em Londres, contra a gente da Terceira. Essa celebre *Carta de Mucius Scaevola* (A de outubro de 30, ap. Amorim, *Mem.*) é duplamente revcladora, do caracter dos governantes e da insubordinação dos governados:

Para que fim se congregou essa junta de follicularios arregimentada e assoldada pelos Palmellas e Balbinos? E que bem os escolheu a torpe aristocracia para o torpe mister que lhe deram! clérigos devassos e immoraes, cujo envilecido nome figura nas listas da espionagem de Paris e de Lisboa; desertores e denunciantes; demagogos sediciosos e ignorantes: um que da sua obscuridade saíra por fingido liberalismo e a quem a perda de *certos bahus* e o servilismo com que lambeu os tijollos de South-Andley-Street deram vergonhosa celebridade; outros... Mas não enxovalharei mais a minha penna em tanta imundície e torpezas.

Mas impugnam o despotismo. Sim, o despotismo que os não empregar. Invektivam contra D. Miguel. Porque D. Miguel os não quiz comprar: fácil se venderia a um despota coroado, quem tão barato se vendeu a despotas emigrados...

Miseraveis enganadores! Pois é D. Miguel, porventura, a causa das nossas desgraças? Não será elle sómente *effeito*, méro *effeito*, um dos muitos *effeitos* que produziu a causa que vós defendeis? Foi D. Miguel que assassinou Gomes Freire, que fez o tratado de 1810, que inutilisou a revolução de 20, que destruiu a liberdade em 23, que fez quebrar a palavra real em 24, que trahiu o rei e o povo em 26? Seria D. Miguel quem da embaixada de Londres e das secretarias de Lisboa intriguou para se dar a regencia a D. Miguel? Foi D. Miguel que chamou lord Beresford a Lisboa para lhe entregar o exercito e destruir a Carta? Foi D. Miguel que formou e dissolveu a Junta do Porto? Foi D. Miguel que, para insultar as veneraveis cãs do general Pizarro, para insultar tantas mil victimas da lealdade e da liberdade, entregou o commando do deposito de Plymouth a um tenente coronel só conhecido no exercito por haver combatido nas fileiras inimigas, por haver trahido tres vezes o soberano e a patria? Seria elle que de Londres ao imperador mandou uma deputação de imbecis e traidores para tratar os mais importantes negocios do paiz? E quem a todos os emigrados quiz fazer embarcar como carga de escravatura para o Brazil, onde os poucos que se deixaram seduzir encontraram o abrigo que é notorio? Quem desamparou a Madeira e a ilha Terceira—que só por milagre da Providencia e pelo denodo do bravo Cabreira se salvou a ultima, não por nenhum esforço dos egoistas mandões? Seria D. Miguel ou a camarilha de South-Andley-Street, que tudo isto fez?

A posthuma e mentirosa e calunhiosa representação da

Junta do Porto ao Imperador do Brazil, ás contas do sr. Balbino, as nunca averiguadas contas de Plymouth, as nomeações dos Renduffes e D. Franciscos d'Almeida, as connivencias secretas com o principe de Polignac, a vergonhosa administração e injusta distribuição de fazenda, serão obra de D. Miguel?..

31 começara sem novidades, na mesma apathia. E entretanto era indispensavel fazer alguma cousa. Já em Lisboa houvera (fevereiro) uma sedição militar, suffocada; já Palmerston esbofeteava claramente D. Miguel; já a França hostile se preparava para o acto desabrido e decisivo que veio a ter lugar em julho. A Terceira, espremida, deu quarenta contos (7 abril); e n'esse mesmo dia D. Pedro era forçado a abdicar a corôa brazileira. ¹ Esta data é memoranda: principia d'ahi uma epocha nova.

A vinda de D. Pedro e a conquista do archipelago são o começo de uma historia. Com o producto do emprestimo safu Villa-flôr para as ilhas de oeste: quatro dias antes (31) saia D. Pedro, do Rio para a Europa. A rainha tambem vinha, em outro navio, direito a França. Nos seus barcos, Villa-flôr nada fez a principio, reaparecendo conforme partira de Angra: houve exclamações, conspirou-se ainda para depôr a Regencia, matar Palmella, chamar Saldanha. (Soriano, *Revel.*) D. Pedro velejava para a Europa. De canincho, parou á vista do Fayal d'onde escreveu á sua gente. Essas cartas alegraram os animos, avivando as esperanças. Palmella embarcou, e Villa-flôr tornou á sua empreza. O Marquez foi em nome da Regencia convidar D. Pedro para o commando; e o conde submetteu successivamente (maio-agosto) todo o archipelago ao governo da Terceira. Ao mesmo tempo que appa-

¹ V. *O Brazil e as colonias port.* (2.^a ed.) p. 113.

recia um chefe, augmentavam os recursos. S. Miguel era rica: deu cento e vinte contos; e por sobre isto as guarnições e armamento das ilhas tomadas trouxeram dois mil soldados mais ou menos seguros, duzentas e cincoenta peças de artilheria, cinco mil e quinhentas espingardas, seiscentas arrobas de polvora, duzentos mil cartuchos, etc. Era ao tempo em que os francezes levavam de Lisboa a esquadra do D. Miguel.

A historia da Terceira acaba aqui, a da aventura de D. Pedro vae começar; mas antes d'ella é mistér que estudemos as impressões novas do partido liberal e as agonias delirantes do absolutista.

3. — A MELHOR DAS REPUBLICAS!

O anno de 29 foi por muitos lados decisivo para a sorte da Europa occidental. Os ataques de Mackintosh, de Huskisson, de Brougham, de Palmerston, na camara dos communs, e de Clarivearde e Holland na dos lords abalaram a authoridade do torysmo inglez, preparando uma reacção liberal. (*Gerwinus, Hist.*) Por seu lado a França batia em brecha o governo bourbonico de Carlos x que não tinha o sceptismo de Luiz xviii, e cuja sinceridade atacava as ficções do liberalismo constitucional. Em defeza d'elle, porém, constituir-se mais do que um partido — uma eschola. Era uma combinação do espiritualismo que os livros de Chateaubriand tornavam popular, com a doutrina do equilibrio dos poderes historicos: formula philosophica do direito publico, expressão nova de uma liberdade politica anteriormente definida á antiga pelos jacobinos. Como sentimentos, como doutrinas, a nova geração prégava a guerra ao espirito abstracto do se-

culo XVIII d'onde a Revolução tinha saído, refazendo a historia d'esta : 89 era a legitima revindicação liberal dos direitos sociaes, 93 a aberração jacobina, democrata, *classica*. Juntemos a isto a infiltração do inglezismo que a victoria de Waterloo consagrara e o poder da Inglaterra mantinha, a admiração pelas instituições inglezas, erradamente definidas por Montesquieu e Voltaire, mas que para todos, seguindo esses mestres, consistiam n'um systema de garantias pactuaes entre as forças vivas da sociedade. e teremos os elementos da novissima idéa politica, victoriosa em 30 sob o nome de liberalismo, e destinada a varrer para sempre as idéas democraticas, velhas, jacobinas, classicas, rés dos delirios do Terror. Lafayette, representante d'essa geração transacta, mas convertido ao verbo novo, apresentava ao povo de Paris o rei Luiz-Philippe como a melhor das republicas. (Louis Blanc, *Hist. dix ans.*)

Nós sabemos que diversas phisionomias tinham os emigrados portuguezes. Eram, de um lado, os restos vivos dos jacobinos classicos de 1820 seguidos pela geração de moços advogados, como os Passos, educados na escola de Bentham, o successor manso de João-Jacques : Saldanha, por fas ou por nefas, apparecia como chefe á frente d'este grupo. Eram, do lado opposto, os homens que, sem outro principio politico mais do que a monarchia moderada, tinham cooperado na reacção de 23, como Villa-flôr ; eram os que tinham respirado os ares napoleonicos, como Candido José Xavier, desnacionalisando-se. Palmella, sem côr portugueza, filho do cosmopolitismo, educado n'uma sociedade de diplomatas e litteratos-philosophos, via-se o chefe natural d'este partido, para o qual as CARTAS não significavam uma doutrina, não pro-

vinham de uma philosophia, sendo apenas a expressão pratica da sensatez, da moderação, da *bondade* dos soberanos. Assim o tinham pensado D. João VI e Luis XVIII, com o imperador da Russia e toda a parte liberal, não austriaco-apostolica, da Europa de 1815. Entre o partido dos politicos e o partido dos philosophos, entre monarchicos e demócratas, não podia haver cordialidade nem união, porque não havia identidade de estados do espirito. Se não chegavam a comprehender-se, como haviam de amar-se? Pondo agora de parte as causas acciden-
taes e pessoas que temos indicado, é necessario vêr n'esta causa intima o motivo mais geral das dissidencias da familia portugueza emigrada, que levara para fóra do reino as seisões e odios com que por annos o agitara.

A nova theoria politica da França, cujo verdadeiro mestre foi Guizot, esse liberalismo com o qual se derrubou Carlos X, appareceu como uma fórmula adequada para congregar provisoriamente a familia portugueza emigrada. A Palmella e aos *politicos* dava uma consistencia que o espirito pratico por si só não possui; a Saldanha e aos jacobinos dava uma definição de democracia tornando-a já compativel com os thronos: era a melhor das republicas! Mas, além dos emigrados por politica, havia lá por fóra um maior numero de homens emigrados por medo, por força, — pessoas que, sem opiniões, apenas pediam a paz e a patria sob um regime compativel com a existencia. Os lamentos e saudades d'esses naufragos das revoluções tiveram uma voz immorredoura na bocca do homem que melhor definiu em Portugal a theoria liberal:

... Despedaçados

Os affectos de irmão, de amante e filho,
Restam-nos na alma, qual huida flecha
Que no peito ao cravar-se estala e deixa,
Caindo, o ferro na ferida occulto. . .

Oh meu paç, oh meu paç ! como a memoria
Me reflecte alta noute a tua imagem
Por entre um véo de involuntario pranto !

(Herculano, *Poesias*.)

A esses infelizes arremessados pela tyrannia para fóra da patria, homens em geral moços, ou sem educação, ou educados nas tradições portuguezas, dava o liberalismo uma formula para satisfazerem a necessidade que todo o homem tem de explicar intellectualmente um caso duro de que soffre. A tyrannia, pois, que tanto pôde existir nos absolutismos como nas democracias, tanto nos regimes representativos como nos arbitrarios; essa tyrannia de que os pobres soffriam, passou a tornar-se para elles essencial ao absolutismo, e incompativel com a idéa-nova da representação politica e do equilibrio dos poderes, combinados n'uma construcção complexa, subtil, sabia, munida de respostas para tudo — mas de soluções para coisa alguma! Em 1830 não se descreia ainda, e, no enthusiasmo de uma primeira impressão, ninguem via defeitos, todos pensavam ter achado a solução final, absoluta, indiscutivel, do problema da politica.

Uma grande sêde de *liberdade* theorica e practica era o fundo d'essa reacção a que se chamou Romantismo: reacção contra a tyrannia de Robespierre e de Napoleão, reacção contra a tyrannia das philosophias e do classicismo do seculo XVIII, reacção contra todas as abstracções tyrannas, demo-

craticas, moraes, poeticas. Fez-se do homem individual o *typo absoluto*, e, abraçando-se a critica de Kant, não se achou origem de certeza fóra da consciencia, nem fundamento de justiça fóra da liberdade individual. Mas como esta doutrina podia conduzir a um racionalismo, e por esse modo tornar-se uma fórmula nova do racionalismo classico abstracto do seculo XVIII, a escola completou a doutrina com a historia, compondo esta ultima *ad usum proprio*. Com a liberdade individual positiva e com um systema de tradições mais ou menos genuinas, creou-se um corpo bastante consistente para convencer uma ou duas gerações.

Voltando-se para os jacobinos, os mestres diziam: a vossa liberdade é *tyranna*, por ser abstracta; só a nossa verdadeira, porque é a positiva liberdade de cada homem. E os jacobinos, não sabendo ainda que responder, no meio das ruinas das velhas philosophias, calavam-se ou rendiam-se. — Voltando-se depois para os absolutistas, os mestres, que eram uma pleiade de sabios e tinham anteriormente renovado os estudos, diziam-lhes: a liberdade é velha, só o absolutismo é novo. Apontavam então em defeza da sua these as luctas das communas, as antigas côrtes, e as traições dos monarchas. Diziam: o Evangelho é liberal, só o Papado ultramontano. E com sabias dissertações canonicas provavam o dito. — Christãos, pois, e monarchicos, mas ao mesmo tempo liberaes, os neophitos portuguezes escreviam para Lisboa: «Vindo cá duque do Cadaval, bispo de Vizeu, conde de Basto, e vós todos que sustentaes em vossas espadas o mais abjecto dos despotas. Dizei, infames: ainda podeis asseverar que o intento dos liberaes é arrazar o altar e o throne?..» (*Palinuro*, Londres)

Os absolutistas, apoiados a uma tradição secular, não eram tão facéis de convencer como os jacobinos. A *liberdade* do christianismo parecia-lhes com razão uma singular extravagancia, e por baixo da capa do orador viam o pé bi-partido de Sata-naz, por baixo do machinismo liberal viam tambem escondido o jacobinismo democrata. Dizer a revolução christã e leal, religiosa e monarchica, era uma hypocrisia apenas, ou então uma singular aberração do pensamento. A revolução era a impiedade; e com acerto affirmavam que destruiria o altar e o throno, o direito divino de Deus e do Rei.

Sinceramente, os novos doutrinarios não acreditavam que fosse tal a essencia da sua theoria. Criam firmemente na solidez da sabia construcção erguida, e na verdade das conclusões que tiravam da historia. E a fé, reunida ao extraordinario merecimento pessoal dos apostolos, chamava ao seio da doutrina, não só os democratas, como todos os que no mar revolto das agitações politicas tinham perdido o rumo. Assim, de todas as velhas escolas e partidos, parecia ficarem apenas de pé, frente a frente, o liberalismo e o espirito absolutista apostolico inconvertivel, roído do virus da velhice, carregado dos crimes dos Bourbons, responsavel por todas as loucuras religiosas, debatendo-se nobre e desvairadamente contra a Revolução — que surgia agora unida e forte, vestindo uma capa de innocencia ou de hypocrisia, ás abas da qual se agarrava a turba dos homens fracos, a multidão das classes medias desejasas de paz e riqueza. Era a melhor das republicas!

Portugal catholico mantinha-se inconvertivel; mas os portuguezes, emigrados por annos, tinham desaprendido a educação nacional sob o commando

de um estrangeiro — Palmella. Os costumes, os homens, e as idéas da Inglaterra e da França, operavam lentamente. «Estranhei, diz Carlos e Joanninha, (Garrett, *Flagons*) aquelles habitos de alta civilisação que me agradavam comtudo; moldei-me facilmente por elles, affiz-me a vegetar docemente na branda atmospheria artificial d'aquella estufa, (o luxo inglez) sem perder a minha natureza de planta estrangeira». Como tudo isso era diverso da rudeza nativa, da violencia bruta, da grosseria classica dos costumes portuguezes! Nem frades, nem desembargadores, nem capitães-mores! E era bom, vivia-se bem. Porque não se havia de transformar tambem a casa? Os emigrados aprendiam as linguas, devoravam os livros recentes, dos criticos e historiadores francezes, Guizot e Villemain, Cousin, Thiers, Mignet, enchendo-se de sciencia historica em Thierry, em Michaud, em Beugnot, aprendendo ao mesmo tempo em Walter-Scott uma litteratura nova, com Addison um classicismo poetico, com Victor-Hugo, Lamartine, Byron, o romantismo lyrico, evangelho quasi religioso da Liberdade!

Enquanto isto passava na Europa, congregava-se nos Açores um exercito e chegava D. Pedro do Brazil. O Portugal novo tinha já uma bandeira, o liberalismo; um exercito, o de Villa-flôr; um chefe, o duque de Bragança. Havia por fim homogeneidade (transitoria) nos elementos, unidade no mando, importancia nas forças. A França, a Inglaterra, apoiavam a tentativa, ao mesmo tempo que fulminavam desapiedadamente D. Miguel. Palmella estava com D. Pedro em Londres, Villa-flôr na Terceira, e em Paris, Saldanha, filho adoptivo de Lafayette, companheiro dos homens do *National* na imprensa, dos revolucionarios de julho nas bar-

ricadas. Os elementos da aventura achavam-se afinal congregados.

... Eia, partamos!
Ao mar!

(Herculano, *Poesias*.)

Como receberia Portugal os *libertadores*? **E'** o que não poderemos saber, sem ter primeiro estudado o estado da nação, n'esse periodo que vai desde a revolução de 30 até ao desembarque da expedição constitucional na praia do Mindello.

IV

O principio da fim

1. — INFLUENCIA DA REVOLUÇÃO DE JULHO

O anno de 1830 começara tristemente para o miguelismo com a morte de Carlota-Joaquina (7 de janeiro). O genio, a alma da demagogia catholica morria, mas a sua obra, já consummada, podia existir sem chefe: o impulso dado bastava para manter o movimento. Apesar da morte da rainha, nunca as esperanças miguelistas foram maiores, nem mais fundadas, do que na primeira metade do anno de 30. Os governos da Inglaterra e da França, impellidos no sentido reaccionario, davam a mão a D. Miguel e estavam a ponto de reconhecer a sua legitimidade. D. Pedro, ou antes os que o invocavam, consideravam-se perdidos para sempre. O governo de Lisboa negociara em Paris um emprestimo com o qual se resolveria a crise interna; e feito isso, o reconhecimento de D. Miguel terminaria a irregularidade da sua posição no concerto das piedosas monarchias europeãs. No fim de junho (28) o rei assignara o decreto authorisando o emprestimo; e em 30 o conde da Louzan subscrevia o contracto, ratificado em 2 de julho. (J. Liberato, *Mém.*) Carlos X dava protecção, dinheiro, tudo; e a Inglaterra de Wellington ia de accordo com a

França. Não podia haver a minima duvida de um exito completo!

Deus dispõe, diz o adagio: com effeito, no proprio mez de julho, o povo de Paris, sublevado, desthorou Carlos X, proclamando, á voz de Lafayette, a «melhor das republicas», isto é, a monarchia junior, liberal, de Luiz Philippe. As vivas esperanças da primeira metade do anno eram cuidados e receios serios na segunda! Wellington cedia o lugar a Palmerston; a Austria era demittida do commando politico das nações occidentaes. Adeus emprestimo! adeus legitimidade reconhecida! As esperanças vagas de um apoio externo dissipavam-se; e só havia a contar com o enthusiasmo antigo, com a fé, com a força, do velho Portugal — um baluarte a defender contra a onda da impiedade que invadia a Europa inteira! Por isso o anno de 31 é o reinado do Cacete, o governo puro do Terror: um mixto de arrogancia e crueldade, de insensatez e demagogia. A febre que atacara a nação attinge em 31 a mais alta temperatura, e a prova de quanto a doença era constitucional, está em que, apesar d'isso, foram necessarios dois annos de guerra, com dinheiro e soldados de fóra, e afinal uma intervenção estrangeira, para desarmar e submeter um povo agonisante.

Começou o anno com uma tentativa abortada de revolução em Lisboa (7 de fevereiro) dando á força sete infelizes (14 de março), e mezes depois a vinda dos francezes ao Tejo. Eram os symptomas da guerra que se approximava. Contra ella, o governo prevenia-se perseguindo, prendendo, espian-do, espancando. Tinha creada os tribunaes mar-

ciaes (9 de fevereiro), pondo lá dentro a nata do miguefismo epileptico: o Guião, o Belfort, o Maciel-Monteiro. Tinha dado poderes amplos aos seus tyranos-da-plebe — o José Verissimo, porta-bandeira da guarda real da Policia, que mandava em Lisboa, e o Leonardo, ex-postilhão do rei, que mandava fóra de portas, desde Belém até á barra. Os dois chefes, seguidos pelos seus bandos de caceteiros, eram sem comparação mais absolutos do que os pobres ministros, do que o proprio rei, idolatrado e nullo como um idolo, no seu sanctuario de Queluz, entregue á caça, ao toureio, ao *sport* historicamente nacional. As noticias que vinham da Europa pelo paquete de Falmouth, unanimemente adversas á causa, provocavam furias, e os bandos corriam as ruas com a consciencia de quem exerce uma santa missão:

Chegou o paquete:
Trabalha o cacete!

Havia a certeza de um mal que minava a sociedade e todos contavam com uma guerra inevitavel. Oravam, preparavam-se: como? Soprando com furor a chama de todos os odios, levando a excitação apostolica ao rubro, a loucura nacional á furia. José Agostinho (janeiro) desejava que a Pedreira da fosse exterminada como os lobos o tinham sido em Inglaterra: por uma monteria geral! Vêr-se-hiam as balas dos caçadores deitar por terra nuvens de fumaças que saciariam o appetite dos apostolicos, — como succedera aos judeus no deserto! Os pedreiros-livres são mais impios do que os egypcios, mais barbaros do que os assyrios! Fôra o anjo Miguel quem matára os recém-nascidos no Egypto, e o que acudira a Jerusalem, durante o cerco, a

dar cabo dos assyrios. Esse archanjo era o rei, era D. Miguel. Deus mandara-o, e conservava-o para grandes feitos. (*O Descanso*)

Um laivo de sebastianismo apparecia nas palavras do velho inimigo dos sectarios do messianismo portuguez, e entretanto a crise miguelista não era outra cousa senão o ultimo symptoma d'essa velha doença nacional, o stertor de uma sociedade moribunda. Toda a classica educação monastica apparecia agora no estylo e nos sentimentos biblicos do orador, do litterato, do poeta, do politico José Agostinho, — um dos mais fortes cerebros formados em Portugal, e o mais genuino dos velhos portuguezes de raça.

Egualmente genuinos e nacionaes eram o Leonardo e o Verissimo, com os seus caceteiros; e não o era menos o folliculario rabido que nas paginas da *Hippiatrica* armazenava sem talento os sentimentos brutaes da demagogia tonsurada. Os liberaes eram bestas, tudo *bestas!* Denunciando o *dragão maçonico*, Fr. Fortunato, chamava-lhes *animalias do mato grosso do Porto*. Pedia tambem uma montería: « O remedio não está nas boticas, — está na honra, na fidelidade e no valor para pegar em armas, quando o rei o mandar e julgar necessaria a *montaria*. » E applaudia o que se ia fazendo: « Quem ha que não approve o nosso Miguel cá da terra, afferrolhando nos calabouços essas feras envenenadas pela patifaria bestial do virus maçonico? » Confundindo vagamente o rei com o archanjo, tributando-lhe essa intimidado familiar do meridional com os seus santos, denunciando um amor mais intimo do que o amor politico devido aos reis, o frade previa a hora da crise solemne, da gigantesca montería a que Alvito Buela (*Defesa de Portugal*) chamava as novas Vesperas-Sicilianas: « Que de

gentes não irão vel-as ! Nem o povo corre aqui com mais avidez á corrida dos touros no Salitre, ou a vêr passar os Pedreiros para a Forca ! »

Era positiva a esperança e incontestada a urgencia de uma depuração total. Portugal repetiria contra os liberaes a antiga historia dos judeus - se a nação, tal qual se manifestava, não fosse já um archaismo ao lado da Europa, moderna e outra. Mas a loucura dos energumenos não deixava de ser por vezes lucida — quando attribuia ao liberalismo a responsabilidade da ruina nacional, levada a cabo pela separação do Brazil, mostrando aos negociantes *liberaes* os seus erros futuros: «O commercio que esperava da sapiencia da besta todas as riquezas de Cresos, ficou sendo um revendilhão de trapos e contrabando do paquete. . . Casem-se lá com a besta, e verão os couces que levam ! » (*Hyphatica*)

2. — OS CONFLICTOS INGLEZ E FRANCEZ

Os nacionaes, perseguidos, não tinham mais remedio do que levar e soffrer, ou fugir; mas á furia dos demagogos não bastavam os portuguezes. Irritava-a a presença fria e impassivel do inglez, réu de antigas culpas, especie de judeu que sugava uma nação de que escarnecia com desdém, agora cumplice convicto do liberalismo e sectario da maçonaria que plantara em Portugal. Desde 1828 que em Lisboa e no Porto, onde as colonias britannicas eram populosas e ricas, vinham repetindo-se casos graves; mas o governo inglez, decidido a favor de D. Miguel, fechava os olhos com uma certa benignidade, ao passo que o portuguez fazia por seu lado tudo o necessario para minorar a gravidade dos actos, dando uma satisfação aos offendidos.

Entre outros, Yung, e o extravagante Doyle que veio a servir com D. Pedro no Porto, tinham ficado implicados na revolução de maio de 28; mas foram soltos e absolvidos pelo juiz commissario inglez. Em julho do mesmo anno, em Lisboa, ás portas de Arroios, sir Augustus Wet, voltando a cavallo de passeio, cruza-se com dois cavallarias e é acutilado, com uma costella partida. Em agosto, um rapaz do commercio, Reeves, é preso de noite, levado da cama para a cadeia. Preso era tambem no Porto o filho do negociante Noble; preso o maiter britannico Ascoli, e varios outros. Em janeiro de 29 o escocez de Lisboa Mac-Kinna queixava-se ao duque do Cadaval (commandante dos voluntarios realistas) do que lhe tinham feito: Tomava o fresco, mais dois amigos, á tardinha no Terreiro-do-Paço; foram atacados por seis voluntarios; combateram: Mac-Kinna ficou com um lanho na face, outro com um hombro deslocado. A guarda acudiu, os voluntarios fugiram impunes. É este caso não fóra unico, senão um entre muitos. (*Corr. rel. to the British demands. 1834*)

Os casos do segundo semestre de 30, alterando as disposições da Europa para com D. Miguel, agravavam a situação dos inglezes de Lisboa e Porto. Já não havia da parte do governo britannico a antiga boa-vontade, antes, em vez d'ella, um proposito decidido de hostilisar Portugal. Em julho e agosto de 30, o cruzeiro portuguez — da esquadra que fóra aos Açores salvar á Terceira — apresára varios navios inglezes por supposto ou verdadeiro contrabando de guerra. A *Galathea* viera ao Tejo reclamar-os, e levava-os; mas Palmerston tinha na carteira as contas das indemnisações para torturar D. Miguel — quando os casos do principio de 31 vieram encher as medidas e jus-

tilizar as exigencias formaes da nota de 15 de abril. (*Correspond. etc.*) Enumeravam-se os desaeatos antigos, agora renovados e mais graves; exigia-se o pagamento immediato das indemnisações, com termos duros e condições humilhantes; reclamava-se contra os novos direitos aduaneiros, em contravenção dos tratados de 1810. O'Neil fôra arbitrariamente preso em Lisboa (fevereiro) pelo José Verissimo: demittido o porta-bandeira da Policia! O Leonardo invadira a cordoaria de Caffary em Pedroços, commettera toda a especie de tropelias, espancara os empregados, devassara os livros, saqueara os armazens, derrubara o feitor com uma coronhada na cabeça, prendendo-o, pondo-lhe anjinhos nas mãos, obrigando-o a dar vivas a D. Miguel e levando-o de rastos para S. Julião: demittido o ex-postilhão! A policia assaltara alta noite (22 de março) a casa do inglez Roberts em Val-de-Pereiro: demittido o Belfort! e além d'elle o commandante Everard, que aprisionára nas aguas dos Açores os navios inglezes. (*ibid.*)

O pobre governo, victima do zelo dos seus sequazes, já a braços com a questão franceza, pensou que dando tudo — dinheiro e honra — á sua fiel alliada, obteria d'ella um auxilio contra a tempestade que se armava por outro lado. Graciosamente annuiu, e a *Gazeta* publicou as demissões do Belfort e do Leonardo, do Everard e do José Verissimo, dando todas as satisfações, pagando todas as quantias pedidas.

Trabalho perdido. Palmerston tinha outras vistas; e, humilhando D. Miguel, preparava a queda do ultimo baluarte da Europa austriaca e apostolica.

A Inglaterra *whig* caminhava perfeitamente de accordo com a França de Luiz Philippe, já francamente decidida a apoiar as pretensões de D. Pedro e sua filha. Com a conspiração de fevereiro vieram incidentes que obrigaram os liberaes francezes a intervir á mão armada. Os casos foram estes: Vivia ensinando linguas em Lisboa um francez, Bonhomme, que em 28 cursava as aulas da Universidade. Foi accusado de um sacrilegio, pelos fins de 30: na quinta-feira santa do anno de 28, em Coimbra, de parceria com outros estudantes, ter-se-hia escondido na capella do Sacramento da Sé, e ahi, com mulheres de má vida, houvera uma orgia, despindo-se todos e dormindo nos degraus do altar. Verdade ou calumnia, o facto é que a sentença de dezembro (11) dava o crime por provado, e condemnava o réu a açoites nas ruas de Lisboa e degredo por dez annos para Angola. Preso, Bonhomme foi açoitado em fevereiro, e voltara para a cadeia a esperar o degredo.

Além d'este episodio em que a politica por nada entrava, surgiu outro directamente da conspiração de fevereiro. As devassas tinham prendido de 70 a 80 pessoas, e a sentença, em março (14), condemnava sete ao patibulo, cinco a degredo, e um, Diniz do Couto, a expulsão do reino. Entre os da segunda categoria achava-se um francez tambem, Sauvinet, cervejeiro, com fabrica a Val-de-Pereiro e loja no Arco-de-Bandeira, accusado de alliciar parciaes, dando bebidas aos soldados e maruja.

No fim de março os dois francezes estavam presos á espera de cumprir a sentença, e os sete condemnados tinham já acabado no caes-do-Sodré. O consul inglez avisava para Londres que a corveta *Urania* e os brigues *D. Pedro* e *S. Sebastião* eram, de toda a esquadra portugueza, os unicos em

estado de sair a barra, e que se preparavam para comboyar a *Maria Cardoso*, charrua que saíria no principio de abril com uma leva de 400 presos para Angola. (*Papers relat. to Port. etc.*) Por seu lado o consul francez reclamava contra a condemnação dos dois patricios, protestando. O visconde de Santarem redarguia negando-lhe o character de representante — a vêr se de tal modo forçava a França a nomear embaixador para Lisboa, segundo alguns dizem. Sauvinet, Bonhomme, não partiram; mas saiu de Lisboa o consul, rompendo-se inteiramente as relações entre as côrtes de Paris e de Lisboa. Era uma positiva declaração de guerra. E no meiado de maio appareceu na costa a esquadra franceza iloqueando o Tejo, enviando ao governo o seu *ultimatum*. Os dois francezes seriam soltos, annulladas as sentenças, e indemnizados com sessenta e cinco mil francos; os juizes signatarios das sentenças seriam demittidos; e os francezes residentes em Portugal collocados sob a protecção do juiz conservador britannico.

O pobre governo que fez? que podia elle fazer? Estender a face esquerda para as bofetadas da França, depois de esbofetado pela Inglaterra? Talvez o desejasse, mas não o podia. Nas crises, os governos são mandados, não mandam: o espirito publico, acirrado e cego, achava tudo possivel; e a dura basofia portugueza sentia folego para vencer a terra, o mar e o mundo! Só á força de estocadas profundas e repetidas viria a vasar-se o grosso tumor da colera epileptica. Santarem, afflicto, recusou as condições do almirante francez, e mandou a Asseca, em Londres, que se rojasse aos pés de Palmerston, pedindo um bocadinho de auxilio para quem ainda na vespera fôra tão bom, tão condescendente com elle. (*Papers, etc.*)

Para satisfazer os animos, o governo ordenou medidas militares, mandou apparellhar a esquadra, ainda consideravel. As fragatas *Diana* (51 p.) e *Perola* (44), com os brigues *D. Pedro* (18), *D. Sebastião* (10), *Memoria* (6), estavam equipados. Mais quatro navios, *D. João I* (26), *Lealade* (26), *22 de fevereiro* (10), e *Gloria* (10), ficariam promptos em poucos dias; e dentro de um mez a nau *D. João VI* (74) e a fragata *Amazona* (52). Eram onzo navios jogando 330 peças. Mas, enquanto na Praça se annunciava o bloqueio, Rabandin na costa ia apressando os navios de commercio, á espera que chegassem as esquadras de Toulon e Brest com forças bastantes para entrar no Tejo. O governo, apesar de ter chamado a milicia e fortificado a costa até á Figueira, não acreditava na vinda das forças navaes francezas, esperançado ainda na Inglaterra. (*Papers, etc.*)

Que importava porém a Palmerston que os francezes viessem ou não? Que motivo o levaria a intervir a favor do seu antigo alliado portuguez? Que interesses o chamavam á Peninsula? Nenhum. Consummada a separação do Brazil, a Inglaterra pouco ou nada mais tinha a tirar d'uma pobre nação faminta, roída até aos ossos. E por outro lado, Luiz Philippe não era evidentemente um Napoleão, nem havia fundados receios de uma conquista. A França, inglezada, fazia uma expedição á ingleza, para castigar cruel e desprezivelmente o bey de Portugal, especie de Tunis ou de Alger. Que tinha a Inglaterra com isso? De tal modo, mas por outras palavras, respondia Palmerston a Asseca em Londres (18 de julho), dizendo-lhe que acceitassem as condições francezas. Já a esse tempo Roussin entrara no Tejo e apresara a esquadra; e quando Asseca implorou Palmerston, o mi-

nistro mandou consultar o *King's advocate* que declarou boa a presa, e respondeu ao portuguez com a resposta do procurador da corôa. (*Papers*, etc.)

Foi a 6 de julho, pela tarde, que os tres primeiros navios da esquadra de Roussin vieram deitar ferro em Cascaes. Na manha do dia seguinte chegaram mais doze, e no dia 9, preparado tudo, a esquadra franceza estava alinhada desde Cascaes até S. Julião. Nas torres, na costa, havia artilheria corrida e murrões accesos; nas ruas, nos conventos, nas praças, declamações e preces; no gabinete uma crise. Abalava-se o baluarte inteiro do migue-lismo, e o visconde de Santarem exigia a entrega dos presos, e que se pozesse ponto na doídice temeraria. Exigia-o, todavia, a quem? Aos proprios loucos. O almirante francez mandou como parlamentar a Lisboa o brigue *Dragon*, e D. Miguel veio a quatro soltas de Queluz: á noite houve conselho. O dia 10 passou-se em correspondencias inúteis; e a 11 de manha as seis naus, tres fragatas, tres corvetas e um brigue da esquadra de Roussin forçaram a barra do Tejo. O vento, a maré, traziam a panno largo os navios, e os tiros despedidos das fortalezas recochelvavam na agua, inoffensivos. Mas em frente de Lisboa estava a esquadra portugueza que a sabedoria do governo guardara dentro do porto, em frente da cidade, — para uma batalha fluvial que seria o destroço dos barcos do rio e dos navios do quadro, e um bombardeio de Lisboa pelos vasos francezes e portuguezes. Tal fôra a *ratoeira* concebida pelo conde de Bastos que, de oculo em punho, observava de longe o entrar dos navios francezes, esfregando as

mãos a cada nau que passava, dizendo satisfeito: «já cá está mais uma!» (Sousa Monteiro, *Hist. de Port.*) Às 5 horas, toda a esquadra franceza ancorava dentro do Tejo, desde Belem até ao Terreiro-do-Paço, em linha, com as baterias corridas, as peças de guela aberta, prontas a bombardear Lisboa. E a portugueza? Sumira-se, calara-se, — se algum tiro chegou a disparar. Na triste ratoeira do conde só elle proprio caiu, com a pobre gente doida que na incipia do ministro via a expressão do seu delirio. E D. Miguel? Idolo e nada, tornou a Queluz, montar, tourear, — como typo que era d'esses príncipes absolutos, escravos de facto, embora escravos adorados, das facções que os aclamam.

O governo cedeu, pagou, aviltou-se, perante a França cuja bandeira era saudada no castello com uma salva, enquanto a *Gazeta* (16) publicava tudo o que o francez exigia. Além das suas primeiras reclamações, houve que dar-lhe 800:000 francos para despesas de guerra, houve que deixar-lhe levar a esquadra *tomada em combate*. Aos que accusavam de tibio e burguez o seu governo, Luiz Philippa podia responder já com a façanha do Tejo; e os pintores traçavam quadros pardos, de fumarada listrada de imaginarios tiros: uma batalha naval segundo as regras da arte. (L. Blanc, *Hist. dix ans.*) Nelson-Roussin vingaria a reputação meliocre da marinha franceza—se de facto não fosse Roussin-Quichote!

Nós eramos, porém, o bando dos lanigeros que o montante do invasor repellia, e, encerrados, como n'um curral, devoravamo-nos n'um desespero de raiva. A bandeira franceza, erguida nos navios d'elles e nossos, provocava em terra um tal furor caceteiro, que o governo mandava cohibir por um edital os excessos e violencias «resultado do enthu-

siasmo pela defeza do soberano e da patria». Lisboa era uma Jerusalem: a furia desencadeada no dia 11 prolongou se por todo o mez. As lojas fechavam e nas ruas só appareciam as quadrilhas de caceteiros ameaçadores. Matou-se alguma gente; muita outra se esconden ou fugiu para bordo d'essa esquadra franceza, onde, para cumulo de odio, chegara a correr que vinha D. Pedro. Aquelles a quem ficara ainda um resto de sizo, apartavam a cabeça com ambas as mãos, chorando a desgraça da patria, condemnada á loucura tyranna para fugir á revolução impia. Esperavam-se transes dolorosos para quando os francezes levassem do Tejo a esquadra capturada.

Ninguem se recordava já das humilhações soffridas, e parece que os acoites repetidos enfureciam, — á maneira do que as successivas banderilhas fazem ao touro no circo. No dia 14, um inglez, Milne, caíra com uma espadeirada de um voluntario realista. Na vespera, o Telles, capitão de milicias, ameaçara de morte, na rua dos Fanqueiros, o caixeiro Higgs. O Solano, com mais dois, prendeu outro caixeiro, do negociante James. Em 18, foi um homem espancado pelo simples facto de fallar na rua com um francez. No mesmo dia, os gaiatos obrigavam o inglez Lowley, á força de pranchadas, a dar vivas a D. Miguel. Marcelli fôra colhido a 16 pelo Telles, das milicias no caes-do-Sodré, e espancado a cacete a ponto de ficar exangue, quasi morto, abandonado na rua. (*apont. etc.*) Dois officiaes de marinha inglezes, que tinham ido passeiar a Bucellas, foram atacados, espancados, deixados por mortos. (*Papers, etc.*) O consul dizia para Londres, em 30, que em todas as parochias de Lisboa havia listas formadas dos verdadeiros ou suppostos inimigos do systema, e que desde o dia 11



mais de 1:000 pessoas tinham dado entrada nas cadeias. (*Ibid.*)

Foi a 13 de agosto que finalmente a esquadra franceza largou o Tejo, levando consigo todos os navios de guerra portuguezes — salvo a nau *D. João VI* que por um escrupulo foi restituída: o navio que nem estava equipadoo, não podia ser presa de uma batalha em que não podia ter tomado parte. Assim terminou o episodio francez que, para ser devidamente avaliado, é mistér approximar-se da circumstancia de que ao mesmo tempo, em França, D. Maria II era recebida como rainha, D. Pedro como seu defensor. Luiz Philippe, o author do casamento de Izabel II, projectava dar um filho seu á rainha de Portugal.

3. — O ARMAMENTO DA NAÇÃO

Perdera-se a esquadra, é verdade; ardia na face a vermelhidão do ultrage recebido, não ha duvida; mas a vergonha e a desgraça não faziam mais do que acirrar os crentes na sua fé: o povo de Deus soffreria crucis provações, mas venceria por fim! Perante a temeridade com que Jerusalem desafiou Roma, não admira a audacia com que Lisboa esperava resistir á Europa. Grey-Palmerston em Inglaterra, Perier e o liberalismo todo em França, garantida a ordem das cousas em Hespanha, queriam revolucionar Portugal. N'este paiz classico dos pronunciamentos militares, que de anno para anno tinham mudado a fórma de governo de um povo apathico, uma sedição militar seria o modo de deitar por terra um rei, — que em vez de cair perante o açoute infamante de Roussin, era tanto mais idolatrado quanto mais infeliz, mais cuspidoo, mais condemnado! A illusão de que o grito de um

regimento bastaria para sublevar a população era tão grande que, apesar das successivas lições, enchia ainda as cabeças dos companheiros de D. Pedro muito mais tarde, em 32.

Agora, depois da vergonha do caso francez, o momento parecia azado para despertar uma população em que se suppunha haver um forte e unanime sentimento de reprobção pelo tyranno. Na noite de 21 para 22 de agosto infantaria 4 saiu do seu quartel, com a musica á frente, entoando o hymno constitucional. Seriam onze horas: as familias recolhiam-se, e um positivo sentimento de medo, uma consciencia segura da tragedia lugubre começada, obrigavam a aferrolhar as portas, apagar as luzes. Encerrada em suas casas, a população não dormia: resava, mansinho, escutando o som da musica e os raros tiros que estalavam pelo silencio escuro das ruas. . . Diz-se que o regimento contava com a connivencia de toda a guarnição; mas o facto é que, dirigindo-se ao quartel de Val-de-Pereiro, foi recebido com uma descarga de fusilaria. Recuou, pela noite calada, tocando o hymno, que parecia assim, no meio do silencio universal da cidade, uma marcha fúnebre. Recuou, vindo parar no Rocio, e os infelizes, já certos da morte, não queriam morrer sem matar. Uma ultima esperança tinham ainda: quem sabe se o estalar da fusilaria dentro da cidade não provaria melhor do que o som dos latões e o rufo dos tambores?

Pelas ruas que vão dar ao Rocio chegavam tropas, no escuro da noite. O 4 formava em quadrado; commandava-o o Bravo, depois general, então alferes, que saíra em fatos cascos e á pressa afivellara a espada. O combate começou logo, n'esse recinto limitado onde os cavallos mal podiam ganhar o galope das cargas impetuosas, onde as

descargas da fusilaria se davam como n'um duello, com as bocças das espingardas quasi colladas ao peito dos inimigos. Já não eram tiros soltos, era um cascalhar seguido de descargas, e o tropear de cavallos e o fusilar rubro dos tiros. A lucta durou até ao amanhecer: avaliam-se em trezentos os mortos. Foi uma noite de carnagem; e o Rocio, já ensopado de matanças historicas, bebeu mais um trago de sangue humano. . . Porque levantaram sobre o seu chão a columna insipida do *dador*? porque não preferiram a memoria das trezentas victimas da batalha, pobres soldados que morriam defendendo, ou atacando, formulas que não comprehendiam, illusões que os desvairavam? No socco d'esse monumento deveria figurar o epilogo da tragedia — as carroças que até pela manhã conduziram os cadaveres, lixo das revoluções, do Rocio para as vallas sepulchraes; e os quarenta soldados fusilados depois (7, 22 de setembro) em campo de Ourique. . .

Essa violenta sangria do verão de 31 não foi capaz de acabnar a febre: irritou-a mais. Veiu o Papa e reconheceu (setembro) D. Miguel rei legitimo, sagrou-o, ungiu-o, abençoando-o, fazendo do idolo um messias e do cacete uma cruz — o lenho sagrado:

Dominus in ligno regnavit!

A litteratura sagrada, traduzida assim plebeamente, fazia dos textos o codigo da demagogia; e o povo, levado áquelle estado de sensibilidade pathologica d'onde saem os mythos nos tempos historicos, já confundia a realidade com a phantasia, vendo milagres por toda a parte. Era uma vida

transfigurada: Carlota-Joaquina uma Nossa-Senhora, D. Miguel o archaujo, um messias, o proprio Jesus vivo. (Monteiro, *ibid.*) Nem aos melhores já o delirio poupava; as metaphoras adquiriam um valor de realidade só observavel nos primeiros tempos, inventores das linguas. A inflammacão produzida no corpo social pelo excesso circulatorio tinha como symptoma a espontaneidade creadora, propria de um estado psychologico em que a fé chegava ao ponto de vêr, sentir, fallar directamente com o mundo superior do céu. Respirava-se o milagre por toda a pelle, e os espiritos saturados de esperanças e sonhos transcendentos tinham uma segurança inaudita na sua sorte e um desprezo violento pelas cousas da terra. Deus enlouquece.

Um dia prégava José-Agostinho na Estrella: era o anniversario da chegada do infante a Lisboa. O padre ia desenrolando os periodos pomposos da sua oração rethorica, quando estalou uma trovada medonha. Ribombavam os trovões, mais fortes do que a voz do frade, e o chispar dos relampagos cegava, no ambito da egreja allumiada pelas luzes dos altares. A natureza, imprevisamente, cortava o sermão. Os ouvintes ouviam mais os eccos da voz do Senhor reboando na abobada do templo: o frade parou. Havia medo, gemidos, lagrimas, bater nos peitos, pela massa compacta do povo ajoelhado. Estalou um trovão imminente: parecia que a egreja desabava, e todo o cadafalso de obras levantado para uma Babel, se despenhava chocando-se, partindo-se, n'uma serie de estampidos secos. Houve um immenso ai na basilica: um raio caíra no zimbório, outro sobre a nau *D. João VI* que estava no Tejo — caduca e solitaria, como o rei de que tomava o nome estivera no seu reino, sombra vacillante de um passado extincto.

A nudez do pregador acabou. Esqueceu a rhetorica, varreu-se-lhe da memoria o discurso, e por sobre o côro de ais do povo gritando Misericordia! José-Agostinho, ferido pelo sentimento commum, voltando-se para o throno, onde no alto de uma rampa de luzes estava a hostia, fallou-lhe assim: «Que é isto, Senhor? Que fazeis? Mandaes trovões, tempestades, em um dia de tanto prazer! Estaes acaso de intelligencia com os malvados constitucionaes, e quereis dar-lhes gosto perturbando o nosso festejo?» De tal fórma os judeus usavam interpellar Jehovah — positiva, directa, brusca-mente.

E de novo seguros da protecção divina, os judeus, quando viam o iris de paz no céu onde o manto plumbeo da colera suprema se rasgara, voltavam a entregar-se ao gozo amargo dos seus odios, lançando-se todos no delirio das vinganças. Outrotanto succedia em Lisboa. Depois do medo, vinha a colera; ao respeito por um Deus temido, succedia o desprezo absoluto pelo homem, o nenhum respeito pela dignidade, pela liberdade do semelhante: nada ha tão humanamente immoral como a religião positiva. Depois do medo, vinha a furza; depois da oração, a blasphemia; depois da communhão, a injuria; depois da cruz, o cacete, «maravilhoso instrumento com que se fustigam os cães atrellados e se apalpa o couro aos moleques». (*O cacete*) Era um idolo, um sceptro, uma instituição, um brinco, um encanto! Havia-os nodosos e toscos, havia-os polidos, janotas. Faziam parte do traço de todo o portuguez do lei e inspiravam odes e coplas.

*Baston medicinal en que seña
Remedio a frenesis contra el rito,
Palo santo serás. Muestras bendito
Que hay milagros en recipes de palo.*

(SUSTA, *Defeza de Port.*)

A demagogia apostolica fazia a apothese do terror com um estylo picaresco, reclamando uma tosa universal, cargas de arrocho ou de pau. (*III.*) Os jornaes pareciam escriptos por arrieiros, na estalagem, sobre os albardões dos machos em descanso. O frade e o arrieiro, a litteratura e a brutalidade, vêem-se fundidas n'essas folhas que a velha violencia portugueza inspira, com um sentimento que a nossa historia já revelara no tempo da perseguição dos judeus. Os liberaes eram os christãos-novos de agora, e mais despreziveis ainda do que os antigos.

Este pouco pedre de discordia que essa cafila de onze ou doze bandeieiros do Porto lançou entre nós, foi quem gerou e tem nutrido a palhaçada de emergunenos sem cara, nem vergonha, nem emenda, que ha muito estão em divida com a vinca do caes-do Tojo. (*O Cacele*)

E, conforme tambem succedera no tempo dos judeus, o furor da purificação não se saciava: por toda a parte os espiritos perseguidos pelas sombras errantes da loucura, viam inimigos, viam traidores.

Espirito os conventos: tambem lá! tambem lá! O malhadismo ou as trevas têm apparecido e vão apparecendo por toda a parte. O espirito de Satanaz pôde já introduzir-se nas eleições dos seculares: uma abbadeza malhada! — Pedreiros, constitucionaes, malhados, nas egrejas, nos conventos, empolgando os maiores empregos! Toca a matraça! Trabalhe o cacele, a bem dirigida caceçada para curar o flato revolucionario: leve tambem a sua tosa o frade e o clerigo que seja apanhado na sucia

caixeira). — Muitas vezes, nem toda a Alçada, nem toda a policia civil, nem todás as authoriades bastam — só o grande cacete chega a toda a parte! (Buca, *Defeza de Port.*)

O apostolo tem maior medo dos de casa do que dos de fóra. Não crê na força dos emigrados, nem em D. Pedro, nem na *brazileira*. «Cada um de nós é melhor general do que o Sancho-Pansa do Saldanha, o Gil-Braz de Villa-Piôr, o novo Quichote Palmella. . . Ladrões; roubaram-nos tudo: hão de os levar os diabos se cá vierem!» Escarnece e insulta: Garrett é o garrano de D. Pedro, um ladrão debochado. O medo é Satanaz que está em casa; são os generaes «ovelhas cobardes que commandam um exercito de leões»; são os judas. «Judas ha em todas as corporações: Judas nos conventos, Judas nas secretarias, Judas nos tribunaes, Judas na companhia, Judas em toda a parte, Judas até no e. . . de Judas!» (*Idem*)

As dores da purulencia que se formava sob a pelle irritada pela doença apparecem de tal modo nos espiritos, dando-lhes uma perspicacia superior. E a prova de que os tumores morbidos começavam a manifestar-se ainda antes da hora decisiva, está na attitude do governo, cada vez mais passivo; no papel do rei, cada vez menor. Throno, governo, iam arrastados pela onda demagogica: se antes não fôra possível parar, como o seria agora? Em vez de optar por uma resistencia já de certo van, o poder entregou-se nos braços dos energmenos que o arrastavam. Fr. Fortunato, o author da *Hipiatrica*, foi nomeado bispo de Evora.

Sceptro do rei, vara do juiz, baculo do pastor do rebanho catholico, — o cacete merecia e teve uma apothese!

«E' chegado o dia de juizo!» exclamava a *De-feza*, quando se confirmou a noticia do desembarque de D. Pedro, — «aquella besta damnada que vem do mar á terra, trazendo dez cornos e sete cabeças e sobre estas todas as blasphemias contra Deus!»

Com as noticias positivas da expedição dos Açores, os animos abatidos pela violenta sobreexcitação cobraram força, e a prova de quanta havia ainda está na duração da guerra, agora a ponto de começar. Congregou-se a nação como um rebanho se unc ao farejar os lobos distantes. Lisboa era um acampamento. Havia trinta mil voluntarios. Lembra o caso de 28, e todos contavam uma victoria breve e facil. Diz-se, porém, que os generaes tinham o plano de não repetir o erro anterior: impediriam a emigração, *não escaparia nem um!* Por isso os teriam deixado desembarcar sem resistencia. Era um laço onde todos viriam cair, amarrados de pés e mãos. Havia um enthusiasmo unanime. Na hora do perigo mostravam-se as forças; o ataque era um derivativo para a febre intensa que até alli trabalhara sobre si, roendo, minando o corpo social. Apareciam no erario donativos espontaneos e o emprestimo de tres milhões de cruzados foi logo coberto, e pago de bom grado o imposto novo das portas e janellas. Os habitantes de Lamego davam todos os cavallos e muares para o exercito; por toda a parte os proprietarios offereciam das suas mattas as madeiras para os reparos da artilheria. Os que não tinham dinheiro, davam a camisa, os sapatos, para a tropa. A nobre dedicação da nossa raça peninsular que se despe no momento de crise para acudir á patria em perigo, ou a qualquer subita desgraça, não falhava d'esta vez ainda.

Os preparativos militares eram serios, grandes

as forças, — e maiores porque o exercito não estava só armado de espingardas: trazia ao pescoço rosarios e bentinhos, isto é, uma obtusa fé na causa por que ia morrer: a defeza do Deus, do Rei, da Patria. Maiores ainda, porque atraz do exercito combatente ficava por todo o reino a reserva das populações — os velhos, as mulheres, as creanças, de joelhos, resando á Nossa-Senhora pregada na parede, com D. Miguel ao lado, uma lampada por baixo, sobre a commoda — e ao canto do quarto um velho trabuco, um chuço, a faca de mateiro, o pau ferrado, a aguilhada de boieiro.

Como se esperava que a expedição dos Açores viesse directamente demandar o Tejo, era em Lisboa que todas as forças se tinham concentrado. A costa, de Lisboa á Vieira, e as duas margens do rio estavam erriçadas de baterias bem guarnecidas; e o exercito contava um effectivo de oitenta mil homens: trinta para a guarnição das praças e fortalezas, e cincoenta para as operações, assim divididos e acantonados:

- | | | |
|-------------------------|------------|---|
| 1. ^a divisão | 10:000 h. | em Lisboa, sob o commando do visconde do Pezo da Regua. |
| 2. ^a " " | 9:000 " " | de Leiria ás Cãldas — idem, Povoas. |
| 3. ^a " " | 8:000 " " | de Torres a Chutra — idem, Moraes-Sarmento. |
| 4. ^a " " | 13:000 " " | da Figueira a Villa-do-Conde — idem, Santa-Martha. |
| 5. ^a " " | 6:000 " " | no Algarve — idem, Mollolos. |
| Col. movei. | 5:000 " " | entre Almada e Setubal — idem, Silveira. |

Desde novembro (e só em junho de 32 a expedição liberal partiu dos Açores) que o exercito estava mobilizado e todo o systema de defeza prompto, como para uma invasão estrangeira. Não o era, com effeito? Era; paga com dinheiro inglez, au-

xiliada por mercenários, composta de homens, mais do que estrangeiros, — renegados; de homens que, segundo com razão dizia a *Gazeta*, vinham destruir as instituições de seis séculos, insultar a religião portugueza, extinguir a nobreza, — e além d'isso *usurpar os empregos*, (antigo vicio da nação colonial!) «fazer pagar pela nação os empréstimos que devem». Eram um bando de famintos!

LIVRO TERCEIRO

(1832-4)

A guerra civil

I

A aventura

1. -- D. PEDRO REGENTE

De volta da América, depois de ter communicado no Fayal com a Regencia dos Açores, o ex-imperador do Brazil chegou a Cherburgo no meado do anno de 31. Pouco depois entrou em Brest a rainha. Pae e filha partiram para a Inglaterra, indo hospedar-se em Londres, como particulares, no *Clarendon hotel*. Acompanhava-os um pequeno circulo de brasileiros fieis, servos ou aulicos do imperador caído. Os portuguezes da emigração, que não tinham adherido á Regencia da Terceira e odiavam Palmella, mantinham-se friamente afastados com receio dos planos do principe, em quem viam um D. Miguel ao avesso. Doutrinarios liberaes, antipathisavam por instincto com a personalidade invasora do que, por não saber guardar a constituição brazileira, fôra deposto do imperio; e rodeando Saldanha, partilhavam com elle os seus odios a Palmella e á Regencia. Corriam versões

tendentes a justificar a frieza. José Balbino, apesar de ser o braço direito de Palmella, confessára que D. Pedro preferira ir para Inglaterra, — para fugir a Luiz Philippe que queria dar um de seus filhos á rainha: plano contrario ao do imperador, que esperava ser aclamado rei ao desembarcar em Portugal. (José Liberato, *etc.*) Aos receios de uma segunda usurpação, juntava-se nos emigrados a queixa contra o modo por que a rainha era tratada.

No hotel de Londres, D. Pedro e a imperatriz, occupando o andar nobre, tinham côrte; e a rainha, uma pobre creança, mas linda e rainha, vivia só, nas sobrelojas. (*ibid.*) Não é verdade que tudo parecia indiciar o plano de uma segunda usurpação? E que vantagem haveria em ir derramar o proprio sangue em uma guerra, para trocar D. Miguel por D. Pedro? Era sabido que os aulicos lhe aconselhavam revogasse a abdicação declarando-se rei; e que sempre o tratavam como tal, chamando-lhe D. Pedro IV. Os ministros inglezes, Grey, Palmerston, e o embaixador francez em Londres, Talleyrand, que tinham em D. Pedro uma cousa sua, visitavam-no com frequencia. Entretanto chegou Palmella da Terceira, e de França o acolyto Xavier. Talleyrand, corria, opinava por um processo summario: desdizer tudo o que se fizera desde 1826; passar uma grande esponja sobre uma historia de seis annos, — e começar de novo. Foi o perspicaz Palmella que provavelmente deu aqui uma lição ao seu mestre, patenteando-lhe como essa nitidez desejada seria de facto uma confusão maior que viria retallar ainda mais os partidos liberaes, fazendo surgir um terceiro pretendente á corôa. É inverosimil suppôr que ao espirito lucido, pratico, do diplomata portuguez não fosse claro que D. Pedro regente de uma filha e creança equi-

valeria a D. Pedro rei. Para que ir bolir mais nas questões dynasticas? Para que substituir a rainha, cuja innocencia, cuja infancia, cuja belleza, davam encanto á causa e calor aos soldados, — por um príncipe, cujo passado seria para logo discutido em polémicas pessoais e juridicas?

Como quer que tivesse sido, o facto é que ficou resolvido limitar o papel de D. Pedro ao de regente em nome de sua filha. E o príncipe, em pessoa? Difficil é dizer que intervenção teria tido n'estes debates, a quem não assistiu a elles, nem privou com os personagens. Entretanto, os antecedentes authorisam a suppôr que, em tudo isto, D. Pedro teria intervido tanto como em tudo o mais. Atribue-se-lhe, á partida do Brazil, o plano de vir para a Europa viver como particular em Munich; e não é inverosimil que assim pensasse quem, sendo caprichoso e arrebatado nas suas decisões, vaidoso nas suas idéas, se encontrava repellido de um paiz ao qual, de si para si, julgava ter dado a liberdade, a independencia, a fortuna e tudo. Perante uma ingratição d'essas, que restava? Dizer dos seus talentos ao mundo, o que dos proprios ossos dissera Scipião a Roma.

Nos temperamentos espontaneos e expansivos, violentos e fracos, nas cabeças sem rumo seguro, nas vontades sem firmeza, as impressões governam mais do que os planos: a occasião vale tudo, o pensamento nada. Um instineto, eis ahí o unico ponto de apoio constante, a unica linha de conducta segura que dá unidade aos actos, e individualidade ao character. O instineto de D. Pedro era a vaidade. Ella o tornou instrumento util de muitas obras, ella o fazia instrumento docil de planos alheios. Ella lhe dava a inconsequencia, a fraqueza, a ruindade de muitas acções suas; mas tam-

bem por vezes uma força, uma nobreza, um atrevimento corajoso e uma decisão que, vistos de fóra, chegavam a parecer de heroe. Ella o conduziria a adoptar para seu uso as phrases pomposas de um racionalismo revolucionario, que nem por temperamento, nem por caracter, nem por educação, partilhava, — e d'esta circumstancia nasceriam as duras crises da sua vida atribulada, e as positivas contradicções entre as suas palavras e os seus actos. *Dera a liberdade* ao Brazil, a Portugal; mas ficava pensando que quem dá pôde tirar, sem se lembrar do adagio popular que indica o destino dos que dão e tiram. Esse destino teve no Brazil, — e viria a ter em Portugal, se não morresse a tempo! A vaidade fazia-o crer-se legislador o capitão, Solon e Temistocles, um verdadeiro heroe, — o pobre, que além de ignorante, não tinha talento no gabinete nem no campo, e era um instrumento docil dos que o cercavam! A vaidade, porém, fazia com que escolhesse para junto de si os aduladores, por não ter genio para soffrer os conselheiros. Salvou-o a superioridade de Palmella que sabia aconselhar sem ferir, guiar sem impôr, simular que obedecia mandando; salvou-o, por fim, a vaidade tambem, que, illudindo-o a ponto de o fazer crer-se um heroe, o obrigou a portar-se nas horas de crise com a decisão, a coragem, a firmeza, proprias dos heroes.

Porém o momento em que taes qualidades servirão não chegara ainda; e agora, indeciso nos planos, incerto nas resoluções, sem duvida alguma passou noutes seiscinando no que mais convinha fazer — áquelle personagem nobre que elle decidira, na sua imaginação, ser. Confundindo a firmeza que assenta em deliberações maduras e reflectidas com a teima obstinada em resoluções precipitadas,

dizem os que o trataram que carecia de ouvir palavras fortes para abalar o seu animo irresoluto, sem sequencia nas idéas, sem constancia nem firmeza nos planos; carecendo tambem de que se lhe prérgasse generosidade por ser aferrado ao dinheiro e mesquinho em questões de interesse. (Carreira, *Corr. off.*) No momento em que o observamos agora, acudiam-lhe indecisões graves.

Tomaria a corôa, seria rei? Um rei grande e liberal, cujo nome passasse á historia, aureolado com a fama de Napoleão? Tambem o grande imperador usurpára: não era crime; e além d'isso a corôa era de sua filha, á qual a legaria maior, melhor, — quem sabe? talvez accrescentada com a Hespanha! (Mata, *Mem.*) Vir-lhe-hiam á lembrança os convites e promessas de Saldanha? Mas, por outro lado, o papel de quem dá a liberdade a duas nações, de quem abdica duas corôas, com uma inaudita abnegação, maior do que a todos os Cincínatos; o papel de quem, por fim, em vez de tomar a rabiça do arado, tomava a espada — para libertar a patria de um jugo oppressor e coroar a filha, uma creança linda! esse segundo papel era mais romantico, menos classico; dizia melhor com os vagos sentimentos poeticos do tempo, prestava-se a excellentes odes, a artigos inspirados — em que a memoria do príncipe ficaria aureolada por um clarão quasi celestial!

Provavelmente, o marquez do Palmella disse-lhe tudo isto; e levou-o a adoptar a sensatez, emballando-o com ciúmeras. Assim é tantas vezes necessario fazer aos que a sorte manda conduzir os homens!

Como quer que fosse, é facto que D. Pedro optou pelo modesto papel de regente; e apesar da

insistencia com que os saldaanhistas o accusaram de continuar a planear uma usurpação, não se vêem factos que o justifiquem, nem ha no character do principe feições que authorisem a suppol-o. A vaidade constitucional e ingenua é incompativel com a astucia. D. Pedro era um character leal, embora fosse por vezes mau, odiento, vingativo. Se a manha estivesse no fundo do seu genio, não teria commettido os erros que praticara: teria ficado no throno do Brazil, teria casado a filha com D. Miguel. Desde que se resolveu a desempenhar o romantico papel de regente, defensor da filha, libertador de Portugal, preferindo a espada a dois sceptros que abandonara, etc. — parece-nos que poz de parte por uma vez a outra fôrma que a sua vaidade podia ter preferido. O sangue hespanhol da mãe girava-lhe nas veias; e esse sangue não dá italianos astutos, como era um Palmella, dá guerrilheiros, como era Saldanha: dá Quichotes — e isso foi D. Pedro, com um nada de *picaro*, seductor de mulheres, vicioso sem malicia.

O portuguez duro e ingenuo, amassado com idilios e desconfianças, com reservas e theorias, liberal a sério, crente, ferido por muitos soffrimentos, desilludido por traições successivas, abandonado, exilado, era incapaz de comprehender o typo singular de D. Pedro, mal recommendado pelos precedentes. Para o patriota, fôra quem roubara o Brazil; para o liberal, quem tentara escravisal-o. Via-o cercado de miseraveis adulaadores ambiciosos, e acreditava positivamente nos planos de uma segunda usurpação, — contra a liberdade, a favor de intrigantes famelicos. Recordava-se das historias recentes: do *Belfast*, dos maus tratos de Xavier em Plymouth, dos esbanjamentos, das misérias; e encontrando em volta do principe todos os

rêus d'esses crimes, condemnava-os a todos: aos cortezãos e a D. Pedro. Foi esse o sentimento que se tornou publico, ao saber-se a decisão de D. Pedro tomar para si a Regencia, invocando a CARTA. Saiu á luz o folheto de Pizarro, saldanhista de agora que fôra dos da Poeira em 23, chegando a attribuir-se-lhe o texto da proclamação de 3 de junho assignada pelo ministro Gomes de Oliveira. (*Amorim, Garrist*) A' *Norma das Regencias* seguiu-se um sem numero de pamphletos, dos Passos, de Ferreira-Borges, de Leonel Tavares, de José-Liberato; — esse partido da tradição de 20, congregado com a CARTA pela novissima theoria da *melhor das republicas*, e que, terminada a guerra, viria declarar a revolução em setembro de 36.

O acto de Rodrigo Pizarro (depois Ribeira-de-Sabrosa) foi a primeira estocada que a vaidade de D. Pedro recebeu em cheio. Vieram mais, muitas, ao depois, mas nenhuma lhe doeu tanto, e por isso jámais perdoou. O ajuste d'essas contas, na sessão de 34, fez-se quando o principe agonisava: morreu, coitado! sem ser forçado a vêr o seu inimigo laureado pela revolução triumphante . . .

A opposição á Regencia deu de si uma litteratura triste, que é mais um documento authenticico do infeliz estado de abatimento a que chegara a familia portugueza emigrada. Emquanto a nação, no reino, se estorcia febricitante n'um positivo delirio, a emigração revolvia se n'um atoleiro de miserias. Portugal, em casa e fóra, dava á Europa um eloquente exemplo da sua cachexia, e á historia um documento de como as nações podem terminar.

Essa litteratura, que principia em 31, protrahe-se até 34, até á morte de D. Pedro, — vindo acabar nas discussões do parlamento; mas a partir do começo da guerra a sua importancia é secundaria.

O momento que lhe cabe na historia é este, e por isso agora nós a observaremos rapidamente, para não embarçarmos o fio da narrativa ulterior com um elemento depois quasi sem importancia.

- - - -

Logo que a regencia se creara na Terceira, boa parte dos emigrados — os soldanhistas — tinha recusado obediencia a um poder que lhe não merecia confiança; e d'ahi começou a guerra de pamphletos, acirrada em 32 com a decisão de D. Pedro. Fieis ao seu dogmatismo liberal, os dessidentes reproavam a fórma dictatorial que a Regencia tomava; e a desconfiança tornou-se em um positivo medo de verem consummar-se uma segunda usurpação, quando D. Pedro tomou para si os poderes de dictador, sob o titulo de regente. Se é necessario reconhecer o fundamento dos receios, e o mais que razoavel motivo dos sentimentos profundos, é tambem mistér concordar em que a dessidencia demonstrava uma triste falta de senso. Quem, senão uma dictadura, poderia levar a fim a empreza? Quem, senão Palmella, ou D. Pedro, podia ser o dictador? Não era uma chimera a idéa de uma nova regencia de Isabel-Maria? Não era uma doídice a idéa de pôr em execução as formulas liberaes — quando a nação se resumia n'um exercito apenas, microscopico, acantonado sobre uma rocha perdida no largo oceano?

A dessidencia mostra-nos, pois, o fraco espirito ou o fraco civismo dos que, na sua nobreza ingenua, não sabiam esquecer, na hora do perigo, os erros, os crimes até, d'aquelles a quem a força das cousas dava o mando. E o estylo d'esses papeis revela o miseravel estado de anarchia, a dilacração

profunda da familia portugueza emigrada. A educação historica produzia no reino uma litteratura apocalyptica; e em Inglaterra e França dava lugar a uma triste litteratura grosseira de doestos e injurias, — mais baixa moralmente, por não vir inspirada pelo calor de uma exaltação religiosa.

Em 1831 (março) os Passos tinham publicado um *Memorial* que demonstra o estado de espirito, as opiniões da parte da emigração dissidente. É um papel eloquente, repassado de classicas recordações republicanas, mas destituído de senso pratico. Regenerar, restaurar a gloriosa revolução de 20 — eis ali o programma do partido cujo proposito era «continuar o terramoto de 1755». Os terramotos e as revoluções vinham da mão do Senhor. Faça-se uma expedição ao reino, diziam, sem indicarem com que, nem como. «Derrubado o Calígula, nem por isso teremos patria nem liberdade, se não fizermos pelas ganhar. Se Roma estiver destinada a ser escrava, embora proscrevereis Mario, e Sylla abdicará, embora Catilina será condemnado ou assassinado por Cicero, e Cesar apunhalado pelo ultimo Bruto.» Palavras, palavras! Melhor fôra alistarem-se no exercito que batalhava na Terceira. Porque não iam? Porque «ha uma barbaridade que antecede e outra que segue a civilisação; e tal é a dos chamados doutrinarios ou homens da resistencia. Somos partidistas obstinados do principio da soberania popular e velhos democratas incorrigíveis.»

Com effeito, a escola de 30 levada ao throno de França só em parte convertera o antigo jacobinismo, que já admittia um rei, um throno, mas que no fundo não mudára. A historia, — preocupação profunda que invadia tudo e todos, como uma aurora de futuras comprehensões mais reacs da natureza

das cousas, — era para o jacobinismo portuguez um composto singular de extravagancias. D. Affonso Henriques apparecia como um Danton, e as actas apocripas de Lamego como os textos de uma Convenção. A soberania popular, diziam os Passos, é «o principio, grande, generoso e protector que a nossos paes guiou, como uma estrella, no campo de Ourique e na sala de Almacaves. E formulando assim as origens historicas da revolução, queriam a guarda-nacional, a liberdade de imprensa, o jury, e camaras municipaes electivas e annuaes. Seria excellente: mas não é verdade que força era tambem, antes d'isso, decretal-o e impol-o, com uma guerra e uma victoria? Elles não admittiam dictaduras, sonhavam constituintes — onde tudo fosse debatido liberal, democraticamente. Viviam no seio de uma nuvem de illusões, que só se rompeu, para o melhor dos irmãos, depois que — outro Jupiter! — desceu á terra da realidade armado do raio que lhe deu a revolução de setembro.

A Regencia, diziam, é um quixote colectivo. Faz em nome do direito o mesmo que D. Miguel faz tyrannicamente. Promulga doutrinas, não reforma os abusos. A sua politica é menos dirigida por odio á tyrannia e a D. Miguel, do que pelo odio que professa a um grande cidadão (Saldanha) Catalina supposto que para muitos é Robespierre. «O que em poucas palavras pedimos, terminam, é o throno de D. Maria II com os principios de 31; e que da primeira revolução franceza copiem tudo, menos a republica e a guilhotina; da segunda nada, menos os tres dias (de julho) e os estylos da casa real.»

Em novembro, os Passos imprimem um segundo *Memorial*, commentando o primeiro, accentuando-o, defendendo-se, retorquindo aos ataques. De-

mocratas foram os *republicos de Almacave*. Portugal era republica e nação antes de ter reis, e as suas cõrtes mais velhas do que o throno. A D. Pedro deviam muito, mas a rainha era D. Maria. Como se pagariam os servigos do principe, já ao tempo chegado á Europa, desthronado no Brazil? Com o principado dos Algarves!

Enredado na teia das suas chimeras, o jacobinismo perdia o sizo; e na candida figura de Manuel Passos, a sua bocca virtuosa e ingenua abria-se para despejar insultos contra os que, escarnecendo-o, o insultavam. — «Queremos *varão*, dizeis vós, *chumcorros*? Servis! o que vós quereis é canga.» — «Patriotas da Terceira! exclamavam, (*Primeiro Nascimento*, jan. 59) Aqui da rainha! Acudí á malaventurada pupilla do povo lusitano!» Era tal a paixão e o desatino da gente damnada que tudo havia a temer d'ella: D. Pedro, um usurpador *in herba*; Palmella, sabo-se; Villa-Hôr, sem caracter politico, nem educação litteraria, e sem talento de especie alguma, militar ou administrativo. (*Rep. aux accusat.*)

Do lado opposto, a gente de D. Pedro, sem escrupulos, usava de todas as armas; e depois de ter querido reduzir pela fome os dessidentes, batia-os agora por todos os meios — a perseguição, a calumnia, o escarneo. Saldanha era apodado no *Times* de miguelista e traidor; e os pamphletos reveladores da miseria nacional não se imprimiam só em portuguez, circulavam em francez, em inglez, — para que a Europa não ignorasse as nossas podridões. Rodrigo, intimo e fiel a Palmella, com a sua veia caustica, respondia aos Passos no *Dialogo dos mortos*. «Comparam-se a si com Tacito e a jovem rainha com Marco-Aurelio; chamam-nos alvitristas, desertores, apostatas.» E ferindo o fraco do estylo de Almeno Damoceta, o arcade, que escrevia

pera em vez de *para*, chama aos dois irmãos, as *Peras da ignorancia presumçosa*. E tomando a proposta do principado dos Algarves, açoita cruelmente essa tresvariada decisão «que está, como de razão, envolta em textos latinos, dynastias de Bragança, Beauharnais, e do Porto, em doutrinarios francezes, em *leis draconianas dos hottentotes da Terceira*, cuja regencia se demonstra ser menos liberal do que D. Miguel». O interlocutor responde assim: «Ó' bestas humanas!»

Em outro papel, em verso, os pobres Passos, *donatos* do doutor João *Poer*, (Bernardo da Rocha que, tambem archaico, escrevia *poer* por *pôr*) levam uma *Giribanda* em verso chulo

... Sois dois pepinos
Da pepineira
Do doutor pingueira:
Ora tal pepinal
Pesto que doutoral,
Só produz asneira
E indecencias...

Os dois moços apóstolos do jacobinismo archaico eram fustigados sem piedade pelos homens praticos, sem chimeras, já *modernos*, que lhes chamavam

Pigmeus insolentes
Estupidos e pedantes,

retratando-os d'esta fórma:

Somos dois bachareis
Formados em leis;
Borramos papéis
E queremos ser reis;

e concluindo:

... Em minha opinião vós não valeis
Nem sequer o producto d'aquillo que comeis
Depois de passadas horas seis.

Se as tradições classicas e jacobinas se perdiam no animo dos modernos, — não é verdade que o genio soez d'onde saia toda a litteratura politica miguellista apparecia tambem entre os liberaes?

Infelizmente, as accusações trocadas entre estes revelavam mais do que grosseria: fallavam de positivas miserias e torpezas. E — consideração grave para quem, despido de espirito partidario, estuda os documentos authenticos — nem entre os miguellistas, embora se accusem, nem dos liberaes para os miguellistas, se encontram libellos diffamatorios como es que os constitucionaes trocam entre si. Ha doídos sanguinarios no reino: não ha chatins, não ha ladrões. O odio é perspicaz: não os descobriria, se existissem? . . Como é diverso o que passa por fóra! Repetem-se as accusações, citam-se os factos, apresentam-se as provas; e o tom d'essas papeis traduz mais do que odio, exprime um aviltamento. Palmella era o alvo principal de todos os tiros, por ser o chefe da tropa inteira. A Regencia era elle e mais ninguem: Villa-flôr, Guerreiro, creaturas nullas. E Palmella em pessoa quem era? O *Memo-randum para a Terceira* (Paris, fevereiro de 31) diz que não merece confiança politica, nem moral. E' o *cunctator* de velha data, o homem do *Belfast*, o réu do barracão; foi quem scindiu a emigração, quem impediu os saldanhistas de irem tomar armas na Terceira. Repellissem-no os liberaes d'ahi! Infelizmente não succedia assim, porque o dinheiro com-prava tudo. «A um argumento de terrina quantos têm resistido?» São vampiros, lustrões de todos os palacios, diplomatas em casca, jacotots politicos, tartufos constitucionaes. A fazenda é «uma borbu-

lha; por pouco que a cozem, deita golphadas de sangue: essa hemorragia é que nos mata!» Palmella, dissipador e corruptor, necessita um conselho que o vigie, o corrija, o annulle.

Quando D. Pedro, tutor nato da rainha, veio tomar a Regencia das mãos do pro-tutor do throno liberal, desencadearam-se contra o principe todos os odios accumulados. Saiu então a *Norma das regencias*, de Pizarro — conforme dissemos — que debatia a questão no terreno da legalidade. Negava o direito de D. Pedro, porque só ás côrtes competia nomear regente. Era uma nova usurpação, diziam todos os futuros setembristas — Pizarro e os Passos, Leonel e Ferreira-Borges — tendente a excluir do throno D. Maria II, pondo no lugar d'ella um mau principe: «D. Pedro foi expulso do Brazil, e o Brazil folga.»

No manifesto de 2 de fevereiro (32), observava Pizarro depois, (maio, *Comp. do* § 14) D. Pedro só se propunha a reassumir a authoridade da Regencia. Era um facto apenas; mas já no decreto de 3 de março (dos Açores) declara tomar posse do que lhe pertence em virtude do art. 92 da Carta. D. Pedro seria pois o filho, D. Maria II a mãe, — singular inversão da realidade! Por se levantar contra a infracção do direito, Pizarro soffria a «perseguição mesquinha e defeituosa de myrmidões sem patria e sem fé politica». Eram um «bando de damnhinhos»; e no fundo da questão juridica havia uma questão moral, — *auri sacra fames!*

O *Gerente e não regente*, impresso em Plymouth, poz a questão, desde o titulo, nos termos em que os dessidentes a entendiam. Elles não negavam — seria absurdo — que a pessoa de D. Pedro fosse indispensavel para ir como pendão á batalha; mas como elles, e todos, acreditavam ainda que essa ba-

talha seria simulada, o seu olhar dirigia-se, não para o campo, mas para o poder. Cuidavam, não do necessário commando do exercito, mas do governo immediato da nação — entregue a um príncipe mal reputado. Se pudessem então saber que essa Regencia viria a ser uma missão cruel e dura, nos azares de uma guerra longa e por vezes desesperada, decerto não atacariam com tanto ardor um ponto a que os successos posteriores dão um valor secundario. O que agora nos parece uma tonta caturrice de jurista, não o era no principio de 32, quando se cria que a expedição ia ser um passcio, o desembarque uma ovação, a entrada um triumpho. Ninguém pensava na guerra, todos no governo. E em vez de uma rainha creança, typo *ad hoc* do rei constitucional que não governa, chave da abobada da melhor das republicas, viam pela frente um D. Miguel de feitio diverso, mas da mesma indole.

Queriam-no, pois, *gerente*, mas não *regente*. Queriam-no gerente da empresa, mas não dono ou arbitro do futuro estabelecimento. E os contrarios, que punham no exito a mesma confiança, queriam o inverso: queriam um príncipe de quem eram validos, não queriam um soberano nullo que deixaria o poder á merecê das influencias e dos partidos, segundo a regra do parlamentarismo liberal. Por isso a questão da Regencia era mais do que uma questão doutrinaria — era uma questão de pessoas e ambições. Por isso o pamphleto accusava «a camarilha de estrangeiros (brazileiros) e portuguezes que, por lucros e paixões proprias, conspiram contra os direitos da rainha e as liberdades patrias». Comiam o dinheiro todo; e os emigrados dessidentes eram forçados a vender a camiza, indo de porta em porta esmolando. Forjavam a usurpação, «e os acclamadores, os José da Silva, os Ren-

diffe, andavam juntando uma nação na Terceira, como a nação do Chicoria, no Terreiro-do-Paço a D. Miguel ».

Com effeito, corria que, á sua chegada aos Açores, D. Pedro seria aclamado rei, e que a gente da Terceira preparara tudo para esse fim. Em França, na costa da Bretanha, já se armava a expedição.

2. — A CORTE EM FRANÇA

Voltando com a rainha a França, D. Pedro ficou ali a sua residencia (agosto de 31). Luiz Philippe deralhes o seu palacio de Meudon e uma côrte, como a reis. No segundo semestre d'esse anno trabalhava tudo para pôr a nado o barco liberal. D. Pedro, regente, congregava os cabecilhas; Palmella, em Inglaterra, procurava dinheiro e gente; nos Açores, Villa-flôr conquistava todo o archipelago.

Quando vinha a Paris, D. Pedro hospedava-se no hotel da rua de Courcelles, onde recebia visitas e dava audiencias com um ar presumpçoso e impertinente. (*Hodges, Narrative*) Rodeavam-no os seus fiéis brasileiros — Rocha-Pinto, e Rezende que tinha grande influencia no espirito da imperatriz querida do esposo. Por via de Rezende entrara nas graças do príncipe o antipathico Xavier, protegido da casa de Penalva da qual o brasileiro era um filho-segundo; Xavier, o *pernas-de-equa*, odiado pelo que em Plymouth maltratara os emigrados, creatura de Palmella, homem de intrigas e baixezas que appareciam retratadas na sua phisionomia patibular. Sem talento, sem distincção, especie de fiel-de-feitos da côrte, acolyto do príncipe e ajudante do campo de um general de comedia, — Xavier tinha a astucia

e com ella a impertinencia propria das pessoas antipathicas. Vingava-se nos pequenos, das humilhações que os superiores lhe infligiam. Era militar, e por seguir os francezes fôra condemnado á morte, quando veiu com a invasão de Massena. Perdoado, figurou na segunda epocha do governo de D. João VI. Emigrara; veiu no *Belfast* e foi segunda vez condemnado á morte. Essa importancia dada á sua desagradavel cabeça, fazia-o abanal-a com prosapia, quando em sorrisos importantes, enterrado em uma poltrona na ante camara de D. Pedro em Paris, recebia os pretendentes, os visitantes, commentando as conversas. (MAL.) Ao seu lado, de pé, rufando nos vidros da janella, anafado e bonacheirão, estava o padre Marcos, finorio e subtil, espertalhão com affectada bouhornia, sem *chimeras* nem escrupulos, confessor de um principe libertino e uala beato, amante da boa meza e das facecias livres de um cavaco intimo. Era o Sancho-Pausa de seu amo.

Este entrava, empertigado, secco, com toda a consciencia do grande personagem que figurava ser. Fallava pouco, desabridamente, offendendo os melindres dos que vinham offerecer-lhe o seu braço. (MAL.) Não conciliava sympathias, sem poder fascinar com a rudeza. Esse mal provinha da sua vaidade, porque o fundo do seu genio, qual apparece nos momentos criticos, era llano, bondoso, communicativo, familiar de mais até. A sua *posição* obrigava-o, porém, a representar o papel condigno de um Napoleão — em miniatura.

Como Napoleão, ou Jupiter n'um empyreo, desejava a paz entre os denses, — Palmella, Saldanha. E Lafayette, o patriarcha protector que moribundo no leito acabava contente por ter feito do Orleans um rei, dando a liberdade á França; La-

fayette que via em D. Pedro outro pupillo, e chamava a Saldanha seu filho, — exigia do príncipe a mediação. (Hodges, *Narr.*) Saldanha, ao tempo, vivia em Paris uma honrada miseria. Recebia por mez noventa francos; vendera tudo, e para acudir a um parto da esposa, tivera de abrir subscripção entre os partidarios. (Maia, *Memor.*) Para um character servil e baixo, o momento de vender-se era azado: para um homem como Saldanha, a fome era então má conselheira. A entrevista deu-se, mas sómente para mais se afundarem os odios. Em presença do príncipe, os rivaes vasaram o sacco das recriminações, insultando-se, jogando de parte a parte o rol de accusações que, em panphletos e jornaes, os clientes de ambos vinham trocando. (Hodges, *Narr.*) D. Pedro optou por Palmella e excluiu Saldanha da expedição. Era um perigo denunciar um character jacobino na aventura, levando-o; e a Hespanha, dizia D. Pedro ao soldado, — como em 28 lh'o dissera Palmella, — só promettia neutralidade se o perigoso demagogo não fizesse parte da expedição. Saldanha, excluído, ficou, dizendo o porquê aos seus amigos. (D. Ant. da Costa, *Hist. de Saíd. Manif. de 13 de Jan.*) D. Pedro, em vez de sarar a ferida, rasgava a; e a separação da família portugueza emigrada era mais do que nunca formal. A exclusão de Saldanha, se provinha das influencias da camarilha, mostra a que ponto chegara a dissidencia dos liberaes emigrados; se provinha, com effeito, das exigencias do estrangeiro, mostra o grau de miseria e subserviencia d'essa gente que se pretendia orgão da vontade e da liberdade portuguezas. A segunda hypothese, sem excluir a primeira, antes soccorrendo-a, parece ser a verdadeira. Os planos ibericos de Saldanha assustavam Fernando VII, cujo embaixador teria em companhia dos da Austria

e Inglaterra, com o general Sebastiani, ministro dos estrangeiros em França, advertido D. Pedro de que a ida de Saldanha faria com que a Hespanha puzesse quarenta mil homens ás ordens de D. Miguel. O proprio Sebastiani teria contado isto a Saldanha.
(Camota, Mem.)

Mais felizes saíam as diligencias de Palmella em Londres, conseguindo que um grupo de agiotas lhe emprestasse dinheiro, como quem compra um bilhete de loteria. Portugal era — e foi! — a sorte-grande. De Paris para Londres, da côrte para a boísa, em carreiras incessantes, o activo negociador via írem-se cerrando as malhas da teia que urdia. Anonymo o dinheiro inglez, anonymos os soldados que com elle contrataria, a aventura portugueza poderia levar-se a cabo correctamente, sem se desmandar em revoluções perigosas, sem ir cair nas mãos da *canalha* com os seus dogmas, as suas phrases, os seus chefes temerarios e insensatos.

Havia além d'isso uma farragem de papeis antigos: contas, letras protestadas, titulos sem cotação, empréstimos levantados para acudir á Terceira. Ninguém dava por elles um real, e, comprando-os a peso, os agiotas viam engrossar o premio eventual da loteria a que se abalaçavam. Era tentador. Havia serias probabilidades de que os bilhetes não ficassem brancos; mas o que demonstra o grau de confiança na aventura, é a maneira porque o empréstimo foi ajustado e levado a effeito.

Na côrte de D. Pedro já se viam os personagens classicos: o condestavel Villa-flôr, e Palmella o grão-doctor, — faltava o judeu, o conde do thesouro, *comes thesaurorum*, que o doutor descobriu em

Londres na pessoa activa, insaciavel, mettediga, do hespanhol Mendizabal, um banqueiro que era um politico e um fanatico liberal. Como bom judeu, contudo, sabia alliar o enthusiasmo ao calculo, sem comprometter a fortuna pelas idéas.

Mendizabal, com o portuguez Miranda, obrigaram-se a arranjar um emprestimo, sob condição, porém, de fiscalisarem directamente o emprego do dinheiro. Merecia pequena confiança ao capital quem de si dava provas tão tristes, como as davam os liberaes emigrados. Em setembro (31) estava tratado o negocio. Seriam dois milhões de libras, ou 9:000 contos nominaes, vencendo o juro de 5 por cento, ou 450 contos, ao anno. Os prestamistas pagavam os títulos a 48 por cento, vindo assim a receber-se menos de metade, e o juro a ser, pois, de mais de 10 por cento.

Mendizabal, sorrindo, mostrava não poder ser de outro modo: calculasse-se a vantagem de ficarem os fundos cotados no Stock-exchange! D. Pedro reconhecido rei pelos gabinetes bancarios! E se não quizessem, deixassem... Elle, como liberal, lamentaria muito; mas não podia comprometter os seus amigos. Já talvez estivesse arrependido de ter feito tanto. — Aceitou-se; o liberalismo estava na situação de Esau. Por um prato de lentilhas, dava tudo quem nada tinha. Mas essa venda foi a da primogenitura da nação que, enfeodada dynasticamente á Inglaterra no velho regime, passou com o novo a viver sob uma suzerania bancaria. A antiga doença da fome, causa de tudo desde 1820, tomava agora um aspecto novo — que dará de si casos e episodios de uma futura historia particular.

Em Paris a côrte, em Londres o thesouro, a nação dispersa, esfarrapada, — era urgente empregar o dinheiro, para pôr a aventura a nado com os ele-

mentos congregados. Uma esquadra, eis a primeira necessidade; soldados, marinheiros, a segunda; pólvora, munições, a terceira. Com o producto do emprestimo compraram-se o *Congress* e a *Asia*, da carreira das Indias, armaram-se em fragatas (*Ruinha*, *D. Maria II*), alistaram-se guarnições.

Da côrte de Paris, do exario de Londres, os elementos reunidos em Belle-Isle crearam sobre uma esquadra o nucleo da futura nação portugueza— agora fluctuante no mar, logo rolando sobre as vagas da anarchia constitucional. . .

3. — OS VOLUNTARIOS

A paz de 1815 deixara sem occupação muita gente, mal ou bem educada nas guerras napoleonicas. Em França, durante o governo da Restauração, numerosos militares viviam na inactividade, por liberalismo, conspirando; e como se sabe, foi esse um dos fermentos da revolução de 1830. Na Italia, as revoluções parciais que preparavam a independencia e a unidade da patria com o estabelecimento de instituições liberaes, mantinham exilados ou sem collocação muitos soldados. A separação da Belgica era já um facto consummado, e os homens que tinham batalhado por ella estavam ociosos. Sem emprego se achavam tambem muitos inglezes, que as lembranças ainda vivas de uma guerra aturada impediam de tornar ao commercio.

A esteira de soldados inactivos que o desaparecimento de Napoleão e suas guerras deixara, dava á Europa, no primeiro quartel do seculo, um aspecto semelhante ao que succedera depois de Wallenstein. As pequenas nações, as pequenas guerras, iam ao campo da grande vinha vindimada rabiscar os restos. Com elles se tinham formado

as legiões da independência da Grécia, com elles as da Belgica, e com elles se formavam agora as de Portugal.

Não é porém só a esta circumstancia que deve attribuir-se a organização dos nossos batalhões estrangeiros: nem só ella occasionara a dos batalhões, na Grécia e na Belgica. Napoleão fôra o César do racionalismo francez e a revolução personalisada; os seus homens nunca deixaram de considerar-se propagandistas; e o esplendor das suas victorias fez com que todas as imaginações alliassem a gloria e a liberdade, a propaganda e a guerra, vendo na vida militar um prologo natural da vida parlamentar, e nas batalhas a preparação para os debates. A mais pacifica, mais burgueza das doutrinas revestia feições romanticas, dando lugar a phrases pomposas e a actos de verdadeiro heroismo. Napoleão e Bentham, de braço dado, pulavam nas cabeças excitadas. Esta disposição singular é mais uma das facces do romantismo e uma das fórmulas da doença que as extravagancias de Napoleão puzeram nas imaginações. Viu-se um romantico Byron morrer de febres em Missolonghi — para que a Grécia obtivesse a faculdade de votar orçamentos errados em falsas camaras burguezas.

Essa agitação estonteada durava ainda ao tempo em que surgiu a questão portugueza. D. Miguel era um dragão, como os das lendas queridas dos povos celticos; e a imaginação pintava a guerra como um acto de nobre audacia heroica. D. Maria II, mulher, creança, fôrmosa, reunia tódo o necessario para exaltar a sensibilidade *celtica*. Inspirava verdadeiros fanatismos, chegando a haver quem se alistasse por se sentir enamorado. Junte-se a isto o espirito dos governos em Londres e Paris, a lembrança dos conflictos recentes com o de Lisboa, a

repugnancia do semi-sceptismo religioso pelo apostolismo portuguez barbaro e fanatico, a quantidade de emigrados *liberaes*, italianos, polacos, hespanhoes que em França e Inglaterra viviam «das desgraças da sua patria», mas pobre e desagradaavelmente — e terceiros a serie de causas que favoreceram a formação dos batalhões mercenarios, sem os quaes teria sido impossivel pôr a nado a aventura liberal portugueza.

Sem dinheiro, contudo, nada tambem se faria; e por isso foi só quando Palmella conseguiu obter em Londres, por 9:000 contos a 5 por cento, a sexta parte, ou 1:500, em sonante, que positivamente se tratou de alistar gente para guarnecer os navios e engrossar os batalhões de emigrados. Mendizabal, porém, serco e alto, vivo de olhar e incansavel na mobilidade dos seus gestos, da sua phisionomia, da sua actividade; Mendizabal que era um banqueiro e um patriota, propunha-se fazer um bom negocio duplo: libertar a Hespanha com a liberdade portugueza, engrossando os seus cabedaes. Dava o dinheiro, mas para intervir no modo de o gastar, começando por guardar para si a escolha dos commandantes. Sartorius, capitão da marinha ingleza, foi contratado para almirante da portugueza, que o era apenas na bandeira: as guarnições, inteiramente inglezas, regulavam-se pelos regimentos do almirantado britannico. A bordo não se fallava senão inglez.

Doyle, um excentrico fanfarrão, com cara de padre (*dark, pursey looking man, very like a priest. Shaw, Mem.*), propunha-se a libertar *esses pobres indigenas*, (*these dam'n'd natives*) dispoendo a seu talante da terra de Por-

tugal. Nomeara-se general ou cousa parecida, e contratara um ajudante a quem garantia 12:000 acres de terreno nas margens do Tejo. (17a.) Mendizabal não o pôde tomar a serio, quando viu o orçamento da expedição, em que o general se esquecer de calcular os cupotes da tropa. (18a.)

Sartorius, porém, não era um estouvado, antes um rapaz serio e pratico, sem grandes illusões, mas muita prudencia e um consideravel amor inglez ao grosso soldo que lhe prometiam, ao bom negocio em que ia metter-se. Hodges, official do exercito, a quem foi confiado o commando dos mercenarios inglezes, era tambem um homem digno e bravo, bom disciplinador e calmo sectario da liberdade. Batalhara ao lado de Mina nas revoluções de Hespanha; e com o cabecilha foi a Paris receber a benção do patriarcha Lafayette, antes de partir para Belle-Isle, onde a expedição se organisava. O velho general francez, no leito, apertou-lhe a mão, poz-lhe a dextra sobre a cabeça, desejando-lhe boa sorte, — não para o beneficio de ninguem, mas para a fortuna de toda a Peninsula! (Hodges, Narr.)

O escocez Shaw, tambem contratado, teve a seu cargo o arrolamento dos mercenarios em Londres. Era um Byron em miniatura, romantico e audaz, excentrico e mystico. Entrara na aventura por amor á liberdade e por necessidade de temperamento. «Positivamente, adoro o *sport*, — escrevia á mãe, do meio das batalhas e fomes do Porto, — sinto o mesmo *excitement* que atirando aos veados ou aos gallos do monte.» O celta, porém, estimulado pela acção, resava piedosamente as suas orações puritanas, e sentia-se viver no ardor de uma paixão: «Todas as idéas de creança romantica, respeito á liberdade, estão comigo na maior força.» (Shaw, Letters.) E o *humour* insular, sem destruir

o entusiasmo quente, fazia-o sorrir, notando o character dos defensores do throno de *Donni Marii*.

Conhecia-os de perto, porque, tendo alistado uma parte d'elles, vira-os antes de fardados.

Foi por dezembro de 81, em Londres, — quando com o dinheiro do empréstimo de setembro já os navios estavam comprados e guarnecidos de inglezes, — que se decidiu alistar mercenarios para engrassar os batalhões do exercito-libertador. Shaw alugou uma loja em *George Yard*, n'um lugar retirado, por causa das complicações do policia e das ameaças da lei dos alistamentos estrangeiros: *foreign enlistment act*. O governo fechava os olhos, mas não podia ser cúmplice. Na casa havia duas saídas e, na sala, Shaw, de pé, chapéu na cabeça, prompto a escapar-se, tinha diante de si mesa, papel e tinta para os roes. A distancia havia sentinellas vigiando a aproximação dos policias. Na parede estava um cartaz:

WANTED

by a trading and colonial company some active intelligent men as sutlers for BRAZIL or elsewhere.

NECESSITA

uma companhia commercial e colonial alguns homens activos e intelligentes para colonos no Brazil ou outros pontos.

Seguiam-se as condições: tempo, um anno ou dous; soldada, duas libras por mez; passagens, gratis; premio, seis mezes de soldo ao regresso.

A vadiagem corria a inscrever-se; e como o arrolador dava seis pence de signal, para no dia seguinte os inscriptos voltarem com attestados, Shaw reconheceu ter *libertadores* em demasia, que iam beber o cobre á taberna. Havia em Londres mais tres estações de arrolamento como a de *George Yard*, e os vadios, descoberta a mina, faziam dois shillings por dia, indo dar o nome ás quatro casas.

(Shaw, Mem.)

D'este modo se obtiveram uns trezentos *libertadores*, entusiastas de *Donni Marri*, que embarcaram no Tamisa, a bordo do transporte, a 15 de dezembro. Da estação de *George Yard* tinham-se apurado estes :

35 veteranos	1 advogado
7 soldados	1 retratista
5 carpinteiros	1 moleiro
10 sapateiros	3 caixeiros
2 gravadores	2 alfaiates
3 criados de servir	4 setas
9 lavradores	20 vadios
2 medicos	

Total 105, sendo 27 irlandezes e 78 inglezes. (166.) Nos outros roes havia a mesma variedade de profissões. Eram tocadores das ruas *ballad-singers*, limpa chaminés, *prize fitters*; era o cabelleiro de S. M. fallecida, e amanuenses de tabellião, estudantes de medicina, gravadores, impressores, litteratos, jardineiros. (Hodges, *Narr.*) 300 ao todo, dissemos; mas, além d'esses, havia a guarnição da esquadra; e assim como os dois milhões de Mendizabal foram um primeiro, modesto ensaio, assim tambem o foram os primitivos alistamentos. Milhões e soldados multiplicar-se-hão no decorrer da aventura, porque só á força de gente forasteira, para preencher as baixas, foi possível manter os quadros do exercito encerrado no Porto, e ao depois ainda em Lisboa. Os trezentos mercenários do começo vieram a ser alguns milhares no fim.

Embarcaram, esfarrapados, com fome e frio. Era dezembro, e mau tempo. Os libertadores pediam os dois mezes de avango promettido, para poderem embebedar-se á vontade. «Money! money!» gritavam sublevados, enquanto outros, entoando

gravemente o *Rule Britannia*, se deixavam ir descendo o Tamisa a bordo do navio que levantara ferro. Arribaram a Flessinga, onde compraram sapatos—circumstancia que moderou o ardor das rixas. Já tinha havido mortes, e a muito custo os officiaes obtiveram que se não socassem á pôpa do navio. A prôa era livre o muro, a navalhada, o tiro. Assim foram navegando, assim chegaram a Belle-Isle, onde estava a esquadra, — *so we became liberators!* (Shaw, Mem.)

4. — BELLE-ISLE-EN-MER

A antiga Vindilis dos romanos, nas costas do Morbihan, a duas leguas de Quiberon, fôra o ponto escolhido para equipar a expedição destinada a conquistar Portugal, indo primeiro aos Açores reforçar-se com os recursos militares ahí reunidos. A Inglaterra, apesar de hostil, ligada ainda a Portugal pelos serios interesses commerciaes de uma colonia numerosa de residentes, não queria comprometter-se abertamente, consentindo em casa o equipamento de uma expedição invasora. Além d'isso, nem por governarem os *whigs*, na Inglaterra parlamentar, os *torys* deixavam de ter voz; ao passo que em França onde todos os governos são dictaduras, a victoria dos liberaes correspondia o ostracismo dos partidos legitimistas vencidos pela revolução de julho. Mais livre o seu governo, a França não tinha interesses a defender em uma nação com quem não commerciaava, nem attenções a guardar para com o governo que, mezes antes, esbofeteara desabridamente.

A França era um bom porto de abrigo e Belle-Isle offerecia um ancoradouro seguro, proximo do canal, per onde vinham de Londres soldados, na-

vios, armas, fardamentos e tudo. Fazia-se contra nós o que dez annos antes se fizera contra os turcos da Grecia: com a differença de em Portugal não haver turcos. Como estava longe o tempo em que Wellington dizia a Palmella que as nações não podiam entrar n'uma questão interna, e que os tratados só fallavam do caso de invasões estrangeiras! Agora Palmerston escrevia bilhetes reservados a Palmella, dizendo-lhe assim: «Je vous conseille de faire partir vos vaisseaux sans le moindre delay, afin d'éviter de nouvelles difficultés que les agents de D. Miguel pourraient vous susciter». (28 NOV. 31, ep. Carnota, Mem.)

Belle-Isle, com os seus nove mil pescadores de sardinha *de Nantes*, era uma terra soccgada, pobre, primitiva. Os bretões estranhavam agora o bulício da cidade, o Palais, onde todos os dias chegavam forasteiros, mas recebiam-nos bem, porque nunca tinham lucrado tanto dinheiro. Observavam os armamentos, os navios, a variedade das phisionomias das gentes desvairadas, como diria Fernam Lopes, a multiplicidade e estranheza das linguas falladas: portuguez, brasileiro, inglez, hespanhol, francez. Era um sussuro discordante, uma bulha desusada, no meio da silenciosa vida habitual — apenas acordada, de maré a maré, com o trovão de *mer-sauvage*, açoitada pelo vento sudoeste. Bravo era o mar a que os aventureiros iam lançar-se; mas a maré subia ainda, com mansidão, quieta: nem havia temporaes de vento. . . Depois, horas depois, as rajadas e as ondas, e o despejar ruidoso da caverna que o mar enchera, produziriam os trovões medonhos das batalhas! e as victorias esperadas seriam desillusões amargas! o triumpho, um duro cerco! a aclamação, um escarneo! os abraços, tiros! os beijos, punhaladas! Para uns, viria a morte em vez

da fortuna; para outros, a vergonha em vez da gloria; para a patria, uma anarchia em vez de uma libertação; a fome, a peste, em vez da abundancia. Para o principe viria um morrer infeliz, apedrejado e insultado, vomitando todo o sangue pela bocca, no seu leito abandonado de Queluz. . .

No ancoradouro estava a frota bicolor, comprada com o dinheiro do emprestimo, commandada por Sartorius, guarnecida por inglezes. Só o nome tinham de portuguez os navios; e para o terem houvera disputas serias, em tres conselhos successivos a que o imperador presidiu em Paris, em que a imperatriz e a rainha tomaram parte. Eram duas as fragatas, a *Congress*, almirante, e a *Asia*. Uns queriam que a almirante se chamasse *Constituição* e a companheira *Maria II*. Outros achavam excessivo, radical, compromettedor, intitular assim a almirante. (Hodges, *Narr.*) Fabula? Talvez não seja: as graves cabeças *moderadas* tinham-se occupado, e vieram a occupar-se, de cousas mais futcis. Verdade ou fabula, a versão é symptomatica, porque esses homens levavam até ao ridiculo o modo de se mancharem no lodo vil da *canalha* democrata. Até a propria constituição já podia parecer perigosa; e salvo Mousinho (cujo papel estudaremos á parte) que isolado e só, por sua conta e risco, projectava derrubar a machado a floresta das instituições caducas, — toda a gente *de bem* e prudente se limitava a querer readquirir o direito de viver em casa, limitando-se a defender uma questão dynastica, pondo na sombra a questão politica. Por isso, repetindo o que já dissemos, esses homens praticos

preferiam os estrangeiros aos nacionaes; e antes queriam dever a victoria aos mercenarios do que aos democraticas; antes quizeram ainda, ao depois, no Porto, chamar Solignac do que Saldanha. Francezes, inglezes, hespanhoes, brazileiros com D. Pedro, e estrangeirados com Palmella, era o que se via em Belle-Isle; e Saldanha, o unico portuguez de lei, convertido, bem ou mal, mais ou menos, á nova religião liberal; Saldanha e os jacobinos representantes do idealismo nacional minhoto, com o que havia de mais *portuguez* na emigração, — fôra tudo prohibido de tomar parte na aventura, para não comprometter o negocio com chimeras doutrinarias.

No ancoradouro de Belle-Isle estava a frota com a bandeira bicolor. Bertram commandava a *Rainha*, onde Sartorius, almirante, tinha erguido o pavilhão; Mins a *Dona Maria*. Havia mais as escunas *Terecira* e *Amelia*, e um transporte. Fôra o que dera o dinheiro de Mendizabal. Contratara-se o capitão Crosbie, bravo, *gallant*, companheiro de Cochrane na America, d'onde já D. Pedro o conhecia, e tinha-se-lhe conferido o commando da *divisão ligeira* — uma divisão naval que só existia nos papeis e havia de andar a corso nos mares trilhados pelos navios portuguezes. (Hodges, *Narr.*) A 3 de janeiro chegaram os *libertadores* de Londres, depois da arribada a Flessinga, e foram recebidos pelos *cheers* das guarnições da esquadra. Sartorius embarcou a visital-os e fallou-lhes. Iam vêr bellas terras, o chão abençoado onde se criam os limões, as laranjas e os figos: um passeio ao paraíso! — Mas Jack, mal disposto, algum veterano que se lembrava da guerra da Peninsula, perguntou pelas «pilulas de claumbo». Sartorius respondeu-lhe com a gloria. E elle retorquiu, achando excellente a gloria, mas indispensaveis os dois mezes de avanço.

—Depois de Amanhan; prometteu Sartorius. Era pratico e agradável: *hurrah!* (Shaw, *idem.*)

Pouco depois chegou D. Pedro, por mar em um vapor. Vinha imperialmente de pé sobre a ponte, embrulhado n'uma capa, trazendo a seu lado Mendizabal, esguio e satisfeito, movendo-se contente ao observar a composição da frota que saíra da sua burra, com gestos e segredos que o imperador acolhia, superiormente, serrindo, sem mover a cabeça. (Hodges, *Narr.*) O papel de D. Pedro principia, e as qualidades e os defeitos do seu character iam apparecer n'esta ultima das suas aventuras, quaes se tinham visto nas anteriores. Era chamado á faina, e na agitação da guerra a ponto de começar, vamos vel-o, tal como nol-o pintam os companheiros insuspeitos. É indispensavel este estudo, porque a partir de agora a questão constitucional portugueza é unicamente uma guerra; essa guerra uma aventura; e na aventura, o primeiro lugar é hoje o de D. Pedro. Já o não será depois do desembarque no reino, no decurso da campanha. . .

Embuçado no seu capote, como um Cesar que chegava para vêr e vencer, D. Pedro passou á fragata almirante, olhando tudo com os arcs de quem tinha em muito mais o prestigio do seu nome e o valor do genio que acreditava existir em si, do que essa expedição mal armada, a dedicação e o valor dos muitos que a seguiam, e os braços dos mercenarios que o acclamavam, entoando o *Rule Britannia* ou a *Marseilheza*, conforme a nacionalidade.

Sartorius veio ao portaló recebel-o, com Palmella e Loulé, Candido Xavier, Freire, o camarista Almeida, Mousinho com a sua cabeça singular e eni-

gnatica, Tavares o poeta-medico, e Lasteyrie neto de Lafayette, e o conde de S. Leger-da-Bemposta, e o capitão brasileiro Bastos, e o Sancho-Pansa de seu amo, — o Padre Marecs. Eram a cauda, a côrte de D. Pedro, para quem todos os commodos de quarto e mesa foram reservados a bordo da fragata almirante. (Hodges, *Narr.*) No convex, uma guarda de honra de marinheiros inglezes, tocando o hymno da CARTA, esperava-o. D. Pedro passou, grave, solenne, embuçado. Era corpulento e robusto, e tinha então 34 annos — a plenitude da força. As duas alas de cortezãos dobravam-se pela cintura, com a cabeça baixa, pedindo a esmola de lhe beijar a mão. Elle, sem os vêr, passou brusca e rapidamente: metteu-se no seu beliche. No outro dia os intimos desculparam a desatenção, allegando um mal-estar. (*ibid.*) Depois, foi vêr o batalhão inglez que ainda estava, conforme chegara, roto, descalso e bebado. Respondeu aos *cheers* com um claro gesto de enfado, voltando as costas. Sartorius, picado, mordida os beiços; e D. Pedro, ao saber dos modos de vida dos soldados improvisados, perguntou-lhe para que prestava «esse bando de porcos». (*ibid.*) Assim, em vez de reconhecer quanto se tinha feito com tão pouco, desdenhava de tudo, maldizia de todos, creando friezas em vez de sympathias. Prejudicava-o a vaidade que a fazia crer-se um grande homem, só porque o genio e a sorte lhe tinham dado uma existencia aventureira. Pretendia saber de tudo, e em tudo ia intrometter-se, até no equipamento dos navios, nos detalhes technicos da arte. Os simples e adultores admiravam um genio tão universal; mas Sartorius, já picado com o modo porque elle tratara os inglezes, viu-se forçado a observar-lhe os seus erros e a exigir-lhe abstenção. D. Pedro ficou surprehendido: a sua vaidade era

simples, e com esses modos não tinha em idéa offender ninguém. Educado príncipe, achava natural tratar a todos de resto; e crendo-se genio, considerava os companheiros inferiores. Os episodios d'essa guerra que tantas desillusões lhe traria, mostrar-lhe-hiam que nem um chefe viria a ser — quanto mais, alma, espirito, estrella, Napoleão da aventura! Deu a Sartorius todas as desculpas, prometteu-lhe toda a liberdade. Era sempre sincero; e os defeitos que tinha, tinha-os sem saber que fizessem mal. Era nobre, franco, aberto, no fundo do seu character; sem dissimulação, antes peccando por uma nimia franqueza. Tinha o coração ao pé da bocca, e como no coração havia um monte de illusões e bastante nobreza, a bocca exprimia-se conforme as circumstancias.

Possuia a forte qualidade de verdadeiro — como em geral succede aos espiritos simples e pouco educados. O do príncipe ficara effectivamente mal amanhado. Não era dado a leituras: dos homens apenas conhecia os que tratara, e como esses não eram dos melhores, a sua educação fraquejava muito, a sua vaidade crescia sempre.

Sobrio e forte, não esquecia a antiga tradição portugueza da nobreza inherente aos dotes herculeos: gabava-se do que podia e levantava pesos maiores do que ninguém. Isto dava-lhe mais um motivo de consideração para consigo. Outro eram os dotes litterarios de que se suppunha prendado e que os aulicos exaltavam: um genio universal! Compozera o hymno da CARTA; e como do coração amava a imperatriz, fez-lhe este soneto que porém o não abona:

Aquella que orna o Solio Magestoso
E' filha d'uma Venus e d'um Marte.
Enleia nossas almas ; e d'esta arte
He mimo do Brazil, gloria do Espozo.

Não temen o Oceano procelloso :
Cantando espalharei por toda a parte.
Seus lares deixa Amelia por Amar-te
Heis mui feliz oh ! Pedro, Heis mui Ditoso !

Amelia faz nascer a idade de ouro !
Amelia no Brazil é nova diva !
He Amelia de Pedro um grão Thesouro !

Amelia Augusta os corações captiva !
Amelia nos garante excelso agouro !
Viva a Imperatriz, Amelia, viva ! ¹

A ingenuidade d'estes versos reprime o nosso riso, porque eram sentidos. A bordo, o imperador, só, com os retratos da esposa e da filha perante si, escrevia-lhes todas as noites com ternura. (*Ibid.*) Vê-se que, no fundo, era um bom rapaz, que o re-

¹ A sua poesia rebentava principalmente quando lhe morria uma mulher, e quando tomava outra. Quando falleceu a Imperatriz D. Maria Leopoldina, escreveu a dest'arte :

Deus eterno porque me arrebataste
A minha muito amada Imperatriz ;
Tua divina vontade assim o quiz,
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu, do ceo, contra mim te icaste
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E por isso direi como o que diz
«Tu m'a deste, Senhor, tu m'a tiraste.»

Ella me amava com o maior amor
Eu n'ella admirava a sua honestidade.
Sinto meu coração por fim quebrar de dor.

O mundo nunca mais verá em outra idade
Um modelo tão perfeito nem melhor
D'honra, candura, bonhomia (sic) e caridade.

(Nota do sr. C. Castello Branco, em carta ao a.)

romantismo tresvariara por todos os modos. O romantismo napoleónico levava-o a suppor-se um Cesar; o romantismo benthamista, um Solon; o romantismo litterario, com o temperamento que a natureza lhe dera, fazia que oscillasse entre a ternura das paixões licitas e os arrebatamentos da libertinagem. De tudo isto saía um caracter quichotesco, mas bom: amava as creanças, o que é sempre um excellente symptoma. Podia ser cruel por colera, e foi-o; mas era humano por genio. Odiava as imposturas todas: as ladroeiras, as mentiras e os peralvilhos, com fitas e arrebiques. Em somma total do que agora dizemos, do que temos dito, e do que diremos ainda, — porque insistir assim, em diversas occasiões, é o meio de fixar uma phisionomia, — D. Pedro era um bom exemplar de homem, d'esse genio artificial, pouco consistente, que a educação romantica fez.

Era, por egual, um bom principe? Isso é diverso; porque a primeira qualidade do chefe de um povo é exactamente aquella que o romantismo não sabia — a consistencia. Philosophia de illusões, elle só creava tartufos politicos, como Luiz Philippe ou o rei dos belgas, ou só fazia infelizes como D. Pedro. Quem o tomava a serio, nos seus delirios sentimentaes, na sua apologia do temperamento, na sua apothecose da personalidade, nos seus dogmas *liberaes* — e póde dizer-se que D. Pedro era um d'esses — ia cair de encontro á realidade de um systema pratico, onde a personalidade é amesquinhada pelo imperio concedido á vontade collectiva no governo dos Estados; onde o sentimento não cabe, por afogado pela massa dos interesses que a intervenção do povo na machina politica faz antepôr aos caprichos dos soberanos. Por isso tudo, e porque a isso tudo se alliava em D. Pedro um

temperamento accentuadamente voluntarioso, o pobre príncipe parecia quichotesco aos homens práticos e modernos — e foi um infeliz.

Desequal, como dois homens n'um só corpo mal ligado, ia agora até á excessiva familiaridade, logo até uma exagerada frieza empreada. Umias vezes apparecia ingenuo, simples, bondoso; outras revelava-se brutal, aggressivo e violento. Dava positivos *foquetes* aos seus ministros, e então acreditava-se um grande homem, porque esses ministros se curvavam humildes. Lembrava-se de que vinha de reis, sem recordar que era o chefe da revolução. De D. Miguel dizia sempre, com seriedade, *meu irmão*; e não consentia que em sua presença o denegrissem. (Hodger, *Narr.*) Imaginava, n'esses momentos psychologicos, que apenas dirigia uma guerra dynastica, sem se lembrar que essa guerra era no fundo uma revolução; e que se o não fosse deixaria de ter razão de ser — como diziam, muito bem, os saldanhistas. Mas D. Pedro era em demasia curto para perceber tanto, e a CARTA parecia-lhe feita apenas para pôr mais uns raios na aureola da sua frente. Dizia que quando *elle* estabelecesse as camaras em Lisboa, obrigaria todos os seus membros a lavar a cabeça em agua fria antes das discussões. (*Ibid.*)

E, de graças tão reveladoras que enchiam de admiração os ineptos cortezãos, que faziam abanar a bella cabeça de Mousinho, e a Palmella roer com alguma violencia o seu eterno charuto, — D. Pedro, nos momentos de bom humor, deixava-se ir atraz do homem interior que era, passando á chalaça vulgar com uma intimidade chan, ditos picaresecos e algum bocado de maledicencia. Era por vezes caustico. Distraia-se atirando ás gaivotas e vendo os exercicios da marinhagem nas enxarcias. Uma

ocasião, um grumete perdeu-se, vindo cair sobre a cabeça do general Azeredo que não tinha fama de esperto. D. Pedro riu, e como o rapaz só quebrasse uma perna, gabou a *dureza* da cabeça do general que salvara a vida do grumete. (*iii*.) Assim feria, sem o querer, susceptibilidades, criando resentimentos, já com a franqueza, já com a desigualdade do seu humor. Palmella, o mais forte, o mais habil de toda a roda, sorria da sufficiencia balofa do príncipe, que com um ar pedagogo e impertinente, cheio de si, fazia perguntas abruptas, não raro tolices, com ar de quem examina meninos. Ora D. Pedro tinha agudeza bastante para perceber que, atraz da nuvem do fumo do seu charuto, Palmella, de lado, ria por dentro; e assim a antipathia natural de todos os vaidosos pela força verdadeira apparecia espontaneamente. A frieza proviria tambem da repugnancia que os ingenuos e communicativos têm pelos homens reservados e calculadores.

Os queridos do príncipe eram os ministros que lhe obedeciam, sem manifestar opiniões que tivessem, ou não tivessem; mas os seus intimos, não fallando em Candido Xavier, de uma intimidade politica, eram os companheiros das suas noites de bordo, passadas em conversas picarescas, em ditos cortezamente maledicos — eram o Almeida, o Tavares, o padre Marcos, representante do velho typo do capellão-bobo dos paços e solares portuguezes.

A expedição largara de Belle-Isle para os Açores (10 de feveiro); os navios velejavam com brisa prospera. Candido Xavier assegurava a D. Pedro que d'alli por tres mezes estariam todos em suas casas; no convez da fragata, Sartorius lia á guarnição o *serviço* protestante aos domingos; na camara o padre Marcos dizia a missa catholica. O

navio era uma arca de illusões e disparates, como nau a cujo bordo ia D. Quichote. O seu servo bo-nacheirão, ás sextas feiras, — D. Pedro comia de magro por um escrupulo, — desertava da mesa do principe, onde se não bebia vinho porque elle o não bebia, e ia para a dos heroges fartar-se de carne, limpando os beiços papudos, sensuaes, e promettendo aos inglezes uma boa pinga de Porto de 60 annos em Lisboa, (Hodges, *Narr.*) — e asi, *in menta*, uma anafada mitra. Quando o proprio Sancto esposava as chimeras, que admira que fossem geraes as illusões?

5. — O EXERCITO LIBERTADOR

Na viagem a frota separou-se. D. Pedro foi aportar a S. Miguel (22 de fevereiro), os outros navios á Terceira que era o destino marcado em Belle-Isle. As primeiras impressões, nas duas ilhas, não foram agradaveis para os que esperavam. Em S. Miguel, D. Pedro não dera um só viva á CARTA, (Soriano, *Cerco*) o que, lembrando os textos dos papeis da Regencia, quando vagamente fallavam das *instituições patrias*, acrescentava o receio de que tudo viesse apenas a dar em uma substituição de D. Miguel por D. Pedro, da camarilha de Lisboa pela camarilha de Paris. Na Terceira, quando se soube da exclusão de Saldanha, de Stubbs, de Moura, de Correia-de-Mello, tantos militares bravos, tantos corações fieis, tantos caracteres ligados á causa da liberdade, houve um *tolle* de imprecções, contra os aulicos sem caracter, os intrigantes sem popularidade, perfidos, safados. (*nat.*) A triste decisão, ou indecisão, de D. Pedro em Paris começava a produzir os seus fructos naturaes.

Se não vinham os melhores dos militares emi-

grados portuguezes, vinha e desembarcou a turba dos mercenarios. A Terceira já era um acampamento; já lá houvera desordens e sangue: faltava a babel das linguas e das bebedeiras, vicio triste do celta. Além da primeira léva, chegaram novos recrutas inglezes; e as tabernas não podiam dar vinho a tantas boccas, e as ruas não tinham espaço para tantos fardos de gente resonando pelo chão, ou correndo em grupos, cantando, abraçando as mulheres, invadindo as casas, boxando-se, e pondo a cara no estado esfrangalhado dos seus trajos. (Shaw, Mem.) A installação do *systema* na Terceira pronunciava o que viria a ser em todo o reino: depois de um longo acampamento esterilizador, uma anarchia desenfreada, uma ruina total das instituições e dos costumes. As freiras da ilha trocaram *liberamente* os conventos pelas tendas dos soldados. (Soriano, Rev.) Os rapazes francezes e inglezes tinham appetitos de provar o encanto d'esse requintado amor monastico, celebre, da Peninsula, e as suas aventuras enchiam os claustros. (Shaw, Mem.) Era urgente disciplinar, organizar em tropa esses bandos de mercenarios incorrigiveis; e Hodges, o commandante, levou-os de Angra para a Praia, submettendo-os a um regime severo de açoites e prisões. Shaw, mais excentrico, entendia-se melhor com elles. Jack é um bom diabo, violento e bruto, mas simples, de bom fundo. *Jolly fellow! Good boy!* O capitão dava-lhes duches de agua do mar na prisão, quando ahi dormiam bebados; e mandava-lhes rapar metade da cabeça e da cara: *great fun!* (Shaw, Mem.) Assim se transformaram em soldados os vadios de Londres — a ponto de D. Pedro os não reconhecer quando os foi vêr á Praia.

O regente chegara á Terceira a 3 de março,

acolhido com uma frieza grave e vivas intencionaes á CARTA. (Sociano, *Revel.*) Tomou logo posse do governo que era o commando em chefe do exercito, e a authoridade suprema de todas as cousas. Fez de Villa-flôr general, de Agostinho José Freire ministro da guerra; mas general e verdadeiro ministro era de facto Candido José Xavier que, sob o titulo de ajudante de campo do regente, mandava, fazendo crer a D. Pedro que só lhe obedecia. As consequencias d'esta intriga viram-se logo que entraram no Porto. Freire era um boneco presumptuoso (*puppet, Shaw.*); D. Pedro um manequim docil, onde Xavier pendurava as suas idéas; e Villa-flôr o homem-de-palha, sobre quem se poderiam lançar todas as responsabilidades de desastres eventuaes. Assim aconteceu, com elleito. — Sartorius tinha o almirantado, Mousinho a fazenda, Palmella o interior — que não existia — e os estrangeiros.

Não fallando agora no que Mousinho fez por sua conta e risco, — mania extravagante de quem não era tido por asizado, e á qual se ligava pouca importancia, — tudo se reduzia a organizar um exercito, para o levar não se sabia ainda bem para onde. Uns queriam que á Madeira primeiro, outros que directamente ao reino; uns a Lisboa, outros ao Porto. D. Pedro, como um tyranno, deixava os conselhos debater, os papeis fallar, as intrigas correr; e incessante, activo na faina, preparava pessoalmente todas as cousas. As suas boas qualidades appareciam, e tinha actos dignos de um cadi soberano de aldeia. Foi ás nove horas á alfandega e não encontrando viv'alma, quando a abertura era ás oito, pegou das chaves, metten-as no bolso e retirou para casa. (*Shaw, Mem.*) Imagine-se a afflicção das formigas plumitivas!

A 25 de abril partiu para S. Miguel, onde as tropas deviam reunir-se, para virem desembarcar em Portugal — era já cousa decidida; e os dois meses de maio e junho foram de um trabalho im-probo, a organizar e disciplinar as forças libertadoras. Boa metade do exercito, que ao todo contava os celebres 7:500, consistia em soldados recrutados nos Açores depois da tomada das ilhas. Haveria cousa de 800 homens dos prisioneiros das guarnições legitimistas, gente de pequena confiança, que se alistara para voltar ao reino e logo desertou do Porto. Os officiaes, mais ou menos velhos, eram tantos, os soldados tão poucos, que de officiaes se formou o batalhão sagrado, — a que os francezes chamavam *sacré bataillon*. (Hodges, *Narr.*) Havia umas quatro ou cinco centenas de mercenarios. Com elementos tão heterogeneos era ridicula a força? Não; e todas as testemunhas gabam o aspecto da tropa na parada geral do dia 5 de junho. A D. Pedro, mais do que a ninguem, se devia a disciplina que se notava.

No mar estavam 50 navios fundeados, navios de guerra e transportes onde o exercito formado de retalhos alinhavados devia embarcar, e o aspecto geral era bellico. O dia lindo, os homens esperançados, as mulheres applaudindo, os tambores rufando, os navios envolvidos no fumo das salvas, as velas soltas como azas de aguias brancas, as bayonetas luzindo como fogos fatuos de esperança, e as musicas entoando o hymno da CARTA e o *Rule Britannia* e a *Marselheza*, — commoviam. Era um dia de esperanças, uma aurora de illusões: a maré que subia, para depois, batida pelo sudoeste, soltar o rouco trovão da *mer-sauvage*, o agoureiro ruído de Belle-Isle... Os inglezes escreviain para casa, dando ordem para que as

cartas viessem endereçadas para Lisboa. (Shaw, *Letters.*)

Lisboa ficava ainda excessivamente longe! Para além do mar, erigido de bayonetas estava Portugal de arma ao hombro, unanime na defeza; e por baixo das nuvens das salvas e dos gritos dos vivas, susurrava o murmuro de contradicções, de invejas, de vaidades, de mesquinhez, de torpeza, de basofias ineptas. O conde d'Alva fôra nomeado commandante da divisão da cavallaria que contava tres praças mal montadas; e o *flying squadron* de Crosbie consistia n'elle, com dois officiaes—mas nenhum navio. (Shaw, *Mem.*) Havia porém relatorios, phrases, papel rabiscado, em abundancia.

A esquadra era, como se sabe, ingleza em tudo; e Sartorius puzera como condição o mando absoluto, sem reconhecer ministros, nem conselheiros, nem ninguem: elle só, e acima d'elle D. Pedro. Receiava a consequencia das intrigas e das formulas, sabendo que os figurões (*big whigs*) não lhe queriam bem. Os commandos dos navios eram exclusivamente confiados a inglezes pelo contracto lavrado (ap. *Mans, Narr.*), cujas condições lhes garantiam o seguinte: a propriedade de todas as prezas militares; o dizimo de todos os navios sequestrados; sete guineus por dia para o almirante, e para todas as guarnições soldos eguaes aos da marinha britannica; dois annos de indemnisação aos que deixassem o serviço; quatro aos que se expozessem a perder as patentes em Inglaterra, e o valor d'ellas caso fossem demittidos.

Entre as forças mercenarias e as forças nacionaes havia uma frieza natural: um certo desdem de um lado, uma desconfiança formal do outro. Correrá que uma esquadra ingleza impediria o desembarque da expedição no reino; e o secretario do al-

mirante escrevia ao commandante da *D. Maria II*: « Não o cremos, mas convém que essa noticia ganne força, porque os figurões, vendo tudo favoravel, e seguro o auxilio da França e da Inglaterra, podem tratar com desprezo os nossos serviços, crendo-os desnecessarios. » (Mins, *Narr.*)

De 20 a 22 de junho fez-se o embarque; a 27 largava a frota. As mulheres choravam, as musicas tocavam. Mas as lagrimas eram mais perspicazes do que as esperanças, porque boas tres quartas partes d'essa gente embarcada navegava para uma cova.

Com dez dias de uma viagem de primavera descobriam terra, na tarde do dia 7. Abriu-se a pasta das proclamações que vinham feitas: — « Soldados! Vinde trazer a paz a uma nação inteira e a guerra sómente a um governo hypocrita, despotico, usurpador. A empreza é toda de gloria, a causa justa e nobre, a victoria certa. Protecção aos inermes, generosidade aos vencidos! » — « Portuguezes! Livrar a humanidade opprimida, restabelecer a ordem, restaurar o throno de minha filha e com elle a CARTA, são estas as minhas unicas vistas. Meu unico interesse é a gloria e o vosso bem. São hypocritas os que vos pintam o governo constitucional como inimigo da nossa santa religiã. Ninguem será privado, nem da sua vida, nem dos seus direitos civis, nem da sua propriedade. Ministros do altar, militares de todas as graduações, portuguezes em geral, abandonae immediatamente o usurpador. Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar! Reflecti e decidi-vos. » Summariamente, as proclamações diziam isto, e a ultima phrase é a mais significativa: — não me obrigueis

a empregar a força para vos libertar! Eis ahí, resumidas n'estas palavras, se bem as meditarmos, a historia da empreza, a philosophia do liberalismo, a summa de todas as contradicções doutrinarias e moraes: não me obrigueis a empregar a força para vos libertar!

Pura expressão rhetorica, mas impensada revelação legada ao futuro! Nem o anafado padre Marcos, nem Freire, verboso e balofo, nem o cadaverico Xavier, ninguem esperava que a resistencia fosse seria. Havia a certeza de estarem dentro de quinze dias em Lisboa. Só Palmelia, calado mas visivelmente inquieto, fumando, contra a amurada da fragata, scismava, olhava o mar, a terra, indagava, passeava, parava. (Shaw, *Mem.*) Era tão optimista? De certo não era. Reconhecia os perigos, aggravados pela falta de capacidade do chefe? Talvez reconhecesse. E' incrível, mas é verdade, refere um dos commandantes dos navios (*Mias, Narr.*), que a esquadra e quarenta transportes carregados de tropas viessem á tóa, sem lugar aprasado de reunião para o caso de um temporal, sem um plano qualquer de desembarque. Não tinha lembrado isso ao generallissimo, apenas bom instructor de regimentos. Pois não era uma aventura? uma sorte?

Tanto era que se não via no horisonte uma só vela da esquadra miguelista. Sartorius e Mousinho d'Albuquerque, ministro da marinha, embarcaram na escuna para reconhecer a costa de mais perto. A esquadra pairava ao largo. Bernardo de Sá foi enviado parlamentar a Villa-do-Conde, do commando de Cardoso, intimar-lhe a submissão; o brigadeiro mandou-o embora, ameaçando fusill-o se tornasse. A tarde ia caíndo mansamente e sentia-se a difficuldade propria das cousas facilimas. Nem um inimigo! nem um navio! Alguma cilada?

Que fazer? Desembarcar, é evidente; mas como? Só então bateram na testa: é verdade, como?

Pelas nove da noite houve conselho a bordo da *Amelia*, onde vinha D. Pedro. Foi chamado Sartorius, e Crosbie, o valente, com os mais officiaes entendidos. Palmella tambem foi. Discutiu-se, nada se resolveu essa noite; e cada qual tornou aos seus navios. Na manhã seguinte voltaram todos a bordo da *Amelia*: Sartorius e Palmella conversavam agitadoamente, contradizendo-se. Aceitou-se por fim o plano de Rosenberg. Ia começar o desembarque, e como o excentrico Shaw visse que ficava para traz, saltou n'um escaler e vogou. De outro navio Hodges fazia o mesmo: os dois escaleres, á força de remos, corriam para terra; e D. Pedro via-os fugir, desesperado por serem inglezes os primeiros que pisavam a praia. Não era singular? Não o devemos nós achar symptomatico? Hodges chegou primeiro, logo depois Shaw. *Hurray! por Doni Mari!*

Esse primeiro dissabor passou. O pelotão inglez internava-se, farejava: nem um só miguclista! Viram bolir o quer que fosse; atiraram — era um cão. Singular! Os barcos socegradamente vogavam para terra, vasando gente; formavam-se os pelotões, reuniam-se os regimentos. E tanta era a confiança que tinham em ir de passeio até Lisboa; tanta segurança lhes dava o antigo medo, que já viam todo o reino de joelhos, D. Miguel fugido, — e compromettiam-se a não cortar as barbas até que entrassem na capital. Os aulicos diziam a D. Pedro que tudo isso era o prestigio do seu nome, o terror que o seu genio infundia, a acrisolada paixão que por elle tinham os portuguezes. E D. Pedro, cheio de si, ingenuamente acreditava em tudo.

Insensatas eram as esperanças, mas candida-

mente espontaneo o fervor religioso com que os infelizes, guardados para uma sorte dura depois das longas provações do exilio, se deitavam de rastos no chão, beijando a terra da patria. (Hodges, Narr.) Esse osculo sagrava-os; e de um tal calor saído das dores cruciantes da emigração, nascia o pacto de vencer ou morrer. A emigração fôra, — como a seu tempo dissemos, — a causa mais immediata da guerra. De rastos, beijando a terra com lagrimas de alegria, varriam-se as nuvens de tristezas passadas:

Oh meu pae, oh meu pae! como a memoria
Me reflecte, alta noite, a tua imagem
Por entre um véu de involuntário pranto!

A' tarde, o desembarque estava concluido.

II

As illusões perdidas

I. — A RECEPÇÃO DO PORTO

Entre o Douro e o Ave a costa do Minho é aberta, sem ser inhospita. Passados os leixões do Leça, é um arcal unido que de espaços a espaços se alarga em praias, onde assentam pequenos burgos de pescadores, onde vasam successivas ribeiras. As divisorias d'estes valles prependiculars sobre a costa não são elevadas, mas o terreno, ondulado sempre, é coberto de pinhaes espessos. Foi em uma d'essas pequenas praias, a de Labruge ou Arnosa-do-Painpellido, que o desembarque de D. Pedro se effectuou, e não no Mindello que fica mais de uma legua para o norte. As tradições de pillagem costeira aos navios em perigo, atrocidade antiga de muitas populações litoraes, tinham dado ao lugar o nome triste de praia-dos-ladroses. Ahí vasa no mar a ribeira de Modivas, que corre no valle seguinte ao do Leça, deixando de permeio a cumiada divisoria, contraforte da serra interior da Lixa que vem até á costa. No plan'alto da collina assentam Moreira e Pedras-rubras; no declive maritimo, Parafita e Lavre, aldeias a que este episodio da historia illustrou o nome. Para o norte da ribeira de Modivas o terreno litoral é chão até ao Ave, e além d'ello.

Santa-Martha commandava, como sabemos, a divisão a que fôra confiada a guarda da costa do norte; mas se do lado dos invasores faltava capacidade, no reino essa qualidade não existia. Por um acerto singular resolvera-se preferir para o desembarque o Porto a Lisboa, e o Minho, onde seria mais fácil obter rações, ao Algarvo. (Soriano, *Croce*) Esta decisão bastou para transtornar os planos militares do governo, que esperava em Lisboa a chegada de D. Pedro. Nada estava preparado no Porto: a serra do Pilar, a cavalleiro da cidade que seria de quem segurasse esse ponto, não se fortificara; e pela costa não havia mais do que as velhas fortalezas do conde de Lippe ¹ (S. João-da-Foz, o Queijo, ao pé de Leça, Villa-do-Conde) mal equipadas. Ao saber da aproximação da esquadra, Santa-Martha avançou do Porto até Lavre, destacando o brigadeiro Cardoso com algumas forças para Villa do-Conde. Foi entre estes dois corpos de exercito que o desembarque teve lugar.

De parte a parte hesitava-se, nem se sabia que plano seguir: tal é a condição das guerras civis, em que os movimentos não obedecem apenas á estratégia militar, mas tambem á politica, e em que por via de regra ha sempre recio na firmeza das tropas. O facto é que, nem os mignolistas embarçaram o desembarque perseguindo os invasores, antes ao contrario lhos deixaram franca a estrada e o Porto; nem os liberaes fizeram o que as regras parece mandarem, que seria principiar por bater a pequena força de Cardoso, para limpar a retaguarda, antes de se aventurarem á marcha sobre o Porto.

Varias razões se allegam para este proceder: a

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^o ed.) II, p. 201.

favor de Santa-Martha, a insufficiencia das forças (Sorianos, *Circos*) aggravada pela escassa confiança em alguns regimentos, como o 19. (*Hodagos, Narr.*) Outros querem que houvesse o plano premeditado de deixar as forças liberaes internarem-se, para então as exterminarem todas, *não escapando um só*, afim de corrigir o erro de 1828, em que se não tornaria a cair. (Monteiro, *Hist.*) A favor de D. Pedro, é mister lembrar que, no espirito geral, a empresa era politica mais ainda do que militar; e que o príncipe acreditava positivamente que seria recebido de braços abertos, como um bom salvador. Os áulicos diziam-lhe, como ao rei da Suecia, que bastaria uma das suas botas pisar o solo da patria para ser logo aclamado. (José Liberato, *Mem.*) A resposta de Cardoso a Bernardo de Sá, na vespera, contradictava isto; mas em verdade não se podia esperar outra cousa de militares: com o povo seria diverso! Começar por uma batalha, abrir um sulco de sangue e mortos no caminho, parecia um erro evidente — e só acertado o entrar no Porto, onde o triumpho começaria.

Assim o exercito subiu cautelosamente até ao plan'alto de Pedras-rubras, onde passava a estrada. Viu o caminho franco. Da retaguarda nada bolia, e na frente não se divisava uma bayoneta. Com effeito Santa-Martha decidira evacuar o Porto; a sua vanguarda retirara de Lavre; e toda a divisão passara o Douro na noite de 8-9 cortando a ponte (de barcas) e fortificando-se na margem esquerda. Cardoso tivera ordem de retirar, a encorporar-se na divisão, torneando o Porto por norte: movimento que executou sem difficuldade por Amarante e Penafiel, passando o rio em Melres, e indo juntar-se ao general em Azemeis.

Com a evaenção militar do Porto den-se a emi-

gração das authoridades, de muitas corporações, e o abandono de varios conventos. D. Pedro achou a cidade limpa de resistencias de qualquer especie, — o campo raso de uma população, sem chefes nem instituições.

De Pedras-rubras ao Porto são duas leguas, que o exercito andou depressa na manha do dia 9. O exito excedia as esperanças: o medo era tal que o inimigo nem ousava encaral-os! Por minutos estava a hora solemne da ovação! Olhavam para a frente: ainda não chegavam do Porto as deputações, com ramos de louro e as chaves da cidade? Ninguém? E' cedo ainda. — Não era, comtudo, por ser cedo; era porque na cidade abandonada havia um pismo de indecisão e medo. Os cidadãos nignelistas receiavam-se dos cidadãos liberaes; e estes, acreditando n'uma repetição de 28 e da sua belfastada, não queriam comprometter-se. Fechavam-se as casas, e, recolhidos, os habitantes, com susto, espreitavam pelas fendas das janellas mal cerradas a rua onde a população livre corria em tripudio. Tinham-se aberto as cadeias e solto os presos, matando o carrasco João Branco, odiado pela deshumanidade e vileza com que cuspia sobre os enforcados, insultando-os. (Monteiro, *Hist.*) Tinham-se arrasado as forcas da praça-Nova, e os magotes crescendo, animando-se, soltavam vivas, e já havia musicas tocando hymnos, quando D. Pedro, inquieto e pensativo, entrava á frente do exercito pela rua de Cedofeita — continuação da estrada antiga do litoral do norte. Já se abriam muitas janellas e appareciam laços, colchas e bandeiras azues e brancas (Soriano, *Cerco*), havendo quem deitasse flores sobre o libertador. (Hodges, *Narr.*) Mas era

pouco, muito pouco; era bem diverso do acolhimento esperado, unanime, entusiastico. Era triste que, em vez dos proceres, apparecessem apenas os ruidos e os gaiatos, ao meio-dia, quando o principe chegou á praça-Nova. D. Pedro seismava, olhando para os seus: e as botas de Carlos XII?

O peor foi que o principio de calor do meio-dia caiu para a tarde. O primeiro medo passara, e a gente saiu de suas casas; mas á medida que se informava das cousas, esfriava. Era tão pequeno o exercito, meu Deus! Com isso esperavam bater o Miguel? (Sotano, *Ceres*) E os burguezes, gente de bem que tinha que perder, recolhiam se a casa, decididos a lavar d'ahi as suas mãos, como Pilatos. Em vão lhes respondiam com falsas esperanças e mentiras positivas, que talvez já a essa hora tivesse «baqueado o despota», que vinham muitas forças de França e Inglaterra, que D. Maria II fóra reconhecida pelas duas nações e por todas: não vêm á barra a fragata ingleza (*Stag*, que acompanhara a expedição), e na Póz a bandeira bicolor? O burguez abanava a cabeça, voltava para casa: era muito pouca tropa! (*am.*) Em vão se faziam intimações positivas: «a clemencia tem um limite, além do qual está a inflexivel justiça!» (*Chron. const.*) Seria necessario que D. Pedro empregasse a força para os libertar? Lisboa e o Algarve, diziam em segredo, vão pronunciar-se; D. Pedro tem intelligencias secretas com os generaes: verá, verá! E o burguez perguntava porque motivo nem sequer se batera no Cardoso. Porque? é boa! A nossa missão é de paz e liberdade!

Tudo era inutil. O Porto, como uma rocha, ficava indifferente, não se pronunciava. Mas entretanto o exercito ia-se aquartelando e tomando posse effectiva da cidade; ao mesmo tempo que Santa-Martha,

do lado do sul do Douro, acastellado desde Avintes até ás alturas de Gaya, começava a saudar o Porto com surriadas de mosquetaria. Desde o Ouro até á Ribeira era impossivel estar — todos fugiam.

Esses dias 8 e 9 deviam ter sido crucis para D. Pedro. Nenhuma das suas esperanças se confirmava. Vinham os agouros maus, os presentimentos sinistros; vinham as estocadas frias, accradas, no inchado tumor da sua vaidade. Pois nem um, nem um só regimento apparecia a entregar-se-lhe? Singular! Pois nem uma pessoa de vulto, n'esse Porto que occupava, o vinha cumprimentar, adherindo? Incrivel! Quem era elle, Deus meu? O Bolivar do Brazil, que desdenhara duas corôas, para dar a liberdade a duas nações! E não era um demagogo saldanhista, sabiam-no todos: era principe, do sangue dos Braganças, um imperador, um rei, — e ser tratado assim! Nem uma só terra se pronunciava: il'onde vinha um tal silencio hostil? — E voltando-se, irritado, para os seus aulicos, perguntar-lhes-hia pelas adhesões, pelos triumphos espontaneos, calorosos, que lhe promettiam. — E' cedo ainda: esperemos, diria o pernas-d'égua, Xavier.

O defeito do principe tornava-se em occasiões taes uma virtude. A sua vaidade crystallisava em teima; e em vez de se abandonar á desesperança, decidia-se a brocar contra a adversidade. Foi isto o que o salvou, e com elle a todos os que se tinham embarcado na aventura. Decidido a teimar, acordou na manhan do dia 10. As quarenta e oito horas anteriores tinham modificado muito o seu

pensamento: via já uma parte da realidade. Ai! não a via ainda inteira e cruel!

O Porto era uma jaula, não um throno: caíra n'um lago; e os triumphos esperados eram um silencio desolador, e as acclamações o estalar da fusilaria de Santa-Martha dos lados de Gaya. O Porto funebre, na côr parda dos seus granitos, nas sombras verde-negras das suas encostas de pinheirões, no chapéu de nevoeiros que o cobre, apparecia com um aspecto tumular; lá no fundo, torvo e sombrio, corria o Douro — um lethos onde se afogavam esquecidas as illusões doiradas!

Triste, mas decidido, acordou no dia 10. Havia uma esperança. Seria o terror apenas, que impedia as manifestações? Talvez. Era indispensavel uma victoria para convencer os tímidos. Uma victoria; o talvez não fosse mistér mais sangue, nem empregar mais força para alibertar o reino. A's armas, pois!

Sartorius entrou a barra e varreu com a artilheria dos navios as columnas de atiradores da margem esquerda; abrigando ao mesmo tempo Schwalback que passava o Douro, batendo as vanguardas miguelistas e conservando-se em Souto-Redondo e Grijó. As alturas fronteiras ao Porto estavam limpas; e o exito do primeiro ensaio fazia voltar as esperanças — e crescer as desillusões. Vencera-se, não ha duvida; mas nem um só deserter! (Sotiano, *Correio*) No Porto, porém, o resultado do dia 10 fôra benéfico. Já os habitantes começavam a perceber que o simples facto da vinda de D. Pedro os comprometia; e observando agora que os invasores venciam, lembravam-se das tragedias da Alçada de 23. (1862.)

Mas com a victoria, e apesar de não ter havido desertores, voltaram as antigas esperanças — pla-

nos politicos que prejudicavam as operações militares. De arma ao hombro, as avançadas liberaes nas eminencias da margem esquerda do Douro (na Bandeira, em Santo-Ovidio, nos Carvalhos) não se moviam. Perdia-se a occasião e a consequencia da primeira victoria: o desanimo dos vencidos, o entusiasmo dos vencedores. Entre a guerra e a politica, vogava sem leme o barco liberal. Para a campanha não havia plano, para a politica só havia chimeras.

Cair inopinadamente sobre Coimbra, romper audazmente n'uma guerra que era uma aventura — eis o parecer dos militares. Era sensato? Talvez; porque n'uma nação doente, o panico daria acso a victoria. Ainda que, por outro lado, a resistencia tenaz e passiva das populações, que durou até ao fim, e a positiva força numerica do exercito inimigo seriam talvez causa de uma derrota total. Podia-se opinar, pois, entre uma guerra prudente e uma guerra audaz; mas era insensato, o foi terrivel, subordinar a guerra ás chimeras dos reformadores e ás intrigas dos politicos.

Mousinho, — um philosopho de quem um grande príncipe aproveitaria as idéas, sem lhe seguir os conselhos, — concebia a empreza como uma propaganda, e pensava fazer a guerra a um exercito e a um governo, protegendo, salvando a nação. Não consentia que se ferisse a liberdade dos individuos, nem que se lhes atacasse a propriedade: assim se oppoz a que o famoso thesouro dos vinhos de Gaya fosse arrecadado; assim esperava tudo da publicação dos seus decretos reformadores: os povos se converteriam aos dogmas utilitarios! — sem se lembrar, o grande e chimerico espirito, do valor superior dos dogmas religiosos que militavam do lado contrario.

Freire, em cujo sangue abundante, em cuja face jocunda e san, habitava o genio dos velhos desembargadores, o genio da burocracia portugueza encarnado em fórmulas jacobinas, exigia que antes do exercito avançar se organisasse um commissariado revolucionario, se nomeassem os governadores das provincias de Entre-Douro-e-Minho e Traz-os-Montes, se recrutasse ahí gente, se creasse uma guarda nacional numerosa no Porto, se desse tempo ao paiz, para se pronunciar expulsando o Usurpador! Acreditava que em uma semana, o mais, o exercito inimigo se declararia pela rainha, haveria uma revolução em Lisboa, e todos ahí entrariam triumphantes. (*Hodges, Narr.*)

D. Pedro, por seu lado, e provavelmente Palmella e Xavier, viam as cousas de mais alto. D. Miguel render-se-hia; e por ventura viria ainda a fazer-se o casamento desejado, congraçando-se toda a familia. (*Seriano, Cerco*) Por isso os saldanhistas demagogos tinham sido repellidos: complicariam as combinações com theorias, e a pessoa de Saldanha arrastaria as cousas a uma verdadeira guerra, que não convinha.

A victoria devia ser um instrumento apenas; e quanto menos sangue derramado, melhor: mais facil se tornaria a conciliação. Por isso as avançadas ficaram de arina ao hombro nas eminencias da margem esquerda—á espera que o inimigo as varresse de lá. Por isso, em vez de se adoptar um plano de campanha, se optou por um plano de decretos. Já se vencera bastante no dia 10: só restava agora esperar que as tropas inimigas debançassem. Offerecia-se, pois, uma moeda de ouro a cada infante desertor, dez moedas a cada cavallaria montado, e mais os prets atrazados e a contagem do tempo de serviço com o inimigo. (*Chron. const.*) Era

singular; mas apenas uns raros milicianos appareceram; depois, nada, ninguém... Ameaçava-se, suspendiam-se as garantias individuais; decretava-se a dissolução das milicias e dos corpos voluntarios realistas em todo o reino, declarando-se as penas dos rebeldes que se não recolhessem logo, a suas casas (viii); e, caso estranho! ninguém respondia, ninguém receiava: nem milicianos, nem voluntarios, rodeando o throno de D. Miguel, — ninguém temia as ameaças d'esses homens que falavam do Porto ao reino inteiro inimigo. — Declaravam-se illegaes os pagamentos que se fizessem, demittiam-se os empregados que não adherissem ao Porto (viii), e o resultado era o mesmo! Amnistiam-se todos os criminosos politicos desde julho de 26, exceptuando apenas os ministros do usurpador, os promotores da sua acclamação e os juizes das alçadas (viii), — mas ninguém agradecia o favor!

Mousinho reproduzia na *Chronica* os seus decretos da Terceira, e lançava um golpe maior ainda e mais profundo com as leis das sizas e dos dizimos (viii); mas o reino era uma pedra immovel, inconvertivel, impenitente; era um gigante mudo, contra o qual em vão se despediam ameaças, negações, seducções, convites. E que singular e poderoso motivo havia para tanto? para uma tão grande unanimidade? para uma tão crassa obcecção?

Acima de todas as causas secundarias, demoradamente estudadas antes, e que agora, no momento da crise, se congregavam dos dois lados, havia uma causa organica — em Portugal um catholicismo vivo; no Porto gente estrangeira ou estrangeirada que, abandonando a tradição portugueza e catholica, perdera a noção da força e da realidade do caracter nacional. Para os sectarios do dogma da Utili-

dade os catholicos eram de uma doidice risivel inconcebivel; perante os principios liberaes, os absolutistas eram de uma aberração idiota. Vertigem de um lado, cegueira do outro: só a força podia vir a resolver a contenda, e só a fatalidade das cousas viria pôr termo a uma guerra que ia ser um triste exemplo das fraquezas dos homens.

2. — PENAFIEL-VALLONGO

Apesar do dia 10 ter sublinhado as promessas e ameaças feitas, nada se movia; e uma vez que se não marchava do Porto, só restava arregimentar a gente útil da cidade. Foi o que se fez. Obtiveram-se de tal fórma uns 1:600 homens. (Soriano, *Cerca*) Apesar de todo o norte do Douro estar desguarnecido de tropas regulares pela retirada de Santa-Martha para o sul, nem um só lugar d'essas provincias acclamava a CARTA; em vez d'isso, o visconde de Mont'alegre passava impunemente, recrutando um exercito de guerrilhas e milicianos, na retaguarda dos libertadores -- de que o reino, evidentemente, queria vêr-se libertado.

Exterminar esses vandalos, esses barbaros, esses famintos que vinham roubar-nos para pagarem as dividas contrahidas no estrangeiro, — eis ahí o que o pulpito prégava em altos brados, o que o confessorario murmurava em piedosos conselhos por todo o reino. Declarara-se a guerra santa, e já os frades andavam em campo armados em guerrilhas. (Hooges, *Narr.*)

Já a Santa-Martha — passado o primeiro panico, ou restabelecido o moral das tropas pelo conhecimento exacto da fraqueza inimiga — se tinha incorporado Cardoso, cujo movimento pelo nascente os liberaes não souberam, não poderam, ou não quize-

ram embaraçar. Povoas vinha do sul a marchas forçadas, e Ósorio que commandava na Figueira estava já reunido ao exercito de operações. Eram 20:000 homens ao todo, com os quaes o general decidiu ganhar o perdido no dia 10. Da acção de 14 resultou que os liberaes foram varridos da margem esquerda, e que o ataque dos miguelistas ao Porto foi rechassado. A situação começava a desenhar-se militarmente: a guerra seria um cerco; o Porto um baluarte defendido pelas suas ingremes encostas, pelo fosso natural do rio, ligado ao mundo pelo cordão umbilical da Foz — um baluarte de gente perdidamente heroica, no meio de uma alluvião de soldados; um ponto, como uma ilha, no vasto pelago do reino inteiro miguelista! Essa condição extenuante levaria ás ultimas os invasores e o reino; e depois de muito batalhar, ver-se-hia que, nem uns podiam sair da jaula onde os encerravam, nem outros podiam levar de assalto o baluarte.

O ataque do dia 14 desenhou, como dissemos, a situação, mal definida até então. A força das cousas deu character a uma guerra, para a qual não havia plano seguro e certo. D. Pedro mandou desembarcar a artilheria dos navios para se fortificar, mandou reunir munições, preparando-se; ao mesmo tempo que Santa-Martha destacava do sul uma divisão para ir passar o Douro a nascente e picar a retaguarda dos liberaes, isolando o Porto do Minho. (Soriano, Cerco)

Não se varrera porém ainda inteiramente a esperança de mover o norte do reino; e para isso partiram (16) do Porto uns 400 homens com ordem de proclamar D. Maria II em Braga e Guimarães: evidente prova da desordem que reinava nos conselhos do regente, indeciso entre uma campanha offensiva, para a qual não havia audacia

bastante, e uiaa guerra defensiva, dura e longa, sim, mas que a sorte impunha.

Essa expedição foi lastimosa: acossada em toda a parte, nada fez senão correr, esbaforida, do Porto a Braga, onde não entrou; d'ali a Guimarães com o mesmo resultado; de Guimarães a Villa-do-Conde sem melhor exito; de Villa-do-Conde ao Porto (21), fugindo, ás carreiras, de Mont'alegre que com as suas guerrilhas a acossava e trazia as avançadas até Leça, ás portas da cidade. (*Soriano, Cerec*)

Mont'alegre preparava o trabalho á divisão que Santa-Martha destacava do sul e que vinha seguindo livremente a sua marcha. Decidiu-se então (17) no Porto embaraçar-lhe o caminho, reconhecendo em força a natureza e o alcance de tal movimento. Hodges, com o batalhão inglez e outro portuguez, foi mandado pela estrada de Penafiel.

Largaram do Porto, atravessando pelo meio das aldeias que se lhes fechavam á passagem; pelo meio dos campos, onde os lavradores mondavam indifferentes os seus milhos. Fallavam-lhes: elles não respondiam. Perguntavam-lhes pelas tropas inimigas: elles abanavam a cabeça, fingindo ou ignorando. (*Hodges, Narr.*) A tropa ia ás cegas, marchando. Em uma aldeia, um official deu dinheiro a uma mulher para victoriar D. Pedro: ella foi-se, dando vivas a D. Miguel absoluto! Mau symptoma. Começaram, pela tarde, a apparecer guerrilhas. Vestiam um fardamento proprio e pittoresco: jaqueta e calças brancas, um cinturão com a patrona, pistolas e bayoneta; navalha mettida no peito, espingarda ou chuço ao hombro; e na cabeça um chapéu de abas largas com fitas azul-vermelhas.

Appareciam de subito, nos altos, destacando-se no azul triste do céu, disparando tiros incommodos. (*Ibid.*) Sumiam-se logo, para logo reaparecer, como as moscas, perseguindo a marcha. No dia seguinte (18), junto a Penafiel, acharam o inimigo, e deu-se uma acção. Havia um calor ardente que congestionava as cabeças dos inglezes ardendo em sede e suffocados. Mandados a tomar uma altura, subiram, caindo onze redondamente mortos de calor e sede. (*Shaw, Letters*) D'ahi, ordenaram-lhes a occupação do convento de Bostello, n'uma eminencia fronteira. Os frades tinham-no abandonado, mas as adegas estavam turgidas de bons vinhos. A onda dos inglezes, dos portuguezes, esgaseados, com a lingua de fóra pedindo agua, rompeu pelo mosteiro levando na ponta das bayonetas o frade afflicto que ficara a vêr se a casa do Senhor poderia ser salva das mãos sacrilegas. Agua! agua! e assim foram até á adega, onde acharam vinho, e com as boccas nas toruciras das pipas beberam á farta. Sobre a sede e o calor vinha a embriaguez, e a tropa doida devastou o convento. Rachavam ás cronhadas o castanho das portas e despedaçavam tudo, saqueando. Shaw pedia misericordia para as bellas cousas destruidas: a livraria magnifica, e os relogios e instrumentos mathematicos, os bellos atlas e espheras. Os voluntarios portuguezes diziam ser o dinheiro d'elles que os frades tinham gastado; os inglezes diziam nada, e cantavam, grunhiam, bebiam ainda, sempre, até ao fim! O infeliz frade, guardião da casa abandonada, chorava, rogava, offerecia muito dinheiro por um pedaço de compaixão; mas, nem o frade, nem o commandante o conseguia. (*Shaw, Letters*) Saqueado tudo, incendiou-se o convento.

A batalha, tambem, estava ganha; os miguelistas retiravam e com elles emigrava Penafiel inteiro.

Os vencedores occuparam a cidade deserta e abandonada. Este primeiro episodio da guerra não saíra a molde para convencer o reino das bellezas da Liberdade. Tornava-se cada vez mais indispensavel empregar a força para o libertar—conforme D. Pedro ameaçara. As populações fugiam espavoridas, e a noticia do sacrilégio commettido espalhou-se como um trovão pelas consciencias catholicas. Felizes os mortos a quem estava ganho o céu, conquistado por um martyrio, e pelas preces incessantes de todo o povo! Entre esses mortos já se viam frades, com estyletes á cinta, e a espingarda caída ao lado e os bolsos cheios de munições. Entre esses mortos viam-se mulheres, e eram ellas quem agora pesquisava o campo, carregando os feridos, chorando. (Hodges, Narr.) E todos os cadaveres tinham ao peito bentinhos, no bolso um papel com a cruz, as indulgencias concedidas aos soldados de Deus, e alguns reliquias sagradas. (Staw, Mem.)

Moralmente negativo, o resultado militar da acção de 18 foi nenhum. Penafiel fugira toda; ficariam, se tanto, vinte pessoas. (Hodges, Narr.) E a divisão miguellista, a que o ataque não impedia a marcha, era para a população o seu protector onde todos se abrigavam. Soldados defendendo o povo de um inimigo estrangeiro e impio, a cohesão crescia: com ella o ardor, a consciencia de pelearem pelo solo da patria invadido, pelos lares maculados de sangue, pelos templos profanados sacrilegamente.

O resultado militar da acção foi nenhum, porque o inglez não tinha força bastante para avançar: logo no dia 20, o inimigo, reforçado, obrigou á evacuação de Penafiel e á retirada sobre o Porto. No

proprio dia da acção, chegara do sul Povoas, fazendo-se a junção dos dois exercitos em Souto-Redondo; e Santa-Martha, deixando ao collega as posições que tinha, avançou sobre o Douro que passou (21) vindo fortificar-se em Ponte-Ferreira. Mont'alegre pelo norte, Povoas pelo sul, Santa-Martha a leste. — o Porto e D. Pedro estavam encerrados n'um circulo de bayonetas. (Sotiano, Cerco) Deixar-se-hiam assim afogar, sem ao menos tentar a sorte de um combate? Pois não tinham vencido em Grijó? em Penafiel? sempre que frente a frente se tinham achado com o inimigo? E' verdade; mas a indecisão, a frieza, demonstram que todos sentiam o pequeno valor d'essas escaramuças. A falta de cavallaria e o terror que a inimiga infundia, entravam por muito nos receios, nas opiniões contrarias á hypothese de uma batalha campal, prologo indispensavel das operações aggressivas.

A' vaidade de D. Pedro não sorria, porém, com razão, a perspectiva da empreza ridicula de entrar no Porto sem disparar um tiro, e ahí se deixar encerrar sem combater. Já que o seu nome não bastava para converter as populações, convertel-as-hia á força, com a sua espada. D'isto veio o reconhecimento que se fez para leste, contra as posições de Santa-Martha. Combatu-se a 22 em Vallongo; mas, batidos, os liberaes tiveram de retirar sobre Rio-Tinto. Era um primeiro desaire; de pequeno valor em qualquer outra occasião, mas gravissimo agora, que um nada precipitaria a ruina imminente, presentida, receiada por todos. — Como estavam já distantes a confiança e as esperanças de Belle-Isle, de S. Miguel! Recolher ao Porto depois de uma derrota, seria o mesmo que abdicar: uma batalha era pois absolutamente indispensavel, e uma victoria — ou morrer!

3. — PONTE-FERREIRA

Com a victoria, — assegurava-se, — viriam as deserções numerosas, já que não vinham as adhesões espontaneas. Mas tinha de ser uma victoria ruidosa, e uma batalha a valer, em que se empenhassem todas as forças. Do exito dependia tudo.

Villa Flôr saiu ao encontro da columna que retirava de Vallongo e uniu se-lhe em Rio-Tinto, onde parou, esperando por D. Pedro que em pessoa, com o resto do exercito, deixou o Porto na noite de 22-23. Tinha-se cortado a ponte do Douro e des-guardado a Serra e a margem esquerda, subindo o rio as tres escunas para proteger os movimentos do exercito. A batalha inevitavel, para onde toda a acção tonta do mez de julho gravita, eil-a presente. Mas, dada no primeiro momento, tel-o-hia sido com tropas entusiasmadas, contra um inimigo ainda pouco numeroso. Agora, os enthusiasmos esfriaram, e os miguelistas concentraram já as suas forças em torno do Porto. De uma tão grave alteração de condições eram responsaveis a vaidade de D. Pedro, e mais ainda as chimeras dos seus conselheiros.

No dia 23, entre os dois exercitos, houve nove horas de activo fogo e o producto de mil mortos d'entre ambos os lados. (Soriano, cerco) De tarde, quando cessára a lucta e se via que nenhum dos contendores levava a melhor, — via D. Pedro sobretudo, enquanto juntava no campo, que nem um só regimento viera entregar-se-lhe. O infeliz principe, já certo da indiferença dos portuguezes, e agora da firmeza do inimigo, dizia, mastigando tristemente: «Está visto que não sou mais que um simples general!» (ibid.) Pobre vaidoso, a quem faltava ensi-

nar ainda que nem simples general era! Melancolico espectáculo é o vêr romper-se o balão das vaidades, quando ellas são ingenuas, chegando talvez a ser nobres!

Repugnante e não só melancolico é porém assistir ao rebentar dos tumores da vileza cobarde. Ponte-Ferreira não foi a victoria esperada, mas também não foi uma derrota. A' tardinha, D. Pedro dera ordem de retirar; mas vendo-se que Santa-Martha começava a fazel-o, revogou-a, ficando o campo de batalha aos liberaes. (Soriano, *Cerro*) Os militares apontam numerosos erros de lado a lado, e á somma d'elles attribuem a indecisão do resultado. A verdade, porém, é que de lado a lado havia fraquezas semelhantes e uma incapacidade commum. A impossibilidade de reciprocamente se vencerem começa agora, e continuará até ao fim. Se no Porto havia tumores de chimeras e de ineptia, o miguelismo era um desvario e uma febre, capaz de loucuras, incapaz de verdadeira força, apesar da unanimidade, e por causa da violencia.

No exercito liberal o commando fluctuava indeciso entre D. Pedro, o general de parada, Xavier o astuto, e Villa-flôr o innocente bode emissario dos desastres, effectivo commandante se se fosse batido, nominal apenas se se vencesse. Commandava? mas os boletins eram assignados por Xavier, ajudante de campo de D. Pedro. (Hodgos, *Narr.*) Além da falta de unidade no mando, havia um positivo medo nas fileiras do exercito: esse vago terror que não exclue a bravura individual na lucta, mas que impede o aproveitar as victorias e torna os revezes em derrotas. (*Ibid.*)

Isto fez com que, perante a retirada do inimigo que assim se declarava vencido, não houvesse audacia para o perseguir; se não é verdade o facto

allegado, de que pela tarde constára a D. Pedro que Povoas, aproveitando o abandono do Porto, descera até Gaya e ia passar á margem direita.

(*Shaw, Mem.*)

Um tal movimento era mais do que verosimil: e entretanto não era verdadeiro. Povoas conservou-se immovel todo o dia, ao sul do Douro; nem caiu sobre o Porto, nem acudiu ao camarada ao ouvir o canhão de Ponte Ferreira. Qualquer das duas cousas que tivesse feito, — e era seu dever fazel-o, — poria termo á guerra, com o mais que provavel desbarato dos liberaes. A unidade do commando faltava tambem do lado opposto, e accusa-se de rivalidade ou inveja o procedimento do general miguelista que salvou D. Pedro. Talvez o mesmo vago terror houvesse nas fileiras absolutistas: não é isso o que o seu proceder denuncia — Santa-Martha, retirando sem ser batido; Povoas retirando tambem sobre Oliveira de Azemeis, ao ouvir os repiques dos sinos do Porto, na noite de 23, cantando uma victoria não ganha? (*Sofiano, Cerco*)

Com effeito, á bocca da noite de 23, corriam na cidade positivas noticias de um grande triumpho. Acabara a guerra, batiam-se palmas. D. Pedro já ia a caminho de Lisboa, n'uma estrada coalhada de flores. Os sinos, alegres, repicavam. (*mta.*)

Pela meia-noite mudou a scena. Perdera-se tudo. D. Pedro fôra surprehendido na sua retirada; fugira a galope para Mathosinhos, onde embarcára; estava a bordo já; e Povoas, tendo passado o Douro em Avintes, vinha correndo sobre o Porto. Mandou-se vêr; e quem foi, voltou, dizendo ser verdade. Um medo inaudito invadiu toda a gente. Ouviam-se dobres de sinos como a finados, e nas trevas

do céu plumbeo appareciam espectros de patibulos baloçando cadaveres, avançando de braços abertos, para prender e enforcar a cidade perdida. Corria-se espavorido pelas ruas em choros desabridos pediado misericordia, e cada qual suppunha vêr atraz de si a perseguil-o um negro juiz de alçada com o carasco ao lado. Homens, creanças, mulheres, papéis, conselheiros, trouxas, ministros, secretarias e cofres, familias o bagagens, corriam para a fôz ou embarcavam nos navios do rio que eram levados para a barra a reboque. Era outra vez a JUNTA; e o *Belfast* chamava-se agora *Berodino* — o transporte onde já estavam fóra da barra os cofres e os empregados, com o intendente da policia, o corregedor, o aulitor do exorcito: (Soriano, *Ceres*) Só os rapazes academicos se recusaram a embarcar sem ter visto a face ao inimigo; e de bordo da fragata ingleza *Stag*, onde o bulicio da noute do medo aguçava a curiosidade dos tripulantes, perguntaram que era, que havia. — Lembrou então avoriguar a verdade, antes de responder. Rompia a manhã, quando por fim se soube tudo — que era nada. A's sete horas desembarcavam, corridos, os fugidos; e um triste silencio de vergonha succedeu ao susto. Restava agora descobrir o author da perfidia. Foi D. Pedro, diziam uns, para preparar os animos. Foi a Inglaterra, diziam outros, a «perfida Albion» que nos atraçãoa. (Soriano, *Ceres*) O verdadeiro author foi provavelmente ninguem: foi a consciencia de todos na propria fraqueza; foi a desesperança universal pelo exito da empreza; foi o vago sentimento de uma catastrophe fatal — foi o Medo espontaneo que subiu como a labareda sobe, devorando palha.

Pelas cinco horas da tarde de 24 regressaram D. Pedro e o exercito ao Porto. Tropas, cidade, affectavam uma alegria mais triste ainda do que as lagrimas. Os papeis e os ramos de louro dos soldados fallavam de victoria; mas os factos accusavam o regresso forçado a essa jaula do Porto, d'onde não era licito fugir. Se tinham vencido, porque voltavam? Se tinham vencido, onde estavam os despojos, os prisioneiros? Onde vinham os regimentos que deviam ter abandonado o usurpador, dando a mão aos liberaes? Era a mesma gente que fôra—menos os que tinham morrido. Eram os mesmos voluntarios, os mesmos mercenarios, recolhendo aos mesmos quarteis da vespera; com D. Pedro que tambem recolhia, pensativo e triste, ao seu paço dos Carrancas—um simples general! E os brazileiros zumbiam por toda a parte que S. M. fôra illudido por traidores. E a cidade, passado o medo, sentia-se invadida pela certeza de um fim tragico; entregue, pelas mãos de gente incapaz, a um principe balfo, já crédor de uma positiva frieza não escondida. (Hodges, *Narr.*) Assim caiu lugubre a noute do dia 24.

Quando a população adormecida sonhava pesadellos tristes, despertou-a o rebate dos sinos. Que era? o Povoas? Que era? a alçada, a força?... E um novo ataque de medo tomou a cidade que fugiu para as ruas. Os sinos dobravam a rebate com phrenesi, e, por epilogo da batalha, havia uma grande labareda rubra que illuminava o céu. O clarão cegava, os sinos ensurdeciam: chegara o juizo final, a esperada catastrophe. Mas que era?

O convento de S. Francisco, no coração da cidade, debruçado sobre o rio, aquartelava o batalhão já celebre do 5 de caçadores. Os frades tinham recebido a tropa, enchendo-a de mimos, despejando

a adega para a restaurar das fadigas da batalha. Os soldados, ebrios e cansados, dormiam a sono solto, quando o incendio rebentou por muitos pontos e n'um momento o convento inteiro se tornou uma fomalha. Suffocada, chamuscada, a soldadesca fugia ao lume; quando n'esse momento desabavam todos os tectos do convento, atirando para o ar uma golphada de faulhas, de scentellias, de estilhaços, de poeira negra e fumo espesso. Depois, a labareda solta e limpa continuou devorando tudo, erguida para os ares com um crepitar monotono e persistente. Tres soldados tinham ficado mortos; tres frades se sumiam vivos por entre a massa de gente nas ruas. Um d'esses tres foi alli varado a bayoneta; os outros dois escaparam. (Hodges, *Narr.*) A comunidade tinha fugido para Penafiel a dar noticia do incendio, de que os frades eram acensados aucthores. Houvera, ao que se dizia, um plano de destruição geral: queimar todos os quarteis e assassinar D. Pedro. (Soriano, *Crcz*)

Verdade ou mentira, o facto é que o incendio de S. Francisco respondia cruelmente ao saque e ao incendio de todos os conventos onde chegara a soldadesca liberal. Assim succedera em Val-de-Piedade, assim em Bostello, assim em Santo-Antonio de Penafiel, assim em S. Martinho-do-Campo, no reconhecimento de Vallongo. O frade, a quem a CARTA negava o direito de cidadão, apresentava-se á frente do exercito inimigo; e a guerra, tomando cada vez mais o character religioso, cada vez prometia maior crueldade. Não só a impiedade, tambem os dogmas, fazem dos homens feras. A' ferocidade dos mercenarios de D. Pedro respondia a dos soldados de D. Miguel — um David combatendo os philisteus libertinos!

I. — SOUTO-REDONDO

Via-se apenas um simples general, D. Pedro; mas ficaria assim fechado no Porto, com a sua estrella engastada no anel de ferro dos exercitos miguelistas que a não deixavam brilhar? Pois o tímido proceder de Povoas não estava claramente affirmando o grande medo que lhe infundiam as tropas liberaes? Ou, em vez de medo, seria receio de que o seu exercito desertasse no meio de um combate? De taes pensamentos nasciam esperanças, e segredavam-se positivas denuncias de regimentos miguelistas que se haviam de bandear. (Sortano, cerco) A tenha em contar com a traição alheia parecia um vicio incorrigivel, apesar das repetidas lições anteriores.

Povoas, aclarada a razão dos repiques do dia 23, tornava a avançar, readquirindo as posições abandonadas: Grijó, Souto-Redondo, a Feira. Marchou se contra elle do Porto, naoute de 26-7, havendo uma escaramuça de avançadas em Grijó. O miguelista retirou sobre o Vouga; mas ao norte do Douro avançava, apertando o Porto, Santa-Marta que readquiria o terreno perdido antes, deixando positivamente inutil para os liberaes a sangrenta acção de Ponte-Ferreira. (ibid.) Já pelo norte se começava a esboçar o cerco; já o Porto estava positivamente isolado de todo o Minho e Traz-os-Montes, pelas estradas terrestres: só o mar da Foz lhe restava, para communicar com o resto de um mundo hostile. Já os habitantes começavam a encelleirar, e as tropas a construir trincheiras e reductos para os ataques provaveis. Faltando provisões e artilheria, mandou-se um vapor buscar o que havia em Villa-do-Conde; mas o barco saiu sem appa-

relhos para carregar as peças: por isso apenas trouxe alguns homens feridos pelas guerrilhas do Mont'alegre que o receberam a tiro. (1612.) Já faltava dinheiro; e Mousinho, incorrigível, não consentia que se bolisse na propriedade miguelista, arrecadando-se no Porto o thesouro precioso dos vinhos da companhia, de um dia para outro arriscados a cair nas mãos dos inimigos, assim que Povoas se deliberasse a descer até ao Douro. (1613.) Já finalmente apparecia nas fileiras liberaes essa praga da deserção: toda a esperanza de adhesões que tinham tido se transformava, ao mez de chegados, n'uma fuga de numerosas praças. A *Chronica* publicava leis draconianas contra os suspeitos, os espias, os desertores.

Começava a dismantelar-se tudo: a queda seria breve, se a acção não fosse audaz. Povoas retirara sobre o Vouga; o ensaio de Grijó provara feliz; saqueara-se o convento principesco e mantivera-se o terreno ganho. O procedimento tímido do general fundamentava as promessas que chegavam de entrega de regimentos. Villa-flôr foi pois mandado, a 6 de agosto, para o sul do rio atacar as avançadas inimigas. Houve uma acção, porém no melhor d'ella um medo terrivel. A' voz de um capitão assustado, debandou tudo: não retiravam, dispersavam, lançando fóra as armas para galgarem mais leves. Assim vieram, aos tombos, até ao alto da Bandeira, Villa-flôr na cauda, trotando melancolicamente no seu cavallo atraz da gente que fugia, como o pastor que segue na planicie o rebanho de carneiros tresmalhado por um susto.

Quando, gravemente pallido, o bello marquez de Loulé deu noticia d'isto a D. Pedro, o principe levantou-se agitado, raivoso, mordendo os bigodes e chorando — como quem via por terra todas as suas

illusões desfeitas. Então Bernardo de Sá, o bayardo de 28, soltou a sua voz nobre e firme. A cavalaria de Povoas já devia ter tomado a vanguarda dos fugitivos, e a essa hora a divisão estaria de certo prisioneira: preparasse-se já a retirada, sob o fogo inimigo, com honra, embarcando nos navios, regressando aos Açores que seriam reconquistados, e d'onde se poderia, ou capitular briosamente, ou tentar uma segunda expedição. — Loulé, ainda moço e já frio como foi sempre, não pestanejava; Bernardo de Sá calara-se; e D. Pedro — o mais infeliz, por ser o mais fraco e ter-se julgado o mais forte! — chorando, apertou as mãos ao soldado que lhe dizia a verdade. *(Ibid.)* Talvez n'esse instante odiasse de relance os aulicos, a quem devia tão cruéis amarguras.

Mas Povoas não acreditou n'uma fortuna incrível. Temendo aventurar-se, parou em Grijó, enquanto Villa-flôr conseguia na Bandeira congregar o rebanho tresmalhado. Houvera de lado a lado oitenta mortos.

Do seu paço dos Carrancas, sobranceiro ao rio, e d'onde se descobrem todas as collinas do sul, D. Pedro viu o que se passava na Bandeira. Nem tudo estava perdido. Afivelou o cinturão e saiu a receber em Villa-nova o seu malfadado exercito, que essa mesma tarde voltou, derreado da carreira, a descansar nos quartéis. Diz-se que então, no conselho da noite de 7-8, o principe desesperado, n'um momento de colera, decidira abandonar tudo, escondendo a sua vaidade amarrotada a bordo da fragata *Stag* que permanecia á foz do Douro; accrescentando-se que ás admoestações do inglez deveu D. Pedro o não commetter esse crime.

Facto é que não partiu; e as cousas serenaram quando se dissiparam os medos de um ataque com-

binado dos dois generaes, que por norte e sul ameaçavam o Porto. Rivaes, nenhum d'elles queria ceder ao émulo a honra da victoria final que pensava segura; e assim, por não se ajudarem reciprocamente, perderam a causa que defendiam. O governo de Lisboa, vendo as consequencias d'este mal, mandou a commandar os dois exercitos o visconde do Pezo-da-Regua. Já veremos que decisivos golpes resultaram d'esta decisão opportuna.

Dentro do Porto, passada a crise, voltava a terna, e a ultima negação feita a Portugal indifferente foi o decreto de 13 de agosto, abolindo os bens da corôa. Com elle terminou Mousinho a sua obra; e desde que a concluiu, melhor fôra que deixasse o governo quem não nascera feito para pactuar com as violencias e crimes indispensaveis nas angustiosas horas das crises. A' insistencia em esperar-se a conversão de um povo inconvertivel, reunia-se a temivel doença do medo. A *Chronica* de 22 imprimia um artigo definindo-o, condemnando-o; já a de 20 impozera multas a quem recusasse servir os cargos publicos; e a de 29 chamava á deserção um delicto gravissimo e ameaçava com o castigo reservado para os desertores todos os soldados que fossem achados para além das avançadas. ¹ Tais disposições revelam bem o penoso estado do espirito geral.

Decididamente, não havia meio de sair do Porto, e era inevitavel escolher entre uma fuga por mar e

¹ Para que o leitor possa apreciar bem o valor numerico das deserções, ponha aqui os dados do *Relatorio* do ministro da guerra ás camaras de 31:

Do exercito liberal desertaram: junho a dezembro de 32.....	541	h.
Em 1833.....	631	h.
apresentando-se, desertores do inimigo: junho a dezembro de 32.	551	h.
Em 1833.....	329	h.

um cerco. A opinião mais commum preferia a solução que menos riscos de vida offerencia. Mas D. Pedro não a partilhava. Dobrado o cabo da primeira angustia, apparecia o homem tenaz, teimoso, e quasi heroe. Villa-flôr tornara-se impossivel depois de Souto-Redondo; e D. Pedro, já resignado a não ser principe, pegou da espada — *serei um simples general!* Pobre resto de vaidade que poucos mezes dissipariam: nem sequer general tu eras, ó desditoso rapaz! Essa cauda das tuas rotas illusões breve iria juntar-se esfarrapada aos farrapos das illusões que já tinhas successivamente perdido!

Mas, se nem general saberia ser, D. Pedro foi o primeiro na coragem, — o primeiro dos seus soldados, o primeiro dos seus faxinas. Pegou da enxada e caminhou para as trincheiras. Se esses fossos e reductos tinham de ser vallas de sepulchro e tumulos, o principe era homem: não temia a morte. O seu infortunio engrandecia-o, tornando-o como que o symbolo d'esses poucos, verdadeiramente heroes na sua humildade obscura, no ardor com que defendiam a vida e uma causa que julgavam santa:

Morrer, morrer que importa?
 Final suspiro onvil-o
 Ha de a patria. Na terra
 Irei dormir tranquillo!

(Herculano, *Poesias*)

III

O cerco do Porto

1. — O THEATRO DA GUERRA

A unidade do commando de Gaspar Teixeira (Pozo-da-Regua) que desde agosto (16) substituirá os dois generaes rivaes, imprimiu o caracter decisivo de um cêreo em regra ás operações contra o Porto. O quartel general dos sitiantes avançou de Souto-Redondo para os Carvalhos, já nas eminencias directamente debruçadas sobre a margem esquerda do Douro. Nem as baixas de Villa-Nova, nem a serra do Pilar estavam occupadas ainda. Uma egual falta de providencia fizera com que nenhum dos combatentes se apossasse d'esse ultimo ponto, essencial para a defeza ou para o ataque do Porto. N'uma curva, convexa sobre o norte, o Douro banha de um lado todas as abas orientaes da cidade, e do lado opposto corre na base de um muro a pique, montanha de granito em cujos altos se levanta o convento do Pilar. Esta construcção assenta sobre um plan'alto breve que domina todo o terreno adjacente. Quem se dobruça na aresta do precipicio vê no fundo a onda escura do rio, apertado entre rochas, limitado por duas curvas em sentidos oppostos. Em frente, em successivos planos inferiores, sobrepoem-se as cazarias do Porto, a tiro de espingarda. Para um lado as baixas de

Gaya, para o opposto as de Avintes, na retaguarda a depressão de um terreno ondulado, por onde apenas é accessivel, fazem da Serra o baluarte natural do sul do Porto.

Quando o general miguellista, desenhando as linhas do cêrco, viu a necessidade de occupar a Serra, já a achou fortificada pelo inimigo; e em vão tentou, com repetidos assaltos, (8-11 de setembro) desalojar-o de lá. Não podia, pois, o Douro ser um fosso divisorio entre os combatentes. Era o primeiro contratempo, a maior vantagem por este lado concedida ao inimigo. A Serra tinha de ficar também investida pelas linhas do cêrco, e isto augmentava-lhes a extensão. Mas se a Serra se perdesse, restavam ainda os morros successivos que a jazante do rio dominam o Porto, nas suas abas occidentaes. Repetidas baterias erigiram pois o terreno cortado da margem do sul, d'onde, salvo o baluarte da Serra, os liberaes foram definitivamente expulsos. Começavam junto ao Douro, ¹ no esteio de Avintes, garantindo a passagem do rio a montante da cidade (Pedra-Salgada, Baetas). D'ahi subiam (Oliveira, Campo-bello) até ao forte do Castro, na eminencia fronteira á da Serra, destinado a conter e encerrar a guarnição d'ella, defendendo os acampamentos espalhados pelas collinas do sul.

Uma linha de baterias cortava a estrada de Lisboa, ligando as fortificações do Castro ao Pinhal, sobranceiro aos armazens de Villa-nova; e completando o cerco da Serra, não houve eminencia, ponto grave, que se não defendesse com reductos e pequenas obras destacadas (Reducto, Fonte-Santa, Bateria-nova, Lavoura, Azoula, Barroza). Sopeada

¹ V. para toda a descripção do theatro da guerra a *Carta topographica das linhas do Porto*, pub. pelo coronel Moreira.

a Serra, que era como outro Porto levantado ao sul do rio, novos reductos, descendo a margem, batiam de frente a cidade. Era o primeiro o castello de Gaya, na eminencia d'onde as abas occidentaes do Porto recobiam em cheio o bombardeio. Era depois a bateria de Santo-Antonio, debruçada sobre o rio; e mais abaixo a da Furada que, varejando os bairros inferiores, obrigaram os liberaes a fortificar a estrada para não verem certadas as suas communicações com a Foz. Dominando as duas baterias marginaes, a do Verdinho, no morro fronteiro a Lordello, batia esse arrabalde do Porto.

A cidade assenta sobre duas collinas divididas por uma ravina profunda. De oriente levanta-se o morro da Batalha que vae terminar pela contra-encosta nas baixas de Campanhan; e de occidente o de Cedofeita que desce por Viilar até ao ribeiro de Lordello. As duas vertentes sobre o valle apertado e ingreme, em cujo fundo sobem as ruas de S. João e do Almada até ao campo de Santo-Ovidio, origem do leito de um velho córrego desviado pelas construcções urbanas, são o coração do Porto. Abrigado pela natureza, elle não soffria o que soffriam as encostas marginaes da metade occidental, expostas ao fogo das fortificações fronteiras. As vertentes orientaes acolhiam-se á protecção da Serra; e do lado do norte um systema de linhas fortificadas, de reductos e baterias, aproveitando todas as depressões do terreno, afastava para longe o inimigo.

O valle de Campanhan separava por leste os adversarios, que das duas encostas fronteiras trocavam entre si os tiros. O miguelista fortificara a

lomba de Valhom que da margem direita do Douro cruzava o fogo com a bateria da Pedra Salgada, garantindo o passo do rio. D'ahi a sua linha seguia pelo Tim ao Sobral, com uma longa bateria que cortava a estrada de Vallongo, para além de S. Roque-da-Lameira; e uma serie ininterrompida de fortificações se estendia por Contomil, Regateira sobre a estrada de Guimarães (Lamas, Arretcia) até ao forte do D. Miguel que, com o reducto da Tilheira, cortavam a estrada de Braga em S. Mamede-da-Infesta. N'este ponto a linha curvava para o norte, vindo passar no sopé do monte de S. Gens, depois de ter cortado tambem a estrada de Villa-do-Conde ao Padrão-da-legua, e, desenvolvendo-se pelos campos, passava em Ramalde, terminando.

Se o desleixo do general miguelista fôra causa de perder a Serra, a sua ineptia mostra-se no nenhum caso que fez da Foz. Mais ou menos completamente encerrado por terra o Porto, o cerco jámais poderia ser effectivo enquanto as communicações maritimas estivessem francas; e desde que o reino era surdo aos convites e ameaças constitucionaes, isolar o Porto do reino valia nada: separal-o do mar, por onde chegavam mantimentos, munições, diaboiro e mercenarios, do mar que alimentava a guerra, valeria tudo.

No intervallo das duas linhas oppostas, -- zona que medindo entre um kilometro, ou menos ainda, no ponto mais apertado (Aguardente á Regateira) chegava a ter mais de dois sobre a estrada de Braga; no intervallo, havia comoros destacados que por seu lado os liberaes, tendo-os esquecido, foram obrigados a conquistar pelo preço de muitas vi-

das. Eram o cerro das Antas, ladeando a estrada de Vallongo, e o do Cobello entre as de Braga e Guimarães, — esses pontos que os miguelistas perderam na acção do dia 16 de setembro.

Entregando por incuria a Serra ao inimigo, expulsos dos dois pontos que dominam as entradas da cidade pelas estradas do norte, e sem pensarem em fechar a barra do Douro a quem por ali vivia, — os militares de D. Miguel demonstravam uma tão grande falta de tino que chegava a ser accusada de criminosa. Já o optarem pela solução molle de um cerco; já o terem perdido dois mezes em rivalidades e indecisões, depunham, ou contra a capacidade dos chefes, ou contra a consistencia das tropas; dando tempo a D. Pedro para sarjar o Porto de fossos, erigir de peças todas as encostas, vestindo-se e á sua gente com uma armadura de fortes e trincheiras que viriam a ser intomaveis.

Enquanto iniciava tão mal as suas operações, enquanto se deixava bater em campo raso, e perdia, logo no começo, dois reductos essenciaes, o general miguelista, preferindo o cerco a um assalto, optando pela acção lenta, — sem para isso empregar os proprios meios, pois que o Douro ficava aberto, — afrouxava o ardor das suas tropas, costumando-as á inactividade dos aquartelamentos abrigados pelas baterias, limitando-se a bombardear de longe a cidade inianga.

Já na segunda metade de setembro começavam sobre ella a chover os tiros; já o troar da artilheria se ouvia, batendo cruelmente como horas de um relógio funebre. A *Amelia*, que trouxera de S. Miguel D. Pedro, ia a pique varada pelas bombas; o rio estava deserto; de margem para margem um lançol de balas ondeava. De noute sarjavam o céu traços de lume, e o burguez pacifico observava es-

ses phenomenos de especie nova — aerolithos que vinham, descrevendo uma curva, cair nas ruas e estoirar crivando as casas de estilhas de ferro; ou foguetes voando rapidos, como cometas, com a sua cauda luminosa. O bombardeio que enfraquecia os sitiantes, abatendo o moral do soldado, costumando-o a uma guerra sem perigos nem trabalhos, costumava pouco a pouco a população do Porto á idéa do cerco; levava-a, com a energia forte das cousas demoradas, a resignar-se a uma sorte dura; aguerrindo ao mesmo tempo os batalhões de voluntarios bisonhos de D. Pedro, e as levas de mercenarios com que o exercito, sem mais reerutas portuguezes, preenchia as vagas e augmentava os quadros. De setembro até dezembro, a «commissão dos aprestos», que geria em Londres os fundos da empreza, mandou 1:400 homens, — inglezes, belgas, allemães, — com os armamentos respectivos e perto de 300 cavallos. (Sobranho, Cerco) Deixar aberto o Douro, era não querer terminar a guerra.

Mas a «commissão dos aprestos» já em setembro tinha chegado ao fundo do sacco: estava mais do que esgotado o emprestimo no fim de um anno, e a guerra apenas começada. Os especuladores, que tinham calculado com uma entrada triumphal, fiados no que todos lhes diziam, viam-se illudidos e não davam um real mais. Era bastante o perdido, pois por perdido o tinham. Palmella foi mandado a Londres amansal-os, convenceo-os, espremeo-os. Deviam-se 130:000 libras a fornecedores, e os escrupulos de Mousinho não tinham consentido que se tomasse posse das 5:000 pipas de vinho promettidas como garantia. O dinheiro é o

nervo de todas as guerras; mas de nenhuma o era mais do que d'esta, sem recursos n'um paiz hostil, condemnada a viver dos soccorros de toda a especie e de braços mercenarios. A *causa* ameaçava ser uma positiva banca-rotta.

Valeu-lhe porém a habilidade de Palmella n'este novo apuro. Chegava de Londres (22 de setembro) com uma combinação por meio da qual a divida se pagaria, deixando ainda umas sobras para o que fosse myster. Era um novo emprestimo de 600:000 libras, tão lesivo, tão usurario, que não foi admittido á cotação em Londres. (*Soriano, Cerco*) ² Que mais podiam exigir os perdidos do Porto?

E dizemos perdidos, porque a si proprios se consideravam assim. Outros motivos tinham tambem determinado a ida de Palmella a Londres, além dos financeiros. Bernardo de Sá, na sua franqueza de soldado, opinara por uma retirada em fórma sobre os Açores; Palmella levara D. Pedro a esperar ainda uma conciliação politica, imposta, ou pelo menos aconselhada, pelas potencias.

A Hespanha parecia inclinada a intervir por D. Miguel, e esse recio foi o que decidia com urgencia a partida do embaixador e factotum liberal; mas á bocca pequena dizia-se que o marquez fôra a Londres com o fim de solicitar a mediação das potencias liberaes em uma capitulação reputada

² Esse emprestimo só em parte foi emitido logo, ficando o resto em carteira. Veiu a pagar as despesas da expedição do Algarve. O producto foi:

£. 300:000 vendidas a 31	93:000	
10:000 > 25	25:825	
200:000 > 38	76:000	194:825
Juros, commissões e despesas		42:307
Líquido, correspondente a 19,5 p. 100 de juro, £.		<u>151:528</u>

imminente. (*Soriano, Cerco*) Assim era, como vamos vêr; mas Palmella voltou sem por este lado nada ter conseguido, e o desmanchar das esperanças de fóra, com o varrer das illusões antigas, concorriam para impôr a dura sorte de um cerco, — já que D. Pedro, nobremente inspirado, mandara embora os transportes para destruir toda a esperança nos que pensavam em fugir por mar. Como o general de Plutareho, tambem incendiou os navios!

Foram-se os transportes, ficou a esquadra apenas, com Sartorius a bordo para defender o mar. Se já em terra a opinião considerava impraticavel o plano de uma campanha offensiva, o almirante desde o principio entendera que a sua missão devia limitar-se á defeza. Não tinha bastante audacia para empenhar uma batalha com a frota miguelista; e d'isso o accusavam, não só no Porto, como a bordo dos proprios navios os officiaes desejosos de uma aventura boa e rendosa. A esquadra fóra do Porto com ordem de bloquear Lisboa e Setubal, e dias depois reaparecia (10 de agosto) nas aguas do norte. Porque? Naturalmente fóra batida pela frota miguelista. Mas vinha completa e sem avarias visiveis? A verdade é que se tinham visto junto ao cabo da Roca, encontrando-se, saudando-se com alguns tiros, separando-se com pequenas avarias na mastroação e no maçame. (*Soriano, Cerco*) A verdade é que Sartorius tinha deixado só, perante os miguelistas, uma das fragatas, escapando-se na almirante sem combater. (*Mins, Narr.*) A verdade é que a esquadra para nada servia, e tinha custado rios de dinheiro. . . Taes considerações tristes se faziam no Porto, esperando a toda a hora a chegada dos navios miguelistas — que não vieram, porque tambem para nada serviam.

« Está tudo perdido, escrevia com effeito D. Pedro para Palmella em Londres. Busquemos os meios de sair d'esta posição e de salvar um grande numero de victimas cujo sangue seria derramado sem vantagem para a causa. Antes da esquadra (migue- lista) apparecer, pensavamos em retirar para os Açores: agora esse plano é impraticavel. Por força ou por fome seremos forçados a uma convenção. É o que eu quero evitar, para não ter de tratar com meu irmão (coisa que eu não farei), nem vêr isto acabar n'uma scena de horrores. Penso n'uma suspensão de hostilidades para se approvar a seguinte proposta: treguas, até que as cinco grandes potencias decidam definitivamente se a corôa pertence a D. Maria ou a D. Miguel. » Acrescentava que a Inglaterra deveria fazer a proposta mediadora aos belligerantes; mas receiava não haver tempo: se se desse batalha e fossem vencidos, de pouco uso lhes seria a mediação, pois tudo teria acabado! (c. de 15 agosto de 32)

Foi em vão que Palmella implorou o inglez. Palmerston prestou-se a mandar ordens immediatas para que o almirante (Parker) desembarcasse tropas suas no Porto afim de proteger D. Pedro no caso de «uma catastrophe completa»; o inglez iria até ao ponto de propor uma suspensão de hostilidades: mais, nunca! A hypothese da mediação não lhe sorria. Porque? Dupin em Paris dá a resposta ao embaixador liberal, D. Francisco de Almeida: «Tudo o que D. Pedro tem feito são erros: portanto, antes de pedir soccorros de dinheiro e gente, devia pedir bom-senso e juizo». Diz o embaixador que a isto o francez juntara cousas impossiveis de confiar ao papel. (*Desp. e Corr. de Palm. 2 setembro*)

Amarrotadas as vaidades, destruidas as illusões,

tudo apparecia, pois, desesperado e triste no principio do outonno tragico de 32. Falhavam as esperanças todas: o povo não se bolia, o exercito inimigo não debandava — crescia! E o liberal, armado tres mil homens dos batalhões voluntarios que o Porto dera, arregimentados mais mil mercenarios que tinham vindo de fóra, era em setembro de onze mil homens apenas.

A correria feita no Minho para o sublevar, voltou corrida; e fr. Simão, padre ordenado á força, renegado, já desde 26 conhecido na Beira dos futuros Cacas e Brandões (Succo, *Mem.*), quando perseguira com a sua guerrilha o marquez de Chaves; fr. Simão que promettia muito e saiu do Porto com trinta homens para ir levantar as populações na retaguarda do Povoas, — em vez de abraços achou tiros, n'essa gente a quem fallou. Dos trinta, apenas sete voltaram por milagre ao Porto. (Hodges, *Narr.*)

Limpara-se pois o theatro da guerra de todos os accessorios e episodios, e a situação definia-se com nitidez. Era uma guarnição inimiga, cercada em uma praça de guerra por um exercito apoiado sobre a adhesão unanime do paiz. Era uma aventura militar — essa empreza que principiara em Belle-Isle, e agora no Porto parecia breve a concluir! Entretanto é mistér observar, não esconder, o lado tragico da situação. Na guerra combate-se muitas vezes sem odio; mas aqui havia, no fundo da scena, o sentimento e a colera de um duello mortal. «Esta guerra não é como as outras, escrevia Shaw a sua mãe; é tudo a valer, sériamente a valer (*all, right, downright serious work*). Se os não matamos, matam-nos elles: todos os velhos

preconceitos de humanidade se evaporaram.» (Shaw, *Letters*)

Como na peça, esgotados os episódios, se desenhavam os caracteres no calor da acção: assim D. Pedro, varridas as illusões, as vaidades, as esperanças, apparecia qual era — pessoalmente forte, bravo soldado nas trincheiras, incansavel artifice no campo: «E' uma das creaturas mais activas que eu tenho visto. Não se poupa em nada. E', sem duvida, a mola real de toda esta historia: pois sem elle os portuguezes deitar-se-hiam a dormir». (*Ibid.*)

Se até ao Porto o príncipe fôra o instrumento das chimeras alheias e o servo das proprias vaidades, agora a crise mostrava o homem; e se foi um bem a victoria liberal — um caso inevitavel foi de certo, e a fatalidade é sempre excellente! — a D. Pedro o á sua energia indomavel, a D. Pedro e á sua incessante actividade, se deveu a resistencia do baluarte do Porto. A guerra, concentrada n'esse pequeno ponto do reino; uma guerra demorada, lenta, mas dura, operou sobre o paiz delirante como um caustico energico, derivando para a chaga todo o exagero da circulação morbida, deixando o corpo nacional abatido, semi-morto. Foi o que se viu com a opportuna expedição do Algarve, no anno seguinte.

Sem genio para medir calculadamente as consequencias do andamento das cousas, D. Pedro, obedecendo aos instinctos de uma natureza pertinaz e dura, foi o instrumento, não já de planos alheios, não já da sua dissipada chimera, mas sim da fatalidade apenas. O baluarte inexpugnavel que construiu, bateu o reino como um ariete, e despedaçou-o por fim. O Porto foi como um cancro, sorvendo todas as energias do corpo onde se formára.

Alastrado sobre a margem norte do Douro, o baluarte do Porto, com o reducto fronteiro da Serra, consistia em um corpo de baterias grossas, aglomeradas empiricamente, obedecendo á occasião, e não a um plano systematico e sabio, conforme a arte da guerra — seguido eram as linhas miguelistas. Quando o inimigo desmascarava uma bateria, levantava-se outra opposta para a bater. Quando uma posição parecia ameaçada, artilhava-se; quando era indispensavel tomal-a, conquistava-se á bayoneta. Assim acontecera com a Serra, com as Antas, com o Cabello — pontos que a ninguem lembrou fortificar, senão quando já era urgente defendel-os. Sem talentos militares, D. Pedro não podia conceber um systema de fortificações defensivas; mas a natureza preparara-lhe o terreno, sempre escarpado, e ás vezes abrupto como os muros dos baluartes; mas a inercia do inimigo dava-lhe tempo para ir remediando os erros, á medida que a experiencia os denunciava. E tanto isto era assim que, como os miguelistas não cercavam, nem batiam o caminho da Foz pelo norte da cidade, o extremo occidental das linhas do Porto estava tambem desguarnecido, esquecido. E assim esteve até á vinda de Saldanha.

Pouco e pouco, porém, lentamente, como um polypo que cresce por aggregação, obedecendo a uma direcção immanente mas ignota, assim a força das cousas, tendo por instrumento o braço do principe, ia desenvolvendo, formando, rematando o systema das obras defensivas do Porto. Dentro da propria cidade havia parapeitos, travezes, cortaduras nas ruas, com forninhos e rastilhos nas estradas de accesso. (Sociamo, Cerco) Seria a ultima retirada. Mas antes que o inimigo a atacasse, havia de passar por cima da linha exterior de parapeitos e trincheiras,

com os fossos guarnecidos de estacadas e abatizes, circumvallados nas alturas por baterias e reductos isolados.

Essa linha partia do rio flanqueado pelas baterias do Seminario e da Quinta-da-China, seguindo a encosta do valle de Campanhan (Oliveiras, Lomba, Bomfim, Guclas-de-pau), protegida pelo forte avançado do mesmo nome, que respondia aos inimigos de Valbom e do Tim. Na retaguarda do Porto, entre as estradas de Villa-do-Conde e de Braga, a linha corria defendida por baterias, (Cativo, Povoá, Aguardente, D. Pedro, D. Maria II), flanqueada por fortes nas eminencias interiores que a dominavam, e nos pontos destacados da zona de intervallo. Para dentro d'ella eram os Congregados, entre as estradas de Vallongo e Guimarães; o forte de S. Braz, entre esta e a de Braga; o da Gloria, no Monte-pedral; e os de S. Paulo e da Ramada-alta, dominando a estrada de Villa-do-Conde. Para fóra da linha, eram os reductos das Antas e do Cobello, já nossos conhecidos; e a ponte da estrada de Braga, o chamado das Medalhas,— pelo numero das que ahi se ganhavam á custa de vidas.

Da Ramada-alta, sobre a estrada de Villa-do-Conde, para o sul, flanqueando a cidade pelo poente, descia do Bom-Successo a linha, a terminar junto do rio em Lordello com a bateria d'este nome. Sobre o Douro, finalmente, para dos centros da cidade responder ás fortalezas da margem fronteira, tinham-se artilhado todos os pontos dominantes: a Torre-da-Marca, as Virtudes, a Victoria, o Postigo-do-Sol e as Fontainhas. A communicacão marginal com a Foz estava livre ainda, porque as linhas miguelistas não a tinham cortado — mas por esse motivo as liberaes a deixavam exposta a selo, no dia em que o inimigo acordasse.

Tal era o theatro da guerra, contra o qual tinham sido vãos os ataques miguelistas. Havia de dentro ouze mil homens, havia de fóra trinta e cinco mil: mas não nos surpreenda a differença numerica, porque vale muito menos do que as vantagens dos sitiados. Eis a opinião de uma testemunha insuspeita: «A cidade está (3 de setembro) em tal estado de defeza que, a menos de contar com 30.000 homens, ninguém pensaria em a atacar. E se a guarnição se deixasse bater por tal força, mereceria o peor tratamento que D. Miguel, na sua vingança, pudesse inventar.» (Staw, *Lettres*) Não nos surpreenda portanto o mau éxito do ataque geral de 29 de setembro — dia de S. Miguel, escolhido para terminar o episodio do Porto.

2. — O DIA DE S. MIGUEL

Perante o Porto, Gaspar Teixeira não se julgava bastante forte para dar um assalto; mas em Lisboa o ministerio, ou a cauda vermelha que o impellia, já o accensava de tibio, exigindo positivamente que no dia 29 se desse um ataque geral ás linhas. Forçoso foi obedecer.

Tanta era a cegueira, tão grande a confiança da gente miguelista, que houve prematuros *Te-Deum* e visões positivas, em que os exercitos do Senhor appareciam entrando no baluarte da impiedade. Na Ajuda estava exposta a Hostia e D. Miguel passou o dia rezando. Em Braga, nas egrejas illuminadas, entoavam se acções-de-graças pela victoria indiscutível. Nos Anjos, em Lisboa, prégava ir. Fortunato, o rabido, á gente apinhada piedosamente no templo; e n'um arrebatamento de extasis, effeito rhetorico ou allucinação da febre, exclamava: «Victoria! meus carissimos irmãos, victoria! Entramos

no Porto! Te-Deum laudamus!» — As mulheres batiam na face, conforme o rito; e entoava-se um largo cantico, unisono, de acção-de-graças ao Altissimo.

No dia seguinte o telegrapho disse: «Fogo até ás oito horas; não ha novidade». — D. Miguel pasmado respondeu: «Conservem as posições: eu vou». — Todas as esperanças estavam perdidas. Que succedera? Houvera um assalto geral. A ananhan tinha apparecido sombria de nuvens, e duas columnas, fortes de 5:000 homens cada uma, avançaram contra as defezas do lado oriental da cidade, ao abrigo do nevociro e das muitas casus que ainda embaraçavam o campo. A primeira, por Campanhan, galgou as linhas, chegando a entrar na cidade quasi até ao Poço-das-Patas: repelliu-a o conde S. Leger com os francezes. A segunda desmascarou-se contra o morro das Antas, levando diante de si o batalhão inglez. Seriam oito horas do dia; e este primeiro impulso era uma victoria parcial. Rechaçados um momento em Campanhan, voltaram em força, penetrando outra vez no interior das trincheiras apesar das baterias (Bamliu, Cativo e Fojo) que os varejavam. O combate braço a braço dava-se já dentro do Porto, n'essa antiga rua do Prado, hoje chamada do Heroismo. Para ali convergiram todas as forças; e o denodo, a bravura, a dedicação de toda a gente conseguiram a victoria — que o general inimigo consummou, mandando retirar, abandonando posições ganhas, dando consciencia da força propria aos liberaes, e aos miguelistas uma fraqueza que nunca mais esconderam. A idéa de que o Porto era inexpugnavel radicou-se; e se de um lado se tinha chegado a concluir pela impossibilidade de uma guerra offensiva, agora do lado opposto firmava-se uma opinião equal. Frente

a frente, artilhados, os baluartes liberaes e miguelistas albaram-se desde então como dois campeões armados que não ousam romper a peleja. Houvera em ambos os campos 2:000 mortos, e o desalento dos sitiados foi tal, que por tres semanas o Porto viveu em paz, livre das importunas visitas das bombardas. (Sorianò, *Circo*)



Porém o despacho recebido em Lisboa provocou sentimentos oppostos: um recrudesimento de furia, em vez de um abatimento de desanimo. D. Miguel desceu do castello, onde estava o telegrapho, e Lisboa viu-o, durante os dias que medeiaram até á sua partida para o exercito, correr as ruas como um louco, rebentando cavallos, jogando o cacete contra os cães que perseguiam as suas correrias desenfreadas. Tudo ludrava em côro, seguindo o rei na sua vertigem. Gaspar Teixeira, o *tio Gaspar*, era clamorosamente accusado de traição; a *Defeza* pedia contra os malhados aquellas vesperas sicilianas de que «não devem escapar as malhadas, ou velhas ou novas, ou desembaraçadas ou gravidas, — e estas, não só em razão de si mesmas, como pelos fetos de iniquidade marcados já no ventre com o ferrete da malhadice». Basto andava furioso, Cadaval despeitado: não se viam, nem se fallavam. A unanimidade desaparecia no baluarte ameaçado; e nas ruas de Lisboa, que de noite já ficavam ás escuras por não se poder pagar o fornecedor do azeite, corriam, uivavam, latiam, as matilhas de caçeteiros omnipotentes.

Era outomno, o cair das folhas: no Porto e fóra do Porto os prenuncios do inverno indicavam uma temivel estação de temporaes desabridos. No

meiado (16) de outubro partiu por fim o rei para o lugar onde o seu dever o chamava. Levava consigo Santa-Martha para substituir no commando o tio Gaspar, desacreditado; levava tambem o celebre presente de João Paulo Carneiro, o *mata-malhadas*, o *canhão-pechão* (*Paixãos*) que havia de arrazar o Porto, despedaçar os seus defensores. A ingenua imaginação do povo adorava a peça que ganhou lenda, e era cantada dos pulpitos como um idolo. (Sortano, *Cerro*)

Além do general e do canhão, iam com o rei as duas infantas, sobre as quaes circulavam boatos desencontrados. Dizia-se que a ex-regente Isabel-Maria andava presa por constitucional, e que D. Miguel positivamente lhe batia; dizia-se mais que por vezes tentara fugir, celebrando-se ao mesmo tempo a fidelidade de D. Maria da Assumpção que o irmão favorecia com um affecto particular. (Noddes, *Nova*.) A cavallo toda a viagem, o rei ia seguido pelas infantas em liteiras suspensas em machos, á moda do tempo, e os pagens e creados encerravam o prestito. Os conventos abriam-se festivos á passagem dos viajantes e as aldeias vinham aos camiuhos saudar o precioso penhor dos destinos da patria. Idolatrado, como um archanjo, D. Miguel encavava as mulheres, os velhos curvavam-se para lhe beijar a mão, e as crianças com a imaginação viva julgavam assistir á visita de um ser superior. Toda a antiga magestade, todo o velho amor pelos reis, se concentravam agora na cabeça do ultimo d'elles.

Com quatro dias de jornada, a 20, estava em Coimbra onde quiz vêr Affonso Henriques. Era o adeus do derradeiro monarcha, ao primeiro o fundador da monarchia. Essa entrevista é symbolica: o fim de uma historia de seculos. . . A viagem seguia

triste pelos campos amarellos do outomno. Apesar do enthusiasmo das populações, sentia-se que as folhas caíam, e tudo se approximava do fim. As proprias vozes que rugiam colericas nos pulpitos, pareciam arrancos de moribundos epilepticos. Tanto se agonisa em paz como em delirio!

O rei ficou por nove dias em Coimbra e d'ahi seguiu directo a Braga, onde o clero e o povo lhe prepararam uma entrada triumphal: os de Santo-Thyrso, cujo convento estava em galas para e receber, arrumaram tudo melancolicamente, porque D. Miguel não parou lá. (Rodges, Narr.)

O furor de D. Miguel, ao saber do resultado do seu dia, passára, deixando n'elle e em todos um abatimento pesado. Estavam já distantes de Lisboa, proximos do Porto -- a chaga do reino, que o devorava. Uma ruina total se sentia já, e Portugal, mendigo desde 20, via-se reduzido á ultima penuria. Os rendimentos do Tabaco e da Decima andavam desde 1823 hypothecados ao emprestimo da *Pocira*; as Sete-casas ao banco de Lisboa; os direitos do Chá e da Uzella ao emprestimo de 30. Descontara-se por dois annos o rendimento livre da alfandega de Lisboa (Sorianzo, *Cron*) que só dava cem mil reis por dia. O Deposito-publico vasára-se. Nos tribunacs, tudo parado: havia desembargador que não tirava de emolumentos mais de um tostão por semana. Os funcionarios não cobravam havia tres annos, e no exercito os soldos dos officiaes tinham o atrazo de dez mezes, o pret dos soldados de tres a cinco. Os reformados e pensionistas desde 27 que nada recebiam do Thesouro. Os titulos da divida publica offerceiam-se a 5 em papel, e nin-

quem os queria; os recibos andavam a 9, os soldos a 10 por cento. Os padrões de juro valiam nada, e as apolices do empréstimo forçado tinham dois compradores apenas. (Monteiro, *Mil.*) Que importava contar oitenta mil homens o exercito, se não havia com que o pagar? Os fornecimentos faziam-se por meio de embargos nos generos, compellindo-se os donos a dar voluntariamente. Os fardamentos obtinham-se por derramas entre os alfaiates, fanqueiros e capellistas. (Soziano, *Circo*)

E pensa alguém que d'esta miseria, d'estes vexames, resultava a condemnação do rei? Pelo contrario. Vinha d'ahi a condemnação de D. Pedro, o causador de todos esses males, o genio diabolico mandado por Deus para provar o seu povo. D. Miguel passava da condição de heroe á de martyr: era um Job, a quem o Senhor perseguia. Erguiam-no sobre os altares, nas egrejas; cantavam-lhe missas, como no Bom-Successo, (*Gazeta*, nov. 1) para que triumphasse dos inimigos contra que marchára; e parochos nas suas freguezias davam por bilhete de confissão um papelinho que dizia assim: « Isabel, rainha de Portugal, livra o teu reino dos impios pedreiros, e conheça o mundo que o teu neto Miguel está sob a tua protecção ». (Monteiro, *Mil.*) Um grande dó, um immenso amor, involviam a pessoa do rei, cuja triste sorte lamentavam todos, mais do que a propria. Trinta annos depois, ainda perante o seu retrato havia quem chorasse de amorosa pena. O sentimento de encanto e esperanza mystica que o povo deu a D. Sebastião, reaparecia agora a favor de D. Miguel.

Mas já essa esperanza perdera, conforme dissemos, o primitivo character de uma força: a conscien-

cia do fim apparecia vagamente nas accusações de traidores que o povo fazia aos chefes, e que os magnatas jogavam entre si; apparecia nos multiformes symptomas de miseria e anarchia, no abatimento da colera do governo e do rei — que já promettiam amnistias, chamando a si os liberaes e offerecendo-lhes perdão, (*Soriano, Cerco*) a exemplo do que D. Pedro vicia fazendo desde o começo.

Esta força que fugia ao miguelismo não era porém ganha pelo inimigo, que apenas lucrava não ser desalojado do Porto. Os dias das maiores affeições liberaes não tinham chegado ainda. O reino começava a reconhecer infallivel a morte; mas, resignado a ella, preferia-a a converter-se á impiedade. Se o resultado do dia de S. Miguel fôra funesto para um dos exercitos, no outro, apesar da victoria, a fraqueza ou a incapacidade eram tantas que deixaram perder de todo a occasião, não aproveitando do torpôr de que por duas semanas o inimigo pareceu atacado. Só a 11 recommençou o bombardeio, e a 13 14 deram-se duas investidas vans contra a serra do Pilar. N'esse intervallo os cercados nada fizeram; apenas D. Pedro, ou o governo, continuavam a imprimir proclamações, chamando os soldados miguelistas para os «seus braços de paz». (*Chron. Const.*) E entretanto, quando mais não fosse, urgia limpar de inimigos a margem esquerda: era o meio de manter livre a estrada da Foz e de conquistar o thesouro dos vinhos, perdido pelos escrúpulos de Mousinho — esse thesouro, garantia unica e indispensavel dos supprimentos de dinheiro obtidos em Londres. Já no fim do mez, quando o ardor miguelista renasceu, foi forçoso passar mais de uma vez o rio, sob o fogo das baterias inimigas, e pagar com sangue e vidas algumas centenas de pipas. (*Soriano, Cerco*)

A substituição de Teixeira—desacreditado pelo resultado do dia 29 e cujo chefe de estado-maior era accusado de connivencia com o inimigo (s. *Parauix, Camp.*)—e a vinda de Santa-Martha, imprimiam um novo aspecto ás operações. Abandonado o plano de um assalto geral, tratou-se de tornar effectivo o cerco, fechando a barra e fatigando os sitiados com assaltos parciaes repetidos.

Quatro divisões compunham o exercito sitiante. A primeira, do commando de Lemos, abrangia a margem esquerda, desde Avintes até á Foz; completando-se o systema das baterias anteriores com as que varriam o rio e a barra,—Furada, S. Payo, Pedra-do-Cão, e por fim o posto do Cabello d'onde os navios eram varados a tiro de espingarda. Para defender o caminho marginal, batido assim em toda a sua extensão, D. Pedro levantou, fronteiras, as baterias successivas do co-nego-Teixeira (Lordello), do Bicalho, da Arrabida, do Ouro. A barra podia dizer-se fechada, mas isso não impedia que os desembarques se fizessem pelo norte, na praia, ao abrigo da artilheria do castello e do forte da Luz. Ainda o inimigo não comprehendera que, do lado opposto, pelos pinhaes das encostas occidentaes do Porto, é que a cidade podia ser isolada do mar; e só no decurso do inverno, já em 33, vieram a levantar-se as posições de Serralves, da Ervilla, do Crasto, destinadas a um fim scrodio—que deveria ter sido o primeiro acto do cerco.

Telles-Jordão era o commandante da divisão que investia a cidade por occidente, tendo o seu quartel-general em Custeias, estendendo as suas forças desde Ramalde até á Infesta pela linha que já conhecemos. Moraes-Sarmento mandava desde a estrada de Braga até á de Vallongo; e por fim Gue-

des d'ahi até ao rio, no theatro do assalto do dia de S. Miguel.

3. — D. PEDRO, GENERAL DE INVERNO

Depois de Souto-Redondo, Villa-flôr ficara inteiramente posto de parte, desacreditado: fizeram-no pois duque (da Terceira), promettendo-lhe 100 contos que se obteriam da venda dos bens nacionaes, e desonerando-o do commando que o regente chamou a si. Ninguem, contudo, confiava já nas capacidades militares do principe — tão bom soldado! depois da intima convivencia de quasi meio anno de guerra. É elle em pessoa, D. Pedro, com a sua vaidade amarrotada, não se atrevia a impôr-se: tomava o bastão de general só emquanto se não preenchesse o lugar vago. De toda a gente reunida não apparecia um unico em termos. O partido liberal que era um exercito, a empreza que era uma campanha, viam-se de tal modo decapitados? Não; para além dos conselhos de aulicos, já batidos nas esperanças egoistas, estava um homem cujo nome lembrava a todos — Saldanha. Agora que se tratava da salvagão e não já da victoria, o general que não serviria para com elles partilhar o despojo, convinha para os livrar da situação dura em que se achavam. Houve quem tivesse a coragem de pronunciar o nome do proscripto pelos proscriptos, e viu-se D. Pedro e Palmella annuirem ao convite: tanta era a miseria a que se achavam reduzidos! A' vinda de Saldanha com os seus, D. Pedro poz uma reserva apenas: a exclusão de Pizarro, seu inimigo pessoal. *(Soriano, Ceres)*

Teria finalmente a causa um chefe popular e querido, uma espada recommendada pelo prestigio de muitas victorias? Confessando os seus erros e

fraquezas, os cortezãos entregavam-se com sinceridade áquelle de quem, intimamente, só podiam esperar a salvação? Não; não havia decisão, nem coragem para tanto. Consentiam na volta de Saldanha: bastava isso. Quanto a entregar-lhe o commando, não, porque era perigoso. «Saldanha á frente da canalha é peor do que D. Miguel á frente dos Silveiras.»

Esse dito, já velho de quatro annos, exprimia ainda a verdade das opiniões? Sim. Mas a dureza da sorte obrigára a escrupulisar menos na escolha dos meios. Já se tolerava a idéa de que Saldanha viesse, mas não se concebia ainda que se lhe entregasse o commando, como veio a succeder. A reputação perigosa que o general ganhára no periodo de 28 9 tornava-o suspeito; e os planos que, exilado, urdia em Paris não o congraçavam com a gente do Porto. Tramava uma expedição sua, fiando-se n'um aventureiro francez que lhe promettia dez mil homens com os quaes viria desembarcar na Figueira ou em Peniche. «Folgo de que tão extravagante plano não seja para temer, dizia para o Porto Abreu Lima (1841), pois não dispõem dos meios necessarios para o executar».

Iria pois confiar-se a Saldanha o commando? Não. Assim como os soldados mercenarios tinham sido preferidos aos saldanhistas, assim tambem um general estrangeiro era mais commodo do que o nosso temerario capitão: pagava-se-lhe, e não havia a temer que transtornasse as combinações em que se teimava em esperar ainda.

Palmella voltou para Inglaterra a fim de vêr se obtinha as tres cousas de que se carecia: dinheiro, qualquer convenio, e um general: Essa procura de um commandante durava já desde agosto; tinha-se batido a varias portas: Excelmans, Lallemant,

Romarino, por fim Evans. Falharam todos; falhou a legião polaca pedida ao príncipe de Czartoryski. D'este montão de ruínas, veio apenas a sair um farrapo estragado dos velhos exercitos napoleonicos — Solignac.

Quanto a dinheiro, falharam os projectos de empréstimos com Baring, com Goldsmith, com Ricardo, o banqueiro economista. A penúria crescia todos os dias: em agosto, na sua viagem anterior, Palmella pedia á imperatriz que visse se podia obter uma esmola do rei de França; e escrevia a D. Francisco de Almeida para que instasse por um subsidio dos fundos secretos do ministerio francez. «Aquelle dos dois partidos que tiver meios pecuniarios para durar mais, dizia, hade vencer o outro». Mendizabal e os do empréstimo iam *pingando algum dinheiro*. (*Desp. e Corr.* 23, 31 agosto) De volta ao Porto, Palmella escrevia para Londres a Abreu Lima que era já de todo impossivel «obter um vintem por meio de letras» (C. Carneira, *Corr. off.* 14 set.), e ácerca do empréstimo das seiscentas mil libras exprimia-se assim: «Ninguem póde negar que a lesão é enorme e Portugal fica carregado d'este peso só para salvar a casa Carbonnel», rematando por confessar a necessidade de *ir ás algibeiras* dos negociantes da praça. (*Ibid.* 5 nov.) Em taes apuros saíra para Londres, onde não obteve o exito da commissão.

Não foi mais feliz o embaixador no outro objecto da sua viagem de novembro. Os gabinetes liberaes, já bem informados do estado de Portugal e da capacidade de D. Pedro, só admittiam a hypothese da intervenção sobre a base da saída do príncipe, creando-se uma regencia confiada á infanta D. Isabel-Maria durante a menoridade da rainha constitucional. Palmella, e Mousinho de Albuquerque que o acompanhava, annuíram, vindo ao Porto Straf-

ford-Canning com as bases do accordo anglo-franco-hespanhol. (Hodges; Soriano, *Cerejo*) Pobre D. Pedro, que se propozera a conquistar o throno da filha, e cuja exclusão era agora exigida para erguer esse throno! Uma a uma, no correr do anno, desde janeiro até dezembro, as esperanças tinham brotado primeiro com o florir das arvores, desde Belle-Isle até S. Miguel, até ao Porto, — para caírem mirradas n'um triste outomno, e agora n'um inverno frio serem assim pisadas podres sobre o chão enlameado. Nem heroe, nem rei, nem general, e já proscripto. . .

Se, como se diz (Hodges, *Narr.*), a viagem de Palmella, além de ter por motivo as necessidades urgentes, se fundava tambem no embaraço que a sua superioridade fria levantava nos conselhos do regente, nada podia servir melhor os desejos do que a combinação por elle feita — uma combinação que permittia chamar-se-lhe abertamente traidor e expulsal-o do governo. Com a recusa do seu plano, Palmella caiu n'uma positiva desgraça, e demittiu-se do ministerio (janeiro de 33).

Santa-Martha, fechando a barra, levantando os fortes que iam bater a Foz, e o inverno batendo a costa com os seus temporaes, eram tambem motivo da crise. Decididamente, os escrúpulos de Mousinho da Silveira prejudicavam a causa; e as suas esperanças na acção das leis revolucionarias provavam chimeras. Não havia um real; o exercito era pago com vales, (Soriano, *Cerejo*) e não se boliria na propriedade, quando se morria de fome? Mousinho saíu pois: era o fundo da carga de esperanças trazidas de fóra que se alijava ao mar! Eram os conselhos da sabedoria pratica victoriosos. Dupin em

Paris dissera-o claramente: «o primeiro passo que D. Pedro devia dar era deitar fóra do seu conselho o ministerio que extinguiu os dizimos e praticara mil outros actos criminosos, ou estúpidos». (*Disp. e Corr. do Palm. 2 do set.*) Para a Fazenda entrou em dezembro José da Silva Carvalho, homem moderno, sem escrúpulos nem chimeras. Era em tudo o contrario do predecessor. Affável, delicado, facil, promettedor, em vez de excentrico e rude; homem-de-negocios, em vez de philosopho; superficial e ignorante, em vez de sabedor e profundo; chefe de uma numerosa clientela de apaniguados (*Hontem, hoje, e amanhã, op. anon.*), em vez de solitario e stoico architecto de systemas.

Em vão se tinham accete as duras condições do empréstimo das seiscentas mil libras; em vão se baixavam os direitos, franqueando a cabotagem a todas as bandeiras: o trigo valia já a 1\$500 o alqueire e a carne a 200 rs. o arratel; já havia numerosos roubos e uma positiva anarchia dentro do Porto. (*Soriano, Cerco*) Os comestiveis desembarcavam sob o fogo das baterias da margem esquerda: baltava-se pelo arroz, pela farinha, pelo bacalhau que ainda podiam vir de fóra. (*ibid.*) Em taes condições, os escrúpulos do jurista eram, sem duvida, erros, porque no systema das suas idéas faltava a da salvação-publica — primeira e eminente na hora da crise. O novo ministro inaugurou com franqueza a tyrania fiscal. O deposito publico deu 35 contos, 32 um empréstimo forçado. Ia-se indo ás algibeiras dos negociantes — como dizia Palmella. De Lisboa o Quintella mandou 45:000 libras, das quaes metade foi para Londres para a commissão dos aprestos: a outra ficou. Venderam-se a 25, pela quarta parte, 100:000 lbs. dos *bonds* do empréstimo Palmella (*Soriano, Cerco*), e assim se occorreu ás ur-

gencias internas e ao clamor dos inglezes, cródores por munições e soldados remettidos. A rapacidade do novo ministro exprimia, no governo, a absoluta penuria de toda a gente: arrancavam-se as lages e sobrados, em busca de mealheiros escondidos. E por cima das afflicções vinham os odios declarados a Palmella, que nada fazia em Londres senão vender-nos: nem obtinha dinheiro, nem uma intervenção salvadora. (*Ibid.*)

E sem uma e outra cousa, era fóra de duvida que nada se conseguiria senão morrer, mais ou menos lentamente. O exercito só crescia com os mercenarios estrangeiros que a commissão de Londres enviava, e com o que dentro da cidade podia arrebatar se. Tudo estava armado, até ás creanças de 12 a 15 annos, e projectava-se formar um corpo de vivandeiras. D'esse modo, em novembro attingia-se um effectivo de 12:581 praças (*Soriano, Cerco*) das quaes só tres quartas partes seriam, talvez, seriamente combatentes. ¹ E com a fortificação da retaguarda da Foz pelo inimigo (*Serralves, Ervilha, Crasto*), a linha de defeza crescia quasi outro tanto.

Os mercenarios punham dentro do Porto mais um elemento de anarchia. Rebellavam-se por não serem pagos; e o atroz vicio celta da embriaguez tomava proporções assustadoras, n'uma cidade cer-

¹ Hojós (*Narr.*) avalia assim as forças combatentes em novembro :

Regimentos de infantaria de linha e caçadores...	4:550 h.
Voluntarios do Porto, Villa-nova e Foz.....	2:290 "
Mercenarios inglezes, francezes, etc.....	1:350 "
Nos hospitacs.....	985
	<u>9:086 "</u>

Des quaes, no todo, 1:600 estrangeiros, incluindo os lanceiros de Bacon.

cada onde só era abundante o vinho capitoso do Douro. Os soldados indisciplinados vendiam pelas ruas o correame, as armas e o fardamento, chegando as cousas a ponto de ser forçoso mandar embarcar mais de duzentos, depois de tumultos e desordens serias. (Sociano, *Corr.*) Os officiaes não podiam com elles; chamavam-lhes canalha; e os bebados, regougando, respondiam: «É verdade, bem verdade, se o não fossemos não estariamos aqui!» (Hodges, *Narr.*) Eram o refugo da corrupção das cidades, a espuma das ruas — que vinha do norte, para alimento do canhão miguealista.

Nos officiaes, os defeitos eram outros — espuma lançada pela vida da bohemia romantica e militar. Eram aventureiros, como Cochrane, Sadler, Doyle, Murat, que se propunham todos *salvar* a liberdade e D. Pedro, e vinham por sua conta e risco embarcar ao Porto, exigindo commandos que se lhes davam, esperando embolsar bastante com o futuro saque inevitavel do reino (Sociano, *Corr.*). «O Cochrane e o Doyle, escrevia Palmella, foram dois demonios que nos vieram e que me têm feito endoidecer.» (Desp. e *Corr.* 11 set.) Hodges, Shaw, Burrell que morrera no dia de S. Miguel, Bacon o organisador dos lanceiros, serviam com firmeza e seriedade; mas o numero dos excetricos era grande, e alguns d'elles conseguiam captivar os simples, contando façanhas, allegando talentos. Doyle, excetrico inglez quixotesco, trouxera vinte homens, mas promettia milhares que nunca vinham; era favorito de D. Pedro que o fizera seu ajudante; era uma especie de bobo dos inglezes que se divertiam com a sua excetricidade, com o seu *humour*, a sua *drollery*: propunha-se a commandar em chefe o exercito, ou pelo menos a ser o immediato (Hodges, *Narr.*). Aos francezes, Murat contava as façanhas do

tio de Nápoles, e vestindo-se á moda de Napoleão, com o chapéu historico, enthusiasmava os soldados com a farda (*ibid.*).

O conjuncto das cousas tristes era tal que a desesperança ganhava todos, conformando-se uns com a morte infallivel, appellando os bravos, como Sá-Nogueira, para outra aventura, novo e decisivo acto de audacia desesperada, — uma expedição armada ao sul do reino, desembarcando em Sagres. Sem plano, desorientado, D. Pedro annuia a tudo. A esquadra serviria ao menos para isso. Fingira bater-se diante de Lisboa; batera-se mal em frente de Vigo, (11 de outubro) onde, recolhida, consumia o tempo a preparar-se para empresas que não desempenhava. Sá foi a Vigo, mas não pôde convencer Sartorius, porque a bordo havia tanta anarchia como em terra. Era uma completa desordem, uma irrisão, nas faces do almirante incapaz. Elle tinha mandado que os officiaes cortassem as barbas, e um tenente rapou, com as suissos, as sobrancelhas (*miss. Narr.*). A maruja por pagar recusava-se ao trabalho; e os officiaes que desejavam aventuras, prezas, lucros, queixavam-se abertamente da inercia do almirante, chamando-lhe cobarde. Elle não o seria, mas talvez fosse prudente de mais. Derreara a esquadra miguelista, forçando-a a entrar em Lisboa e a deixar livres as aguas do Porto pensando com isso ter feito o que devia. Arriscar os navios em temeridades, era jogar tudo n'uma carta; e se perdesse a vaza, não tirava á sua gente o penhor que restava para o pagamento das soldadas em divida?

Sá-da-Bandeira regressou ao Porto, afflicto. A esperanza de uma expedição tinha de pôr-se de lado. A esquadra para nada servia!

Entretanto a crueza do cerco augmentava cada vez mais. Santa-Martha encerrava sabiamente o Porto n'um cinto de baluartes erriçados de artilheria. O canhoneio era incessante; as noutes, vigílias; os dias, angustias. Faltava tudo, — porque por terra não havia comunicação possível, e por mar tratava-se no meio de surriadas de balas. As abruptas encostas do Douro, tão visinhas que ás vezes parece estrangularem o rio, outras vezes parece estarem a ponto de cair para o entulhar; essas vertentes rapidas e tão proximas, que de lado a lado nos vemos como que indo a abraçar-nos, levantavam-se crivadas de sentinellas, mosqueadas de canhões e obuzes. Troava a polvora sem cessar, e o estalar rapido dos mosquetos misturava-se com o largo som da artilheria. Fronteiras as sentinellas inimigas trocavam entre si chufas, de Val-de-Piedade para Miragaya: — O' carcondas! ó caipiras! — E o miguelista respondia: O' malhado! o teu rei, n'uma cadeira, vê o reino inteiro! — E' certo, mas vocês andam á volta d'elle ha nove mezes sem chegar á capital! — Desgraçados! nem padres tendes que vos confessem! — Padres não faltam: mandanos um boi, damos-te um padre! (*Seriano, Certo*) Desde o meiado de outubro até ao fim de dezembro, o furor do bombardeio attingiu o maximo; e por varias vezes o Porto ardeu, na Alfandega, no convento de S. Domingos. As noutes seguiam tremendas, com o céu constellado de estrellas errantes portadoras de morte. Havia typhos, e a fome era já tanta que os soldados de Shaw saiam a caçar os cães que vinham cevar-se nos cadaveres, — para os venderem a libra ás casas de pasto. Havia frio sem lenha: uma vidraça de janella vendia-se por 3\$000 rs. (*Shaw, Mem.*)

Era uma luta desesperada e terrivel, a que a na-

tureza dava um aspecto funebre. Sem as vastas linhas de exercitos na planicie, sitiando uma cidade chan, em operações complicadas de assaltos e sortidas; sem o caracter de uma luminosa tragedia, a guerra do Porto, dispersa pelas anfractuozidades de um terreno cortado, era uma serie de pequenos duellos terriveis, deshumanos, atormentados como o chão em que se feriam. E por sobre o melodrama pairava um céu invernoso, pardo de nuvens, molhado de aguaceiros; pairava a sombra de uma fatalidade arrastando os dois inimigos para a cova de uma nação.

Era inverno e frio, na natureza e nos espiritos. A última folha que restava ainda da arvore das illusões de D. Pedro caiu. Tomára o bastão do commando; mas sem poder com elle, arrastava a sua gente a emprezas tristes, em que nem o general, nem ninguem, punha a minima esperanza — só os que iam a certeza de não voltarem todos. . . Assim em sortidas consumiu D. Pedro novembro e dezembro, sem ganhar um palmo de terreno, conseguindo apenas acabar de perder-se de todo.

Agora as esperanças voltavam-se para Solignac, para Saldanha, que vinham de viagem.

4. — SALDANHA E A CHOLERA

O general francez encomendado chegou no primeiro dia do anno de 33. Era um velho de 62 annos. Trazia consigo 550 homens: belgas, francezes, escocezes; e da Terceira tinham chegado mais 200. Assim se iam preenchendo as vagas que as infelizes sortidas de D. Pedro tinham feito nos dois mezes anteriores. Solignac opinou por uma campanha defensiva, condemnando a um tempo as sortidas e o plano já discutido da expedição ao

sul do reino. Mas, para que os liberaes podessem manter-se no Porto, era mister emendar um velho erro, fortificando as eminencias que defendem o caminho da Foz, e pondo esse pedaço de praia, onde se faziam os desembarques, ao abrigo da artilheria inimiga.

Tal foi o motivo da acção de 24 de janeiro que era o exame de habilitação do general francez. A esquadra, por mar, devia bater e calar o forte do Queijo, sobre a praia, a quasi dois kilometros, — protegendo com a sua artilheria as operações do assalto ao morro do Crasto, fronteiro á Luz, a cavalleiro da praia. Occupada essa posição essencial do flanco miguclista, varrer-se-hia de inimigos a costa, deixando livres as communicações com o mar. Na manhã de 24 saiu, pois, do Porto, Salignac em pessoa, pela estrada do Lordello, direito ao theatro da acção. Ordenara que outra columna cooperasse com elle, atacando pela estrada de Mathosinhos; pondo assim o inimigo entre dois fogos, e seguro do apoio da esquadra, contava com a victoria.

Em lugar de vencer, porém, retirou furioso, depois de perder o dia inteiro batendo-se e esperando em vão o exito dos cooperadores. A esquadra, com effeito, em vez de calar os fortes, calou-se a si e amarou. A columna de Mathosinhos não chegara a sair, porque D. Pedro assim o mandou. (*Sartano, Cerco*) Logo que surgia um vislumbre de esperanza, vinha com elle um rebento de vaidade no coração do principe, que só perante a desgraça formal podia ser forte.

O dia 24 assegurava os miguclistas nas suas posições do litoral, mostrando-lhes claramente o valor d'ellas. O theatro da guerra, que inconsideradamente tinham posto a principio na face opposta

da cidade, transferia-se, n'este ultimo periodo do cerco, para onde sempre devera tor estado. Para os liberaes, o dia 24 foi um motivo novo de desesperança: viam em D. Pedro um importante que se mettia onde o não chamavam, perdendo tudo com as suas pretensões. Sartorius era um poltrão, a esquadra coisa nenhuma, e por fim Solignac—ultima tabua de salvação! afogava-se n'um clamor de chufas e condemnações unanimes. O inimigo ficara-lhe chamando o Batata, os liberaes chamavam-lhe o Solinhas. (J. Liberato, *Annuaire*) Varrida esta esperança, que restava? — Saldanha.

O general desembarcou a 28, quatro dias depois da acção, em pleno calor das queixas do francez contra D. Pedro a quem publicamente accusava, em pleno descredito do queixoso, em plena grita de Sartorius por dinheiro, em plena confusão e desnorteamento de uma gente que se via perdida, — porque a todo o momento esperava que os miguelistas do Crasto, da Ervilha, de Serralves, avançassem sobre o rio, cortassem de todo o caminho da Foz por onde o Porto respirava, afogando-o por uma vez. Os miguelistas, porém, em vez de o fazer, demoraram-se a fortificar-se: havia de ambos os lados a mesma falta de decisão. Quem se atrevia a atacar, era batido; e assim, sem adiantarem um passo, os dois combatentes olhavam-se, olhar-se-hiam, sem chegarem a resultado de especie alguma.

Saldanha desembarcou a 28 e foi hospedar-se á Batalha, no Estanslau. Vinha com elle a sua gente: Cabreira, Stubbs, etc. A revolução penetrava no Porto, e o principe que tanto fizera para a prescrever, era forçado a pedir-lhe soccorro. Ha maior

prova do abatimento a que descera? O ministerio, entretanto, ou D. Pedro em pessoa, não queria que essa entrada fosse um triumpho: cuidadosamente prohibiu todas as manifestações de regosijo. Nem um foguete, nem um viva! — que esses ruidos seriam outros tantos clamores de accusação, outros tantos gritos sediciosos. Já o Porto estava dividido em *pretorianos* e *demagogos* (Soriano, *Cerco*; Mattos, *Mem. da comp.*), e Solignac, pelo modo com que acolheu Saldanha, caiu de todo no conceito dos primeiros. Os pasquins diziam:

Que tem feito Solignac?
Brigadeiro a Schwalbach!

Os do paço atiravam por escarnço aos oppugnadores da regencia com o epitheto de sectarios do *rei-mulher* — porque effectivamente não tinham um homem de sangue real para oppôr a D. Pedro, n'uma regencia indispensavel, pois D. Maria II era uma creança; nem tinham a opinião nem a coragem para prescindirem de principes. A confiança que punham nas formulas constitucionaes impedia-os de serem republicanos. Saldanha chegava, assim, como inimigo, — pela força das cousas, contra vontade dos que lá estavam e mandavam. D. Pedro recebeu-o com a maxima frieza e um despeito visivel que não sabia encobrir. E, ou fosse medo, calculo, ou verdade, o facto é que o general dizia receiar ser assassinado e tomava precauções. Sabia ou cuidava, que já em 29, em Paris, havia ordens positivas de Palmella e seus amigos para impedir que elle partisse para a Terceira, *por qualquer modo que fosse.* (J. Liberato, *Mem.*)

Com a chegada do novo reforço *demagogo*, reconstituíram-se os commandos militares, creando-se

tres divisões, confiadas a Terceira, a Stubbs, e a Saldanha. A terceira, que conhera ao ultimo, era justamente aquella para onde todos os nihares se voltavam agora: era o flanco occidental da linha, fronteiro ás posições de Serralves, da Ervilha e do Crasto, mal defendido, ameaçado de um ataque imminente, entre Lordello e o castello da Foz. O general viu, e remediou o erro com uma audacia corajosa, talvez salvadora. Em frente de Serralves, a meio tiro de espingarda, avançou a bateria do Pinheiro; em frente da Ervilha, o reducto do Pinhal; em frente do Crasto, já existia o forte da Luz; e entre a Ervilha e Serralves, metten nas barbas do inimigo o reducto do Pastelleiro, com a flexa avançada que se chamou dos Mortos — pois raros escapavam d'ahi com vida. A estrada da Foz estava defendida por linn; e para além da antiga linha do Bom-Successo a Lordello, sobre o rio, havia um cordão de fortificações intomaveis, de Francos ao forte da Luz, sobre a costa. Tão audaz como astuto, Saldanha alliava a uma bravura que enchia de ardor o soldado, uma arte que lhe dava confiança nos recursos do general. Artilhou n'um instante os seus fortes; e quando o inimigo avançou para destruir as obras que suppunha apenas começadas, elle deixou-o vir, confiado; e assim que o teve á bocca das pegas mascaradas, varrou-o, crivou-o de metralha. (Soriano, *Citico*)

Absorvido pela defeza da zona essencial que lhe fôra confiada, Saldanha raras vezes deixava o campo. «Fui hontem ao Porto, escrevia para Londres a Pizarro, a aviar cousas que ahi tinha que fazer; passei pelo quartel imperial, mas não entrei: fui pedir de jantar aos Passos. São boa gente;

com elles me quero eu, e não com os aulicos do quartel imperial».

Já, com effeito, os Passos, com a cabeça cheia de ingenuidade e doutrinas, estavam no Porto mais toda a comitiva dissidente. Desde 23 que em Coimbra, no *Amigo do Povo*, defendiam a constituição antiga; e sem cessar impugnavam depois as formulas preferidas por D. Pedro na sua CARTA: queriam uma só camara e negação do veto ao rei, — afastando-se n'isto de muitos dos velhos jacobinos, já conformados com as ultimas novidades francezas.

Isso, contudo, era nada perante a onda de combinações e doutrinas que ferviam na caldeira do Porto, levada á ebulição pela fome, pela guerra, pela anarchia, pela intriga, pela incapacidade dos chefes, pela desesperança e insubordinação dos soldados. A intriga, — «essa é que é a verdadeira molestia nacional, a peste portugueza que nos hade matar a todos», dizia Palmella (*D. e Corr.* 31 março 38) — a intriga encontrava novo pasto na doutrina. Os systemas, os planos eram tantos como as cabeças; e o frio Palmella tinha tido razão em não querer arregimentar os apostolos. O Porto, um baluarte, era agora um club. Faltava a praga da politica para mais perder os desgraçados: vinha o ultimo symptoma morbido declarar-se. As doutrinas, as sympathias, os despeitos; os pontos-de-vista dynasticos, pessoases, theoreticos, militares, davam lugar a um oceano de combinações, a um diluvio de extravagancias. Uns queriam a CARTA com duas camaras, D. Pedro regente e um general portuguez; outros não queriam Solignac, mas tampouco Pares; outros não os queriam, nem a D. Pedro como regente — nem Pedro, nem Pares! Uns eram pelo principe, outros por Saldanha. Havia o governo, que queria tudo como estava, me-

nos Solignac; e havia os partidarios d'este que chamavam tolos aos ministros. Havia os moderados que exigiam perdões e esperavam a protecção da Inglaterra; e havia ainda quem quizesse que a sobrinha cazasse com o tio. Havia ultras que reclamavam chicaras-de-café para toda a familia real; havia ibericos, sonhando uns uma federação republicana, e outros um imperio com D. Pedro por Napoleão. (Seriano, *Cerco*; Monteiro, *Hist.*; Supp. ao *Pyritampo*, etc.)

E se ainda no meio d'esta babel de partidos houvesse alguem, alguma cousa digna de credito e possuidora de força, a epidemia politica valeria pouco. Mas não. Cada vez mais, D. Pedro e o governo baixavam; e os proprios que lhes obedeciam, faziam-no com frieza e unicamente por necessidade. O regente caíra constantemente. Desde o dia em que tomara posse do cargo, sem terminar a dessoria dos liberaes emigrados, fôra o regente de uma facção, em vez do chefe de um partido. Depois d'isso, de miserias em miserias, o infeliz, amarradas as vaidades, desmanchadas as chimeras, era já um tropeço; e os pamphletos que vinham de fóra, as cartas de Pizarro proscripto, achavam ecco em numerosos espiritos. Reconstruiam a biographia do principe com traços analogos aos que tinham servido para em 28 desenhar D. Miguel. Era um hypoerita. Trahira em 1821 o pae e a patria, para depois querer roubar a Constituição aos brazileiros. Mandara a CARTA a Portugal, porque não podia conservar as duas corôas; e um anno depois atraçoana-a, entregando-nos nas mãos de D. Miguel. Fôra ignominiosamente expulso do Brazil. Em Cherburgo quizera tornar a ser rei de Portugal, mas as potencias não o consentiram. Seduziu e corrompeu então alguns portuguezes sem fé nem character: Mousinho, Xavier, Palmella,

Freire, Miranda, Carvalho, etc. Chegado á Terceira e falhando os planos de aclamação, empolgara a regencia e despedaçara a CARTA, resolvido a «escamotear a sua filha a corôa que lhe cedera». Palmella, «vampiro do thesouro portuguez» e instrumento docil de todos os governos absolutos, diplomata sem genio, militar sem coragem, administrador sem probidade, era o seu braço direito. (*Peite biogr. de Don Pedro*) Isto imprimia-se em francez, — para que a Europa soubesse, senão a verdade toda quanto aos factos, ao menos o estado de anarchia das opiniões, — e depois d'isto estranhava-se que a Europa, apesar de odiar D. Miguel, não se decidisse a soccorrer o Porto. Se elle por suas mãos se pintava com taes côres!

Em portuguez e a respeito de D. Pedro corria muito mais do que o impresso em francez. Chamavam-lhe estrangeiro, capaz de mandar assassinar vilmente os inimigos, réu de quatorze mortes no Brazil, envenenador do Malagueta no Rio; e aos seus ministros chamavam corja, ladrões, ineptos. (*Processo de Pizarro, em 34*) O proscripto inimigo de D. Pedro não causava imprimindo cartas vehementes, onde punha á luz do sol, em termos desapiadadamente portuguezes, a perseguição de que era victima. «Os optimistas e paçudos têm a consciencia vendida por conselhos, lugares na companhia, pastas de polpa». (*Justiça de mouros, Londres, março, 35*) A carta de 5 de junho ao imperador (*Appellação de Pizarro*) vem assignada: «Coronel proscripto sem culpa, sem processo e sem sentença, pelo gabinete constitucional de V. M.» E esta ironia final era precedida de severas expressões de um causticismo acre. «Carta, Direito, Justiça são nomes vão na presença augusta de S. M. o imperador do Brazil. — Uma duzia de perjuros poderam cevar-se na fa-

zenda publica: são os Santilhanas do seu gabinete e privança, os Falstaffs e Panurgos». — E sem duvida alguma, um grande numero dos que seguem o usurpador, allegava, teria abraçado a causa da rainha, se S. M. I. se não tivesse cercado dos homens mais corruptos, banaes e infieis que achou na emigração. — Entre os miguelistas dizia-se tambem — e com maior motivo — que a não ser a corja que cercava D. Miguel, a maxima parte dos liberaes abandonaria o campo, reconheceria o legitimo governo.

Assim, de lado a lado, as desgraças da nação eram attribuidas aos dois irmãos rivaes e aos aulicos de ambos; e a guerra, tomando um character pessoal, perdia o character de uma revolução.

Saldanha contudo, no Porto, com a gente que o seguia, evitava bem ou mal que as cousas perdessem inteiramente a feição politica. Pouco havia, preparando a defeza, D. Pedro tivera o seu mais bello momento. O de Saldanha chegava agora, que afastado do poder e absorvido pela guerra, desenvolvia todas as suas qualidades de soldado peninsular, audaz e habil, — sem que a guerra lhe deixasse desenvolver a sua incapacidade de politico, as suas fraquezas de Cid,¹ bandeando-se á mercê dos caprichos, dos interesses, das exigencias do seu orgulho balofo. A sua vida que demanda a penna de um Lope para ser contada; esse mixto *castellano* de nobreza arrogante e rompantes entumescidos de ostentação theatral e candura ingenua, de simplicidade na grandeza, de lhaneza chan no meio de instinctos aristocraticos, de plebeismo e

¹ V. *Hist. da civilização ibérica* (2.^a ed.) pp. 129-30.

fidalgua, de verdadeira força na acção e positiva fraqueza nas idéas; esse character tão vivo, tão natural, tão peninsular, nas suas inconsequencias e nos seus contrastes, achava agora um momento para ser forte e grande no meio dos soldados que amava. Soldado por natureza e educação, logo que deixava o campo para entrar no gabinete «*tornava-se como criança, commettendo tolices que aos que o não conheciam pareciam iniquidades*». (Stow, Mem.) Tinha então 43 annos: estava na plenitude de uma vida já famosa por uma tradição de victorias. Seductor de aspecto, sincero sempre, mais que affavel, era um camarada além de ser um chefe. Não se poupava, poupavam-no as balas; e a sua face erguida e risonha, que animava o soldado, desafiava o inimigo. De toda a gente constitucional era o unico que o povo percebia; foi o unico homem que conseguiu fazer vibrar no coração nacional um *echo fugitivo* de enthusiasmos passados. Sem idéas nem genio, porém, era supersticioso, como devia ser. Beatamente catholico, não percebia que o liberalismo fosse impio; da mesma fórma que, sem uma forte noção da justiça, não chegava a distinguir bem a linha que separa a rectidão da iniquidade. Como o duque d'Alba, teria levado Roma de assalto, para ir depois pedir perdão e beijar o pé do papa. Como o Cid, não duvidaria — não duvidou! — pôr a sua espada a preço, combatendo sem distincção, pró ou contra, á mercê das circumstancias.

Esses lances deploraveis da sua triste vida de guerrilheiro liberal vêm distantes ainda: agora, na brecha, é mais soldado do que politico, — ainda que isso durará pouco, e em breve o veremos, com a sua ambição irrequieta, tomar sobre si uma intriga para terminar a guerra, e pacificar o reino. Com

Solignac viera para o Porto a cholera; e com Saldanha veio outra epidemia, a politica: as duas molestias tornaram o baluarte um club-hospital de loucos e enfermos. Era então que, no rigor do assedio, os temporaes do mar, fazendo o que Santa-Martha não fizera, vinham pôr cumulo á desgraça. Em fevereiro, a costa tornou-se inaccessivel, e por um mez, ou mais, nem um grão entrou no Porto. A metralha estalava, as granadas listravam o céu, os hospitaes enchiam-se de colericos, as ruas de mendigos famintos, — e ao longe o mar roncava ameaçador, quebrando em escarceus de espuma vagas sobre vagas contra as penedias da praia. Os mercenarios sublevavam-se. As rações do exercito eram reduzidas a metade. O preço dos generos duplicara. Disputavam-se as carnes mortas dos cavallos, os cães, os gatos, os ratos. Um casal de perús valia cinco moedas. Tiritava-se com frio, e não havia lenha; bocejava-se com fome, e não havia pão. Só arroz e assucar, só vinho que endoidecia as cabeças esvaidas. Derrubavam-se casas para lhes queimar as lenhas, e despejavam-se as frascas preciosas para illudir a fome. Organizou-se uma sopa-economica do commercio, que distribuia de 1:000 a 1:500 rações de arroz diarias. E de noite, o rugir do mar, o troar das peças, os meteoros do céu, estonteavam a cidade cujos habitantes recolhidos nos andares inferiores se defendiam das bombardas, casamatando os altos com os colchões dos leitos e camadas de couros crus, horrosamente fetidos. (Soriano, Cerco)

Tanta dureza da sorte azedava por fim o animo taciturno de D. Pedro. Aparecia a crueldade que é a força dos fracos. Nas linhas, um artilheiro vendo entrar numeroso o inimigo engravou a peça, recuou fugindo, — mas envergonhado e arrependido, voltou

para morrer fazendo fogo com a espingarda. D. Pedro e Saldanha tinham visto o caso; e o primeiro deu logo sentença de fusilamento, e o segundo, intervindo, revogou-a, dizendo depois pensativo aos seus: «Que homem nós temos para nos governar!» (J. Liberato, *Ann.*)

5. — A EXPEDIÇÃO DO ALGARVE

No meiado de fevereiro, de parte a parte se chegara á conclusão da impossibilidade de vencer. De ambos os lados os generaes propunham capitulações. Santa-Martha, luctando com a insubordinação e o cansaço do exercito, francamente o disse em conselho e por isso foi substituido no commando pelo conde de S. Lourenço (21). Outrotanto dizia Solignac, dentro do Porto, no dia 14. Não tinha força bastante, com 10 ou 12 mil homens, para atacar os 24 mil que então guarneciam as linhas miguelistas. Saldanha opinava, pois, por uma investida contra a margem esquerda, onde agora o inimigo estava mais fraco; mas então o general em chefe confessou a verdade toda. Os dois mezes de inverno tinham esgotado as munições. Só havia oitenta cartuchos para cada praça, e rações para seis dias. Do arsenal saiam barris de arcia fingindo pólvora, para se não dar a conhecer a penuria. (Scribner, *Cerco*)

De parte a parte se pedia a paz reconhecendo-se a impossibilidade de vencer; mas esta guerra era já um duello de morte, em que nem os odios religiosos nem os caprichos pessoases permittiam capitulações. Os que entibiavam eram banidos; e aos inglezes que insistiam com D. Miguel por uma composição, mandava o rei uma negativa formal. De parte a parte havia a decisão de morrer ou

matar: e de tal modo iam conseguindo matar com effeito uma nação.

Em vez do convenio, os sitiantes com o seu novo general optaram por uma tentativa desesperada, para continuar o que os temporacs tinham feito por dois mezes, mas que terminaria com a primavera: cortar o Porto da Foz. Já as linhas miguelistas tinham attingido o ultimo grau de acabamento. As baterias do Cabedello fusilavam á queima-roupa todo aquelle que tentasse forçar a barra; e novas baterias na praia de Carreiros desciam, desde o temivel morro do Crasto, até ao mar, varejando a praia por onde se faziam os desembarques. Que faltava? Avançar de Serralves, destrahir as fortificações de Saldanha, e descer sobre o rio, a dar a mão em Lordello aos fortes da margem esquerda. Faltava o essencial, o que deveria ter sido a obra do primeiro dia, e que agora, nos ultimos, já se não poderia levar a cabo. Com effeito, o assalto do dia 4 de março foi repellido pela bravura, pela arte de Saldanha que varejou as columnas inimigas com a metralha do Pastelleiro. (Soriano, *Cerejo*)

Depois d'este novo episodio, as cousas continuavam como d'antes: de arma ao hombro, os combatentes olhavam-se, sem poderem vencer. Como o inimigo não conseguia cortar o Porto, e como o tempo abonancara, apesar do tiroteio das baterias litoracs, os desembarques effectuavam-se de baixo de fogo, e a cidade respirava, alimentando-se por esse cordão umbilical da Foz que a prendia á Europa. Os navios de commercio voltavam a pairar ao largo com mantimentos que vendiam por bom preço, e a commissão de Londres mandava munições e mercenários que preenchiam as baixas dos combatentes. Fôra-se a fome, mas ficava e crescia devoradora a cholera. Em 10 de março che-

gavam 300 irlandezes; em fevereiro, ainda, tinham vindo 700 com o coronel Cotter. (Soriano, *Cerco*) O Porto era uma segunda Missolonghi; e se a incapacidade dos chefes impedia que os gabinetes liberaes intervissem, as grossas quantias já empastadas pelos prestamistas forçavam-nos a proseguir na lucta: punham tudo sobre uma carta, e pediam tambem o premio ou a banca-rotta. Por outro lado, a propria incapacidade dos chefes e o seu infortunio eram cousas que sensibilisavam a imaginação romantica, e os olhos da Europa estavam voltados para esse baluarte occidental onde se representava um melodrama commovedor. Os agiotas davam polvora e soldados, o romantismo dava officiaes voluntarios. Disfarçado em lavrador, abordoado a um cajado, os olhos escondidos nos oculos, Mina, o guerrilheiro celebre da liberdade castelhana, veio jomadeando a pé até ao Porto onde tinha muitos amigos, observar. A policia franceza e a hespanhola não o tinham podido colher, nem o pôde D. Pedro que dera ordem para o prenderem. Viera desde Marselha a pé, ao longo da costa, só; visitara Lisboa, e agora no Porto lamentava os erros, deplorava as tolices — chorando a sorte da LIBERDADE, confiada a tão fracas mãos. Considerava tudo perdido! (Hodges, *Narr.*)

Pouca esperança podia haver, com effeito. Se em Braga D. Miguel nada fazia, D. Pedro no Porto não fazia mais. Se a esquadra miguelista, reunida em Lisboa, deixava francas as aguas do Douro para que a cidade podesse municiar-se e resistir: a esquadra de Sartorius, sumida em Vigo, em Bayona, seguia-lhe pontualmente o exemplo. Porque? porque lhe não pagavam; e era toda in-

gleza, mercenaria. Viera a defender a LIBERDADE, mas antes de combater necessitava ser paga, antes das balas queria libras. E reclamava-o de um modo inglez, pratico, positivo. Já se lhe deviam em março nove mezes de soldadas; e o almirante, de Bayona, escrevia cruamente a D. Pedro que se ia embora com os navios — penhor que venderia para se pagar e á sua gente. Houve grande balburdia no conselho. Pagar-se, como? E o inglez faria o que dizia; e perdida a esquadra que era ao menos uma ameaça, viria por mar o miguclista, e acabarse-hia tudo. . . Foi um momento de afflicção cruel. Vasculhados os cofres, só se apurou a metade do que o almirante exigia, e com essa metade e um grave decreto demittindo-o, partiram para Vigo, n'um vapor, Doyle o grotesco favorito do regente, Crosbie que devia tomar o commando da esquadra, e o commissario Bressane Leite com o sacco. Em Vigo, onde a esquadra esperava, houve uma scena singular a bordo da fragata almirante, quando ali se apresentou Doyle com o decreto. O commissario e o seu sacco tinham ficado a bordo do *S. Bernardo*, já guarnecido de marinheiros da esquadra e ambos presos.

Sartorius, furioso, cercado dos seus marinheiros armados, perguntou se o vinham prender; Doyle com a sua cara de padre respondeu que «dependia». Então o almirante rompeu: «Você! um inglez! Eu no seu caso rasgaria o decreto! Atirava-o á cara de D. Pedro!» — E prendeu-o. E tudo isso succedia em nome de Portugal, por conta de portuguezes, em nome da Liberdade e por conta dos liberaes. Sartorius prendeu-o; prendeu Crosbie, apesar dos protestos de Doyle que cedia á força, etc. Mandou buscar o commissario e o sacco. Viu que só havia metade; mas foi-a recebendo por

conta, despedindo o vapor enviado, com cartas para D. Pedro; cartas em que Doyle contava o occorrido, e Sartorius exigia a segunda metade,—sob pena de sair para a costa, ás prezas, ou levar a esquadra para Flossinga e vendel-a. (*Mias, Narr.*)

Pobre D. Pedro, no Porto, quando o vapor chegou! E tudo esgotado, não havia real nos cofres: havia apenas uma cruel bofetada estampada na sua regia face por um capitão inglez! Pobre D. Pedro! Valeram-lhe as artes do seu thesoureiro, capaz de tirar dinheiro dos farrapos de um mendigo. O Porto, haurido já por 400 contos de empréstimos e por muitos mezes de cerco, nada tinha? Tinha, tinha; e havia de o dar. Quem não entrasse com a quota da derrama seria preso, e cada dia de cadeia dobrava a quantia. Assim o Lobo da Reboleira, usurario celebre que se deixou prender para não dar, pagou em vez de dois contos, oito. Por outro lado, Quintella, em Lisboa, a quem já se tinha promettido em paga do empréstimo que fizera antes, doze annos de contracto de tabaco; Quintella não daria mais, para segurar o negocio? Daria, havia de dar; e deu com effeito noventa contos. (*Soriano, Circa*) Para estas cousas não servia Mousinho — já esquecido, no seu canto.

Entretanto D. Pedro — que, n'um impeto, em vez de pagar o que devia, demittira o almirante — abatido e humilde com a resposta d'elle, implorava compaixão, pedia-lhe que ficasse, affirmava-lhe que seria pago. Confiava e com motivo nas artes do seu ministro. De facto o dinheiro foi, a *Chronica* imprimiu o decreto restabelecendo Sartorius no seu posto, e Doyle voltou livre ao Porto. Quando ahi chegou, o excentrico quiz acabar esta farça lugubre com um traço mais burlesco do que os anteriores. Escreveu a Sartorius: «Vossa excel-

lencia me fará o favor de suppôr que foi chicoteado pelo major-general Sir John Miller Doyle. (Mins, *Nov.*) Já o almirante, reintegrado só pro-forma, partia de Vigo para a sua terra; voltando a esquadra ao Porto, a esperar o audaz Napier, futuro heroe contratado em Inglaterra.

Em Vigo terminava assim a sua historia o almirante. No Porto succedia outrotanto a Solignac. Nem portuguezes havia, nem estrangeiros serviam, para dirigir o barco da LIBERDADE. O francez era publicamente apupado no Porto; e Saldanha que no momento de chegar suppozera salvar tudo, não fazia mais do que os precedentes. Já lhe chamavam o general das archotadas; já lançavam em rosto ao velho Stubbs o ter fugido do marquez de Chaves em 27; e a Solignac não poupavam os nomes de fatuo, inepto, tolo, o até ladrão. Era uma positiva desordem, a que D. Pedro, sem credits nem força, não podia pôr cobro. Os radicaes declamavam em permanencia contra o ministerio, accusando-o de todos os erros commettidos, — erros a que chamavam traições e crimes. Positivamente se pedia a queda do governo e a exaltação de Saldanha, que cada vez mais se desenhava como o rival do regente. (Soriano, *Cerco*)

O general em pessoa em tão pequena conta havia D. Pedro e os ministros, e em tanta se tinha a si, que não duvidava negociar uma paz com os generaes miguelistas. Era uma traição? Não era, eu pelo menos nunca Saldanha pensou que o fosse. Era a consequencia natural da opinião em que se tinha e da justa opinião em que tinha o proximo: era o resultado da convicção de uma perda irremediavel. Os miguelistas não podiam bastante, com

os seus quarenta mil homens (mas de tropas bissonhas e indisciplinadas, em grande parte) para levar de assalto o Porto; mas tampouco os liberaes dispunham de meios para romper as linhas sitiantes. Já o proprio *Times* dava a causa de D. Pedro como perdida; já appareciam as deserções, não de officiaes nem por politica, mas de soldados e por fome.

Os inglezes, de fóra, conhecedores das respectivas fraquezas dos combatentes, insistiam com ambos por uma composição que encontrava adherentes no pessoal dos dois partidos. Lemos e Saldanha, comandantes dos dois flancos occidentaes das linhas fronteiras das duas margens do Douro, dispozeram-se a negociar a bordo do *Nautilus*, brigue de guerra inglez fundeado no rio. (Soriano, *Cerco*) Quando D. Pedro o soube, tomado de uma das suas fúrias — tão repetidas n'estes tempos angustia-dos! — decidiu prender o general, exautorar-o, — fusilal-o, quem sabe? Mas que podia o principe, batido por todos os lados, tolerado mais do que amado; o principe que mantinha o seu lugar, já nullo, mais pela força das cousas do que pela propria authoridade? Succeder pois o mesmo que succedera com Sartorius. D. Pedro enguliu a affronta, enviou a cabeça e calou-se. Saldanha podia mais do que elle.

No meio de tão desesperada crise, surgiu de novo a antiga idéa de uma expedição ao sul. D. Miguel deixara desguarnecido todo o reino; inteiro, o exercito estava congregado em volta do Porto; e a esquadra, fundeada no Tejo, no proprio facto da sua inacção provava a sua fraqueza. Um excêntrico marinheiro inglez, Napier, atacado da pai-

xão aventureira e romantica, propozera a Palmella, em Londres, um plano. Com doze vapores carregados de gente entraria uma noite no Tejo e desembarcaria no Terreiro-do-Paço. Esses inglezes, perspicazes na sua excentricidade, e além d'isso estranhos ás nossas idéas nacionaes, comprehendiam-nos melhor do que nós. Viam que se tratava de um tumor volumoso, imponente no seu aspecto, mas por dentro cheio de pús; e em lugar dos emplastos e cataplasmas classicas, propunham o decisivo golpe de bisturi. O tumor portuguez que viera crescendo desde muito, acaso não estaria maduro ainda em 31; mas agora, depois dos trabalhos do cerco, só pedia o ferro do operador. Napier sentia em si coragem para levar a cabo a operação.

A resposta ás propostas do marinheiro foi darem-lhe o commando tirado a Sartorius, e mandarem Rodrigo da Fonseca a Inglaterra para de accordo com Palmella fretar navios e preparar as cousas. (V. *Disp. e Corr. de Palmella*) D. Pedro estava por tudo: e como não havia de estar? Limitava-se a observar que talvez fosse preferivel ir desembarcar nas *bellas praias do Algarve*. (Sorianu, *Cerco*) Era um resto de timidez — e de estylo nacional.

Faltava dinheiro. Já a commissão dos aprestos mandara os ultimos restos: 160 marinheiros e 620 francezes com armamento e cholera. Pensava-se em obrigar Solignac a uma sortida final e decisiva: quando Rodrigo e Palmella mandaram dizer de Inglaterra que o negocio estava feito. Restavam as ultimas 200:000 libras de *bonds* do segundo emprestimo; e desde que Napier aceitava o commando, houve quem as tomasse, sob condição expressa, porém, de não serem consumidas no Porto. Os prestamistas impunham, assim, Napier como tutor a D. Pedro; e Napier impunha-lhe Palmella, a

quem o regente não pudera perdoar o arranjo diplomatico do anno anterior. (V. *Disp. e Corr.*) Além de ambos, vinha Mendizabal em pessoa, vêr como se gastaria o dinheiro dos seus amigos e o seu. (José Liberato, *Memorias*)

Chegaram todos ao Porto, no primeiro de junho. Traziam cinco vapores com obra de 500 homens alistados, entre marinheiros e soldados, inglezes e belgas. O pobre D. Pedro, em cujo nome já cada um fazia o que queria; D. Pedro, forçado a supportar tudo, não podia encobrir o seu despeito. Recebeu Napier e Palmella á porta do seu quarto, com as mãos atraz das costas, e a mesma cara com que recebera Saldanha. (Napier, *Guerra da Succ.*) Via em todos, com razão, os usurpadores do seu poder. (Sorian, *Cerco*) Houve um conselho para resolver o plano da expedição. Uns queriam que o desembarque se effectuasse no Minho, na retaguarda do exercito inimigo, mettendo-o entre dois fogos e aniquilando-o. Napier insistia pelo seu plano de um golpe sobre Lisboa. Esta opinião venceu no conselho; e Solignac demittiu-se, deixando o lugar a Saldanha. Tercera foi nomeado para commandar a divisão que deveria contar cinco mil homens. (ma.) D. Pedro, porém, como teimoso, vencido mas não convencido, embaraçava tudo. Dois dias se iam perdendo em hesitações (9, 10), mas o inglez que não queria desperdiçar o seu tempo, fazia signaes continuos de bordo: vem a tropa, ou não vem? E a tropa não vinha. D. Pedro não desejava ficar abandonado e só, á mercê de um ataque inimigo. A 11, Napier declara positivamente que se a tropa não embarcasse logo, arreava a bandeira e largava para Inglaterra. (Napier, *Guerra da Succ.*) Que remedio havia senão ceder? Começaram os homens a embarcar; mas quando a conta ia em

meio, D. Pedro disse — alto! E ainda queria transformar o plano, sendo forçado a ceder perante a opinião do conselho, já unanime depois das recentes pazes de Palmella e Saldanha. (J. Liberato, *Mém. Caruota, Mem. of Said.*) Apenas conseguiu que só fossem dois mil e quinhentos homens, em vez dos cinco mil promettidos; e por isso se mudou o destino da expedição, de Lisboa para as bellas praias do Algarve!

A 14 tudo estava prompto. Terceira ia como general, Palmella como governador civil dos terrenos que se ganhassem. Napier, almirante, commandava a esquadra: 5 vapores, 3 fragatas, 1 corveta e 1 brigue: dez navios ao todo. Partiram a 21. Com elles, a guerra ia mudar de theatro e de aspecto, e o cerco do Porto, se não terminou logo, pouco mais durou.

IV

A Victoria

1. — O CABO DE S. VICENTE

Com tres dias de viagem bonançosa, a 24, des-embarcaram os expedicionarios em Cacella, proximo a Tavira que logo occuparam sem disparar um tiro. Qual era o segredo de tamanha fortuna? Era o mesmo de Penafiel, no anno anterior. A gente fugira toda, abandonando a cidade, por considerar os invasores hereges e bandidos (*Napier, guerra*), conforme desde muitos annos vinham dizendo o confessorario e o pulpito.

Palmella proclamou. Terceira fortificou-se — principiando a desenhar-se uma situação identica á do anno anterior no Porto. Ninguem adheria, a semente não germinava: isolados, os expedicionarios estavam nas bellas praias do Algarve, como se tinham achado á entrada no Porto.

Xavier de Rezende ficou em Tavira governador, enquanto os chefes iam installar as repartições em Faro. Os papeis de Rezende fallam claro acerca da attitude do Algarve (*Corr. autogr. de 1833 45*). Um bando de mercenarios francezes andava esmolando rações e aclamando a rainha. Da Fuzeta, o juiz pedia providencias: os francezes vêm famintos, não tem que lhes dar, e «teme algum insulto feito por elles ao povo». (*Carta de 28 de junho*) São esses famintos pro-

vavelmente os mesmos que quatro dias depois Mello Breyner avisa de Villa Real « terem entrado em Alcoutim, verificado a acclamação, e deverem partir para Mertola ». (*Carta a Rezende, 3 de julho*) Como receberiam os povos tão singulares missionarios?

« O espirito dos habitantes d'esta cidade, diz o governador de Tavira para Faro, continúa a ser o peor possível: ha entre os rebeldes tres corpos pertencentes a esta cidade e as ordenanças ainda não entregaram as armas, como lhes foi ordenado ». (*Off. de Rezende, 5 de julho*) « Tenho visto que estou em paiz inimigo ». (*Ibid.*)

Crear batallhões, armar *voluntarios*, eis a suprema ambição: mas de que modo, se todos fugiam? De Ólhão, o juiz de fóra diz que nada se obterá *sem se empregar alguma coacção*. (*Off. de 4 de julho*) Em Tavira passava outro tanto: só á força de promessas e rações « para ver se, como pobres e miseraveis que são, isto os anima » (*Off. de Rezende para Faro, em 7*) o governador obtinha — o que? 45 homens! De que especie? « Huma grande parte de empregados publicos a quem eu fiz ver que perderiam os seus lugares se não se alistassem, e outra de homens de idade ou incapazes de pertencerem aos batallhões ». (*Ibid.*) Eis ahí o resultado de todos os esforços! Eis ahí a adhesão do sul do reino!

Terceira avançou até Messines, á raiz da serra, perplexo, indeciso, sem plano formado, nem segura confiança. ¹ (*Soziano, Cerca*) A guarnição miguellista da

¹ Eis uma carta de Palmella a Rezende, que ficara em Tavira:

«III.^{mo} sr. João Xavier de Moraes Rezende.

Faro, 1.^o de Julho de 1833.

«Tenho a satisfação de lhe participar que hoje recebi cartas do duque da Terceira escriptas hontem ás 7oras (sic) da tarde de S. Bartholomea de Messines d'onde os rebeldes se haviam retirado na vespera na direcção de S.^{ta} Clara deixando a sua artilheria de campanha, muitas muni-

provincia, sob o commando de Mollelos, batera em retirada perante a invasão, por não contar sufficiente força para a impedir: todo o exercito estava no Porto e na capital; e Mollelos, nas vertentes do norte da serra, esperava os soccorros que pedira a Lisboa, para depois cair sobre o inimigo.

Logo no dia seguinte ao desembarque a noticia d'elle chegara á capital. O governo, ao mesmo tempo que destacava da guarnição de Lisboa tropas para acudir ao Alentejo, mandava sair a esquadra que esperava no Tejo a vinda dos officiaes contratados em Inglaterra. Desmantelados os navios, desanimadas as guarnições, incapazes os che-

gões e homens dispersos. Já se apresentarão esta manhã 60 a 70 de todas as armas, e varios officiaes.

«Agora o essencial, como V. S.^a vê, é armarmos (sic) voluntarios porque sem isso mal poderá o nosso pequeno exercito continuar o seu movimento para diante. Desejo pois que os voluntarios sejara divididos em duas classes moveis e fixas e que os da primeira classe sejam dirigidos com toda a possível celeridade para o deposito desta cidade de Faro a fim de serem aqui armados e exercitados. Queira V. S.^a com a sua intellig.^a e activid.^a auxiliar-me n'esta operação da qual dependo a meu ver o successo da nossa campanha.

«Mandei officiaes incumbidos d'este serviço (sic) d'aqui até Lagos e peg.^a a V. S.^a que se encarrugue de o desempenhar em Tavira, Olhão e nos pontos circumvizinhos á excepção da Villa Real e das margens do Guadiana que ficam ás ordens do El. Dom.^o de Meffe a quem se expedirão as convenientes instrucções. Resta portanto o praticar-se a mesma diligencia no interior do Algarve, isto é, Loulé, Silves, Monchique e nos pontos intermedios e lembrou-me nomear p.^o esta import.^a e urgente commissão dous off.^{es} que V. S. lá tem o Col. e o Cap. Trigueiros.

«Para esse fim lhe remetto hoje as compet.^{es} nomeações deixando á discreção (sic) da V. S. o levá-las ou não á effeito conforme lhe parecer mais útil ao serviço mas de sejar-las muito que tivesse lugar quanto antes.

«Faro está-se fortificando e deve ter tambem deposito geral de munições e de armas e tudo se deve remetter p.^o aquil.

De V. etc.

Palmeira.

Os extractos da *Corr.* de Rezende no texto mostram como o Algarve respondeu aos desejos do governador civil.

fes — a esquadra que saia a barra a encontrar Napier, levava a consciencia quasi certa de uma perda que decidiria a contenda por deixar franca a entrada da capital ao adversario. (Soriano, *Resposta a um folheto*) Entretanto, que outra cousa havia a fazer senão dar batallia aos navios inimigos, a cuja sombra a expedição desceria sobre Setubal e Lisboa, ao longo da costa? Que outra cousa, senão destruir essa ameaça fluctuante á entrada do Tejo? Já no anno anterior, saindo, a esquadra limpava a costa dos navios de Sartorius; agora, porém, em vez do prudente almirante despedido, vinha a bordo Napier — um marinheiro excecetrico, audaz, cuja opinião era em tudo opposta á do seu antecessor.

A excecetricidade de Napier tinha uma lucidez notavel para perceber que só os meios extravagantes de audacia serviam para uma nação apathica por genio, roída de uma lepra historica, e já extenuada por uma guerra de mais de um anno. Além d'isso, o almirante era humorista, inglez, humanitario. Tinha em pequena conta os *poor slaves* de Byron, *natives* da extrema Europa; era indifferente aos seus odios, interesses e paixões; entrara na guerra por um amor romantico da liberdade, e tambem pelo desejo humanitario de pôr termo a uma contenda deploravel, com que gente inepta de ambos os lados mantinha o paiz inteiro — um bello torrão! em desoladoras condições. Seduzia-o de certo a gloria de vencer e esperava conseguil-o; mas se fosse batido, conseguiria pelo menos acabar essa aventura singular e triste, que durava já tempo de mais.

Com tacs espiritos se fez ao mar, de Lagos, no dia 2 de julho, descendo a costa, a caminho de Lisboa. Em sentido opposto, navegava a esquadra de D. Miguel. No dia 3, com temporal desabrido,

avistaram-se as duas armadas na altura do cabo de S. Vicente.

A esquadra de Napier, com bandeira bicolor mas inteiramente equipada por inglezes, compunha-se dos vapores, uma escuna, e cinco navios de combate: a fragata *Dom Pedro*, 52 peças, commandante Goblet; a *Rainha*, 46 peças, Reeves; a *Maria II*, 42 peças, Henry; o brigue *Portuense*, 20 peças, Blakstone; e o *Villa-flôr*, 16 peças, Ruxton. Sommava ao todo 176 peças, — contra 351 da esquadra inimiga, distribuidas por 10 navios: as naus *D. João VI* (76), *Rainha* (80); as fragatas *Prinzeza-real* (52), *Martim-de-Freitas* (48); as corvetas *Cybele* (26), *Prinzeza* (24), e mais tres brigues e uma escuna.

Nem no dia em que se avistaram, nem no seguinte, consentiu o tempo que viessem ás mãos; mas a 5 de manhã abonçou. A's nove horas havia uma calma que não deixava manobrar os navios. As velas, suspensas das vergas, batiam contra os mastros, com o balanço dos cascos rolados pelo mar banzeiro. O miguelista, nem podia atacar, nem que o pudesse o faria, por hesitação e fraqueza (soriano, *Cero*); mas Napier que já tinha resolvido preferir a abordagem á artilheria, aproveitando o denodo dos seus *bravi* e annullando a vantagem do inimigo, reclamou os vapores para rebocarem os navios até á borda dos navios inimigos. Os vapores, fretados, com as suas guarnições mercenarias, recusaram e afastaram-se. (*Ibid.*) Força era pois esperar.

Pelo meio-dia levantou-se uma brisa que foi refrescando. A's duas horas estava formada a linha de batalha, e fixava-se o plano de ataque. As tres

fragatas abordariam a *Rainha* e a *Princesa-real*, que o inimigo puzera na sua frente de batalha. A *Portuense* e o *Villa-flôr* investiriam com a *Martim-de-Freitas*; e como não havia mais navios, deixaram-se-lham abandonados a *D. João VI* e os cinco vasos menores do inimigo. O céu estava limpo, o mar bonança; a viração fresca levava de feição a esquadra de Napier contra a de Aboim que esperava sem bolir. Eram quatro horas da tarde quando os navios, chegando a tiro de espingarda, receberam em cheio uma banda de artilheria miguelista. Começou a batalha.

Dissipado o fumo da primeira salva, Napier viu que pouco soffrera e proseguiu resolutamente contra a nau *Rainha*, á qual atracou. Fragmentou-se então a lucta, baralhando-se os navios, confundidos, misturados, presos pelas ancoras d'abordagem, enleados pelo maçame das vergas que se chocavam. A artilheria valia pouco ou nada n'esses combates á arma branca, braço a braço, nas toldas dos navios. Assim era na nau *Rainha*, onde o almirante saltou em pessoa, varrendo a gente do convex, e descendo a limpar as cobertas. Barreiros, o commandante, batia-se como um tigre; e o immediato atirara a Napier « uma tão boa cutilada que (o almirante) não teve coração para lhe fazer mal ». (Napier, *Guerra*) Tomada assim a *Rainha*, Napier, ferido, virou-se para a *D. João VI* que arreiou bandeira, sem combater. O mesmo fizera a *Princesa-real*; mas não a *Martim-de-Freitas*, onde houve muito sangue derramado antes da rendição.

Eram seis horas; os quatro vasos de linha estavam tomados, e além d'elles uma das corvetas: o resto dos navios miudos debandou, indo um parar á Madeira, e dois trazer a Lisboa a noticia do desastre irreparavel. Estrategicamente, a victoria

do cabo de S. Vicente era a decisão da guerra. Sem navios, D. Miguel não poderia mais vencer os que os possuíam todos --- em um paiz que é uma faxa litoral. A excentricidade humorística do singular inglez feriu com precisão, porque vira lucidamente o estado das cousas; porque, estranho e audaz, procedia de um modo inconcebível para os que, adversos ao Portugal historico, padeciam dos vícios historicos portuguezes. Um momento de audacia e duas horas de combate bastaram ao inglez para destruir as forças marítimas do inimigo — pois Napier vira que essa força era apenas apparente, como um tumor volumoso, cheio de podridões. Enterrou-lhe o histori com o desdem cirurgico; e á maneira de um arbitro na contenda mesquinha dos *natíves* portuguezes, poz de parte a politica e os partidos d'essa gente inferior, olhando só ao merito pessoal, á bravura incontestavel de muitos dos inimigos. Assim, entregou o commando da nau *Rainha* ao valente commandante da *Martim-de-Freitas*, que tão bem soubera defender o seu navio.

— — —

Um momento de audacia, duas horas de combate, cem mortos e duzentos feridos, entre ambos os lados — eis ahí o que bastou para destruir a esquadra miguelista, deixar Lisboa franca á invasão, e decidir incontestavelmente o pleito a favor dos liberaes. Quem possuir Lisboa é dono de Portugal.

Mollelos, como se disse, retirava perante o duque da Terceira no Algarve, porque só tinha comsigo, para o defender, 4 batalhões realistas, as milicias de Lagos, 150 cavallos e 8 bocças de fogo; (Soriano, Cerco) mas Terceira, em vez de cobrar animo

com a retirada do inimigo, retirou tambem de Mes-sines, á raiz da serra, para Loulé mais proximo da costa, á sombra de Napier. N'esta situação o veiu achar o inglez com a victoria. Os seus argumentos, o seu exemplo, as suas ordens, forçavam a abandonar a timidez, a proseguir n'uma campanha temeraria: eram 1:600 homens, com 16 ou 18 cavallos. (*ibid.*) O Algarve adheria só platonicamente, sem dar um soldado. Perdão! Tavira, que em 7 contava 45 voluntarios, dava em 13, conhecida a victoria — 79! (*Mapa da força, etc. nos Pop. de Beja*) O governador, desesperado, queixava-se de lhe «mandarem uns poucos de francezes no numero dos quaes vêm alguns dos que eu aqui prendi por roubos que fizeram». (*off. de II*) — os acclamadores da semana anterior! E o juiz-de-fóra, sabendo que o militar ia partir para se reunir ao exercito, escrevia-lhe: «V. não ignora que o espirito dos habitantes d'esta cidade é pessimo e que não havendo aqui authoridades energicas é facil haver uma sublevação... Se V. partisse, eu não poderia responder pela ordem e soccego publico.» (*off. de II, ibid.*) Eis ali a explosão do enthusiasmo pela victoria! Não haveria motivo para temer o resultado da aventura?

Mas por seu lado Mollelos, que já reforçado começara a avançar, parou, ao saber da perda da esquadra; e constando-lhe que Beja se pronunciara pelos liberaes, suppondo que Terceira se dirigiria para ahi, marchou para lá, deixando franco o caminho de Lisboa pelo valle do Sado. De 16 a 19 o miguelista fez de Beja uma triste Capua; enquanto a 17 Terceira, já transposta a serra, para áquem de Ourique e de Panoias, na Messejana, proximo de Aljustrel, hesitava sobre o que faria. Voltar ao Algarve? Ir bater Mollelos a Beja? A primeira hypothese era uma retirada; a segunda seria quasi

uma certa derrota! Que fazer então? O que Napier fizera á esquadra: tomar de abordagem a capital. Mas eram poucos, muito poucos; as populações não boliam, e em Lisboa havia forças respeitaveis? Respeitavel era a esquadra e fundira-se: outrotanto succederia em Lisboa ao Duque de Cadaval. Só a audacia os podia salvar, dando-lhes a victoria contra as regras, contra a razão: o juizo era uma lacuna, pois se combatia contra gente esvaída; as regras, um desvario; a prudencia, uma perdição. Isto diziam Loureiro e Mousinho d'Albuquerque, ao tímido general nos conselhos da Messejana a 17. Partiram com effeito a marchas forçadas para Lisboa, ao mesmo tempo que, por mar, Napier viaha com a esquadra. Mollelos ficava para traz, em Beja. (Soriano, *Resposta a um fôlho*.) ¹

¹ A marcha sobre Lisboa é um dos episodios mais graves da guerra; parece-me pois interessante extrahir aqui a correspondencia do quartel general de Terceira com o ex-governador do Tavira, Rezende, que seguiu o exercito na retaguarda á frente de um corpo de esquadra. As cartas e officios são todos do quillo de J. J. Loureiro que os assigna.

Loulé, 7 de julho. «Com a noticia da tomada da esquadra do Miguel pela nossa audição muiho as circumstancias: devo portanto demorar-te ali (Tavira) e está certo que logo que entremos em operações tu te reunirás». (*Carta part.*)

Ibid. «O quartel general parte hoje para Lagos... Hoje parte d'aqui a occupar S. Bartolomeu de Meines (sic) a brigada do general Selwalsch; a brigada do general Brito parte para Albufeira talvez para seguir a Lagos; o corpo acadantico fica n'esta villa para guardar a estrada de Almodovar; Domingos de Mello com duzentos e 50 francezes e alguns melheiranos (sic) de Beja deve occupar Mertola».

Ibid. 8 de julho. «... V. S.^a se pouca em marcha com os soldados dos regimentos portuguezes que ahi se acham... para Faro onde V. S.^a receberá novas ordens».

«O Quartel general estabelece-se amanhã em S. Bartolomeu de Meines».

Moscines, 12 de julho. «Não se tendo V. S.^a ainda podido remir ao exercito a sendo necessario que este entre (quanto?) antes em operações, S. E. o Duque de Terceira determina que V. S.^a prosiga pela estrada de S. Marcos, Santa Clara e d'ahi por diante em seguimento do exercito...

Em Lisboa, Cadaval que sabia a esquadra perdida, perdia o tino e a esperança. Mandara uma divisão reforçar Mellelos; e agora (23) mandou para Almada Telles-Jordão com tres mil homens defender esse posto avançado da capital — e cooperar com o general do Alentejo! Não sabia que, deixando-o para traz, a columna liberal entrara em Setubal, galgara sem parar a serra de Azeitão, descendo ao valle de Coima e marchando na praia do Tejo, pelo Seixal, pelo Alfeite, até á Piedade, com Lisboa á vista. Na Piedade, á tardinha de 23, os invasores viram as avançadas de Telles-Jordão. A praia, estreita, apertada entre o rio e as collinas da margem, não permite o desenvolver de manobras, nem dá uma vantagem grande ao numero.

«O exercito marcha na madrugada de dia 13 para S. Marcos e no dia 14 pernottará em St.ª Clara.»

Gravão, 16 de julho. e... em Santa Clara se dirija com o destacamento do seu commando sobre Odemira, d'ahi sobre Santiago de Cacem por Grandola a Alcaer do Sal, tendo o cuidado de indagar sempre noticias do exercito o qual... deve ali chegar no dia 20 do corrente.»

Messejana, 17 de julho. P. S. ao off. preced. «Em qualquer parte que V. S.ª receber este officio, se dirigirá por Odemira ao lugar indicado procurando sempre noticias do inimigo e no caz. deste seguir apoz o exercito, sendo difficiltoza a sua reunião, V. S.ª se consorvará em S. Thiago de Cacem ou onde melhor convier etc.»

(Esta recommendação depõe contra a versão de uma compra de chefe de estado-maior de Mellelos. Se Loureiro tivesse comprado o inimigo, não receberia quo elle lhe piasse a retaguarda.)

Alcaer do Sal, 20 de julho. «Hoje recabi o seu officio datado de Odemira em 16... V. S.ª poderá talvez amanhã chegar aqui... dirija-se a Setubal por Agoas-de-Mouro... S. E. (Torreira) espera pernottar amanhã 21 em Setubal.»

Setubal, 22 de julho. «Tendo S. E. recebido noticias de que o visconde de Mellelos marchava sobre a nossa retaguarda... faz-se preciso que V. S. se dirija de Grandola sobre a Comporta e qua embarcandi allí V. S. vinda a Setubal com toda a brevidade, seguindo depois com a mesma até se encorporar ao exercito que se dirige sobre Almada sendo provavelmente chegará amanhã 21 (lapso evidente) do corrente.»

O exercito chegou com effeito á Piedade no dia seguinte, 23.

Os miguelistas, presente o inimigo, ignorantes dos antecedentes, julgaram Mollelos derrotado: grande devia de ser o numero! E escurcia. O imprevisto, o susto, a ignorancia, começaram o combate — que foi logo uma derrota. De roldão, aos tombos, fugindo como uma carneirada assustada n'uma estreita azinlaga, assim vieram os miguelistas correndo pela estrada, vasar-se no caes de Caecilhas — appellando panicamente para os barcos, invadindo-os para fugir.

Era noute; e o estalar dos tiros avisava Lisboa do combate. Chegavam por mar os voluntarios de Cintra, mas já tarde; e vendo a desordem e o tropel no caes, maudavam os catraciros voltar sem desembarcarem. Clamorosa, desesperada, a tropa fugitiva esconjurava-os, vingando-se a tiro nos desalmados. (*Aponhucados da vida, etc.*) Nos barcos atracados, enterrados n'agua com o peso da gente, não cabia mais ninguem: catraciros, largando as velas, alavam para o Tejo, escuro com a noute. O fragor era grande, mas por fortuna o rio estava manso. Vinha porém já na cauda dos fugitivos o inimigo, e no espaço breve do caes misturavam-se todos, envolvidos nas trévas da noute e do odio. Matou-se muito nos degraus do molhe. As pequenas ondas do Tejo lambiam das pedras o sangue e os mortos. Brigando com o cavallo que montava, para cutrar na fahua, estava um official que foi reconhecido: era o Telles-Jordão, o réu de tamanhas cruozas, o cerbero da Torre! Abateram-no com uma cutilada, arrastaram-no semi-morto, até á quina do castello, contra a qual lhe racharam pelo meio o cranio.

A noute crescia, calava-se tudo, acabavam as agonias dos moribundos e os fugitivos velejavam tristemente sobre o rio a caminho de Lisboa. E

em torno do cadaver do general, á luz dos a
chotes com que o iam vêr, os vencedores caut
vam:

Já morreu Telles-Jordão :
Nas profundas do inferno
Os diabos lá disseram
Temos carne para o inverno !

O filho, o *menino*, escapara. Horrorisados, apa
voridos, elle e os demais, chegaram a Lisboa echer
de clamores o quartel-general do duque, e a ci
dade inteira. A negra noite escondia para além
do rio as legiões do Auto-Christo: o dia seguinte
seria o do Juizo-final! Ainda a 23 morrera enfor
cado um homem no caes do Sodré — quando já se
ouviam os tiros na Outra-banda. O pobre, a cami
nho da forca, pedia em altos brados ao povo que o
livrasse: um instante era a vida! e o povo ca
lado e cabisbaixo não se movia — mas já tambem
não acclamava a forca vingadora, sendo mistér
que os soldados da escolta abrissem caminho ás
entiladas. (Monteiro, *Hist.*) Tinham passado os dias em
que uma invasão ou uma revolta liberal teriam
sido recebidas com uma condemnação unanime.
Sem se converter ao liberalismo impio, o povo da
capital não podia mais respirar, de cansado, por
tres annos de crise devoradora.

Esse desalento morbido invadia todos; e a isso
deveram a vida os tres condemnados que jaziam
no oratorio para a forca do dia seguinte. (*Not.*) Na
madrugada de 24 o duque de Cadaval resolvera em
conselho evacuar Lisboa. Tinha, entretanto, dez
ou doze mil homens e munições bastantes para
metter no fundo os botes caçilheiros em que os li
beraes poderiam vir da Outra-banda. Mas o medo!

É quem sabe? Talvez o *encoberto* Mollolos viesse no encalço dos invasores, que mais tarde seriam colhidos entre dois fogos, no seio da capital. Destinando Lisboa a ser o campo d'essa batalha eventual, os militares davam a medida do seu juizo. Prudentemente retiraram pois todos, exercito e frades, fugindo até Loures. De mansinhã foram a Caeilhas avisar Terceira do occorrido, e elle não querendo acreditar mandou vêr: era verdade! (*Apontamentos, etc.*) O castello de Almada entregou-se-lhe, e a columna liberal passou o rio em faldas, desembarcando em Lisboa sem disparar um tiro. Napier, que se justificara na batalha ganha por suas mãos, tinha uma segunda prova da lucidez das suas vistas.

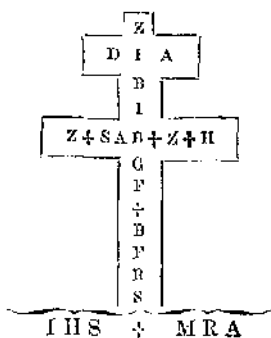
Assim que o exercito miguelista abandonou Lisboa, viu-se rebentar o apostêma de coleras e vinganças comprimidas, e correu pelas ruas da cidade a baba podre dos maus instinctos que se acclamavam vencedores com a victoria da liberdade: um delirio de sevicias, de roubos, de assassinatos — quasi um saque. Os frades eram apunhalados nas ruas, e um desembargador foi levado de rastos puxado por um freio, com uma albarda nas costas, desde o Poço-novo até ao Correio, onde expirou. Tinham-se aberto de par em par as cadeias, caíndo sobre a cidade mais de cinco mil presos — toda a aristocracia do crime. Assaltavam-se casas, arrombavam-se portas a machado. Havia incendios, e fogueiras nas ruas, com as mobílias dos miguelistas lançadas das janellas. (*Monteiro, Hist.*) Pelo meio, soavam os clamores e vivas á Liberdade, que se

identificava com a soltura de todos os instintos e desejos.

Era julho, um dia de calor suffocante, com uma brisa morna levantando nuvens de lixo na suja cidade onde os salteadores imperavam armados, fortificados. Os bandos corriam as ruas, e em vez de marcarem com giz um M (malhado) nas costas das victimas do cacete, marcavam agora com um B (burro) os sentenciados á mesma sorte. Nas portas das lojas condemnadas faziam cruces. O Alfayate-côxo tomara o lugar do Miguel-alcide. A casa do conde Basto, entre muitas, foi saqueada. (*D. Miguel em Portugal*) E se na cidade o pavor e a desordem eram grandes, maior, mais triste, era ainda o espectáculo dos suburbios, onde muita gente se escondera, onde se sumiam os ladrões soltos da cadeia; maior nas estradas pulverulentas coalhadas de gente espavorida, fugindo sem norte, ajojada com as trouxas de roupa, os saccoes ao hombro, as creanças pela mão, carpindo a sua sorte, dizendo mal á sua vida.

Um terror panico invadira todas as cabeças. Era a invasão diabolica, era o susto dos facinoras desenfreados, soltos. O tumor portuguez rebentava por fim; e a queda da velha Lisboa historica, perante a audacia do excentrico inglez que sondara e percebera Portugal, punha o remate a largos tempos — em verdade anachronicos. Na apavorada imaginação dos perdidos, o caso surgia como condemnação de um Deus que soltara o inferno para os castigar: um herege commandando a guerra e trazendo consigo a peste horrivel que matava repentinamente! Os fieis infelizes não cessavam de orar em lagrimas, pedindo misericordia, cosendo contra o peito o *santo remedio contra a peste*, que a *Gazeta* annunciara e os cegos vendiam sob a arcada

do Terreiro-do-Paço — enquanto houvera Lisboa! Era um papel bento, com uma cruz impressa, o remédio para a cholera: ¹



Mas ao lado da Lisboa desolada que se sumia pelas casas cerradas com os velhos orando fervorosamente, pelas estradas por onde emigravam as familias; ao lado d'essa Lisboa caduca, surgia radiante de enthusiasmos e desejos a nova Lisboa liberal, com ramos de perpetuas ao pcito, laços nos chapéus, bandeiras constitucionaes nas janellas (*D. Miguel em Port.*); a Lisboa azul-e-branca, saudada no Tejo pelas salvas dos navios de guerra inglezes e francezes — á bandeira que se levantara já no castello de S. Jorge (*Moutinho, Hist.*). A's duas horas chegou *esta gente* em botes cacilheiros. Terceira não queria acreditar em tanta sorte; e o proprio Napier — que tudo preparara, e agora estava com a esquadra á barra — subindo o Tejo no escaler, achava que o exito excedia as suas previsões. (*Soriano, Cerco*)

No dia seguinte a esquadra bicolor, já unica es-

¹ *Syst. des mythes relig.* pp. 51 e 277.

quadra portugueza, entrou no rio e veio fundear em frente da cidade. Que mais faltava? Nada, absolutamente nada. Lisboa ganha, Portugal estava vencido, expulso D. Miguel, concluída a guerra, iniciada a folgança. Faltava apenas repartir o bolo conquistado com tanto trabalho. Os guerreiros, como viandantes fatigados da marcha, descobriam-se, punham de lado o chapéu, limpavam o suor da testa, parando á espera do jantar preparado na estalagem. A orgia continuava nas ruas, e agora como outr'ora dizia-se: deixem desabafar o povo!

O inglez, porém, tão audaz como previdente, tão lucido, tão sabedor de como isto era, não partilhava a confiança geral. Entrara-se em Lisboa, é verdade; mas ao sul estava o exercito de Mollelos, ao norte o duque de Cadaval, intactos ambos. A sorte e a ineptia dos dois abrira as portas de Lisboa: não fosse a ineptia tambem bater com essas portas na cara dos vencedores! Napier tinha a esquadra como cousa sua; e deixando os mais acclamarem-se, destacou os vapores Tejo acima, para Salvaterra, para Aldeia-gallega — a impedir que Mollelos, já em Setubal, passasse para o norte do rio. Isso fez com que o miguellista só em Vallada podesse passar, indo unir-se a Cadaval e retirando ambos sobre Coimbra, a esperar ordens de D. Miguel ainda no Porto.

3. — OS ÚLTIMOS DIAS DO CERCO

No dia seguinte áquelle em que Lisboa se rendia sem combater, D. Miguel no Porto assistia, do morro de S. Gens, ao assalto commandado pelo seu novo general — Bourmont, o legitimista expulso de França pela revolução de 30. A guerra portugueza era um acontecimento europeu, e os dois irmãos ri-

vaes appareciam como representantes dos dois principios politicos então debatidos na Europa latina. Contudo, a par d'esta phisionomia mais geral da guerra, havia a feição particularmente portugueza: de um lado a unanimidade no sentido da tradição historica, o nacionalismo, o amor pelo principe, — do outro o caracter de excepção individual, de estrangeirismo, de pequena consideração por D. Pedro.

Natural é, pois, que os legitimistas francezes viessem combater por D. Miguel; mas esse facto, além de demonstrar o esphacelamento crescente do velho Portugal, já forçado tambem a confiar a estrangeiros o commando dos seus exercitos, fazia com que a guerra perdesse, ao declinar, aquella feição de nacionalismo que tanto a distinguira a principio. Desolado pela incapacidade dos seus homens, o governo de D. Miguel contractara para a esquadra inglezes que não vieram a tempo, dera os commandos aos francezes da Vendêa — mas quando já aos exercitos nada mais restava do que defender a honra na derrota.

Foi uma derrota, a consequencia do assalto dado ás linhas do Porto no dia 25. O vencedor de Argel, Bourmont, recuou, retirou; e Saldanha inscreveu mais uma victoria brilhante no seu vasto catalogo de batalhas. D. Miguel, vendo-se batido — e não já na pessoa dos generaes que lhe não mereciam confiança, mas na pessoa do grande general francez — desanimou. Do seu observatorio de S. Gens, deitando fóra o oculo revelador da sua perda, largou n'um galope solto, como homem desorientado. E' de crer que, n'este momento, o rapaz entreviesse o futuro inevitavel — quando já o telegrapho annunciava a perda de Lisboa. Talvez se arrependesse do erro com que dera ouvidos aos aduladores,

esquecendo os homens de são juízo; talvez reconhecesse n'essa hora a sua incapacidade para a empreza a que a mãe o arrastara; talvez dissesse mal da sua vida, que podia ter sido facil e cheia de gozos, se fosse menos honrada. Sem fanatismo religioso nem monarchico, desposada a sobrinha, dado o braço a Palmella, com astucia e scepticismo, — não é verdade que teria reinado n'uma paz gorda, vindo a acabar de velho, feito uma trouxa de carnes braganquinas, como succedera a seu pae?

Não o quiz assim a sorte, fazendo-o nobre e pouco intelligente; não o quiz assim a mãe, que o dirigiu no sentido da guerra ás cousas e á gente nova. Quem, despido de odios e paixões politicas, pára a meditar n'este instante, olhando o que vac seguir-se, é forçado a sympathisar com esse principe infeliz, tão odiado e tão digno, tão nobremente caído depois de luctar até ao fim, tão raramente exilado n'uma penuria absoluta; a sympathisar, repetimos, com esse principe que, por uma excepção talvez unica, não poz dinheiro nos bancos para o caso da retirada forçada, e teve de viver das esmolas que de Portugal lhe mandaram os seus partidarios e amigos. Se a dynastia de Aviz terminou heroicamente, a de Bragança teve em D. Miguel um typo de honradez simples. Os dois principes mais desditosos — acaso por isso os que o povo mais amou! personalisaram as duas melhores faces do character nacional.

Batido Bourmont, perdida Lisboa, Cadaval-Molletos em Coimbra, — que havia a fazer? Insistir em novos assaltos ao Porto era loucura; bastava deixar ali uma divisão que pozesse em respeito os sitiados, e impedisse o inimigo de se apossar do

norte do reino. Todo o sul, com a única excepção de Elvas, estava desguarnecido e por isso em poder do governo de Lisboa. Era sobre a capital que as forças, congregadas primeiro em Coimbra, deviam cair para a reconquistar. D. Miguel, Bourmont, e o grosso do exercito partiram pois para Coimbra (9 de agosto).

Havia mezes que o rei viera — com melhores esperanças, perspectivas mais alegres. Também as suas illusões se tinham desmanchado! Victorioso um, vencido o outro, dos dois irmãos qual é mais invejavel o destino? Triste comedia a do mundo, para os homens, tyteres da sorte! Também as illusões de D. Miguel se desmanchavam uma a uma, porém não se abalava a sua fé, nem a decisão que tomára de luctar até ao fim, de acabar digna, honrosamente. Tristes são os odios politicos; para elles nada ha sagrado. Por isso não se fez justiça á dignidade intemerata; por isso o infortunio apenas provocou até hoje doestos, e não houve ainda olhos para vêr a nobreza de quem redimia tão dolorosamente os erros e acaso os crimes da sua primeira juventude.

Calado e triste, com a consciencia do destino que o esperava, D. Miguel seguia a estrada de Coimbra, á frente do seu pobre exercito. Ia a passo vagaroso o cavallo, e sobre elle o rei militarmente vestido, com a sobre-casaca azul abotoada até á garganta, na cabeça o chapéu á moda napoleonica, e sem mais distincções do que a banda vermelha a tiracolo. A cada instante parava: eram os velhos, as mulheres com as creancinhas pela mão, que vi-nham saudal-o com vivas tristes, rodcando-o, pedindo-lhe a benção. D. Miguel chorava, e o povo afflicto gemia, rogando a Deus que salvasse o rei e o reino da mão dos impios. Ao lado ia, choiteando,

uma mula carregada, com a carga coberta por um xairol vermelho e as armas-reaes pintadas: ia alli a bagagem inteira de D. Miguel. — Quando, no fim de tudo, partiu para o exílio, nem a carga da mula levou. . . Depois do rei e da mula vinha o exercito, choiteando, coxçando tambem, ferido, esfarrapado, moído dos combates, e dos vomitos da cholera que trazia como despojos do Porto. Eram velhos soldados das guerras da Peninsula, eram bisonhos milicianos, eram os dragões de Chaves que não mentiam ao nome, e os voluntarios realistas, gente das cidades e dos campos, burguezes e plebeus, morgados e trabalhadores, que tinham deixado as suas vidas para acudir á guerra santa. Tudo se arrastava tristemente em farrapos de regimentos dizimados pelas balas e pela cholera, com a consciencia de uma perdição inevitavel, mas com a firmeza decidida de luctar até morrer, contra uma sorte adversa. Depois do exercito vinha outro exercito de mulheres e de creanças entre os carros, penduradas nas bagagens, chorando em côro as desgraças da orphandade e da viuvez. . .

Assim chegaram a Coimbra, onde as tropas do sul se lhes reuniram. Contaram-se. Eram ainda muitos, e souberam ao certo que ninguem do reino tomara uma espingarda para defender a gente que entrára por surpresa na capital. Voltaram logo as esperanças. Era possivel, mais do que possivel, provavel, certo, que rehaveriam Lisboa. Assim os moribundos, nas vesperas de acabar, têm um clarão de vida fugitiva! Ainda os soldados, já medrosos dos baluartes do Porto, se electrizaram esperando a mudança da sorte; mas esse fugaz entusiasmo duraria pouco. Apagado para sempre, falaria apenas a coragem fria com que feriram as ultimas batalhas, para morrer cumprindo o que deviam.

Foi de 13 para 14 de agosto que, depois de uma imperdoável demora em Coimbra, as tres divisões do exercito marcharam para o sul. A de Lemos iria occupar Santarem; a de Larochejacquelin, Salvaterra; e D. Miguel e Bourmont, com a terceira, seguiram para Leiria. Combinadamente investiram Lisboa. Na Estremadura, que o rei agora pisava, não eram tão conhecidas, por serem mais distantes, as desgraças do Porto, e o ardor miguelista era maior ainda do que no norte do reino. Os soldados vinham alegres, animados, cheios de crenças. Tinham descansado e remendado os fardamentos em Coimbra: apparecia tudo remozado; e acaso no espirito do proprio rei surgisse a esperanza de um virar da roda funesta das desgraças. Mais vivo, esporeando o cavallo que trotava, D. Miguel atravessava as aldeias que o vinham esperar de joelhos, deitando-lho flores e votos, bençãos e acclamações.

Entretanto, a um e outro lado do reino, para cujo centro vinha desenlaçar-se a tragedia, desenhavam-se episodios funebres. Em Estremoz morriam a machado os presos no castello; no Porto ardião os vinhos n'uma fogueira gigantesca. Impenitente, o miguelismo acabava, como principiara: com um punhal e um brandão accezo. Crise de um desespero historico, devia concluir com incendios e matanças. Esta era a sua natureza, a sua fatalidade, — contra a qual protestaram, reagiram em vão, os espiritos rectos que a nação por engano possuia.

O tragico episodio dera-se a 27 de julho, como desforra da surpresa de Lisboa. Havia no castello de Estremoz umas dezenas de presos politicos vin-

dos de Villa-Viçosa; e a plebe desenfreada que de balde pedira forcas, decidiu fazer justiça por suas mãos. Começaram os tumultos: os presos eram refens e responsaveis. Assaltaram o castello, e as authoridades da villa, frouxamente, enviaram a defendel-o uma escolta de cavallaria que se bandeou com o povo. Começou o ataque, a tiros e pedradas. Os presos defendiam-se de dentro conforme podiam, principiando a matança por um que, ferido de bala, se deitou do alto da torre de menagem. Em baixo despedaçaram-no. O Alturas, estalajadeiro, commandava a plebe, na qual, como sempre, a ferocidade das mulheres excedia a furia dos homens. Ficaram celebres o Franco, o José Pepe, o Felix e o filho da Chouviça, com o barbeiro Felizardo e o alfayate Rafael; mais celebres ainda a Biscainha, a Antonia-aguadeira, a mulher do Lançarote e a terrivel Bibi de má nota.

N'um instante se arrombaram as portas e a turba rolou pela sala ladrilhada, onde o machado tinha tanto a derrubar. Imagine-se o que as mulheres fariam, quando os homens deixavam por terra mutilados, com o cranco aberto, um depois de outro desgraçado. N'um quarto separado, estava o coronel Silva com a esposa e a filha: quando os assassinos investiram, as mulheres defenderam o velho. Elles pararam obedecendo a um instincto; mas logo a rapariga ferida desmaiou, e o instincto cedeu á furia, e o coronel foi trucidado com os demais. (*Relação authentica do assass. etc.*) Assim acabaram a machado trinta e tres pessoas; e ainda hoje quem visitar a sala do castello de Estremoz, onde o tragico episodio se deu, verá sobre os tijolos os sulcos feitos pelos gumes dos machados. Não vê já, nem o sangue que alagou o chão, nem as lascas de osso, as pastas de medullas, os farrapos de carne, que os

machados levavam consigo e cravavam no tijolo, ao bater de cada golpe...

Ao sul do exército miguelista era a carnagem de Estremoz; ao norte, no Porto, eram as chamas de um incendio singular. A 18, Saldanha batera os sitiantes da margem esquerda, libertando definitivamente a cidade: só na margem direita ficava ainda a divisão de D'Almer, que a 20 resolveu retirar. Antes de o fazer, porém, e para allumiar a sua marcha com uma fogueira sinistramente colossal, o miguelista ordenou a queima de todos os armazens de Gaya. Havia de 10 a 15:000 pipas de vinho e 500 de aguardente (17:534 e 523 diz J. Liberato, *Memorias*) nos armazens que estavam minados. Posto o fogo ao rastilho, começaram breve a pyrotechnia, allumiando a noite. Abriu por uma explosão tremenda, d'onde saíram labaredas e rolos de fumo rapido (*Shaw, Mem.*). O vento animado impellia a chamma. E as pipas estalando troavam como canhões. Singular batalha! O vinho rolava em cachões, da praia sobre o rio, que ia tinto de vermelho como sangue. As labaredas subiam e a vasta ccara de fogo batida pela aragem, ondeando, crescia, andava. Incendiados, como lavas de um vulcão, desciam ao Douro os liquidos espirituosos e chocando as aguas repelliam-nas, entrando n'ellas como um cabo. Parecia uma tempestade geologica. A agua do rio fervia, fumava; e fluctuando sobre a agua vogava á mercê da corrente, direito á Foz, um lançol de chammias rubras (*J. Liberato, Mem.*). Corriam perigo os navios, e por interesse, por humanidade tambem, os inglezes surtos no Douro desentbarearam a atalhar o incendio. Poderam limital-o, não poderam, era impossivel, salvar o que já ardia. Livres as chammias illuminavam o ar, e para além d'ellas, nos lombos das collinas da margem

esquerda, desenhavam-se no fundo do céu as sombras dos soldados miguelistas que iam retirando spectralmente. . .

No Porto, o fugir d'essas sombras enchia os corações de alegrias. Era a liberdade que voltava, depois das angustias do cerco terrível. Respirava-se, vivia-se; e, com a ingenua satisfação que fica de se ter praticado um acto famoso, não lembram mais os desesperos e maldições proferidas, enquanto se adquiria o direito ao orgulho posterior. Tudo esquecerá já; cada burguez da cidade se tinha na conta de um heroe, — quando na Praça-nova, curvado, com as mãos sobre os joelhos, mostrava á mulher o «canhão-pechão», o «mata-malhados», cujo tron se distinguia no fragor do bombardeio. Mudo, vencido, de rastos na praça, o miseravel obuz, outr'ora tão temido, era como o leão velho na fabula. . .

Trucidados os infelizes do Estremoz, queimados os vinhos de Gaya, destruída a riqueza por uma guerra longa e devoradora, rareada a gente pelos combates e pela peste, — o reino achava-se como devia. Conta-se que o conde de Basto dissera pittorescamente: «Se a pescada cair nas mãos dos malhados, tão moída será que mal a poderão comer». Essa pescada era Portugal. Estava deveras moída. E sem duvida ia cair nas mãos dos malhados. No que se enganava o conde, era na qualidade de appetite dos vencedores. Moída, bem moída, quasi podre — ainda assim acharam muito onde cravar os dentes. Tíham uma fome!

3. — D. PEDRO EM LISBOA

Dois dias depois de Terceira entrar na capital, saiu D. Pedro por mar do Porto, deixando o commando da praça ainda cercada a Saldanha — para

acabar, como vimos que acabou, esse primeiro acto da guerra. Concentrava-se agora a acção na capital, e era ahi o lugar do príncipe.

Com dois dias de viagem, a 28, desembarcou em Lisboa. Vinha outro. A fortuna que Napier e Terceira lhe tinham preparado enchia-o de orgulhos, acordando antigas vaidades bem mortificadas no Porto. Seriam as derradeiras, antes da sua morte proxima: como tambem eram derradeiras as esperanças reverdecidas do irmão. Robusto ainda, com uma larga testa bem erguida, pallido e boxigoso, o olhar firme, *fierce eye*, secco e seu amor, nada insinuante, duro e bravo, *savage looking man*, assim pinta Napier (*Guerra da Succ.*) a D. Pedro á sua chegada a Lisboa. Era o mesmo, com effeito; era a antiga prosapia nossa conhecida, endurecida pelas provações, mas renascendo com a fortuna. Se Portugal se lhe tivesse entregue, ó natural, mais do que possível, que procedesse com aquella longanimidade compativel com as outras faces do seu genio. Resistira? ultrajava-o? vinha, pois, como vencedor, decidido a destruir para todo o sempre a antiga nação que o renegara.

Os officiaes da esquadra ingleza do Tejo, Palmella, Terceira, Napier, toda a gente foi a bordo cumprimental-o. D. Pedro em pessoa veio ao portal do navio abraçar o excentrico almirante, que lhe dera Lisboa. Ponzá-Napier exultava, observando o exito da sua aventura romantica. Desembarcaram todos, havendo no caminho do paço as festas do costume. Subiram á Ajuda. D. Pedro voltava aos seus penates, depois de uma ausencia de vinte e seis annos: saíra d'alli na celebre noute de 1807. ¹ Singulares deviam ser as impressões

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.ª ed.) II, pp. 239-3.

que teve. Assistia á missa ao lado de Napier, e dizia ao ouvido do protestante: «Não é verdade que se pôde ser bom catholico e bom christão, sem tantas ceremonias?» (Napier, *Guerra*) E o excentrico sorria, respondendo que sim. A banalidade do catholicismo liberal, sem fé, era a religião do principe, ia ser a da nação nova. Secca formula sem authoridade ideal, doixava á solta os temperamentos, as paixões; deixava os espiritos n'esse estado de anarchia moral, inevitavel em epochas da natureza da que então principiou para nós e não acabou ainda, nem acabará tão cedo para ninguem na Europa.

No dia seguinte foi a S. Vicente e no tumulto do pae escreveu: «Um filho te assassinou, outro te vingará». (Monteiro, Soriano, etc.) O odio apparecia, consagrando um dos beatos por onde esta historia começon: o envenenamento de D. João VI pelos sectarios da rainha. Assim D. Pedro, que viera como pacificador, apparecia, depois das desillusões de um anno, como tyranno. «Uma especie de tyrannia, diz Napier, foi substituida por outra. Havia mudança de homens, mas nenhuma de medidas: governavam um partido, e não um reino. Metade de Portugal tinha sido confiscada por D. Miguel, a outra metade ia sel-o por D. Pedro.» A victoria não dava generosidade; e ainda antes de terem vencido já os liberaes começavam a vingar-se.

D. Pedro accitou esse papel de tyranno, completando a feição do governo com o aspecto de quartel que deu ao paço. Preferiu as Necessidades á Ajuda, e no hospicio abandonado installou a sua côrte, como a de um Napoleão em miniatura. A velha nobreza tambem se afastava d'elle, e no paço formigavam entre os generaes os aventureiros, gente mais ou menos excentrica. Mendizabal com

a sua cauda de rafeiros era um rei. Ninguém tinha como elle o talento de sugar o dinheiro escondido: era um mestre em obras de empréstimos; mas o seu desleixo engordava uma nuvem de agentes, e a natureza da profissão exigia o emprego de charlatães e intrigantes que, sob o honroso nome de amigos da Causa, arriscavam muito e roubavam mais (*Napier, Guerra*). A authoridade que a eminencia das funcções que exercia dava ao hespanhol, tornava-o importuno. Involvia-se em tudo, dava sentenças aos ministros, conselhos aos generaes, e até dispunha o tratamento do regente: era um factotum. D. Pedro que, sem elle não teria tido um real e que só de empréstimos podia viver, supportava-o com humor vario.

Facil, sem-ceremonia, crendo que a liberdade consistia nas apparencias, o príncipe que fizera do seu paço um quartel, supprimiu as etiquetas da côrte. (*Soriano, Cerco*) Era uma tyrannia á antiga, semelhante á que fôra a de D. Miguel, com a differença que antes tinha uma côr demagogica, e agora uma côr militar-agiota. Com effeito, o regabofe começava, ainda durante a campanha, no segundo semestre de 33. Farrobo traspassara com boas luvvas o contracto do tabaco, comprado a grosso risco nos dias de apuro, — o que provocou a primeira das celebres cartas rebeldes do conde da Taipa. Cada qual procurava um nicho para si, nas vagaturas deixadas pelos que tinham fugido para D. Miguel: o pessoal das secretarias renovava-se quasi todo. Só as reclamações dos inglezes conseguiram que se parasse na venda — na queima — dos bens miguelistas confiscados. (*Napier, Guerra*)

Os inglezes (*Russel* que fôra acreditado ministro junto da Regencia, e *Napier* a quem ella devia a victoria) com *Palinella*, crédor de D. Pedro por

quasi tudo, insistiam pela moderação; mas o ministerio, órgão fiel da voracidade vencedora, e o principe, órgão fiel do ministerio, a ninguem attendiam. Enthusiasmados todos, consideravam acabada a guerra, chegado o momento da vingança e do saque. Queriam-se os bens dos ricos, os empregos vagos, e um extermínio cruel dos inimigos. (iii.) Excitados pelas privações do cerco, doídos pelo muito que tinham soffrido, não tinham coração nem cabeça para anteporem a si proprios, ás suas paixões e interesses, os interesses sagrados da patria.

Tratava-se da execução de uma sentença, e não, nunca! de uma composição entre litigantes. Em Lisboa cria-se que o litigio terminara: os que não eram sanguineos como Aguiar, futuro *mata-grades*, eram sonnambulos como o da marinha Margiochi, mais attento ás estrellas do que aos navios. (vii.) Margiochi, astrónomo, e Aguiar, legista, tinham tomado os lugares vagos pela morte do esverdeado Xavier (15 de outubro).

O ajuste de contas principiou pelo clero. Logo em agosto se expulsaram os jesuitas e o nuncio, cortando-se as relações com Roma que reconhecera D. Miguel. Era o prologo quasi innocente de uma larga historia futura. Homens praticos, sem fé nem escrupulos, D. Pedro e os seus estavam decididos a romper de frente contra a religião, contra as instituições — já que ambas tinham recusado o abraço que se lhes offerecera. Elle bem o dissera ao chegar: não me obrigueis a empregar a força para vos libertar! — Mas o fundo de educação historica do principe e dos seus sequazes não lhe permitia ir até onde fôra Robespierre: pararam no momento anterior da revolução da França. Tinham alli á mão o padre Marcos para bispo, patriarcha,

e tudo. Extinctos os padroados ecclesiasticos, vagas as sés apresentadas pelo Usurpador, abolidos os conventos abandonados, havia a reorganisar toda a egreja portugueza— e isso tinha de ser feito contra Roma. Foi o padre Marcos o presidente da Junta da reforma ecclesiastica (10 de outubro): caso que provocou uma gargalhada unisona, e grave escandalo em muita gente sincera. Taipa saiu com outra carta e foi preso. *Papam habemus Marcum!* O padre era fustigado sem piedade: era o conselheiro *profanador*, — por ser elle a quem competia profanar os conventos abandonados; era um arlequim de saturnal: convento profanado, era convento saqueado. A honestidade do padre e de muitos mais, era assim francamente atacada. (J. Liberato, *mem.*) Nas esquinas appareceu um pasquim dizendo: «Quem achasse os diamantes que o padre Marcos, Mello e Magalhães furtaram ao Sobral, e os queira restituir ao Macario, ganhará alviçaras.»

Tal era, na cõrte, a finança, o clero. E nobreza? Não havia. Loulé fôra mandado a Paris buscar a rainha. Taipa, sem emenda, era o peor dos causticos. Sentiam-se graves difficuldades para arranjar uma lista de pares que não fosse de todo ridicula — agora que se pensava em convocar breve as camaras. Circulava um DECRETO que dizia assim: «Sendo mister engendrar uma camara de *indignos* pares que... me confirmem no officio de Regente... sou servido *abaiçar á indignidade* de pares as *creaturas* seguintes, etc.» Na lista figuravam Freire, escariote? o padre Marcos, vulgo o Sileno; etc. e o papel terminava: «Lisboa 25 de agosto de 1833. PEDRO, ex-imperador, ex-rei, ex-duque, e ex-cidadão portuguez.»

Nem vencedor lhe perdoavam na capital, nem socegado o deixaram até que morreu. Entretanto,

chegava um segundo momento em que, a não ser elle, tudo se perderia. A defeza de Lisboa chamava-o ao campo, da mesma fórma que o chamara no Porto — a historia repetia-se. Era o mesmo soldado valente, o mesmo operario incansavel, — sem genio, nem sequer talento, mas com uma ferrea teima que substitua melhor ou peor a ausencia de dotes de estadista e de capacidade de general. (Napier, Guerra) Lisboa occupara-se, mas nem por isso o reino bolia. Apenas Santarem se pronunciara pela rainha; e depois da passagem de Terceira, como um meteoro, todo o sul do Tejo restaurara as authoridades miguelistas. (202.) Os liberaes tinham o terreno que pisavam armados: assim fôra no Porto, assim no Algarve, assim era agora em Lisboa. ¹ Suppondo-se prematuramente vencedores, tinham começado o saque; e as medidas impias e cruéis não faziam senão congregar os inimigos, pôr o reino inteiro n'um estado de susto, semelhante ao de um rebanho quando ouve ao longe uivar uma alcateia de lobos. Absorvidos no dever, os de Lisboa nada queriam attender, — nem as instancias de Napier, nem o estalar das carabinas das guerrilhas que surgiam por toda a parte. O Algarve estava alagado em sangue; a decomposição universal da sociedade consummava-se; e sobre ella D. Pedro nas primeiras semanas, partilhando as illusões geraes, pensava em convocar as camaras — tanto pôde a tyranuia das formulas!

¹ «Que queres que façamos com as authoridades civis? Têm medo, mas como evitar-l'ho quando se acham sós e entre gentes desconhecidas pois todas são novas?» (Carta do Loureiro, do Sobralinho, 24 de agosto, Corr. do Rozando.)

«Suppondo que a vinda d'aquelle magistrado (o juiz do fóra de Alenquer) fosse causada por algum terror panico ou por má disposição dos povos...» (Off. id. *ibid.*)

E' verdade que a Inglaterra, pela pessoa de lord Russel, reconhecera o novo governo; mas é tambem verdade que o exercito inimigo não fôra batido — embora já se tornassem mais frequentes as apresentações de desertores. (*Soriano, Cerco*)

Esse exercito que deveria ter caído rapidamente sobre Lisboa (já que tivera a fraqueza de a desamparar) movia-se lentamente, dando tempo a que D. Pedro se fortificasse para o receber. Além d'isso dividia-se, querendo atacar Lisboa, sem abandonar o cerco do Porto, d'onde resultou ser batido por metades nos dois pontos.

Logo que Saldanha, afastados para longe os inimigos do Porto, viu que o theatro da guerra se mudara, não lhe consentiu o animo irrequieto ficar n'esse posto subalterno que o regente lhe confiara. (*Carnota, Memoirs of the duke de Saldanha*) Entregando o commando ao velho Stubbs, sem pedir nem esperar ordens de Lisboa, embarcou para a capital (23 de agosto). Fazia como fizera Nunalvares com o Mestre d'Aviz: combatia por sua conta e risco. D. Pedro, ao vel-o chegar, agastou-se e quiz punil-o: mas como, com que força? Por isso o abraçou contrafeito, mandando lavrar uma ordem antedatada, para salvar apparencias que a ninguem illudiam. (*Soriano, Cerco*) No fim de agosto, pois, todo o pessoal superior estava reunido em Lisboa, já defendida por um systema de fortificações. As linhas subiam do Tejo, pela ribeira d'Alcantara, aos Arcos-das-aguas-livres; d'ali cortavam a S. Sebastião-da-Pedreira, seguindo pela Cruz-do-Taboado, pelo Arco-do-Cego, por Arroios, ao alto de S. João a cair sobre o rio, a nascente da cidade, na Ma-

dre-de-Deus. Os navios fundeados, desde Villa-Franca até Belem, formavam a corda do arco das fortificações de terra. Alistara-se gente em Lisboa, creando-se com ella 36:000 homens de batalhões nacionaes. Foi n'este momento, com a acquisição da capital, que a relação numerica dos dois exercitos em campanha se inverteu. D. Miguel não trazia mais de 22 a 24:000 homens. Para occorrer ás despesas, já era, por outro lado, mais facil obter dinheiro: em Londres tinham-se collocado duzentas mil libras de acções do Thesouro, e a capital contribuiria com 800 contos, entrando com 300 o banco. (*Ibid.*)

D. Miguel largara de Coimbra, como vimos, dividindo em tres corpos o seu exercito. Larochejaquelin devia atravessar o Tejo em Salvaterra para segurar o Alemtejo e manter as communicações com o sul do reino. Lemos, por Thomar, seguraria o ponto dominante de Santarem; e D. Miguel com Bourmont operariam de Leiria contra Lisboa. A 5 de setembro atacaram com effeito as linhas, mas foram repellidos. Os episodios do Porto repetiam-se monotonamente; e embora os papeis estivessem invertidos, embora fosse impossivel cercar Lisboa, e impraticavel ao effectivo escasso do exercito miguelista leval-a de assalto, os sitiantes resolveram conservar-se e esperar. Corriam extravagantes esperanças — ou fundadas, ou forjadas — para levantar o moral dos soldados abatido por tantos revezes. Contra o apoio decidido da França e da Inglaterra a D. Pedro, contava-se com o soccorro da Austria com a qual se dizia haver um tratado mysterioso, e da Russia que ia mandar uma esquadra com tropas de desembarque. Os papeis invertiam-se; porque, se até então D. Pedro vivora com o dinheiro de fóra e com a transfusão constante de

sangue estrangeiro no exercito depauperado, era D. Miguel que agora, esgotadas as forças da nação, pedia auxilios ás reservas legitimistas da Europa, vencidas em toda a parte pela revolução de 30. Tinham vindo Bourmont, Clouet, D'Almer, restos da Vendéa; e de Inglaterra chegava agora Macdonell, para herdar o commando. Depois do Porto, depois do 5 de setembro, Bourmont tivera, por seu turno, a sorte anterior de Solignac.

No fim de setembro (22) chegou a Lisboa a rainha: o edificio constitucional consolidava-se; e a 10 de outubro Saldanha, n'uma sortida feliz, obrigou Macdonell a fazer a sua honrosa e sabia retirada para Santarém. Encerrados ahí os miguelistas, a relativa situação dos contendores invertia-se completamente. De sitiados, ficavam cercados. E para que os respectivos papeis se não alterassem, os liberaes mostravam em torno de Santarém a mesma incapacidade que os miguelistas haviam mostrado em torno do Porto. A força das cousas precipitava o desfecho fatal; mas ainda agora, apesar de todas as victorias, para proseguir na guerra, era mister importar mais 3.000 mercenarios estrangeiros. (Soriano, *Cron*) Esta situação singular provinha da singular condição do reino. Extenuado, assolado, valia e podia pouco. Ao caído enthusiasmo realista não succedia uma adhesão ao liberalismo, mas sim um abatimento de indiferença, aggravada pelos desvarios dos vencedores em Lisboa. Palmella dizia: «Aqui fazem-se as maiores asciras possiveis governativas». (*Corr. do c. da Carreira*; 29 de agosto) Nem se tratava de obter a confiança das potencias, nem de reconciliar os partidos. Logo que se melhorava um pouco inchavam, e só pediam triumphos e vinganças; o resultado era um numero immenso de inimigos, mais ou menos secretos ou ousados: os frades

trabalhavam, as guerrilhas cresciam— a guerra civil não terminara. (*Ibid.* 3 de setembro) Estavam por D. Pedro apenas Lisboa e o Porto, porque os soldados liberaes as pisavam; mas o reino, apesar de ser por D. Miguel, não o era já bastante para se decidir a uma d'essas guerras populares, como a que varrera os francezes de toda a Hespanha. Assim, sobre a tavola de Portugal, a sorte das cousas mandava que os destinos da nação, passiva e resignada, se jogassem entre dois exercitos. Já não era uma questão, nem social, nem politica, nem dynastica: era apenas um duelo militar. O tempo supprimira os diversos aspectos do problema, reduzindo-o a uma feição exclusiva, nitidamente accentuada. Quem tivesse mais força, e habilidade superior, ganharia Portugal.

Fôra isto o que Napier comprehendera desde logo; e vendo o desanimo inimigo, sabia que só a audacia excentrica terminaria a contenda. A batalha naval que ganhara, decidira a metade mais difficil: faltava o resto; e o inglez desesperado com a timidez e com a inepeia da gente de Lisboa, a mal com os ministros, não conseguia que o deixassem pôr em execução os seus planos. Seguros da victoria em Lisboa, todos os rivacs queriam para si a gloria de rematar a guerra, e por isso reciprocamente se hostilizavam, impedindo os planos alheios.

Assim nebuloso e dubio se apresentava o outonno de 33. No norte, D'Almer voltara a ameaçar o Porto, onde Stubbs, caduco e só, se achava em perigo. Todo o Minho se conservava por D. Miguel. Parava a acção depois do episodio de Lisboa. «O caso é que o entusiasmo está murcho em Lisboa e que as operações militares estão paradas porque a força dos dois exercitos se balança».

(*Ibid.* carta de Palmella, em 18 de novembro) Nem D. Pedro

podia entrar em Santarem, nem D. Miguel sair de lá. Os pasquins diziam :

D. Pedro vae,
D. Pedro vem;
mas não entra
em Santarem.

Como no tempo de D. Fernando: Exvollo vae, exvollo vem, etc. ¹ Entre Lisboa e o Cartaxo, Saldanha, como um Nunalvares, capitão no campo e chefe nos clubs, podia mais do que D. Pedro, sem poder tambem entrar no baluarte miguelista:

Saldanha p'ra cima,
Saldanha p'ra baixo;
mas não passa
do Cartaxo.

Repetidas vezes ferido no seu orgulho, conscio do valor da sua espada que salvara o Porto, que o libertara do cerco, e depois repellira de Lisboa o inimigo, Saldanha crescia todos os dias. O conde da Taipa que em 27, nas Archotadas, inventara contra o novo Cid o nome de «canalhocracia», era agora quasi demagogo e creatura entusiasta do unico homem em que se podia pôr confiança e esperanza. Com a penna que escrevia as cartas ao regente sobre o negocio do tabaco, compunha acres libellos apresentando os liberaes «dançando como doidos ao som da rebeca d'estes senhores» — os ministros. Por Saldanha era tambem Napier que lhe escrevia: «As cousas chegaram aqui a ponto que haverá tumultos e tudo irá por agua abaixo (*to the dogs*) se não mudam os ministros. Aborrecem-me; e se me vou, vão-se comigo os officiaes, os

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) 1, p. 131.

marujos seguirão: e adeus esquadra! E' duro, que tudo o que foi ganho a bons tiros (*honest shot*) se perca por incapacidade». (Carta de 10 de dezembro; em *Castro*, *Memoirs*, etc.) D. Pedro entregar-se-hia de todo nas mãos do seu condestavel, se não fosse o fundado amor que tinha a José da Silva Carvalho, pessoa unica para descobrir dinheiro. (*Soriano, Cerco*) Por Saldanha era até Palmella que lhe mandava dizer de Lisboa estar *prompto para o servir em tudo*. (*Liberato, Mem.*) Singulares voltas das cousas: melancolicas sequencias de um character feito, como o de um Talleyrand, de intelligencia apenas! Fria-mente ollhado por D. Pedro, posto de parte pelo ministerio, Palmella não podia vêr-se desviado por tal fórma para os bastidores da scena. Offerecendo-se a Saldanha, dizia com sinceridade: «O que eu quero é que me não desprezem!» Queria que o utilisassem, queria continuar a ser alguma cousa. (*Ibid.*)

Por tal modo exaltado, outra vez unico homem, como em 26, Saldanha, que sempre viu o governo com olhos de soldado, não hesitou. Destacaria do Cartaxo uma columna para vir a Lisboa depôr o ministerio; depois, expulsos do governo os parasitas do paço, a guerra terminar-se-hia n'um instante. Pena foi que este episodio não chegasse a realisar-se, porque a historia posterior teria começado ainda antes de acabar a guerra. Do Cartaxo Saldanha escrevia aos seus amigos, preparando tudo: José Liberato ia para o Reino. (*Ibid.*)

Perante um risco tão grave e imminente, que fazer? Resistir? Como, com que? Pobre D. Pedro, que, vencendo, era forçado a ir baixando, degrau a degrau, por uma escada funebre que terminaria na cova. Forçado a annuir a tudo, era forçado agora a montar a cavallo e picar esporas para o Cartaxo a propôr a paz ao seu émulo. (*Soriano, Cerco*) Saldanha

não seria um Cid se tivesse resistido. «Lançaram-lhe o anzol com uma d'essas iscas tentadoras com que depois o agarraram deveras.» *Liberato, Mem.*) Dinheiro? E' provavel que não; lisonja apenas. Singular é contudo que o general, depois da feliz sortida de outubro, notasse á esposa: «O imperador fez-me marechal e conselheiro d'Estado, o que nos dará pouco mais ou menos trezentas libras por meza.» (V. a carta, em *Carriota, Mem.*) Mais singular ainda é que esse ministro da guerra, de quem elle tão mal fallava, lhe offerecesse pagar-lhe as dividas em França: «O seu nome não pôde ficar comprometido por grandes que sejam as sommas de que necessite: o Thesouro dever-lhe-ha sempre muito mais» — que lh'o offerecesse pouco antes, em dezembro (5), e elle aceitasse. (V. a carta; em *Carriota, Mem.*) Trazer, porém, assim o principe quasi a seus pés; tirar uma tão grande desforra das humilhações anteriores, bastava talvez para um orgulho haloto, theatral — e era de mais para quem, apesar de fazer de demagogo, tinha no sangue, inconscientemente, o velho instincto monarchico, — fórma de sentimento aristocratico peninsular, creado com a historia e sempre alliavel á indole e aos habitos populares, soldadescos. — Como quer que fosse, é facto que as entrevistas do Cartaxo são de um grande alcance para a historia ulterior. D'ahi data a primeira mudança, a mais grave, de Saldanha. Braço e espada, sem direcção no pensamento, fôra até ahí o instrumento do radicalismo jacobino: agora principia a ser um instrumento da monarchia. Reconciliado com o governo, volta-se mais tarde contra os seus antigos companheiros de trabalhos: em breve o veremos no campo, armado contra os setembristas. Dado o character de Saldanha, essa devia ser a marcha da sua vida.

Desarmados os inimigos internos, causas de ordem externa concorriam no sentido de abreviar a solução da pendencia: solução inevitavel, mas que a fraqueza dos liberaes e a teima dos miguelistas protrahiam. Morrera em Hespanha Fernando VII (29 de setembro), e a politica da nação vizinha, forçada a optar entre Christina e D. Carlos, pronunciou-se abertamente no sentido liberal. A guerra acalmára: «Hoje nada sei do inimigo e devéras não gosto d'este silencio, e é preciso estar áleria: parariam elles para combinarem os seus com os negocios de D. Carlos em Hespanha, visto a morte do Fernando?» (Carta de J. J. Loureiro na *Corr. de Rezende*)

Em Santarem, com effeito, D. Carlos acolhido e D. Miguel que o acolhia, eram os dois tios que ambos pretendiam esbulhar da corôa as duas sobrinhas, moças, menores. Assim a Hespanha se unia decisivamente á França, á Inglaterra, para pôr ponto á questão portugueza que era um perigo. Veiu um exercito, sob o commando de Rodil, observar as fronteiras de Portugal, — pois que D. Carlos não obedecera ás ordens formaes para sair da Peninsula; pois que se fallava de um plano em que D. Miguel retiraria para Hespanha, e com os carlistas occuparia Madrid, desamparada, voltando-se depois sobre Portugal. (*Port. seus gov. e dyn.*) Ao mesmo tempo a Hespanha e a Inglaterra, reunidamente, propunham a D. Miguel uma mediação que o principe recusou. A humanidade que os mediadores invocavam parecia numa deshonra aos bravos encerrados em Santarem. Macdonell que apoiava a mediação foi substituido por Povoas no commando do exercito: e era melhor, com effeito, que a tragedia acabasse nas mãos de portuguezes. Por tambem inclinar á rendição, até ao ponto de fallar sobre tal assumpto a Napier (*Soriano, Cerco*), fôra

Bourmont despedido. Esses estrangeiros, na sua humanidade, esqueciam os deveres de uma honra bravia — deveres sagrados quando se combate por uma fé, e não para um fim. Os francezes que de tal modo aconselhavam ao velho Portugal uma capitulação, eram os proprios que na Vendéa tinham combatido até á ultima. Como sentiriam um amor tão arraigado pela patria alheia?

Foi neste momento, pois, que acabou a intervenção de generaes estrangeiros, — episodio que tambem desnacionalisaria o partido vencido se tivesse sido vencedor. O desfecho da tragedia, nas suas ultimas batalhas, é unicamente portuguez.

4. — ALMOSTER-ASSEICEIRA

No principio de 34 a situação era esta: o exercito liberal, reforçado com mais 1:500 recrutas belgas, irlandozes, e inglezes, contava um effectivo de 50:000 homens, dos quaes dois quintos de primeira linha. O grosso d'estas forças concentrava-se perante Santarem. O Tejo era liberal, seguro pela esquadra até Salvaterra. Lisboa e Setubal, e ao norte o Porto, estavam pela rainha: fóra d'isso, apenas Marvão isolado na raia de leste, e alguns pontos do litoral do Algarve. — Santarem era o baluarte miguelista; e o exercito de Lemos, cruzando o Tejo, com o seu quartel-general em Vendas-Novas, segurava as communicações com o Alemtejo; da mesma fórma que por Leiria mantinha as relações com Coimbra e com todo o centro e norte do reino. Afóra pois o Porto, com que tratavam por mar, os liberaes viam-se limitados ás duas boccas do Tejo e Sado — que o miguelista rodeava, isolando-os do resto do reino.

Em tal situação, era forçoso romper esse círculo de tropas: já para trazer o reino ao novo regime, já para tirar ao inimigo a possibilidade de se abastecer. Todos concordavam n'esta urgencia evidente, mas as opiniões variavam quanto ao modo. Uns, como Terceira, opinavam por movimentos sobre o norte para ganhar Coimbra; outros, como Napier, preferiam movimentos sobre o sul para destacar o Alemtojo. Freire opinava pela transacção, esperando muito mais dos seus agentes inglezes do que dos soldados. (D. Ant. da Costa, *Hist. de Sald.*) O imperador, general em chefe, era coisa nenhuma, sem voz, nem authoridade, um nome apenas.

Saldanha decidiu cortar as duvidas, marchando. Mas a quem entregar o Cartaxo, fazendo frente a Santarem? Naturalmente a Terceira; porém esse era o émulo, e não queria ficar na sombra, inactivo, para ter de aclamar depois o rival. D. Pedro, afflicto, servia apenas para fazer as pazes, lubrificar os attritos. Escrevia a Saldanha de Lisboa: «Mou conde. Terceira não está longe de aceitar, segundo me disse o Solla. . . Veremos quaes são as condições, e como elle aqui em nada me falou, é provavel que nada me diga. Eu estou com bastante curiosidade: assim que souber quaes são as condições, mande-me parte». (A). Costa, *Hist. de Sald.*) Entretanto, D. Pedro continuava a ser nominalmente o general em chefe: mas não é verdade que a sua influencia acabara, a sua authoridade descer a nada? Tal o veremos pois n'este quasi derradeiro momento da sua vida, entre Lisboa e o Cartaxo, entre Saldanha e Terceira, implorando paz, pedindo conciliação entre os dous capitães rivaes. A tão pouco se reduzira o seu papel, outr'ora desenhado com proporções grandiosas!

Terceira accitou por fim; e Saldanha foi n'uma

carreira tomar Leiria, cortando aos inimigos a estrada de Coimbra (14 de janeiro). Não se atreveu porém a seguir: parou. Entretanto o miguelista saia de Santarém a colher pela retaguarda o general, que teve de retrogradar para o bater em Pernes (30). Terceira, immovel no Cartaxo, fazia o que Povoas fizera perante o Porto: não intervinha; dando isso em resultado ficar a acção de Pernes inutil, podendo ter sido decisiva. O mesmo acontecera do lado opposto em Ponte-Ferreira. — Chegou a haver perigo, e D. Pedro teve de voltar ao Cartaxo. Para que? Para nada. No primeiro de fevereiro voltou Saldanha, inutilmente coberto de gloria pela sua correria sem consequencia. Accusava o rival de o não ter secundado; e Terceira accusava-o a elle de não ter seguido sobre Coimbra, em vez de parar em Leiria. (Soriano, Cerco) Desgostoso, Terceira entregou o commando a Saldanha, e veio para Lisboa amuado. D. Pedro veio tambem, impotente, coxeando atraz do seu general. Lá ficava Saldanha, rebelde contra o governo, omnipotente no exercito, mais do que general — quasi imperador.

Apesar de batido, Povoas conseguira em Pernes o que desejava: inutilisar a corrida sobre Leiria, reduzir a nada a aventura de Saldanha. Inchiedos com isto, os miguelistas pretenderam lançar-se na offensiva, contra o parecer do general que teve de largar o commando a Lemos, depois de batido na infeliz tentativa de Almoster (18 de fevereiro). Foi uma batalha reuhida que Saldanha soube ganhar; mas como a sua cabeça não dava para largos planos estrategicos, não a pôde tornar fructifera. O melhor resultado da acção veio do abatimento em que deixou o inimigo.

No fim do mez era tal o estado das cousas, tão

evidente a estagnação dos dois lados, que os inglezes davam Portugal por interdito; e insistindo na mediação, exigiam que as condições d'ella fossem deixadas ao arbitrio da França e da Inglaterra. E já todos admittiam essa hypothese infamante. «Só com a espada, escrevia Palmella, não conseguiremos tão cedo terminar a guerra, porque as forças militares balançam-se, e o fanatismo dos povos das provincias e a desesperação dos chefes contrape-sam a superioridade das nossas tropas e officiaes». (Corr. do c. da Carrreira, 19 de março 34) Em março houve no Cartaxo entrevistas e debates entre Saldanha, Lemos, e Parker, o medianeiro inglez. (Soriano, *Cerao*) E ao mesmo tempo que D. Pedro não era ouvido n'estas cousas; ao mesmo tempo que Saldanha parecia tudo, — nação e exercito, governo e commando, — os ministros entretinham-se a imprimir relatorios infamantes para D. Miguel (18 de março). O inglez exigia a saída temporaria do infante; mas, apesar de batido e deprimido, o miguelismo teve ainda coragem para preferir acabar com honra, a assignar a condemnação do seu idolo.

Napier via a necessidade impreterivel de intervir. Em vão quizera fazel-o com o accordo do governo, dos generaes: mas «quanto a medidas ou planos militares nunca os tiveram». (Napier, *Guerra*) O excentrico inglez dispunha porém dos navios e tripulações de marinheiros da sua raça para o seguirem. Com elles tomara a esquadra inimiga, abrindo as portas de Lisboa. Agora decidiu-se a ir operar *livremente*, por sua conta e risco, para mostrar o que se devia fazer e se não fazia. Embarcou em Setubal a 16 de março; appareceu no cabo Moa-

dego, sem poder tomar terra na Figueira, por causa da resaca. Seguiu portanto para o norte e desembarcou em Caminha. Foi um nada, um instante. «Habitantes de Caminha, libertei-vos. Apresentae-vos e armae-vos em defeza da vossa legitima soberana. Todo o homem se alistará debaixo das suas bandeiras cu sairá da villa. — Napier.» Mais nada, só isto: nem uma só phrase! De Caminha seguiu por terra para Valença. Ia á frente dos seus marinheiros, a cavallo n'um burro, com a volta das meias caidas sobre os sapatos, sem estribos, rindo com bom humor. «Ao governador de Valença: Senhor, tenho uma esquadra em Caminha e se vos não entregacs á vossa legitima soberana, mandarei buscar cem peças de artilheria, cercarei a praça e a vossa guarnição será passada á espada. — Cabo de S. Vicente.» (4^a p. 362.) Valença entregou-se, como já se tinham entregue pelo mesmo processo Vianna e Ponte-de-Lima. O alto-Minho conquistára-o a cavallo n'um burro, seguido por um pelotão de marujos inglezes. Depois internou-se, a ajudar Pico-do-Celleiro no combate da Lixa que lhe deu Braga. Assim estava definitivamente seguro o Porto, — e desde o Douro, pelo Tamega, até ao Minho, não havia mais terras miguelistas.

No extremo opposto do reino, Sá-da-Bandeira segurava o Algarve, onde até ali imperava o Remechido. (Soriano, *Cerco*) Das duas fronteiras a victoria caminhava para o centro: não achariam momento azado para se decidirem os homens que ali mandavam?

A singular campanha de Napier no Minho encheu de pasmo o ministerio, que só então se con-

venceu da razão de ser da expedição havia tanto reclamada por Terceira. Mandaram-no, pois, por mar ao Porto; e o general seguiu logo para o Douro, reunindo as suas forças em Amarante e varrendo para as serras fronteiriças as guerrilhas de Traz-os-Montes.

Entretanto, assignara-se o tratado da quadrupla alliança (22 de abril) pelo qual a França, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal se obrigavam a manter as instituições parlamentares, — formula generica sob a qual se entendia a expulsão de D. Carlos e D. Miguel da Peninsula. Em virtude das estipulações do tratado, o exercito hespanhol de Rodil que até ali se mantivera de observação além da fronteira, passou a cooperar com o de Terceira, na marcha através das Beiras, para colher e encerrar D. Miguel, forçando-o a pôr termo á resistencia. Flanqueando nas suas duas vortentes a serra da Estrella, os exercitos alliados avançaram. O hespanhol desceu por Castello-branco a Abrantes, onde ficou. O portuguez vinha a Coimbra, e depois de a occupar, marchava sobre a Estremadura, parando em Thomar. Já todo o norte do Tejo estava perdido para D. Miguel.

Em Thomar aggregou-se Napier, que tomara Ourem, depois de trilhar a Estremadura litoral. A acção precipitava-se. Era meiado de maio. A guarnição miguelista de Thomar retirara sobre a Assiceira, caminho de Santarem, a reunir-se ao grosso das forças; e Terceira, que por seu lado queria effectuar a junção com Saldanha, immovel no Cartaxo, encontrou e destroçou o inimigo (16). Os dois rivacs contavam cada qual a sua victoria. Entre os de Saldanha no Cartaxo, os de Napier em Torres-Novas, os de Terceira na Gollégan, — D. Miguel via-se fechado por norte, por leste, por

oeste. Só lhe restava o sul: passar o rio e inter-nar-se no Alemtejo.

5. — A CONVENÇÃO DE EVORA-MONTE

Assim se resolveu logo, no meio de uma afflicção desolada. A retirada de Santarem foi uma debandada, que Saldanha presenciou sem intervir. Podia ter acabado n'este instante a guerra, e não o fez (*Soriano, Certo*). Os soldados miguelistas, de raiva e desespero, já se recusavam a novos combates (*St. Pardoux, Camp.*). Agora, sem duvida nem remedio, estava tudo perdido por uma vez. Ainda quando podessem vencer D. Pedro — e não tinham podido e não poderiam! seria impossivel resistir ás forças alliadas das potencias, ao exercito hespanhol que de Abrantes ameaçava intervir, se necessario fosse. Ceder já não era deshonra: insistir seria loucura. Eram ainda, apesar das deserções recentes, apesar da entrega da bella cavallaria depois de Assiceira, eram ainda dezoito mil homens aguerridos e crentes. Este numero, a raiva de vêr que, depois de uma guerra alimentada com sangue e dinheiro estrangeiro, vinham forças estranhas impôr a rendição, desorientava as cabeças dando corpo aos planos mais extravagantes. Em ferir uma grande batallia ninguem pensava, observando o abatimento universal: opinava-se porém pela escolha de uma divisão firme, bater com ella Terceira que vinha por Estremoz, e ir abrigar-se em Elvas; outros propunham uma retirada para o Algarve, ou ainda sobre a Andaluzia — com D. Carlos que, varrido pelo Rodil, viera esconder-se em Santarem e acompanhava os fugitivos. Occupados com taes romances e aventuras, ainda conseguiram de Saldanha, que os perseguia por oeste, uma sus-

pensão de hostilidades. Terceira porém, de leste, não annuiu — exigindo uma rendição pura e simples, repellindo quaesquer planos e convenios.

Aos dez dias depois de Asseiceira, em Evora-Monte, entabolavam-se as negociações e no dia seguinte, a 27, assignava-se a convenção. Os officiaes, chorando raivosos, quebravam as espadas nas quinas das ruas, para não terem de as entregar. O modo porque a guerra acabou absolve muitos dos seus crimes e miserias, porque de lado a lado foi honroso, digno do nome portuguez tão rebaixado desde seculos. Apesar da furia odienta dos vencedores, D. Pedro soube ser magnanimo — embora isso lhe custasse o resto de vida que ainda arrastava. Os vencidos, rendendo-se, souberam manter até ao cabo as nobres tradições de honra e desinteresse que durante o seu breve reinado tinham mostrado. Os artigos da convenção estatuiam que entregariam as armas, voltando livres a seus domicilios; que perderiam todos os empregos, bens-reaes, commendas e pensões de que tivessem fruído; mas que os postos militares lhes seriam garantidos — reconhecendo, é claro, o novo regime; que poderiam, quorendo, emigrar livremente; que os crimes politicos, de qualquer natureza, ficavam amnistiados e os miguelistas entrariam na posse dos seus bens, não podendo contudo alienal-os sem authorisação das côrtes.

Se da parte dos vencidos havia lagrimas de raiva ardente nos bandos que, inermes, seguiam tristemente pelas estradas, da parte dos vencedores havia desesperos crueis por verem escapar tão facil uma occasião de vingança atroz. Os odios tinham fervido, a ebulição trasbordava; e despeitados, irritados, os que tanto haviam soffrido, sem admittirem que vencer fosse esquecer, não conce-

biam a magnanimidade de D. Pedro — que era por elles accusado sem piedade. Com o instincto das vinganças cruas, exigiam mortes, confiscos — e sobretudo a morte do «Usurpador», esse homem a que as calumnias e as dôres, a imaginação desvairada e os corações attribulados, tinham formado uma lenda de crimes, devassidões, torpezas: sanguinario como um tigre, imbecil como um porco, baixo e vulgar como um rafeiro. Sobre a cabeça de D. Miguel caíam todas as maldições: as mães pediam-lhe a vida dos filhos, os orphãos a dos paes; e um largo côro de vinganças desgrenhadas seguia-o bracejando e clamando em grita, quando elle no dia 30 caminhava para Sines, a embarcar na *Stag* que o levaria ao exilio. Esse cortejo de imprecações acordar-lhe-hia de certo as lembranças dos gritos de 28, quando desembarcara em Belém — o rei chegou! Então houvera vivas, agora zumbiam as pedradas e clamores de morte — clamores apenas, porque D. Pedro impediu que se levasse a cabo o plano de o assassinar no caminho (*Soriano, Cerco*).

O povo nasceu creança, e nada ha mais feroz do que a infancia. Não a movem raciocinios, apenas instinctos. Não distingue, vê as cousas, grosseiramente, — como parecem, não como são. O infeliz principe era um symbolo condemnado a expiar as consequencias da historia de um povo, tristes consequencias aggravadas pela virtude rude e pela acanhada intelligencia com que a natureza o dotara. Era o symbolo da fome devoradora que vinha da separação do Brazil; da lepra que roía as velhas instituições; do fanatismo, com os seus odios theologicos; da fidalguia, com a sua mendicidade cortezan, e da guerra sangrenta que nascera de todas essas causas e agora terminava. Assim caminhava D. Miguel para Sines, ajoujado com

uma carga esmagadora de erros, expiando uma historia antiga, réu dos crimes de uma nação, votado em holocausto á colera de um povo não menos exigente do que os velhos deuses da Asia. Assim partia, assim acabava reprobado, o idolo da vespera; e nem como idolo, nem como réu, o pobre príncipe era digno dos odios, nem fôra merecedor das aclamações. Rude lapide onde outros escreveram um lemma, tela grosseira com que se fez um pendão, D. Miguel, como homem, — só o odio que chega a cegar poderá negal-o! — se na fortuna mostrara os vícios de um filho-segundo português, brutal e toireiro, bronco e plebeu: na adversidade mostrava, e mostrou até morrer, os dotes que não era raro encontrar na familia dos filho-segundos a que pertencia — a resignação e a nobreza pundonorosa. Levou de Portugal a roupa que tinha vestida: entregou tudo, quando partiu para o desterro. A convenção expulsava-o, prohibia-lhe voltar ao reino, e dava-lhe a pensão annual de sessenta contos, — clausula que punha o cumulo ao desespero dos liberaes vencedores. Quando desembarcou em Genova e se achou livre dos graves deveres cantrahidos perante um exercito vencido e solidario do seu destino, D. Miguel protestou contra o que fizera, recusou um dinheiro que seria como o de Judas, proclamou os seus direitos, contra a força a que tivera de submeter-se. Accusaram-no então de felonía, chamando-lhe nomes descarados na lei que as côrtes votaram. Pobre de quem não admittir que nenhum character nobre deixaria de proceder n'esse momento como proceden D. Miguel!

Nas côrtes, porém, onde já reinava o partido vencedor, era rara a gente capaz de ser magnanima.

Uns tinham nascido avessos, a outros tornara-os assim o azedume das luctas e a crueldade dos soffrimentos. Não ha outra attenuante: só isto desculpa os reis de Lisboa, e os socios que reinavam pelas varias terras do reino, da rapina desaforada a que se lançaram, da crueldade sanguinaria com que foram executando lentamente a sentença de exterminio que D. Pedro não consentira se lavrasse em Evora-monte; só isto os desculpa da ingratição pequena e baixa com que tambem atiraram para o leito, onde acabou, o principe a quem deviam uma parte consideravel da victoria.

Essas côrtes que D. Pedro suspirava por convocar, addiadas por varias vezes no decurso de 33, — pois apesar das esperanças, a guerra teimava em não acabar — abriram-se por fim a 15 de agosto de 33. Logo em maio, ao voltar do campo e quando ia a S. Carlos contando com um triumpho, o regente foi recebido com uma assuada. Circulavam no theatro os impressos da convenção commentada com insultos, e o rumor crescia. A turba dos vencedores — presos soltos que queriam indemnizar-se da cadeia, voluntarios licenciados, pedintes, mendigos, adherentes da ultima hora, parasitas, denodados athletas de plurasas que ninguem vira nas trincheiras do campo — protestavam, clamando formulas juridicas, palavrões liberaes aprendidos nos clubs. Jurava-se um « odio eterno ao chefe que demorou a marcha triumphante dos bravos, e que por tal modo deu lugar a que o tyranno não fosse punido ». (*Apont. da vida, etc.*) O tumulto crescia, e conta-se que o regente, perdida a paciencia, dissera da tribuna: « Fôra, canalha! » Rompeu então uma explosão de coleras que a tropa não quiz reprimir. E D. Pedro, ao cabo de trabalhos, evadiu-se do theatro, correndo a toda a brida diante da turba

que o apupava, apedrejando a carruagem. (*A dynastia e a revol. de set. op. an.*) Tal foi o triumpho concedido ao vencedor!

D. Miguel embarcou; D. Pedro foi para Queluz vasar a ultima golphada de sangue para morrer. As côrtes estavam abertas e as vozes dos oradores chegavam de Lisboa a Queluz — como o contrario das orações que ajudam a bem morrer. Os eccos traziam-lhe as fallas em que o seu poder — poder de um moribundo! — era atacado. Discutiam os direitos da regencia, levantavam toda a ruma de folhetos de Paris, onde fôra vituperado, escarnecido, infamado.

E' que tambem, ainda no leito e agonisante, ainda o principe, obedecendo a um rancor antigo, mandára metter n'um carcere o seu Mephisto: esse Pizarro de mau agouro, demagogo querido, inevitavel penna, lingua incansavel! Traz-os-Montes elegera-o: elle vicra, apesar da antiga prohibição. Os debates da regencia, os debates da eleição Pizarro que enchem o mez da agonia, amarguraram do fel o passamento. Da sorte reservada aos dois irmãos que o acaso ou o destino fez rivaes, repetimos, qual é preferivel? Acclamado nos papeis, condemnado nos corações, como D. Pedro? ou, como D. Miguel, fulminado pelas côrtes, pelas gazetas; mas adorado ainda e sempre, até ao fim, por uma população infeliz vencida e muda, caçada a tiro pelos desvios das serras? Desterrado e pobre? ou rico, triumphante e morto?

Desgraçada foi a sorte de ambos; mais desgraçada ainda a da nação expiando as consequencias do duello a que a sua historia anterior a condemnára... No dia 20, D. Pedro agonisante abandonava a regencia; a 24 morria de todo, quem pouco a pouco fôra morrendo aos pedaços, com a perda

das illusões e vaidades que a sorte dura amarro-tava e despedia como bolas de papel inutil. Morria a 24 de setembro; e oito annos depois, um estrangeiro illustre, meditando, dizia d'esse quarto de Queluz onde o principe acabou: «E' cousa singular que o aposento em que falleceu D. Pedro se denomine a sala de D. Quixote, e seja ornado com scenas tiradas das aventuras do cavalleiro da Triste-figura!» (Licknowski, *Recordações*)

A morte de D. Pedro desafogava os candilhos liberaes. D. Maria II era mulher e quasi creança: um ser a proposito para essa ficção singular de monarchia sem authoridade, de rei que não governa — invenção que os tempos futuros hão de considerar como prova do nosso neo-byzantinismo, visivel em muitas cousas mais. A rainha jurou a CARTA, Palmella entrou no governo — para constituir a *moderação*, atraz da qual o perspicaz diplomata sem genio vinha correndo e caíndo desde o tempo de D. João VI. Parecia estar tudo feito, e agora apenas começava a historia. A muito custo fôra possivel juntar dezeseis pares: toda a nobreza se abstinha. E, d'esses dezeseis, sete eram contra o governo: era Loulé que sempre teve o capricho de ser aristocrata e mollemente radical; era Taipa o incorrigivel, author mordaz das cartas ao regente, repetindo-as agora em discursos gaguejados. Nos deputados, o ministerio tinha a opposição da direita e a da esquerda: Julio Gomes com a sua voz de stentor, Leonel-diogenes, e Passos-Manuel reservado para nobres destinos.

Por entre todos, com um perfil agudo, com a ambição do mando, farejava Rodrigo. Os seus di-

tos o visagens, como um enigma, eram o vivo retrato da situação. Começava uma nova historia — que nos obriga a parar por um pouco no decorrer da nossa narrativa. Dava-se o balanço á nação, e achava-se uma ruina: ¹ palpava-se o Thesouro, e todas artes do ministro eram incapazes de o encher; indagavam-se os campos, e sentia-se o estalar dos trabucos assassinando miguelistas; parava-se a escutar quem fallava, e só se ouvia um clamor universal por empregos em pagamento dos serviços! Sobre este acervo de farrapos de uma nação, Passos-Manuel e os que ainda com elle esperavam,

¹ Eis aqui os numeros respectivos ao exercito liberal, segundo o Relatório do ministro da guerra em 34. Os effectivos foram:

em junho	de 32	8:219, mercenarios	1:062
Janeiro	33	17:068	
setembro	>	31:847	
maio	34	60:119	
		id	5:000
		2. ^a linha	35:000

O numero total de mercenarios fornecidos para o exercito (fora os marinheiros da esquadra) foi:

	PELA COMISSÃO DE APRESIOS	POR R. & CARBONELL JUNHO 33/4
Inglezes	2:133	693
Escorezês	570	647
Irlandezes	400	585
Francezes	2:300	--
Belgas	903	1:513
	<u>6:306</u>	<u>3:438</u>

As baixas contam-se por este modo:

Mortos	} em combate nos hospitaes	1:218	
		<u>3:197</u>	4:355
Feridos			5:101
Desertores, extraviados			8:073
		<u>Total</u>	<u>17:529</u>

O relatório calcula as despesas totaes da guerra, de 32 a 34, em 6:059 contos; e se considerarmos que este dinheiro foi tomado de emprestimo a um juro que não se afastará muito de 20 p. cento, teremos os encargos correspondentes — 1:200 contos por anno, para sempre.

viam entre nuvens uma sonhada imagem, nebulosa, indecisa: uma chimera doutrinal vestida á antiga, mas vaporosamente romantica e moderna, um deus novo, idolatrado — Liberdade!

A maioria da gente, não via nada d'isto: apenas via satisfeita a ambição, ou aberta a arena para a satisfazer — o circo tapetado dos despojos dos vencidos, vasta ceara onde havia muito que ceifar ainda!

V

Mousinho da Silveira

1. — O MINISTRO DE D. PEDRO

O epilogo necessario da historia d'essa guerra que terminou é o estudo do systema de leis consagradas pela victoria, e o esboço da phisionomia do author d'ellas. Não julgámos conveniente embarçar a narrativa das campanhas com o exame das medidas reformadoras, já por amor da lucidez, já por obediencia á boa razão. Os decretos de que alguns, incluindo o proprio author, esperavam muito no sentido da conversão do Portugal velho; esses decretos, suppostas armas de maior alcance do que a artilheria, nada conseguiram durante a guerra, senão acirrar os odios, profundar o fosso divisor da velha e da nova sociedade. Promulgados para um paiz não occupado, eram antes programmas, ou proclamações, do que leis; e só agora, conquistada a victoria, se podiam dizer outorgados. Mas quantos se não arrependiam já dos compromissos tomados nas horas em que se olhava para esses papeis com desdem ou indiferença! Assim se arrependerão da irrevogavel abolição dos dizimos; assim se modificará a lei dos foraes; assim se deixará sem remate o edificio do codigo concebido por Mousinho.

Esse codigo, porém, embora incompleto, é o mais positivo resultado da lucta de seis annos; é o fim

do Portugal historico, o introito da vida nova portugueza. Chegou pois o momento de o estudarmos.

A' guerra da successão de D. Maria II succedeu o mesmo que já em Portugal se tinha visto cinco seculos antes, por occasião da guerra que fundou a dynastia de Aviz. Tambem o Mestre e os seus partidarios se agitaram com varia fortuna, mas sem consciencia decisiva do movimento que executavam, até que a espada de Nunalvares e o juizo do grão doctor João das Regras vieram dar intelligencia e força á campanha e á revolução. ¹ A D. Pedro cabe de certo a herança do Mestre d'Aviz, cujos defeitos e qualidades herdou; Palmella parece-se bastante com Alvaro-Paes; Saldanha póde sem grande esforço considerar-se o Nunalvares; e Mousinho é, sem duvida alguma, o grão-doctor da revolução dynastica do XIX seculo.

Quando o novo Mestre d'Aviz, regressando á Europa, o escolheu em França para o governo dos estados que ia conquistar, Mousinho não era já nem um rapaz, nem um homem-novo — no sentido que os romanos davam a esta expressão. Nascido em 1780 (12 de julho), contava cincoenta annos; e antes da emigração fôra ministro de D. João VI, tendo exercido outros importantes cargos publicos. Era sua patria a villa de Castello-de-Vide, no Alentejo; e seguindo a magistratura, serviu successivamente os lugares de juiz-de-fôra em Marvão e Portalegre. A revolução de 1820 foi encontrar-o ahí provedor e trouxe-o do fôro para a fazenda, nomeando-o director da alfandega de Lisboa. (Garrett, *Mem. hist.*) Observara o reino, visitando as provincias e travando relações intimas com os

¹ V. *Hist. de Portugal* (3.^a ed.) 1, pp. 155-5.

seus habitantes. Conhecia os vicios do antigo regime, sabia as podridões que a existencia secular trouxera ao Portugal historico. Não tendo vivido, nem na cõrte, nem nos acampamentos, era estranho ás intrigas palaciaanas e militares; e como tinha um espirito administrativamente pratico (embora não tivesse genio politico), dava pequena importancia ás escholas e principios que a esse tempo dilaceravam o corpo do antigo direito publico. Não era jacobino. A revolução, que o exame directo dos vicios do paiz lhe fazia considerar necessaria, não consistia para elle n'uma mudança das fórmãs governativas, mas sim n'uma alteração mais profunda, mais radical, das instituições sociais. Numerosos espiritos partilhavam esta opinião; e o caracter das reformas necessarias era patente aos proprios estrangeiros. (V. Porchester, *Last days*, etc.) Entretanto, succedeu, como quasi sempre, que essas reformas, mais ou menos conscientemente identificadas com as da politica, só poderam tornar-se um facto quando a revolução venceu; e como, dos velhos homens de D. João VI que assim pensavam, — d'esses era Mousinho — só elle se inclinou depois para o lado de D. Pedro, foi a Mousinho que coube a honra de dar á revolução um caracter social, — mais profundo, mais grave, mais fecundo, do que o caracter de intriga pessoal, ou de chimera doutrinarria, ou de questão dynastica. Tacs significações, mais ou menos mesquinhas, tinha unicamente a obra de D. Pedro no espirito da quasi universalidade dos seus sectarios.

Trazido a Lisboa pela revolução de 20, Mousinho passou da alfandega para o ministerio da fa-

zenda, onde a reacção de 23 o achou. Que fez? Antepoz a realidade á doutrina, viu o reino em crise e não o abandonou; porque para o seu grave espirito valiam mais as cousas do que os rotulos, e dava pouco pelas idéas partidarias; porque sabia como são vans a politica e suas agitações tontas, e só fecundas as reformas que modificam o viver positivo dos homens. Mousinho ficou, e depois, ao entregar o ministerio ao partido vencedor em Villa-Franca, dirigiu ao rei um *Memorial* em que lhe dizia: « Quanto a mim, servi com zelo nos tempos constitucionaes, servirei com zelo n'estes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa, como do bem publico, governe quem governar. » (Ap. Garrett, *Mem. Hist.*) O estadista, cuja politica era inspirada, não por uma doutrina partidaria, mas sim por um sentimento humanitario, antepunha a tudo os interesses da nação. O espirito doutrinalmente pratico, nada abstracto, de Mousinho, nem sequer ligara ainda ao plano das reformas sociais que já concebera, um plano de reformas politicas. Com ou sem constituição, era egualmente possível melhorar a sorte do povo, destruindo as instituições caducas que arruinavam a nação. Esperou sem duvida que 1820 o tivesse feito; mas viu que, em vez d'isso, os revolucionarios gastavam o tempo a discutir e acclamar direitos abstractos, embalados no desenrolar de phrases pomposas, escutando-se nas bellezas das imagens dos discursos, embevecidos nas seducções de chimeras azues. Por isso em 23 Mousinho não se affligiu demasiado com a volta das cousas; e confessando até o erro de ter esperado alguma boa obra do jacobinismo, depositou nas mãos de um amigo (Gomes de Oliveira) as insignias do grau da maçonaria, abjurando. Este aban-

dono da politica doutrinaria, que levou a uns para a reacção, a outros para a vida privada, e outros a esperar a salvação por meio de reformas moderadas sem character revolucionario, é commum nos melhores homens de 20.

Mousinho voltou ao seu lugar da alfandega, d'onde viu a morte de D. João VI e as deploraveis intrigas que medeiam até á chegada de D. Miguel. O leitor conhece-as; tambem sabe o que a exaltação do infante ao throno significava, — não uma questão de pessoas, mas a propria exaltação de todo esse systema de vicios e podridões sociaes; um protesto da nação impenitente contra as pretensões reformadoras; um repto lançado pela tradição caduca a uma revolução já victoriosa, na propria monarchia ainda *legitima* da França, e principalmente com o imperio quasi absoluto da Inglaterra sobre a Europa.

Não era uma questão de pessoas, era uma séria questão de cousas. D. Miguel, bandeira do partido historico; D. Miguel, ser passivo, incapaz de confiscar para si o movimento que o exaltava, jámais podia tornar-se o executor d'essa renovação indispensavel do machinismo social portuguez. Mais lucido do que todos os seus antigos amigos que, hostis ao jacobinismo, ainda teimavam em esperar no novo rei, como tinham esperado em vão no antigo; mais lucido, Mousinho percebeu a incompatibilidade, e emigrou.

Em Paris, onde o foi encontrar D. Pedro, o estadista renovara o seu pensamento. A reforma dos abusos tomara o character de uma revolução nas instituições. Philosopho e solitario, indifferente á

ambição e á gloria, inaccessible ás seducções das palavras e á tyrannia das formulas, se passou a vêr o fundo das cousas, nem por isso inclinou para o lado dos que puerilmente criam que na substituição de principios politicos estivesse a solução dos problemas sociaes. Uma educação pratica, uma observação profunda, representavam-lhe os factos sob os seus aspectos reaes. Leu muito: Smith e todos os discipulos economistas, com a theoria da Utilidade, contraposta ás antigas idéas que subalternisavam o bem-estar dos homens aos fins transcendententes do catholicismo. Os economistas, por um lado, Kant e o individualismo, pelo outro, deram-lhe a chave do enygma politico. A necessidade de reforma das instituições provinha de uma revolução das idéas: e por isso era chimerica a esperança de destruir o passado, mantendo os seus homens e as suas formulas. Nenhum poder jámais abdicou. Re- lendo as palavras que dirigira a D. João VI em 23, Mousinho reconheceria agora o incompleto das suas opiniões antigas.

Ninguem o convencia, comtudo, de que no aranzel de affirmações dogmaticas com que se compunham os novos cathecismos de uma religião nova e singular — a idolatria da LIBERDADE; de que n'esses apontados de formulas, incessantemente cercidas por Bentham e seus discipulos, formulas vazias com as quaes os povos podiam egualmente ser bem ou mal governados, e a riqueza bem ou mal distribuida, e os direitos garantidos ou despedaçados; ninguem o convencia, dizemos, que estivesse ahí a chave do enygma. Por isso se afastava dos *vintistas* emigrados, cujo chefe era em França um idolo apparatuso — Saldanha.

Não se inclinava tampouco para os rivaes e inimigos d'esses: a gente de Palmella, para quem o

problema estava em despeitos, interesses, odios, ambições, vaidades; e que sob a capa de um lealismo dynastico, encobriam mal a absoluta carencia de principios, e o motivo positivo que os tinha no exilio — a intolerancia do governo miguelista.

Afastado dos demagogos e dos moderados, dos diplomatas e dos apostolos, dos intrigantes e dos ingenuos, dos simples e dos haboís, dos fidalgos e dos plebeus, Mousinho era um excentrico. Concorria tambem para o julgarem assim o seu aspecto, os seus modos singulares, extravagantes. A vasta fronte, sobre a qual branquejavam revolidos os cabellos, abanava com desdem ao ouvir as *tiradas* de uns e as habilidades dos outros. Passava por um visionario, e accrescia a isso o ser surdo. Não tinha partido, nem sequer discipulos. Era um individuo singular, no meio da turba dos emigrados. Tinha em si uma idéa fixa, propria, sua, — o que, entre gente vazia, o tornava quasi grotesco. Chegavam a rir d'esse homem solitario, misanthropo, extravagante nos modos de dizer, e na maneira de apreciar as cousas. A *utilidade* da victoria que era para todos um desejado regabofe, era para elle um principio; e a *liberdade* que para os saldanhistas consistia n'um systema de formulas, era para elle uma cousa real e rigida, attributo da consciencia do homem, descoberto nos livros de Kant. Ninguem o entendia, já pela estranheza das opiniões, já pela obscuridade e incorrecção de estylo. Offendia as intelligencias e os ouvidos; e offendia com a sua rudeza simples, com os seus ditos despedados, sem intenção, a vaidade dos homens fôfos, e os temores dos homens sujos; rasgando, sem dar por isso, as bolhas da basofia e os tumores da podridão. Despeitados, os socios do exilio afastavam-se d'elle, rindo, — uns amarello, outros

francamente: era um doido, um singular, um original! Nem sabia a essência das cousas, nem o modo de as levar por diante. A sabedoria enlouquecera-o, — era «um homem de idéas»! E elle ficava, indifferente e só, ruminando o seu plano, preparando as suas baterias, á espera da Occasião para a segurar pelos cabellos. Nem sequer dava pelos odios, nem pelos desdeus compassivos dos consocios da emigração.

Appareceu D. Pedro em França. A gente não abundava. Na sua maxima parte os emigrados eram soldados obscuros, e escasseava materia prima para constituir uma côrte e um governo. Mousinho era um maluco? E' verdade; mas tinha um nome, exercera elevados cargos, fôra ministro, tinha uma reputação sem nodoa. — Convinha.

O estadista, vendo em D. Pedro essa Occasião das suas esperanças, deitou-se a ella com ambas as mãos. D'ahi dependia tudo: «O unico ponto de que carecemos para ter Patria, é que S. M. queira, mas queira como queria Bonaparte e como querem os grandes homens: como homem determinado a seguir a sorte da emigração, vivendo ou morrendo com ella». (Carta de Mousinho a Rezende, em Londres, 30 de agosto de 31; ap. Amorim, *Garrett*) Não era de excêntrico esta exigencia? Não era excêntrico o philosopho, — nem democrata, nem cortezão? Como um soldado, com simplicidade, seguia: «Eu aqui estou, sem meios para viver, e sem utilidade para a causa: mas S. M. me mandou ficar e eu fiquei.» (*Ibid.*) Dir-se-hia um vassallo dos velhos tempos monarchicos, e era-o até certo ponto — como o era tambem o antigo stoicismo dos ministros que não

hesitavam em confessar a verdade crua aos reis. A D. Pedro, em quem ás vezes se observava um certo calculo de mercador, observara rudemente que « a politica se não tratava como cifras ». (Carreira, *Corr. off.* 14 de agosto) De tal modo se achou, ao lado dos Palmellas e dos Freires, arrastado para a acção, o solitario pensador, sentado entre os homens habeis e importantes que escarneciam d'elle quando o não odiavam.

Partiram todos para os Açores, e cada qual levava bem consigo a sua esperanza. D. Pedro ia inchado e crente no exito immediato da sua apresentação no reino; Mousinho certo do resultado das metralhas e obuzes reunidos em folhas rabis-cadas no ventre da sua pasta de ministro. Ser o reformador — elle que já era o libertador de Portugal! — seduzia muito o principe, a quem o estadista expuzera secca e brevemente os seus planos. Apenas desembarcados, na Terceira primeiro, em Portugal depois, Mousinho abria a pasta, imprimia decretos. Os companheiros, confiando mais no nome do principe ou na energia das espingardas, sorriam. Deixal-o! Pois não era extravagante estar assim a legislar, para um reino que se não tinha? Seria. Mousinho, porém, sabia que taes leis jámais se fariam depois da victoria — quando todos submissos haviam de vir beijar, curvados, a mão do vencedor, para conservarem o usufructo das velhas, rendosas prebendas. E a victoria ficaria em fumo. Assim, não. Seria impossivel desmanchar o que estivesse feito: renegar o programma, a bandeira, o pensamento de uma guerra, da qual a extravagancia de Mousinho fazia a revolução profunda de um paiz inteiro. Téu isto de poderoso as idéas quando habitam um cerebro servido por um temperamento excentrico: dão uma teima que parece

loucura, e vencem. Só os doidos fizeram na terra cousas verdadeiramente grandes.

É a loucura de Mousinho via-se no momento em que as cousas o obrigavam a descer da serena esphera dos principios, á região dos factos simples. Elle acreditava que os seus decretos, os seus conselhos, tinham a virtude de homilias e converteriam a nação impenitente. Por isso, usando da sua authoridade, impedia que a guerra, com as suas exigencias duras, ferisse a rigidez candida dos principios. Não consentia que se atacasse, nem o direito sagrado de nenhum individuo, nem a propriedade de ninguém — por inimigo que fosse. Era a arca santa da religião nova que aprendera nos livros de Kant — um evangelho.

Publicava as leis e na *Chronica* explicava-as:

Até agora masinorras, espiões, pancadas, vituperios; agora liberdade, franqueza, moderação. Até agora contribuições forçadas, roubos violentos, depredações; agora cessação de contribuições e pagamento á vista em numerario: o maior respeito pela propriedade do cidadão. — Com a usurpação ha tributos violentos, cadeias, ferros, alçadas e forcas: tudo é arbitrariedade, ninguém é dono do que é seu; com a legitimidade não ha sizas, não ha direitos-de-saida, não ha impostos sobre o peixe, não ha exclusivo do vinho e da aguardente, não ha dizimos, nem foraes, nem quartos, nem sextos. (*Chron. const. do Porto*, julhão.)

E D. Pedro e os seus cortezãos, esperançados ainda no sonhado effeito magico da apparição do *dulcor*, achavam bom que se auxiliasse a seducção com essas tentações positivas á bolsa e ao socego.

Breve, porém, como sabemos, se desmancharam todas essas illusões. Portugal não se convertia nem ao utilitarismo, nem á legitimidade do pretendente. A guerra era inevitavel; e desde logo cresceram

os clamores contra a doidice do excentrico ministro que não permittia o sequestro dos bens inimigos, nem o arrecadar os vinhos de Gaya, — recurso unico para salariar os mercenarios indispensaveis a combates infalliveis. Singular, doida maneira de levar por diante uma guerra! pougando o inimigo, para lhe morrer nas mãos. Os clamores cresceram á medida que as illusões se varriam e que as circumstancias apertavam. Por fim Mousinho foi expulso do governo. Bastava, de loucuras; era necessario voltar á realidade.

Desde logo o papel do ministro acabou. Segurara porém com tamanha força a Occasião, que a guerra foi condemnada a revolucionar o paiz. Passou como passa rapido um aerolitho, e apagou-se caíndo. Foi um clarão de luz que rompeu n'um instante as trevas anteriores, deixando logo tudo entregue ao formigar obscuro dos homens cegos. D'esse momento em que um estadista, com uma teima e uma penna, impoz a um exercito a obrigação de consagrar a victoria com uma revolução; d'esse momento ficava tanto, quanto á França custara annos de anarchia e terrores, de ruínas, de guerras, tyrannias, miserias, torpezas. As tres leis de 16 de maio, 30 de julho e 13 de agosto são o nosso 89.

A Occasião passou breve, deixando a obra por terminar: restavam ainda os bens dos conventos, e os morgados, o resto da mão-morta a libertar, e a ultima das instituições historicas a destruir. Fez-se depois isso; peor do que Mousinho o teria feito, se o tempo lh'o tivesse consentido; mas fez-se, porque elle preparou o terreno e consummou o mais difficil da obra.

Terminada a guerra, abertas as camaras em 34, Mousinho veio sentar-se no seu banco de deputado. Pugnou ali contra o desacato á religião da propriedade, commettido pelo decreto das indemnisações; pugnou contra o desacato ao canon da utilidade, commettido pela fórma por que se delapidavam os bens nacionaes. Vencedores, os soldados mais ou menos involuntarios do programma que elle fizera, renegavam-no. Mal ouvido, desdenhado por todos os que attribuiam a si o merccimento da victoria, Mousinho calou-se, e sumiu-se. Em 36 quizeram fazel-o par do reino, e recusou. (Gavret, *Mem. hist.*) Voltou ainda mais tarde ao parlamento, mas já era outro. Um homem é um instante: momento e homem tinham acabado. Solitario e triste, descrente e abandonado, Mousinho foi o primeiro dos que successivamente hão de ir caíndo victimas da propria obra. Que singular esphinge era Portugal? Que pertinaz veneno a nova doutrina -- para assim roer e matar os seus defensores? E' o que o exame demorado do character da nova legislação nos mostrará. Os actos sobreviveram ao homem que acabava em Lisboa em 1819 (1 de abril); e a patria a quem elle dera a definição da sua vida nova, não teve gratidão bastante para contribuir com os cobres necessarios ao monumento que alguns se lembraram de pedir para o ministro de D. Pedro. †

† Eis aqui alguns fragmentos do testamento do grande homem (12 de março de 40) escripto nas vespas da morte. Essas palavras acabarão de retratar a plúsimonia original de Mousinho.

«Quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da ilha do Corvo, a mais pequena das das Açores, e se isto não poder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro catarregar com esta trabalhadeira, quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da freguezia da Margam, pertencente ao concelho de Cavifo; são gentes agradecidas e boas, o gosto agora da idéa de estar carente, quando morto, de gente que na minha vida se atravessou a ser agradecida...

«Desejo, sobre todas as cousas, que meu filho profira sempre a boa moral á riqueza, e que no caso de vir a casar o não faça com mulher velha e nojentá, ainda que ella tenha o oiro da California: proferir a palavra — re-



2. — A LEGISLAÇÃO DA DICTADURA

O que deixámos dito sobre a vida de Mousinho preparou o espirito do leitor para avaliar o caracter das suas leis — que nós agora commentaremos brevemente. Dois principios fundamentaes servem de alicerce a esse notavel corpo juridico. E' um a liberdade individual, concebida como um imperativo

debo a vós — para ser rico, é uma acção horrivel e immoralissima, e tambem desejo que elle encontre tão bons amigos como eu achel nas pessoas do desembargador dos agravos Antonio Xavier da Costa Sampaio, no vigario de S. Thiago de Marvão José Garrilho de Viteira, e no ministro e secretario do estado Joaquim Pedro Gomes d'Oliveira, e mais tarde em Antonio Sampaio, que morreu em Paris, e em seu irmão Osborne Henriques de Sampaio, que vive em Londres: a estes devo não ter perdido e-mola quando fui emigrado, todos estes amigos eram verdadeiros, e capazes de dizer a verdade em face, e nenhuma cousa que era preciso dizer cousas agradaveis a outros para merecer o nome de amigo; cousas agradaveis dizem todos, desagradaveis sô os amigos...

Vim ao mundo em epoca fertilissima em reflexões e invenções, que devem mudar a face do mundo para grande melhora material e para melhor multiplicação do genero humano; — são incalculaveis os factos, e descobertas dos caminhos de ferro, e se for feito um que communique as duas costas da America, será isto por si o maior facto da historia da humanidade, e n'este facto ganhará muito Portugal, quando virem novas gerações, que não sabemem que havia monopolio e escravos no Brazil.

O grande é que o mundo moral accompanhe o desenvolvimento material, e para isto tudo depende de dar educação ás mulheres, as quaes tem muito maior importancia do que se lhes tem dado — ellas são o deposito do genero humano, o principio de toda a civilisação e a base de todos os sentimentos benevolos e generosos, e antes dos fillos serem apreciados ou instruidos estão já por ellas perdidos os ganhos. Fui duas vezes ministro, mas nunca me expliquei a razão de nomearem ministro a um homem que nunca pôde saber alguma liturgia, e que tinha a força da impugnar a vontade dos príncipes e de lhes dizer a verdade; tambem foi por vezes deputado, sem conhecer como era possível inculcar-se cada um para isso e como havia gente que fosse ministerial ou não; — dizer que eu havia votar por estes ou aquelles, sempre me pareceu absurdo, e sempre votei como entendi, bem ou mal, em cada hypothese; — nunca fui nem era capaz de ser faccioso, e estou convencido que o liberalismo é bom quando não é faccioso, pois sendo elle a analyse do que deve ser, não pôde ser o serviço de alguma facção, e por isso, ou estas o acabarão, ou elle as acabará, e Deus queira que seja isto e não aquillo.

«Servi o meu país em boa fé em diferentes logares, e por muitos annos, e Deus queira que o meu filho, ou a minha mulher, tirem d'este serviço algum proveito. — Sahi dos empregos por ser fiel á Carta, e a Carta veio e eu fiquei peior que os infis; os meus inimigos toram aquelles, que não querem a verdade e que preferem a tudo a phantasmagoria; e desgraçadamente o mundo nos meus dias requeria gente que não tivesse fé em nada, para poder fingir que a tinha em tudo. — Cuido que depois de morto virá o tempo de me fazerem justiça, e que o meu nome não ha-de envergonhar o meu filho. — Deus me ajuda em vida e me salve a alma.»

absoluto, inherente á natureza racional do homem, direito superior a qualquer outro, e inatacavel, absolutamente soberano, em todas as suas manifestações juridicas, intellectuaes e economicas. — D'ahi a reforma do direito penal, com o jury; a do direito civil, com a inviolabilidade, e a liberdade do pensamento; a do direito economico, com a exclusiva individualisação de uma propriedade, indiscutivel e soberana. E' o outro fundamento a utilidade positiva, subordinando tudo á produção da riqueza, com um criterio pratico materialista que deixava subalternizados todos os anteriores criterios distributivos, sem propriamente os negar.

A concepção d'estes dois principios que, reunidos, constituam para Mousinho o alicerce da sociedade, trazia consigo um respeito quasi religioso pelo homem e pelos direitos que se consideravam inherentes á natureza do individuo-cidadão, importando ao mesmo tempo a condemnação da Historia e do Estado. Os variados criterios a que anteriormente a legislação obedecera, eram erros consummados; e a machina social não era sómente defeituosa por estar construida com esses erros (religião, protecção, caridade, etc.), era-o pelo proprio facto de ser um machinismo e por isso artificial. O homem, no pleno gozo dos seus direitos, no pleno exercicio das suas forças — eis a sociedade, que não é mais do que a aggregação dos homens. Onde e como quer que seja, isolado ou aggregado, o homem tem em si o mundo; e são falsas e chimericas todas as doutrinas historicas que subalternisavam esta supremacia a suppostos poderes absolutos, no Estado ou na Igreja. Não é mistér proteger o Individuo, nem defendel-o; não é mistér bolir no que a natureza fez; não é mistér alterar aquella distribuição de riqueza que sae espontaneamente do trabalho de

cada um — porque o mundo é uma harmonia, e o homem o typo absoluto e soberano, em cujo cerebro o deus kantista poz uma Razão reveladora.

Este rapido esboço de uma doutrina — que, por decadente, é melhor ainda percebida por nós do que o foi pelos seus defensores — bastará para que, na successão das medidas legislativas, o leitor possa ir descriminando o principio a que obedece cada uma d'ellas, e sondando as raizes do pensamento que as gerou. No pensamento de Mousinho, como no de Herculano, — os unicos philosophos individualistas portuguezes, e como philosophos os unicos a quem os principios appareciam na sua nitidez, — o Estado era apenas uma formula destinada a manter a aggregação dos individuos: não por uma força propria e organica, mas apenas por virtude de um consenso, e em resultado de uma fatalidade. A essencia da sociedade era uma anarchia, ou negação de qualquer authoridade superior ou estranha aos individuos.

O estabelecimento do governo militar liberal na Terceira, empreza laboriosa, diariamente ameaçada, forçara á promulgação de medidas tyrannicas: os bens dos inimigos ardiam com os sequestros. Abolil-os, emendando o erro de um ataque á propriedade individual, foi o objecto da primeira disposição de Mousinho. (Dec. de 7 de março) Nem a divisão das opiniões politicas ou dynasticas, nem a propria guerra, eram motivo bastante para que se infringissem os principios. O *salus-populi* da Antiguidade era o mais perigoso dos sophismas.

Uma semana depois (Dec. de 16 de março), voltando-se para a outra face do seu plano, o ministro

reduzia os dizimos, nas ilhas, aos cereaes, ás fructas e ao vinho. Era apenas um ensaio, um annuncio, cujos intentos se não escondiam. «A nação não pôde ser rica no systema actual das suas leis economicas. . . No tempo presente sabem todos que o dizimo não são dez por cento: mas sim 30, 40, 50 e mais por cento, segundo a maior ou menor fertilidade da terra. . . Os dizimos serão abolidos sem duvida.» Smith ensinara-lhe a distinguir entre o producto bruto e o liquido da lavoura, condemnando o imposto iniquo lançado ao primeiro.

Obedecendo ao impulso reformador que Mousinho, — sem ouvir o ruído do acampamento, pois que era surdo, — dava á campanha, caracterisando-a, os seus collegas acompanhavam-no. Decretava-se a amnistia dos crimes politicos (16 de março); franqueava-se a volta aos bandidos por hostilidade ao governo da Terceira (20); legislava-se a liberdade de ensino (29).

Proseguindo, Mousinho punha a estudo a questão das corporações religiosas — não por confessada impiedade, mas por utilidade economica: «A nação não pôde manter, depois da separação do Brazil, tão grande numero de pessoas que directa ou indirectamente vivam do trabalho alheio». (Dec. de 3 de abril) No dia seguinte voltava-se para os vinculos, abolindo os morgados e capellas de rendimento inferior a duzentos mil réis: «Os morgados têm-se feito odiosos aos povos, causando a immoralidade e costumes dissolutos e destruindo a circulação e os meios de industria e de trabalho». (Dec. de 4 de abril) *Morram por ello*. De um só golpe, condemnava em principio a instituição, libertando a propriedade, abolindo a antiga sancção que idéas já obliteradas lhe tinham dado; e, condemnando tambem os costumes historicos, principiava a des-

cobrir o seu modo de pensar sobre a tradição nacional portugueza.

O decreto de 19 de abril, abolindo a siza, reduzindo-a a uma contribuição fixa do vigesimo do valor das transmissões de propriedade, vem levantar mais ainda o véu do pensamento do philosopho estadista, que acabava com as portagens, foraes, posturas, leis e regimentos: toda a farragem da legislação historica, origem de embaraço «do commercio interior, ou seja de terra para terra, ou de provincia para provincia, em todo o reino». Livre a circulação dos productos, desaggravada a transmissão da propriedade, o ministro, como um philosopho que era, expõe sem reboço todo o seu pensamento:

Esta contribuição (a siza) tem um espirito anti-mercantil, o qual devia formar, com o tempo, o genio portuguez e o paiz menos mercantil da Europa. — Portugal não pôde continuar a ser nação independente, sem dar um grande impulso ao trabalho e industria da sua população: cousas de certo incompativeis com a sua legislação anti-commercial e anti-economica. — Desde muito tempo estou certo que as tristes commoções que desde muitos annos agitam o malfadado reino, têm a sua sêde, não tanto nas opiniões e exemplos do seculo, como no sentimento de um estado de doença que pede remedios promptos. (Dec. de 19 de abril)

Mousinho sente-se o medico, e tem na pasta a formula do medicamento: «E' preciso buscar na Economia, na Ordem, na Justiça, supplementos d'aquella renda de ouro com que Lisboa pagava suas commodidades (*commodities*) á industria estrangeira, e taes supplementos existem na fertilidade da terra e na bondade do céu». Não bastam porém os dons naturaes. Para um economista como era Mousinho, esses dons são gratuitos e sem va-

lor. A riqueza provém, essencial, exclusivamente, do trabalho, — theoria indispensavel ao individualismo, para defender a propriedade, para negar a authoridade collectiva; porque, se a terra tivesse em si um valor, se a occupação fosse uma origem da riqueza, a quem conferir o direito eminente sobre ella, senão ao Estado? E como negar a authoridade real, positiva, d'esse Estado, proprietario do dominio collectivo?

Em maio vieram do Corvo á Terceira os ilheus mostrar ao philosopho o pão negro que comiam, e pedir protecção ao tyranno. Era uma scena antiga: parecia uma das velhas republicas da Grecia, e Mousinho de facto um Lyeurgo, um Solon, — com doutrinas oppostas ás dos antigos. No pão negro dos ilotas do Corvo, escravizados pelas rendas do donatario da ilha, viu o ministro um verdadeiro crime e a theoria que o dominava embarcou-o em conclusões temerarias. Só reduzia a metade, não abolia o fôro; mas acrescentava: «Vão passando os tempos em que se entendia que a terra tinha um valor antes de regada com o suor dos homens, nem é possivel o contrario quando a broca da analyse vae penetrando o mundo». (Doc. de 12 de maio) Penetrando fôra, penetrando continuou a ir, essa broca da analyse, — como o philosopho dizia no seu estylo pittoresco, espontaneo e vivo; e, por penetrar, conclue que, se eram abusivos os modos com que o velho Estado monarchico distribuia o seu patrimonio, não é decerto exacto que do suor de quem trabalhou nasce exclusivamente o valor da propriedade. Duas geiras, egualmente lavradas, produzem o mesmo? Nunca. A differença, d'onde veio? de quem é?

Mais acertado, o philosopho dizia, lembrando-se do que vira e estudara: «Na situação de Portu-

gal, parece-me que é o grande principio do administração deixar trabalhar.» (26.) Isto que nos sôa como quasi pueril, era então arrojado. Foi mister um decreto (20 de abril) para franquear a saída dos generos por todos os portos do reino.

Nos dois mezes de abril e maio, enquanto D. Pedro congregava as forças e disciplinava o exercito, o philosopho dera a medida dos seus planos, expuzera a natureza do seu pensamento, esboçara os lineamentos da sua obra. Um, correndo os arsenaes, os navios, os quartéis; o outro amarrado à sua banca de trabalho; surdos ambos ás vozes da intriga que sussurrava em torno, proseguiram nas suas obras, impellidos pela mola interior que os movia — um capricho, uma doutrina: não seriam duas vaidades de homens?

A expedição apromptava-se; não faltavam canhões, nem polvora, nem soldados, nem navios: o dinheiro inglez dera tudo. Havia a CARTA para bandeira; mas já o vento da desordem a tinha despedaçado em 28: que lhe succederia agora? D. Pedro confiava em si, na sua pessoa, no seu prestigio. Outros confiavam na força. Mousinho que assistira á historia anterior, sabia que da falta de leis organicas proviera em grande parte a ruina da CARTA. Fôra apenas um mappa-mudo; e para que o erro se não repetisse, propoz-se elle a poupar o trabalho — e a confusão! — ás futuras côrtes, denominando aquillo que o codigo politico apenas indicava, sem definir. Mousinho foi a constituinte cartista. Por uma contradicção eminente, mas common, o individualista, o liberal, prefaria o processo

da tyrannia — contra os democratas mais coherentes que, da doutrina da soberania dos individuos, inferiam o direito do povo só obedecer áquillo que legislasse. N'este momento, em que liberalismo e democracia se afastam, cada qual por seu modo dá ao critico a prova objectiva da inconsistencia da theoria. Da soberania do individuo faz uma a soberania do povo, suppondo achar-lhe expressa a idéa e a vontade nos seus comicios e tumultos. Da soberania do individuo faz o outro a base de um systema de formulas que, negando a democracia, apenas se tornam realidades nas mãos de um tyranno como o foi Mousinho. Tyranno, dizemos, no sentido antigo, em que a tyrannia tanto pôde ser excellente como perversa. Nos seus decretos de 18 e 18 de abril tornara effectivas as garantias da propriedade individual; no de 17 eliminara o confisco d'entre as penas judicarias; e na famosa obra de 16 de maio tomava a si a authoridade dos futuros legisladores parlamentares, construindo o systema das leis organicas destinadas á nação que se ia conquistar. «Deitámos tudo abaixo», confessava Herculano, depois, com um orgulho, — inconsequente n'esse romantico que pretendeu reatar a tradição historica, mas natural em Mousinho, discipulo ainda, apesar de tudo, do seculo abstracto para o qual a sociedade fôra um mecanismo puro, revolucionavel: «A influencia das instituições e das leis não é chimera: porque não é como a Grecia de Themistocles a Grecia do Turco; e todas as nações, sem mudarem de terreno e de clima, se levantam ou abaixam segundo é bom ou mau o seu governo». (Dec. de 17 de maio) Assim pensaram Sully, Colbert, Aranda, Choiseul, Pombal. Esta idéa da passividade da sociedade completa naturalmente o systema das idéas abstractas do liberal racionalista sobre o Indivi-

duo e sobre o Estado. A Historia não exprime para elle o desenvolver de um organismo: desconhecendo a idéa de uma evolução natural, procede doutrinalmente.

Para Mousinho, a nova idéa era uma descoberta da verdade final. O imperativo kantista excludia as idéas de relação. Achara-se o absoluto, e o passado era uma mentira, a revolução uma mudança radical nas instituições. Deitava-se tudo abaixo, fazia-se tudo de novo: assim acontecera em França, cujo modo de proceder o liberal repetiria, salvo as idéas democraticas que eram para elle uma errada concepção da liberdade.

Taes pensamentos inspiraram os decretos de 16 de maio que organisavam a justiça, a fazenda, a administração, sobre bases inteiramente novas em Portugal, — bases francezas principalmente. Começava-se por obedecer ao eminente principio dos economistas, a divisão do trabalho, tornando independentes as funções, supprimindo a muitas vezes abusiva confusão de cargos militares, fiscaes, judiciaes. Delimitada, assim, a esphera de cada função, constituíam-se os órgãos respectivos, sob os modelos estrangeiros, com uma opposição systematica a tudo o que viesse da historia e fosse nacional. Na Justiça, substituíam-se ás antigas Mezas, abolidas, e a toda a velha hierarchia supprimida, as duas instancias de tribunaes, com o Supremo no vertice e juizes-de-paz electivos na base. Reformava-se correspondentemente o processo e instituía-se o jury. Na Fazenda, abolia-se o Erario com os seus antigos *serventuários*, delimitava-se o thesouro da nação, creava-se a lista-civil e o apanagio da corôa; ao mesmo tempo que, obedecendo ao compasso e á esquadria da abstracção maçonica, se extinguiu a Junta-dos-juros, fazendo da nova junta

do Credito-publico uma dependencia do ministerio, em vez do tribunal que era.

«A mais bella e util descoberta moral do seculo passado, dizia Monsinho no seu relatorio, foi sem duvida a differença de administrar e julgar... N'um cahos achou a CARTA o malfadado reino: nunca era bem sabido o que podia fazer um general e um juiz, um ecclesiastico e um capitão-mór.» Nós vimos como o ministro destacou independente a Justiça, pondo cobro na sua organização aos antigos abusos: «Portugal era um povo de juizes, jurisdições e alçadas; e a relação do Porto chegou a contar 300 desembargadores». Vejamos agora o que fez á Administração.

Entre as varias fórmulas que essa soberania do individuo revestia, os discipulos de Kant punham em primeiro lugar a liberdade absoluta da consciencia religiosa. Se o Estado não chegava a ter authoridade positiva, senão por um consenso de abdicção parcial dos direitos individuaes politicos, como poderia ter authoridade moral ou religiosa? A idéa da religião-d'Estado era absurda, e a intolerancia religiosa a maxima das iniquidades. Nem sequer pelo motivo do poder civil reconhecer como forças e factos as instituições ecclesiasticas, esta doutrina podia ser atacada. Estado e Igreja contratariam, pactuariam, *concordariam*, sem abdicar. O leitor sabe que o liberalismo nada innovava n'esta doutrina, já corrente desde a Renascença, mas de facto esquecida pelas monarchias da Peninsula na segunda metade do XVIII seculo e no principio do seguinte.

Embora a CARTA de D. Pedro se filiasse na tradição, reconhecendo a religião catholica, é verdade que — á custa de uma contradicção flagrante — estabelecia o principio da liberdade de consciencia.

De um tal principio vêm directamente, como consequencia, a separação das funcções e a secularisação dos actos civis. Tal foi a doutrina de Mousinho, que as reacções posteriores não permittiram, — nem ainda até nossos dias, — que inteiramente vingasse. Copiando as instituições da França napoleonica, o ministro escrevia: «O registro civil é a matricula geral de todos os cidadãos, pela qual a authoridade publica attesta e legitima as epochas principaes da vida civil dos individuos: nascimentos, casamentos, obitos». Aos provedores, e não mais aos parochos, ficariam competindo as attribuições do registro, e só as certidões d'este poderiam ter fé em juizo.

Secularisada a administração, veio com o esquadro e o compasso dividir o reino. Essa divisão consistia na copia litteral da divisão franceza: provincias, com os seus prefeitos; comarcas, com os seus sub-prefeitos; concelhos, com os seus provedores. E ao lado do prefeito, delegado do Estado, a Junta-geral electiva; ao lado do sub-prefeito, a Junta-de-comarca; ao lado do provedor, a Camara-municipal. De todas as obras do ministro era esta a mais perigosa e a menos'pratica. E' na administração que mais immediata e positivamente se sente o character organico das sociedades: as formulas, as leis inadequadas ficam no papel, como chimeras que são; e não ha tyrannia bastante para as impôr.

Exige-se violentamente um tributo, mas não pôde conseguir-se, por grande que seja a violencia, a mudança repentina de um habito. Assim, aconteceu á nova obra ficar em nada; e perante a destruição da antiga, o povo achou-se abandonado aos impulsos de uma anarchia positiva. Foi o que se viu em Portugal, e já por isto, já porque, sendo o

systema representativo, conforme o individualismo liberal o concebeu, um systema de sophismas e mentiras, assente sobre as eleições, e sendo a machina administrativa o primeiro dos varios instrumentos electoraes, — os partidos viram-se forçados a «deitar tudo abaixo», a crear tudo de novo, á medida que os acasos ou as revoltas lhes davam o poder.

Os tres dias que se seguiram ao da publicação das leis constitucionaes (17, 18 e 19) produziram tres decretos novos: organisou-se o supremo tribunal de justiça, crearam-se os conselhos-de-familia nos juizes de orfãos, e reformaram-se por fim as ordens religiosas no archipelago. A legislação da Terceira era um esboço: tambem a ilha era em esboço o futuro reino, assolado, anarchisado. A siza, os direitos senhoriaes, os morgados, o dizimo, os foracs, os conventos, haviam sido mais ou menos radicalmente abalados; e agora que a expedição já desembarcara e occupava o Porto; agora que se esperava todos os dias—de balde!—a conversão do reino, chegava o momento de generalisar a todo Portugal a parte de legislação que só fôra primeiro destinada aos Açores.

A *Chronica* do Porto reimprimia os decretos da Terceira, com esses relatorios onde o philosopho dizia todo o seu pensamento, fundamentando as reformas nos principios da sua doutrina e nas conclusões da sua critica sobre a historia e sobre o character da nação que lhe tinha sido entregue para revolucionar. Progredindo, começou por abolir o privilegio da companhia do Alto-Douro para a venda de vinho dentro do Porto. (Dec. de 14 de julho) Havia cinco dias apenas que tinham chegado. A

companhia dos vinhos era um inimigo: baluarte miguelista para o commum dos invasores, mas para Mousinho baluarte de privilegio e do monopolio condemnados pela sua theoria: «O trabalho é a base de todas as virtudes e de todas as riquezas». Com taes palavras atacara em 17 de maio os conventos dos Açores, emittindo todas as suas opiniões :

«Goze cada um da sua propriedade particular, e não consinta o governo que vivam de contribuições semão os homens necessarios para as cousas... Entre nós não ha proporção alguma entre a capacidade de actuar materia contribuinte e a gente destinada a devora-la... O clero tomado no sentido lato é um dos mais escandalosos exemplos d'esta desproporção: no reino e nas illas absorve maior rendimento do que o da nação e a priva de dois terços da sua faculdade contribuinte... Os interessados nos abusos buscam o seu ponto de apoio no céu para devorem a terra.

Taes opiniões já tinham levado á abolição dos dizimos nos Açores, e agora, generalizando a medida a todo o reino, acabava-se por uma vez com esse imposto antigo, (Dec. de 30 de julho), economicamente vicioso por carregar sobre o producto bruto, administrativamente mau por ser devorado na maxima parte pela fidalguia ecclesiastica; socialmente pessimo por ser a expressão de um regime theocratico, imitado da *Biblia*, fazendo da contribuição que é a forma objectiva da unidade social, o acto de uma religião, a ordem de um Deus, o canon de um culto. A completa abolição dos conventos, annunciada no decreto de 17 de maio, completaria por este lado o pensamento do ministro que, como economista, dizia: «A abolição dos dizimos duplica o valor da propriedade; e não havendo mais frades, esses bens nacionaes pagam as dividas.»

Por este lado, observámos nós: pois a reforma do passado não consistia apenas na ruina das instituições theocraticas. Havia tambem a demolir o passado feodal-monarchico, a generalisar a todo o reino o que o ministro fizera aos pobres ilotas do Corvo, a pôr abertamente na lei o que já em 1828 lord Porchester considerava uma reforma urgente da organização social portugueza. E' tudo isto o decreto de 13 de agosto que corda o systema legislativo de Mousinho da Silveira. O relatorio que o precede tem o encanto da sinceridade simples e da convicção theorica:

Tendo sido obrigado, para manter o meu juramento de Fidelidade á Rainha e á Carta, a abandonar a minha Patria, e tendo escolhido para residir a Cidade de Paris, aprendi pela leitura de varios livros e periodicos, e ainda mais pelas conversações de todos os partidos e pela observação dos meios empregados pelo governo antes da semana de Julho, para enfraquecer e talvez extinguir a Carta de Luis xviii, que ella tinha resistido a todos os seus inimigos por estar ancorada nas Leis de interesse material que a nação havia promulgado.

Os partidarios do velho regimen, saudosos de o restabelecer, olhavam para as leis que tinham livrado a terra da França de tudo quanto era feodal, e que tinham reduzido o Clero a ser pago pelo Governo, como para os baluartes mais difficéis de combater... Por muitos annos cogitei n'estas materias; reflecti sobre o estado de Portugal, e foi-me facil descobrir que todos os inimigos da Carta que V. M. deo á Nação, não foram immediatamente offendidos por ella, antes pelo contrario garantidos em suas pessoas, e que essa inimizade provinha sómente do temor de que a Legislação similhante á da França viesse invadir a suz faculdade de abusar dos homens e das cousas, para viver do que arrancavam á vontade mal dirigida dos príncipes.

A gente privilegiada vivia do suor alheio, estimava que os Reis dispozessem dos bens dos Povos, porque do facto dispunhão d'esses bens a favor d'elles; perante aquella gente immoral, o amor do Altar e do Throno quer dizer amor de si...

Hé então necessário aproveitar os conhecimentos da Europa civilisada e arrancar das mãos dos inimigos o fructo dos trabalhos dos Povos. . . Consultando os principios que tenho exposto, he facil entender que a natureza dos bens da Coroa era o sacrificio de todo o bem possível a certo numero de familias. . . Por intervenção dos Poraes algumas terras melhores foram aproveitadas ; mas quando os jornaes dos trabalhadores se fizeram caros, e quando novos tributos appareciam, a sua agricultura não podia continuar e muita da já concluida foi completamente abandonada.

Os litigios que eram consequencia de uma natureza de bens cujas Leis eram particulares, se multiplicaram : quem podia saber nunca se os bens seriam um dia declarados da Corôa ? e se appareceria a innovação da Lei Mental ! Os Povos, pela sua parte, em lugar de amar os Principes, olhavam para elles como para pessoas destinadas a opprimillos o mil vezes manifestaram sua colera contra os bens da Corôa ; eu conheci um individuo cuja propriedade era devastada annualmente porque era chamada — *Santo d'El-Rey*.

Quando se estuda na historia como he exacta a maxima de Locke, que dizia que nenhum Povo podia deixar de alterar suas Leis no espaço de cincoenta annos ; acha-se admiravel que por tantos seculos tenha durado aquella absurda natureza de bens.

Não é minha intenção arrancar a propriedade a pessoa alguma, e as Leis de V. M. I. não consentem semelhante violencia, por isso o Decreto que proponho tem duas grandes Sentenças geraes ; a 1.^a he augmentara massa de bens allodiaes ; a 2.^a he acabar a natureza de bens destinados a tolher o nascimento da elevação moral. . . Aos Povos ficando quanto pagavam de tributos parciaes impostos nos Terras ; aos donatarios ficam os bens como proprios, quando esses bens não provenham de contribuições dos Povos, dos quaes nenhum individuo pôde ser proprietario : a Nação tomada collectivamente não augmenta o seu patrimonio em terras, antes aliena a faculdade que tinha na Lei Mental para as recuperar, quando alienadas por Doações ; e mesmo destina para indemnisações as que tinha em seu gozo immediato ; mas a Nação tomada no ponto de vista dos interesses individuaes, adquire muito. . .

Fundado portanto n'estes principios e na informação do longo desejo dos Povos já manifestado em 1820 e mesmo antes d'esse anno ; fundado sobretudo no quadro de horror que offerece um cidadão laborioso quando cheio de fadigas

de um anno inteiro vê levantar sua colheita a mil agentes da avidez do clero e dos Donatarios e fica reduzido ao miseravel resto que a avidez deixa á mendicidade laboriosa, para fazer á porta dos claustros e das cocheiras alarde d'aquellas esmolas com que se alimentam nas cidades os filhos mendicantes d'aquelles mesmos trabalhadores que sem Foraes e Dizimos faziam d'elles Cidadãos industrioses e de bons costumes: Fundado finalmente no quadro em que se mostra como no Porto ha gente edificando e outrem recebendo vinte e cinco por cento da venda da edificação; proponho a V. M. I. um Decreto de uma transcendencia superior, enquanto ás terras dos Foraes, ao de 30 de julho d'este anno que extinguiu os Dizimos.

Dos extractos do relatorio ali transcriptos, vê o leitor o bastante ácerca das disposições do Decreto que adiantava mais um passo no sentido da revolução portugueza. A abolição dos dizimos consummou-se; mas não foi tão fácil a dos foraes. O primeiro lesado fôra o fisco apenas, agora feriam-se interesses particulares; e nem do lado dos miguelistas nem do lado dos liberaes, havia o patriotismo e abnegação com que os francezes da noute de 4 de agosto tinham desistido dos seus privilegios feodales. O decreto de Mousinho foi materia de discordias, discussões e leis repetidas, nos tempos parlamentares posteriores. Ferindo interesses, aggravava as resistencias já declaradas contra a sua rigidez economica-jurista, que nada atteendia ás urgencias praticas da politica. Condemnaram-no, e caiu para sempre.

Da obra de destruição que planeava, inspirado pela sua theoria individualista e utilitaria, ficava ainda muito por fazer. Ficavam os monopolios fiscaes (Tabaco, sabão, a barra do Douro); ficavam os morgados; ficavam, por fim, os frades. Em todas as instituições inimigas, o singular ministro não via os adversarios politicos: via os adversa-

rios historicos, e os instrumentos de desordem economica. Teria abolido monopolios, morgados e conventos: mas tel-o-hia feito em nome da doutrina, não em nome da vindicta.

Foi d'esta fórma que, dois annos depois, os conventos se aboliram, sendo os frades expropriados pelo decreto de 30 de maio de 34. Foi em tempos mansos, recentes, que, outra vez em nome da economia, se aboliram os monopolios restantes e os morgados. Essas medidas completaram a obra concebida, no seu gabinete do exilio de Paris, pelo ministro que, isolado e só, « aprendia pela leitura de varios livros e periodicos e ainda mais pelas conversações de todos os partidos ».

3. — CRITICA DO LIBERALISMO

Conhecido o homem, estudada a sua obra, solvido o preito de admiração pelo primeiro, de sincero estudo pela segunda; reconhecida a franqueza, a nobreza, a convicção eminente do apostolo do liberalismo nacional — nem por isso temos concluido o nosso trabalho. Resta-nos apreciar agora o valor em si da theoria que inspirava o melhor dos portuguezes de então. Nós dizemos o melhor, Herculano diz o unico (salvo D. Pedro): « o resto não vale a pena da menção. São financeiros e barões, viscondes, condes, marquezes, de fresca e até de velha data, commendadores, grão-cruzes, conselheiros: uma turba que grunhe, borborinha, fura, atropellando-se e acotovellando-se no affan de roer um magro osso chamado orçamento, e que grita aqui-d'el-rey! quando não pôde tomar parte no regabofe ».

(*Mous. da Silveira.*)

Em breve nós iremos assistir a esse regabofe; mas cumpre-nos antes apurar se a anarchia uni-

versal proveiu apenas do vicio dos homens, ou tambem da essencia das cousas. Qualquer que seja o valor proprio das theorias, ellas jámais poderam transformar o temperamento de um povo — esse temperamento que vem da natureza e da historia. E é incontestavel que uma e outro faziam de Portugal na primeira metade do seculo, um exemplo singular de desordem moral. De um lado vemos o caruncho das velhas instituições e o delirio de uma crise de fanatismo religioso, do lado opposto vemos as podridões do egoismo e os defeitos proprios de aventureiros. Taes são os homens tomados em massa, e a phisionomia real da sociedade provém da natureza dos caracteres dos individuos. Estes factos são porém independentes do valor em si das doutrinas que cada metade da nação defendia ou prégava; mas como as doutrinas têm uma incontestavel influencia sobre o moral dos homens e sobre a vida das nações, devemos agora, para concluir, estudar rapidamente a doutrina liberal.

Não é no facto da reforma ou abolição das instituições caducas que acharemos os traços convenientes para esse estudo, porque ninguem contesta a conveniencia de derrubar o que está podre. Podre estava o principio theocratico e até o monarchico, mais a mão-morta e as farragens do feudalismo. «Deitar muito abaixo» era indispensavel; e não faltava quem, no seio dos partidos historicos, o desejasse. Restava porém saber se á derrocada se seguiria uma construcção nova — e qual? Ahí bate o ponto.

De toda a gente que seguia D. Pedro, só Mousinho tinha idéas — as idéas da eschola que, vindo pela Europa, consolidaram entre nós a sua legislação. Por isso a Mousinho cabe o lugar eminente na mudança de *modus vivendi* imposta á na-

ção em 1834. Que idéas eram essas? Eram as da soberania do Individuo, da negação formal da Sociedade como cousa organicamente real. Eram as da individualisação de toda a propriedade e da liberdade de toda a concorrência. Eram as da negação da authoridade, as da Anarchia: porque só no fôro do individuo se dizia haver capacidade real e direitos positivos.

Temos estudado com a *broca da analyse*, expressão de Mousinho, a historia nacional contemporanea o bastante para sabermos que desde largos tempos vinha lavrando no espirito de uma grande parte dos portuguezes o reconhecimento da necessidade absoluta de uma vida nova, diversa da vida historica subsidiada pelos proventos de colonias agora perdidas. Essa perda mostrara com eloquencia maior ainda a urgencia de reformar o corpo das instituições monarchico-theocratico-aristocraticas; e um tal sentimento achava nas doutrinas da revolução franceza, mais ou menos vagamente percebidas, um programma de instituições novas que deviam substituir as antigas, e na palavra Liberdade o lemma que tomaria o lugar do precedente — Throno-Altar.

A palavra Liberdade, entretanto, servia — e serve — egualmente bem para designar cousas diversas e até oppostas; e por isso, para o commum dos espiritos, não tem um valor critico: é apenas um symbolo, quasi que como idolo. Contam testemunhas que o povo, durante a crise e ainda depois d'ella, confundia D. Maria II com a CARTA, e suppunha tratar-se de um duello pessoal entre D. Miguel e D. Constituição. Não vale mais do que o

estado plastico da imaginação popular capaz de crear mythos, o estado cahotico dos espiritos medios incapazes de discernir idéas. O povo tem morrido por deuses, e os homens mediocres têm morrido e continuarão a morrer por palavras e abstrações. A Liberdade, que sinceramente arrastava ás batalhas muitos entusiastas, que era afinal? Nós não tratamos agora dos motivos pessoais de vingança ou defeza que tinham levado um grande numero de pessoas a emigrar fugindo a uma tyrannia insupportavel, e depois a combater para reconquistar a casa, a patria e a fortuna. Factos d'essa ordem nada têm que vêr com as doutrinas politicas: são meros episodios da historia, communs a todos os systemas, liberaes ou não-liberaes, e a todos os tempos: são consequencias de leis da natureza.

Em que consistia, pois, a palavra Liberdade? Seria na intervenção do povo, representado por delegados seus, no governo da nação? Não podia ser; porque o facto da suppressão d'essa intervenção tinha sido um episodio apenas na historia das monarchias, se, como dissera um publicista celebre, «a liberdade era antiga, só moderno o absolutismo». Para se conquistar, pois, o direito de intervir no debate dos negocios publicos, não era mister appellar para uma doutrina nova, porque bastava recorrer á tradição historica. Nem se diga que as fórmulas de representação antiga eram caducas, pois a tradição não impedia que se reformassem sem se sair d'ella. Assim aconteceu em nossos dias a toda a Allemanha, e assim succedera e está succedendo á Inglaterra.

Não consistindo n'isto, não tendo pois uma razão no direito politico, tel-a-hia em outro direito, no economico? Não parece; porque, sem tambem sair da tradição, a Europa germanica pôde resol-

ver as questões de classes e abolir os restos do feudalismo. Dizer que a antiga idéa de Estado coarctava a liberdade do trabalho é um erro, porque só a coarctavam os abusos e as instituições caducas que lhe pervertiam a essencia. Dizer que a idéa de Estado paralytava o fomento da riqueza, é outro absurdo — quando olhamos para a opulencia que as monarchias deram a muitas nações, sem excluir a nossa. Pois esquecera tão breve Pombal que fôra uma viva personalisação do antigo Estado? Pois, apesar de não terem condemnado a authoridade social, como fizeram a França e os seus discipulos, deixam de enriquecer os paizes germanicos? E não enriqueceu a França de Napoleão III? Pois como se recrutava a aristocracia, senão no povo? Pois como se preenchia a magistratura? Pois não se abria a porta a todos os que verdadeiramente possuíam a capacidade de entrar? Em parte alguma o Estado chegou a ser uma coisa mais definida do que na velha Roma e nas modernas monarchias latinas creadas á sua imagem, pouco eivadas de idéas aristocraticas, e em parte alguma, tambem, o Estado, — republica, imperio ou monarchia, — teve um character mais democratico.

Dir-se-nos-ha que no estado a que as cousas tinham chegado, nem já a opinião sancionava os privilegios aristocraticos, nem já de facto a aristocracia correspondia á sua genuina expressão: *aristoi*, os melhores. Assim era, com effeito: franquear de par em par as portas de tudo a todos, como o fez a lei nova, seria porém a melhor solução? Tornar o concurso, á chineza, o unico metro da capacidade será o melhor methodo? A avaliação da capacidade intellectual obtem-se (demos que se obtinha): mas obter-se-ha a avaliação dos meritos cor-

relativos indispensaveis, de caracter, de educação moral, de dignidade? A concorrência franca de todos a tudo, apenas regularisada pelo concurso, não deixará de parte tantos valores necessarios para apreciar só o intellectual? E ignora porventura alguém que a subalternisação do *character* vem com o tempo a influir na propria intelligencia de uma nação?

Concluindo, pois, nós entendemos que era necessaria a reforma das velhas instituições aristocraticas, sem applaudirmos a lei nova que, derrubando tudo, fez do concurso um metro absoluto e unico da capacidade.

Não é, portanto, nem no facto da necessidade de corrigir abusos, porque seria insufficiente; nem no desejo de intervir no governo da nação, porque isso se incluía na tradição; nem na urgencia de enriquecer, porque a riqueza apparece e cresce com variados regimes politicos: não é em nenhum d'estes tres motivos, geralmente allegados, que podemos encontrar a definição da palavra Liberdade, bandeira de uma revolução radical.

Essa palavra, com effeito, é insusceptivel de valor politico, e portanto incapaz de definir um programma de reforma. É como as idéas de espaço e tempo na ordem philosophica: nem negativa, nem positiva, nem hostil, nem favoravel ás instituições e aos factos. Por isso, sob o nome de Liberdade, vamos vêr formularem-se pensamentos os mais variados. Por isso vamos assistir á moderna escolastica liberal, ôcca de pensamento, inchada de formulas vans, distinguindo com subtilizas *liberdade* e *licença*, esvaindo-se na critica dos porquês e dos paraquês, subordinando agora a liberdade ao *fin* moral ou util, proclamando-lhe logo a independencia absoluta, moendo, remoendo, dige-

rindo, ruminando — para, afinal, depois de esterilizar duas gerações, legar á terceira o scepticismo utilitario e chato.

Phantasma, idolo ou chimera doutrinaría, a Liberdade era ao mesmo tempo duas cousas bem diversas: democracia e individualismo. D'esse equivoco saíram as revoluções contemporaneas, portuguezas e estrangeiras: Mousinho e 33 foram a liberdade individualista, Passos e 36 serão a liberdade democratica.

Em Portugal, a gravidade das reformas necessarias e a opposição delirante que os retrogradados faziam precipitavam os espiritos na opinião espontanea de que era mysterio « deitar tudo abaixo »: renegar um systema, e divorciar-se de uma historia condemnada. Um tal ponto de vista, arraigado por motivos não scientificos, é condemnado por toda a sciencia — a qual nega a supposta passividade do corpo social. Não se ataca impunemente o viver de um organismo: quando isso se faz, produzem-se mortes ou monstros, animaes e sociaes.

Do mesmo temperamento racionalista que preparara á França crises analogas ás que a revolução portugueza preparava; do mesmo temperamento, dizemos, provinha a doutrina que dava uma consistencia theorica ao arrebatamento demolidor das instituições. Essa doutrina de abstracção peccava de uma fórma identica, julgando ter descoberto as formulas da verdade absoluta na concepção que suppunha definitiva da natureza do homem. Ente racional, habitado por uma alma quasi-divina, era o soberano sobre a terra que, com as suas riquezas

e as suas forças, o tinha por dono absoluto e senhor predestinado. Nada havia senão o homem, e nada havia fóra do homem — senão um *homem* enorme e mysterioso chamado Deus.

Uma tal philosophia, cujos ultimos éstos de vida ainda ouvimos, não podia descobrir que somma de verdade natural e de necessidade organica havia nas instituições antigas, embora os seus representantes d'isso não tivessem consciencia. A broca da analyse desviara-se: e é esse proprio instrumento que hoje nos mostra na historia uma evolução, na sociedade um organismo, no homem um animal eminente que, por uma educação ou domesticação longa, chegou a ser alguém. Um tal corpo de idéas arrasta o espirito para as doutrinas da maxima conservação; e ahí ficaria, se n'esse momento não reconhecessemos tambem que a educação do homem ensinou-lhe cousas absolutas — muitas das quaes o liberalismo, sem duvida, annunciava.

D'ahi resulta um estado ainda singular do espirito moderno, oscillando entre a conservação e a revolução; no mesmo tempo ultra-democratico e ultra-conservador: com a Egualdade por criterio, e a Evolução por norma. A todo o *liberal* se affigura paradoxo esta doutrina: paradoxos foram todas as opiniões, enquanto se não tornaram vulgares!

O absolutismo da doutrina individualista repellia a Egualdade, porque a broca da analyse não tinha ainda chegado a distinguir entre um criterio e um facto; repellindo por outro lado a idéa de Evolução, por isso que era uma theoria abstractamente racionalista, Liberdade significava, pois, a autonomia do individuo; e como nenhuma outra realidade

se via, na Liberdade se suppunha com effeito residir a essencia das duas cousas fundamentaes da sociedade — o governo politico e o regime economico.

Reduzida ao individuo a sociedade, baniam-se da economia todas as idéas de protecção que n'outro tempo haviam creado as instituições beneficiarias, os vinculos e mais bens collectivos, mantidos na posse do Estado ou confiados por elle a delegados seus. O Estado morreu, e com elle o seu dominio eminente, o seu papel de regulador da distribuição da riqueza, — sob um criterio moral que nas velhas monarchias era religioso, e nas futuras democracias será secular; que outr'ora se inspirava na Caridade, e de futuro se inspirará na Igualdade.

Condemnadas todas as idéas moraes na economia collectiva, que ficava para presidir ao jogo das forças creadoras e distribuidoras da riqueza? Nada. A formula da Liberdade era e é o debate anarchico de todas as individualidades — o livre-cambio — por isso que, na doutrina, a natureza é uma harmonia, como producto consciente da intelligencia de um Deus. A sciencia diz-nos que a natureza é uma lucta cega de forças, onde se não descortina causa, nem fim; onde portanto não ha moral, nem harmonia; dizendo-nos mais que a anarchia, expressão real da Liberdade, é a guerra de todos contra todos e em tudo — guerra em que vence o mais forte esmagando os concorrentes.

Liberal, pois, Mousinho que pulverisava todo o dominio colectivo historico, não via outro destino a dar-lhe senão individualisar, tornar allodial ou livre, toda essa massa de propriedade commun. «Sem a terra livre, em vão se invoca a liberdade politica». (Dec. de 13 do agosto) Destruida a realidade do Estado, dispersado o seu dominio, tornada in-

dividual toda a riqueza, que pensamento podia res-
tar para presidir á vida economica? que fórmula
para a fazer funcionar? Fórmula, já a doutrina o
dizia claramente, era a Concorrença entre os in-
dividuos. Pensamento, não o concebia ainda bem
claramente, mas poucos annos bastaram para o
definir, — era a Utilidade pratica, o materialismo
grosseiro, o governo desaforado da agiotagem se-
denta do ouro: a Anarchia economica, da qual,
como das batalhas resultam cadáveres, nascia o
pauperismo moderno; e como das gnorras nascem
tyrannos, nascia a plutocracia que veio a governar
na Europa.

O Estado caíra ás mãos dos liberaes; e as suas
chimeras azues-e-brancas, de ingenuos espirituali-
stas doutrinarios, voaram para o mundo dos sonhos,
levando consigo as esperanças murchas, folhas caí-
das d'essa flôr de nobreza d'onde nasceram para
morrer antes da morte, azedados ou misanthropos,
um Mousinho, um Passos, um Herculano!

Houvera outr'ora os Tres-Estados que represen-
tavam a nação nas suas classes e eram, com a
Monarchia, o ESTADO. O principio da representa-
ção, apesar de antigo, não o condemnava o libera-
lismo, — embora radicaes houvesse que só enten-
diam genuíno o governo do povo pelo povo, — mas
como atacou, embora só em parte (pois conservava
uma camara de pares), a constituição do povo em
classes; como a sociedade não era para elle um
organismo, vivo nas suas funcções, mas sim um
aggregado de individuos: a representação-nacional
não podia consistir mais na delegação dos municí-
pios, das corporações, dos estabelecimentos. Outra

materia havia a representar, outras fórmulas a seguir.

Ao esquadro e ao compasso maçonicos veio juntar-se a arithmetica economista. Os numeros governam o mundo, tinha dito Pythagoras; e os novos idealistas cortaram, riscaram, circulos, numeros, votos, censos; e depois de tudo bem regulamentado, esperaram que do processo summatorio viesse a genuina expressão da ventade dos individuos soberanos. Mas como? Se já Carlos V não pudera regular a um tempo cinco relogios, como regulariam muitos milhares de cabeças? Não importa: basta a maioria. E a minoria? Pois não é absoluto e soberano o individuo? Pois não é, em regra, menos illustre a massa? Que importam, porém, razões ao ideal constructor? O absolutismo das doutrinas perverte a intelligencia. O governo da liberdade ficou sendo a tyrannia das majorias; e como a maioria é por via de regra ignara, nem a eleição dava o pensamento do povo intelligente, nem dava pensamento nenhum — por ser apenas a machina movida pelos ambiciosos, o realejo que toca a mesma aria acclamadora a todos os que lhe movem a manivela. Feitas a tiro, ou a cacetete, ou a dinheiro, ou a empregos, as eleições liberaes individualistas são o sophisma da representação — não por vicio dos homens, embora os homens sejam viciosos, mas por essencia do errado principio que os dirige. Só quando outra vez se comprehender, — e agora conscientemente, — que a sociedade é um corpo vivo, e não um aggregado de individuos: só então tornará a haver representação verdadeira e ordem na democracia.

Enredados em intrigas e fórmulas, quaes d'ellas mais tyrannicas; oscillando entre o suffragio universal e o restricto; confiando agora ao censo a fa-

culdade electora e elegivel, logo dispensando-a a todos os individuos soberanos; passando dos Pares para os Senadores, da eleição indirecta para a directa: os liberaes não saiam, não podiam sair da tãa de contradicções, argueias e subtilezas, no fundo das quaes a realidade só vê os desvarios da intelligencia e os interesses dos partidos. 'A' maneira que a temperatura foi baixando nos peitos excitados pela guerra, a vida politica foi amansando: mas vale mais comprar os votos a dinheiro, do que disputal-os a tiro?

Anarchia na economia, anarchia na politica, eis, portanto, a definição positiva do liberalismo. Elle seria excellente, se a natureza consistisse n'um systema de harmonias espontaneas: então a anarchia seria a exacta definição da ordem. Mas a philosophia que, partindo da idéa de uma construcção intencional e consciente do Universo, defendeu essa opinião, passou para não voltar mais. A ordem está nas idéas dos homens, creadoras da sociedade e suas leis - não nos movimentos espontaneos da natureza.

Formuladas as nossas opiniões, convem agora, para clareza, dizer todo o nosso pensamento. E' ocioso perguntar-nos se a revolução de 34 foi boa ou má, porque na ordem dos movimentos historicos não ha para o philosopho bondade nem maldade: não ha moral, ha necessidade. As illusões, os proprios erros, os crimes, as cousas mais indígnas ou mais horriveis quando as olhamos moral ou estheticamente, apparecem-nos necessarias quando as vemos relacionadas no encadeamento fatal das causas e effectos. Se nos perguntarem se

era indispensavel uma revolução radical para implantar a CARTA; se nos perguntarem se era possível reformar as instituições nacionaes sem revolução— responderemos: o que foi tinha de ser. Porque? por necessidade propria da cousa em si? Não; isso de fórma alguma. Tinha de ser, pelo nosso temperamento de latinos; tinha de ser tambem pelo miseravel estado de abatimento da patria portugueza. N'outras terras, com outra gente, havendo melhor sangue, mais juizo e maior criterio, as cousas antigas reformavam-se sem se destruirem: assim vae acontecendo na Europa germanica. E como esse processo exclue a idolatria liberal e as chimeras dissolventes do individualismo radical, o facto de não haver revolução é uma causa de progresso mais seguro. N'este sentido, pois, devemos lamentar, nós os não-individualistas, que a reforma em Portugal tivesse exigido uma derrocada; devemos lamentar-o duplamente, como documento da miseria anterior e como causa das desgraças, da desordem, da vileza, da mesquinhez, da historia posterior que nos falta ainda contar. . .

Puzemos esta critica ao lado do retrato do mais eminente apostolo da doutrina do Individualismo, já como preito á sua memoria, já porque, depois de a conhecer, o leitor poderá avaliar melhor a historia que vae seguir-se. A anarchia nas idéas produzirá uma anarchia completa e real nos actos, nos costumes, na politica e na moral. Singular systema de governo, esse governo liberal, que, proclamando o individualismo, carece de uma dictadura para vir á luz da existencia! Singular systema o que é abandonado, posto de parte como cousa inutil, condemnado, exactamente nos momentos em que a sociedade mais carece de um qualquer go-

verno, isto é nos momentos de crise! Singular systema que, depois de vinte annos de interrupções violentas, de violações constantes, assenta, afinal, quando os caracteres caem, quando os nervos afrouxam, quando o materialismo impera, e com elle a indiferença resona satisfeita com quaesquer formulas! A sua historia não podia ser outra: Anarchia em principio, falhou emquanto foi mister força no Estado. Só veio a servir, quando no governo bastaram a astucia para intrigar, a habilidade para torcer, o descaro para comprar, e no povo dominou a exclusiva occupação do semear, colher, encelleirar. Dizem-se então as nações felizes e livres. Os apostolos liberaes portuguezes — Mousinho, Passos, Herculano — acharam todos a nossa envilecida, e acabaram condemnando-a.

Não repetamos porém as jeremiadas, sem repetir, menos ainda, as ridiculas opiniões do optimismo farto. Os liberaes caíram com a queda das suas esperanças, e, vendo morrer o systema, julgaram mortas as cousas. A um systema succede outro systema, e, nos intervallos das doutrinas successivamente dominantes, ha sempre espaços de materialismo triste. . .

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
65	1	Saldanha	Saldanha
66	33-4	o rigorosamente	é rigorosamente
71	22	por	pelos
75	32	expropriado	expropriada
111	23	Cauntag	de Canning
155	26	do meio	no meio
176	5	inspirava confiança	dava garantias
209	14	contavam	contavam com
235	1	semi-sceptismo	semi-scepticismo
>	33	(thoso	(thoso
284	8	decisão	solução
337	6	investiram	investiriam
>	30	rogavam	resgindo
421	21-2	monarchia, so	monarchias, e
425	33	racionalista,	racionalista.

INDICE

DO TOMO PRIMEIRO

Explorações	V
Advertencia	XIII

LIVRO PRIMEIRO

A Carta Constitucional

(1826-28)

I	AS ESPERANÇAS JACOBYNAS	1
	1. A morte de D. João vi.	1
	2. D. Pedro, brasileiro	5
	3. Saldanha, o heroe	9
II	A SANTA ALLIANÇA	92
	1. A guerra apostolica.	92
	2. Metternich e Canning	93
	3. D. Miguel em Vienna	84
	4. A vinda de Messtas.	52
III	O ENFERMO DO OCCIDENTE	56
	1. A fome.	56
	2. Os partidos	63
	3. As classes.	70
IV	FUIE HOMO MISSUS A DEO!	82
	1. O rei chegou!.	82
	2. Como a constituição morreu	87
	3. Sic itur ad astra!	94

LIVRO SEGUNDO

O reinado de D. Miguel

(1829-32)

I	A SEDIÇÃO DO NORTE	103
	1. A Junta do Porto	103
	2. Palmella	110
	3. A Belfastada.	114
	4. A retirada para a Galiza.	119
II	O TERROR	126
	1. O rei enfermo.	126
	2. As forcas	133
	3. As caçoiias	140
III	PORTUGAL NOVO	157
	1. Os emigrados	157
	2. A Teveçira	168
	3. A melhor das republicas!.	181

INDICE

IV	O PRINCIPIO DO FIM	189
	1. Influencia da revolução de julho	189
	2. Os conflitos entre a francez.	193
	3. O armamento da nação.	192
LIVRO TERCEIRO		
A. guerra civil		
(1832-34)		
I	A AVENTURA	213
	1. D. Pedro regente	213
	2. A corte em França	228
	3. Os voluntarios	233
	4. Belle-Isle-en-Mer.	239
	5. O exercito libertador	250
II	AS ILLUSÕES PERDIDAS	259
	1. A recepção do Porto	259
	2. Ponta-del-Vallongo	269
	3. Ponte-Perceira	275
	4. Souto-Redondo	281
III	O CERCO DO PORTO	286
	1. O theatro da guerra	286
	2. O dia de S. Miguel	299
	3. D. Pedro, general d'inverno	307
	4. Saldaña e a cholera	316
	5. A expedição do Algarve	327
IV	A VICTORIA	337
	1. O cabo de S. Vicente	337
	2. Os ultimos dias do cerco	352
	3. D. Pedro em Lisboa	360
	4. Almoitez-Assições.	375
	5. A convenção de Evora-Monta.	381
V	MOUSINHO DA SILVEIRA	393
	1. O ministro de D. Pedro	390
	2. A legislação da dictadura	402
	3. Critica do liberalismo	418

